



DAIDOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do [ebook espirita](http://www.ebookespirita.org) com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [ebook espirita](http://www.ebookespirita.org) disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespirita.org.



www.ebookespirita.org

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Van Der Goehen (Espírito)

O quartel e o templo / pelo espírito Van Der
Goehen; [psicografia de] Eurípedes Kühl. —
Belo Horizonte: Fonte Viva, 1994

1. Espiritismo 2. Psicografia I. Kühl, Eurípedes,
1934— II. Título

94-0114

CDD-133.93

Índices para catálogo sistemático

1. Romances mediúnicos: Espiritismo 133.93

EURÍPEDES KÜHL

O QUARTEL E O TEMPLO

Pelo Espírito
VAN DER GOEHEN



EDITORA ESPÍRITA CRISTÃ FONTE VIVA
Rua Dona Euzébia, 100 - Bairro Providência
CEP 31814-180 - Belo Horizonte - MG - Brasil
Telefone (031) 445-1246

Dados Técnicos

3ª edição – 1997

Do 7º ao 11º milheiro

© Copyright by

Editora Espírita Cristã Fonte Viva

Rua Dona Euzébia, 100 - Bairro Providência

CEP 31814-180 - Belo Horizonte - MG - Brasil

Telefone (031) 445-1246

Capa: *Almino Júnior*

Impressão: *Lis Gráfica e Editora Ltda*

Direitos autorais cedidos gratuitamente pelo autor à Editora, objetivando a divulgação do Espiritismo

ÍNDICE

PREFÁCIO	7
NOTA SOBRE O AUTOR ESPIRITUAL (Introdução)	9
UM DEVER TERRENO	11
FORÇAS ARMADAS	21
IDEAIS EM CONFLITO	26
CALVÁRIO EM INÍCIO	32
CIRENEUS MODERNOS	40
HORIZONTE PERDIDO	50
SURPRESAS DO DESTINO	54
O DESPERTAR DA MEDIUNIDADE	61
SÃO VÁRIOS OS CAMINHOS	73
NO CAMINHO, MAS NA CONTRAMÃO	86
REENCONTROS	97
PESADELAS AO DESPERTAR	109
CORTINAS ENTREABERTAS	126
A DOR: BÊNÇÃO E MESTRA	148
RECONCILIAÇÕES	166
RENASCIMENTOS	187
ESTRELAS NA TERRA	209

PREFÁCIO

"Habent sua fata libelli" (Os livros têm o seu destino), diz-nos Torrenciano.

Vibrei com este — do qual co-participei, como integrante do grupo mediúnico no qual foi recebido, de Maio de 1990 a Outubro/91 —, por inúmeras razões, que o leitor na certa descobrirá, desde os primeiros parágrafos.

Este livro, assim creio, pode abrir muita consciência fechada, por inércia cristã.

Num mundo de dúvidas, cheio de contradições, sofrimentos e angústias, onde os homens, longe das coisas de Deus, misturamos às coisas da Terra, ela traz passagens ("São vários os caminhos", "A Dor: bênção e mestra", "Reconciliações", "Renascimentos", etc.) que operarão em nossos espíritos a transformação necessária para nos reencontrarmos com JESUS, em Verdade e Vida.

O conteúdo doutrinário já terá sido tratado em outras obras, talvez com mais vasta erudição, contudo, nesta, a simplicidade se ancora na grandeza da mediunidade — Bênção Divina —, esclarecendo-a a médiuns desavisados.

Esse o valor da obra: despertar a responsabilidade de tantos quantos sejam equipados com atributos mediúnicos, para colocá-los a serviço do próximo, com o que estarão, eles próprios, galgando patamares evolutivos espirituais.

Espero que muitos "Ricardo" (como o personagem central), com oportunidade de praticar sua mediunidade, não desperdicem os

ensinamentos aqui contidos, pois "não fomos feitos para sofrer — fomos criados para evoluir", como nos diz o autor espiritual.

A ele, autor espiritual. Espírito humanístico extraordinário, incapaz de fazer discriminação de raças ou culturas, nossos agradecimentos por oferecer-nos abençoadas respostas a indagações íntimas, talvez inconscientes, sobre nossa caminhada em direção a Deus.

Ribeirão Preto/SP, Outubro-1993

João Francisco Calabrese

NOTA SOBRE O AUTOR ESPIRITUAL

IRMÃOS EM JESUS.

VAN DER GOEHEN:

A serviço do rei da Holanda, no início do século passado, foi comandando uma expedição marítima exploratória às terras da Escandinávia.

Lá permaneceu vários anos.

Prestou inestimáveis serviços aos habitantes das estepes geladas, que ali viviam em estado de semi-barbarismo.

Ao retornar à sua terra natal, deixou os assistidos chamando-o de "pai".

O povo holandês, grato e reconhecido, chamava-o de "Escandinavo", pois suas barbas brancas, longas, da cor da neve, testemunhavam os tempos passados no frio do topo do mundo: na ida, jovem voluntarioso, temperamental, saudável, bronzeado pelo sol do Mar do Norte; na volta, amadurecido, sereno, pele muito alva, da cor da barba, da cor da neve...

Na reencarnação seguinte veio para as terras brasileiras onde, como militar, igualmente marcou sua existência em expressiva missão.

Sua trajetória, como profissional, não teve paralelos; como cristão, não teve reparos!

Por qualquer ângulo que se olhe seu perfil histórico, só se verá um verdadeiro apóstolo.

Ao retornar à pátria dos Espíritos, seu acendrado amor aos mais fracos levou-o a pedir autorização para passar algumas informações sobre o que sabia da equação "passado-presente-futuro", de forma a ajudar, agora, eventuais consciências sem a "civilização evangélica".

Humilde e abnegado aguardou resposta ao seu rogo, agora deferido.

Ocultar nesta obra o nome de sua última encarnação não foi decisão pessoal, mas sugestão amiga, para evitar embaraços outros. Não se diga que refugiou no conforto de um pseudônimo para dizer o que tinha para dizer: configurou-se, isto sim, mais uma demonstração de humildade.

A esse respeitável decano do filantropismo junto aos incivilizados - deles defensor incansável -, o nosso agradecimento por mais essas valiosas lições.

É bem oportuno este livro, nesta quadra histórica da Humanidade, em que há um despertar geral para que os olhos vejam mais as coisas da Natureza, para melhor poder respeitá-las.

O autor espiritual, em nenhum momento da sua narrativa, deixa de buscar Jesus, como exemplo maior! Com isso, não faz um discurso ecumênico vazio, porém pleno de indicações condutoras ao Amor universal.

Obrigado, "Escandinavo"!

Pelos fios do pensamento, da idéia e da prece, rogamos que o Irmão Maior, nosso Mestre Jesus, atenda nosso pedido de abençoá-lo sempre.

CLAUDINEI(Espírito)

(Ribeirão Preto/SP, em 23.Outubro.1991)

UM DEVER TERRENO

Eram 3h19.

A madrugada e a quietude envolviam os onze prédios militares que constituíam o grande quartelamento.

No alojamento onde se localizavam os militares da Primeira Companhia de Infantaria, cento e oitenta e três soldados recrutas eram protegidos do frio pela vetusta e sólida construção, além das grossas mantas de lã; em outros alojamentos, mais quatro Companhias também repousavam.

Dos cento e oitenta e três homens da Primeira Companhia só um estava acordado: o plantão da hora, à entrada do alojamento, de pé, inteiramente uniformizado, na tradicional posição de "descansar".

Sendo recruta, não portava arma, ainda.

Seu turno de serviço, de duas horas, iria até às 4h.

A calma era absoluta.

Eis que, rasgando brutalmente o silêncio da noite e iniciando pânico no alojamento, um pavoroso grito saiu da garganta de um dos soldados.

Instantaneamente, quase todos os demais acordaram.

Os que não haviam despertado com o grito, acordaram logo após, face a balbúrdia que irrompeu.

Ricardo, o soldado que gritou, contorcia-se violentamente, agitando-se no leito. Olhos esgazeados, sem piscar, prosseguia emitindo sons guturais sinistros.

Debalde todos os esforços para apaziguá-lo.

O plantão da hora acendeu as luzes do alojamento.

O sargento que realizava a ronda naquele período, passando de alojamento em alojamento, também em turno de duas horas, estava perto dali, e, ao ouvir o grito, correu prontamente.

Alojamentos vizinhos perceberam o desusado movimento e assim, a agitação logo espalhou-se por todo o quartel.

O oficial-de-dia, que estivera desperto até há pouco, percebendo a anormalidade, levantou-se presto.

Como todos os demais militares de serviço, estava fardado, tendo apenas tirado o capacete e o cinto de guarnição, com a arma no coldre, para descansar algumas poucas horas, antes do amanhecer.

Dirigiu-se rápido para o alojamento que viu aceso, deduzindo que dali vinha a confusão.

À sua chegada, o plantão da hora, um tanto quanto atrapalhado, seguindo instruções recebidas, pronunciou em voz bem alta: "atenção alojamento"! O Sargento rondante, militar mais graduado presente no alojamento, deu voz de comando: "alojamento, sentido!" com o que todos, ou quase todos os soldados, incontinenti, puseram-se na posição de "sentido".

Ordem e equilíbrio retornaram ao ambiente.

O plantão apresentou-se ao oficial-de-dia, que ao tomar conhecimento do acontecido, dirigiu-se onde estava Ricardo; o sargento-de-dia e o sargento rondante tentavam fazer alguma coisa para socorrê-lo. Os sargentos, seguindo os regulamentos, apresentaram-se também ao oficial, relatando que Ricardo "estava em crise".

O oficial viu que Ricardo estertorava. Dezenas de colegas rodeavam sua cama.

Em outro alojamento estava um auxiliar de enfermagem que foi prontamente acionado a comparecer na Primeira Companhia. Ao chegar, absolutamente despreparado para o atendimento, sugeriu que chamassem o médico militar, em sua residência. O médico foi chamado. Chegou às 4h11.

Ricardo, na mesma situação: olhos desmesuradamente abertos, gemendo e rangendo os dentes, já agora causando indefinidos receios nos colegas, nenhum dos quais conseguiu mais dormir, desde que de forma tão estranha tinham sido acordados.

O médico, após rápido exame, aplicou um forte tranqüilizante, aplacando parcialmente a convulsão do soldado.

Juntamente com o oficial-de-dia e do sargento rondante, retiraram-se.

O paciente, embora sedado, prosseguia com retorcimentos do corpo, emitindo sons roucos e cavernosos.

Parecia que toda sua forma de comunicação fora derretida por desconhecido ácido, tendo queimado as cordas vocais e as entranhas...

Estava assim até a chegada da "alvorada", às 5h30, quando os soldados começaram a trocar o pijama pela farda de instrução, para as tarefas do dia.

Em poucos instantes o alojamento praticamente ficou vazio.

À porta de entrada, de pé, erecto, na posição regulamentar, pernas ligeiramente entreabertas e mãos cruzadas atrás do corpo, na altura da cintura, só o plantão da hora, do turno das 4 às 6h.

Um soldado permaneceu com Ricardo: André Luiz.

Desde o primeiro dia que se conheceram no quartel, entre ambos houve imediata empatia. Sempre conversavam e formavam dupla para todas as tarefas em que era necessária ação a dois. Sem dificuldades, tomaram-se bons amigos.

Ricardo, semi-dopado, apresentava ainda sintomas do mesmo quadro de perturbação que o acometera há já mais de duas horas.

O plantão da hora, atento, percebeu sem entender, que André Luiz, ao ver-se só com o colega, olhou para o teto do alojamento, colocou a mão direita na testa do companheiro, como se a medir eventual febre. Fechou os olhos, murmurou algo e assim ficou por dois ou três minutos. Decorridos instantes, Ricardo abrandou o olhar, acalmou a respiração e adormeceu.

Só então André Luiz, ligeiramente atrasado, deixou o alojamento, fez a higiene pessoal e integrou-se aos demais recrutas, os quais já haviam tomado o reforçado café matinal, que ele perdeu.

O sargento-de-dia justificou sua falta ao "rancho", para aquela primeira refeição, ao tomar conhecimento de que tal se dera em razão do atendimento ao soldado "que tinha ficado louco", segundo corriam rumores.

A jornada militar, rigorosamente cronometrada, com calendários elaborados judiciousa e adequadamente para todo o ano de instrução, iniciou-se naquela manhã, com algo de sobrenatural pairando no ar.

A formatura geral do Batalhão de Infantaria Blindado, seguido do desfile militar (cerimonial esse diariamente realizado, em quase todos os corpos de tropa do Exército), naquele dia não contou com a presença de Ricardo.

Os militares, com efeito, sem entender o fato anormal ocorrido na madrugada, formulavam várias hipóteses para explicá-lo.

O capitão Andes, comandante da Primeira Companhia, onde o fato se dera, logo que chegara ao quartel, por volta das seis horas, dele tomou conhecimento.

Antes de trocar os trajes civis pela farda, visitou Ricardo rapidamente.

Com a responsabilidade da apresentação da sua Companhia para a formatura geral, não se demorou no alojamento, até porque Ricardo já apresentava alguma serenidade.

Terminada a formatura geral, indo cada Companhia para suas dependências, para a jornada do dia, Andes instaurou uma sindicância a respeito da anormalidade, sendo que ele próprio realizou-a, em breve tempo.

Ouviu primeiro o soldado que estava de plantão das 2 às 4h.

A seguir, o sargento-de-dia à Companhia.

Depois, o sargento rondante e o oficial-de-dia.

Nada apurou, que pudesse elucidar o desagradável e inexplicável acontecimento.

Ouviu ainda mais cinco ou seis soldados, que tinham suas camas próximas à de Ricardo. Nenhum deles acrescentou quaisquer informações que de alguma forma ajudassem a esclarecer e justificar tudo aquilo.

Sabedor que o médico do quartel prestara atendimento ao caso, decidiu que o ouviria também.

Antes, um tanto desorientado e bastante preocupado, pensou que Ricardo talvez pudesse explicar o que realmente tinha se passado.

Assim, voltou ao alojamento para verificar como ele estava passando.

À sua chegada, o plantão da hora perfilou-se, mudando marcialmente a posição de "descansar" para a de "sentido". Fêz a continência regulamentar e apresentou-se: "soldado número cento e setenta e oito, Cláudio, plantão da hora, serviço com alteração de um soldado doente".

Andes, em atitude igualmente marcial, respondeu à continência, com outra continência e adentrou no vasto alojamento.

Todas as camas estavam impecavelmente arrumadas, guarnecidas com uma manta de lã, cor verde-oliva, com listras cinza.

A roupa branca denotava grande asseio, zelo, capricho e ordem.

Cada cama tinha sido arrumada pelo respectivo usuário, tendo ao pé a manta uniformemente disposta, num interessante arranjo artístico de flor, arranjo esse que seguia escala diária prévia, sendo cada dia uma figura.

O branco das colchas e o verde das mantas, estas sobre aquelas, conferia ao alojamento uma aura de dignidade, de respeito, de disciplina, de paz...

O comandante aproximou-se da cama onde estava Ricardo e viu-o dormindo tranqüilamente.

Passados alguns instantes de observação, Andes tocou no ombro de Ricardo, buscando despertá-lo.

— Ricardo... Ricardo!

O soldado não acordou.

Andes insistiu, com mais energia.

Ricardo não reagiu: continuava dormindo.

Andes então determinou ao plantão da hora que chamasse o sargento-de-dia à Companhia. Este, ao chegar, recebeu ordem de ir à Enfermaria do quartel buscar o médico.

Poucos minutos depois chegava o doutor.

Sendo Primeiro Tenente, cumprimentou o Capitão Andes, respeitosamente.

Após a continência regulamentar, que foi respondida, disse: — bom dia Capitão Andes, estou às suas ordens.

— Doutor Nader, bom dia. Temos aqui um soldado que está numa espécie de letargia profunda. Como você já o atendeu, poderia informar qual o diagnóstico?

— Pois não, comandante. Hoje de madrugada fui chamado para atendê-lo. Estava preparando-me para vir visitá-lo e realizar outros exames quando recebi seu chamado.

Após medir a pressão, os batimentos cardíacos e a temperatura de Ricardo, o médico diagnosticou:

— Comandante: nosso soldado está em perfeitas condições de saúde. Sugiro que o encaminhem ao Hospital Militar, para exames encefálicos, pois, aparentemente, o caso apresenta-se como sendo distúrbio neurológico.

Sem pestanejar, Andes decidiu:

— Façamos isto.

Deixaram o alojamento.

O médico telefonou para o Hospital Militar e falou com o neurologista sobre o caso, sendo autorizado a remover Ricardo para aquele nosocômio, a fim de ser examinado pelo especialista.

Decorridos trinta minutos, a ambulância do quartel estacionou no pátio da Primeira Companhia, para conduzir Ricardo.

Nesse preciso momento, ele acordou.

Vendo o alojamento vazio e o Sol já adiantado, pulou da cama, arrumou-a rapidamente como as demais e correu para o vestiário.

Ao passar pelo plantão da hora este ficou lívido ao vê-lo, como se tivesse visto um fantasma.

Ricardo trocou-se ligeiro, fez rápida higiene e dirigiu-se ao pátio de formatura.

Ao passar pelo gabinete do comandante, fez a continência regulamentar.

O capitão, sobressaltado, respondeu ao cumprimento e determinou:

— Soldado: venha cá!

Ricardo, por sua vez, sobressaltou-se.

Tinha perdido a hora e estava certo de que seria punido por isso.

Intimamente, perguntava-se: “Como é que ninguém me acordou? Bons companheiros e amigos tenho eu”. Irônica e mentalmente lamentava-se: “Bons companheiros...”

Apresentou-se ao comandante:

— “Soldado número duzentos e setenta e dois, Ricardo, da Primeira Companhia de Fuzileiros”.

— Como se sente?

— Eu?... gaguejou.

— Sim: você. Como se sente?

— Se o senhor quer saber porque dormi e perdi a hora, afirmo que foi sem querer... Peço desculpas.

— Um militar não se desculpa, advertiu o capitão. E insistiu, enérgico:

— Como se sente?

— Estou confuso, meu comandante. Não me lembro de nunca ter dormido tanto. De saúde, acho que estou bem.

— Qual a última coisa que você se lembra, depois de ter deitado ontem à noite?...

— Estava com uma revista de quadrinhos, lendo uma história de terror. Comecei a ler e adormeci.

— Só isso?

— Capitão: não sei se o senhor vai acreditar, mas ao adormecer, a história continuou em minha cabeça.

— Como assim?

— A história prosseguiu e um vampiro horrível, de carnes podres, avançou para mim e começou a me agredir selvagemmente. Gritei de pavor. E desmaiei. O pior é que mesmo desmaiado, ainda sentia o vampiro me atacando...

Andes, homem religioso, oriundo de família tradicionalmente católica, julgou perceber do que se tratava: a perturbação do soldado era psíquica e ao invés de um neurologista, uma confissão de culpa junto ao Capelão Militar, seguida de alguma penitência, certamente o livraria do tormento. “Em suma, tudo não passara de um pesadelo mais forte”, pensou.

Olhando paternalmente Ricardo, disse-lhe:

— Muito bem. Você não será punido pelo atraso na instrução, desta vez. Apresente-se sem tardança ao sargento instrutor, para participar da “ordem unida” que está sendo ministrada. E, se confesse com o Capelão Militar...

Acionou uma campainha de mesa e logo o soldado ordenança assomou à porta, apresentando-se.

Ordenou-lhe o comandante: — diga ao motorista da ambulância que recolha a viatura à Enfermaria. Não internaremos o soldado, pois ele restabeleceu-se. Informe isso também ao doutor Nader.

— Podem retirar-se, arrematou.

Dizendo isso, olhou compassivo para Ricardo. Este, sentiu um frio percorrer todo seu corpo, quase congelando sua espinha.

— Ambulância?! Para mim?! Meu Deus...! balbuciou, inaudivelmente.

Simultaneamente, ambos os soldados perfilaram-se, em continência, solicitando permissão para se retirarem, ao que o comandante, perfilando-se também, respondeu:

— Permissão concedida.

Céleres, os soldados encaminharam-se cada um para o seu destino.

O incidente ocorrido no alojamento, dois meses atrás, estava já esquecido quando o soldado Ricardo voltou a ficar em evidência no quartelamento.

Desta vez o fato aconteceu no rancho das praças (cabos e soldados), à hora do almoço.

Cada Companhia, das cinco que compunham o Batalhão, tinha sua hora certa de adentrar no refeitório.

Três Companhias já tinham “avançado” e seus cabos e soldados estavam em meio ao almoço, quando a Primeira Companhia entrou.

Disciplinadamente, os militares apanhavam suas bandejas metálicas e recebiam sua refeição, normalmente composta de cinco ou seis porções de alimentos, quatro das quais quentes, mais sobremesa, geralmente doce ou fruta, além de meia caneca-cantil de refresco.

Cada bandeja, de aço inoxidável, impecavelmente limpa e higienizada (esterilização por água fervente), tinha divisões para cada tipo de alimento.

Duas depressões, maiores, eram usadas para receber o arroz com feijão.

Ricardo, absorto na fila, pensamento vagando longe, recebeu o almoço automaticamente e dirigiu-se para seu lugar à mesa.

Por lamentável inadvertência sua, tropeçou no colega à frente, desequilibrando-se e despejando toda a refeição sobre ele.

Ambos estavam quase chegando à mesa coletiva onde sentariam.

As duas bandejas foram ao chão, com estrondo, respingando o conteúdo em diversos colegas.

O soldado atingido pelos alimentos, alguns bem quentes, teve reação instantânea: desferiu um soco em Ricardo.

Desperto bruscamente do devaneio em que se encontrava, Ricardo ainda teve tempo para defesa: ergueu a caneca-cantil que estava na outra mão, para aparar o golpe, que realmente parou ali.

O agressor, de nome Norberto, teve a segunda infelicidade, a de ferir-se na mão, com alguma gravidade, além do desconforto dos alimentos que escorriam pela sua farda.

O soco na caneca fez com que seu conteúdo respingasse ainda mais os soldados mais próximos, irritando-os...

Instalou-se completa balbúrdia, de imediato: desorganizou-se a fila e os que já estavam almoçando, sentados à mesa, levantaram-se revoltados.

Norberto, ferido embora, ainda procurava atingir Ricardo, sendo contido por colegas, os quais também se desentendiam nessa tentativa.

Ricardo, com a caneca ainda na mão, sentiu vertigens.

Foi então que, da mesma forma como fizera na madrugada da perturbação, emitiu um grito pavoroso. E desmaiou.

Fato estranho, e mesmo curioso: a inesperada reação de Ricardo fez com que todo o alvoroço cessasse.

O oficial-de-dia, juntamente com o sargento adjunto, seu auxiliar direto, além dos sargentos-de-dia às Companhias no interior do refeitório, reorganizaram rapidamente o almoço.

Feita rápida faxina nos alimentos espalhados pelo chão, a fila reiniciou o recebimento do almoço. Por ordem do oficial-de-dia, os que eventualmente tivessem sido prejudicados poderiam receber “segunda etapa”.

A maioria dos militares que estavam almoçando não terminou a refeição, apetite subitamente bloqueado pelo dissabor.

Norberto e Ricardo foram conduzidos à Enfermaria.

Ricardo foi carregado.

Norberto recebeu curativos e foi dispensado para ir para casa, devendo retomar no dia seguinte, permanecendo porém três dias sem fazer esforços físicos e sem concorrer às escalas de serviço.

Ricardo, duas horas após o desmaio, ainda permanecia desmaiado.

Ao reiniciar o expediente da tarde o capitão Andes, já então informado da alteração, decidiu por resolver de vez aquele problema — repetição desagradável, que eliminava a hipótese de “pecado perdoado”.

Respeitando a ética, “sugeriu” ao doutor Nader que o caso daquele soldado era para internação hospitalar, diagnóstico esse já feito anteriormente pelo próprio médico.

Assim, de pronto, Nader anuiu. Mandou preparar a ambulância.

André Luiz, o soldado amigo de Ricardo, valendo-se de um intervalo de dez minutos na primeira instrução da tarde, foi visitá-lo na Enfermaria.

Ricardo não se movia. Respirava ofegante.

André, mesmo cercado por vários outros soldados acamados, decidiu aplicar ali mesmo um passe espírita no amigo, fazendo uma dissimulação: disse aos soldados que faria um truque de mágica, capaz de despertar pessoas desmaiadas. De passagem, para não despertar maiores suspeitas, disse ainda que o caso parecia de epilepsia e que seu pai era especialista nesses atendimentos.

Fechou os olhos, elevou seu pensamento a Deus, e, de fato pensado, ergueu as mãos para o alto. A seguir, colocou a mão direita no bulbo raquidiano de Ricardo e com a esquerda segurou seu pulso. Falando com a voz do coração, pediu a Jesus que ajudasse o enfermo.

O desfalecido, como que impulsionado por mola retesada e subitamente desprendida, ergueu bruscamente o corpo, despertando.

Olhou André, com profundo espanto, misto de medo, respeito e gratidão.

Os militares que presenciaram o acontecido, ficaram intrigadíssimos. A reação inexplicável de Ricardo, acordando após seu amigo segurar sua nuca e seu punho, espantou-os sobremaneira.

O médico, prontamente convocado por um enfermeiro, compareceu. Olhou fixamente a Ricardo, depois a André. Perplexo, identificou estar na presença de algo insólito, segundo narravam atônitos os outros pacientes. Tudo era verdadeiramente incompreensível à Medicina.

André, soltando as mãos de Ricardo, que segurava-as firmemente como que buscando proteção, afastou-se alguns passos e prestou a regulamentar continência ao médico, seu superior hierárquico.

Ricardo, demonstrando absoluta normalidade, pediu desculpas pelo acontecido e permissão para ir para a instrução, pois já estava "em cima da hora".

O doutor, como que em momentâneo torpor, mal conseguiu responder.

André também solicitou permissão para retirar-se e antes da resposta saiu.

Seu último pensamento, ainda naquele ambiente, foi:

— Obrigado, meu Jesus!

* * *

FORÇAS ARMADAS

Normalmente, a destinação das Forças Armadas de um país é a garantia das suas instituições e do solo pátrio.

Forças Armadas existem em razão das guerras.

Guerras, na sua maioria, surgem sempre entre nações, mediante interesses concretos. Mostra a história que o país mais forte, ou que se julga mais forte, sempre deflagra a hostilidade, tentando impor-se a países quase sempre pacíficos, não raro usurpando-lhes território.

Nesse contexto, indispensável dispor toda nação de potencial militar capaz de rechaçar tais investidas, raramente anunciadas ou divulgadas — comumente inopinadas.

Para responder à decisão do governo, é mister que as Forças Armadas estejam bem adestradas e bem equipadas, em homens e em material, para que em sintonia com a sociedade, interponha barreiras à ação agressiva e predadora de eventual inimigo.

No Brasil, nosso país, há toda uma tradição e estratégia, consagradas, definindo a localização dos aquartelamentos e das suas características: Marinha, nas regiões litorâneas; Aeronáutica, nas regiões mais desenvolvidas; Exército, em praticamente toda a área terrestre.

Com quartéis espalhados em todo o território nacional, como no caso brasileiro, de imensas proporções, as atividades do Exército, em particular, subdividem-se, segundo peculiaridades regionais, em infantaria, cavalaria, artilharia, engenharia, comunicações e vários serviços de logística (suprimentos em geral).

No caso da infantaria, esses são os quartéis que contam com maior número de efetivo pessoal.

Em todos os quartéis existem duas categorias de militares: os profissionais e os convocados. Os primeiros, são estáveis e dedicam-se integralmente às lides castrenses, desde a juventude à aposentadoria, denominada esta, de "reserva remunerada". Já os segundos, os convocados, são os conscritos que, ao completarem deztoitos anos, devem alistar-se para serem submetidos a seleção e possivelmente para prestação do serviço militar inicial, com duração não superior a um ano.

Há lei específica definindo o assunto: a Lei do Serviço Militar.

Quando um jovem vai servir ao Exército, ou à Marinha, ou à Aeronáutica, seus familiares se envolvem com esse fato, já que o dia-a-dia dos soldados é sempre repleto de novidades, de surpresas, de aprendizados.

A vida no interior de um quartel pode sugerir atividades rotineiras.

Porém, a um observador atento, a realidade é bem outra!

O fato de ano a ano os soldados chegarem e partirem é, até certo ponto, realmente uma rotina. Contudo, cada soldado representa um mundo já formado, onde tudo o que foi visto até ali, por cada um deles, deverá ser reavaliado. Costumes, gostos, ideais, são submetidos a uma nova ótica, onde prepondera o coletivo, em detrimento do individual.

Sim!

A vida militar é um viver em grupo: desde logo o recruta aprende que o importante é participar, unindo esforços próprios aos dos companheiros, que ele vê pela primeira vez.

Ações militares isoladas são raras.

Por definição, as missões são sempre realizadas por grupos de militares, desde os menores, as patrulhas, passando aos pelotões, daí às Companhias, aos Batalhões, aos Regimentos, às Brigadas, às Divisões e destas, finalmente, todo o Exército.

É riquíssima de virtudes a convivência militar.

Predomina sempre o respeito, a dignidade, a ordem, a disciplina consciente.

Inexpressiva minoria constitui a estatística dos atos espúrios praticados por militares, ocorridos em quartéis ou fora deles.

Tais atos, autêntica aberração, são inevitáveis.

Como, aliás, em todos os demais segmentos sociais.

Onde haja agrupamento humano, inexoravelmente ocorrerão desvirtuações: realmente, é inevitável.

No quartel, todas as atividades são previamente definidas.

Escalas de serviço, boletins diários, notas de serviço, notas de instrução, além de outros documentos, são elaborados e divulgados sempre possibilitando ao militar prever, prover e providenciar.

A periodicidade de tais documentos reside sempre na razão direta do planejamento geral, igualmente difundido.

As formaturas diárias, os desfiles internos e externos, as marchas, os acampamentos, tudo leva os homens a se conhecerem intimamente.

A convivência sadia une enormemente os espíritos dos militares, pelo que é notório o seu igualmente sadio corporativismo e espírito de equipe.

Nada acontece num quartel, de caráter oficial, sem que um treinamento o preceda. E ninguém, nenhum militar, é chamado a uma missão, sem que para ela esteja apto.

Esse admirável caráter de divulgação e de preparação, faz do militar um agente sempre pronto a desempenhar missões difíceis.

Confundindo tal característica, pessoas há que pejorativamente consideram-na como "bitolação", no sentido vulgar de incapacidade para raciocinar; tais detratores desconhecem que missões militares, muitas vezes, surpreendem os agentes em situações inopidadas, exigindo rápida decisão e criatividade. Se em tempos de guerra, erros significarão perdas humanas, daí a responsabilidade de quem decide e a necessidade de destreza de quem executa.

Também, todos os direitos são pré-definidos: promoções, vencimentos, indenizações, transferências, cursos, etc.

Em tempo de paz, nenhum militar tem surpresas quanto ao que deve fazer, quando, como, onde e com quem.

Todos os dias há instrução militar e tais instruções seguem um fluxo evolutivo de adestramento e aproveitamento crescentes.

Na ponta final da formação, o militar torna-se um combatente.

Combatentes armados: infeliz e imperiosa necessidade humana, ainda...

Triste constatar que a criatura humana vem guerreando desde sua existência sobre a Terra!

Inmemorial expressão latina reza: *"Si vis pacem, para bellum"* (Se queres a paz, prepara a guerra). Em outras palavras, um adversário bem armado torna-se temido, desencorajando agressões a ele.

Por oportuno, convém lembrar que nos livros "Nosso Lar" e "Os Mensageiros", o Mentor Espiritual ANDRÉ LUIZ descreve como se processa a defesa nos recantos espirituais socorristas. Ali, há sistemas defensivos contra os Espíritos desordeiros que sempre tentam a invasão. Porém, a defesa do Bem se faz com amor, sem aniquilar tais infelizes adversários, antes pelo contrário, acendendo as luzes do Evangelho para dissipar os ataques, na verdade trevas espirituais.

Assim, tais combates, por parte da Espiritualidade Protetora, não são de extermínio, mas de socorro também aos "inimigos".

No advento da era nuclear, duas superpotências equiparam-se com ogivas capazes de destruir o mundo, dezenas e dezenas de vezes. Conquanto houvesse escaramuças entre elas, ou entre seus respectivos aliados, jamais as armas atômicas foram convocadas para resolvê-las.

Agora, que tal assombroso quanto trágico quadro de dissuasão esboroou, com o desmantelamento da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), as armas nucleares de um e de outro lado não passam de infeliz recordação, de um tempo em que a insânia imperou. Ainda existem tais armas e em quantidade suficiente para destruir o mundo, mas o importante nesse contexto é que a mentalidade agressiva mudou.

É incontestável que a conquista de novos espaços sempre esteve presente nos anseios humanos, em todos os tempos, em todas as civilizações.

Espaço maior, é desejo coletivo ou individual do homem.

Quando porém, isso envolve conquista do que por lei não lhe pertence, somente a existência de recursos defensivos pode impedi-lo.

Eis aí porque a defesa nacional de território, instituições e povo, se contrapõe a essa tendência e obriga à existência de forças capazes de superar eventuais invasores.

Essa, pois, a destinação das Forças Armadas: não necessariamente para guerrear, senão sim para defender.

A pior consequência das guerras humanas é a perda de vidas, de ambos os lados, além das destruições materiais. Bem ao contrário,

na psicofera terrestre, onde ainda há combates entre o Bem e o Mal. O Bem, cedo ou tarde, sempre será o vencedor; e, os eventuais perdedores, ao se compenetrarem do seu equívoco, serão prontamente acolhidos.

Na senda da evolução espiritual planetária, naturalmente o fator bélico estará extinto.

Será, tão somente, penosa lembrança de tempos bárbaros, qual o despertar de um longo e tenebroso pesadelo.

Tão grande será o remorso das lembranças das guerras e da utilização de armas mortíferas que o coração humano, resgatando tal débito e redimindo o Homem, se excederá na hoje inimaginável ajuda dos povos entre si.

Estará banida do planeta a atenção atualmente dispensada aos fantásticos arsenais de armas e os grandes efetivos de pessoal neles empregados.

Todos os povos, necessariamente, serão felizes nesse mundo:

Um só governador — o mais virtuoso!

Uma só linguagem — a do amor!

Uma só religião — a caridade!

Uma só reserva — o indispensável para a manutenção!

Um só ideal — a evolução!

Enfim: *"Um só rebanho e só um Pastor"*.

É inexorável a chegada desse "paraíso", sinalizado há quase dois mil anos por Jesus.

* * *

IDEAIS EM CONFLITO

O doutor Nader, vendo que Ricardo subitamente ficara bem, não teve controle sobre si mesmo e gritou com ele, já que pela segunda vez a Enfermaria do quartel fora acionada e em ambas tudo não passara de embuste.

Determinou que se apresentasse imediatamente ao capitão Andes, pois com certeza seria punido.

Após Ricardo retirar-se, Nader telefonou para Andes pondo-o ao corrente dos fatos, mal conseguindo evitar sua exaltação e indignação diante daquilo que considerava farsa de um soldado malandro.

Andes ouviu as ponderações e explicações de Ricardo, em nova sindicância que instaurou, dessa vez por escrito, da qual novamente se encarregou.

Ouviu o pessoal de serviço que estava no rancho na hora do incidente.

Ouviu alguns pacientes internados na Enfermaria.

Chamou André Luiz, o qual apenas declarou que houvera ajudado Ricardo com uma prece fervorosa a Jesus...

Concluindo a sindicância, aplicou uma punição em Ricardo: quatro dias de detenção no alojamento da Companhia, prestando serviço e assistindo à instrução. Motivo da punição: não ter o devido zelo com material da Fazenda Nacional, além de promover tumulto com colegas na hora da refeição.

E assim, Ricardo passou quatro dias detido.

Sua detenção foi agravada pelo destino: dos quatro dias, dois eram de fim de semana, sábado e domingo, quando todos os demais recrutas, que não estivessem de serviço, podiam ir para suas casas...

Na solidão do vasto alojamento, onde apenas o pessoal de serviço permanecia, e assim mesmo, quase que só à noite, Ricardo não tinha outra coisa, senão recordar...

Carla... Carla...

Conhecera-a há um ano, numa excursão alegre e feliz rumo à praia, em cidade próxima.

Geralmente, durante as excursões, os participantes se unem, posto que imbuídos de propósitos absolutamente similares; só que, terminadas, cada um vai para seu lado. Raramente, sobrevive o clima.

Com ele e Carla, essa rara continuidade acontecera.

Mais que isso...

Assim que o ônibus ganhou a estrada, iniciando os primeiros quilômetros, a jovem responsável pela viagem, tomando um pequeno microfone apresentou-se:

— Sou Maria Inês. Exerço a profissão de guia turística há dois anos nesta empresa. Tenho imensa alegria em viajar com todos vocês. Nossa viagem não será longa, contudo a incumbência que prazerosamente pretendo realizar, será torná-la agradável a todos.

Fazendo pequena pausa, convidou:

— Gostaria que vocês me acompanhassem numa prece, para pedirmos a Deus proteção e felicidades, desde agora e até nossa volta. Nova pausa.

Fechando os olhos, proferiu em voz respeitosa:

“Pai Nosso que estais no Céu: santificado seja Vosso nome. Venha a nós o Vosso Reino e seja feita a Vossa vontade, assim na Terra como no Céu. O pão nosso de cada dia, dai-nos hoje, Senhor! Perdoai nossas faltas assim como perdoarmos aos nossos devedores. Não nos deixeis cair em tentações e livrai-nos do mal. Pois que Vossos são o Reino, o Poder e a Glória, para todo o sempre!

Deus, Pai Amantíssimo: abençoai todos nós aqui presentes e dai-nos a graça de Sua excelsa companhia, nessa viagem, de agora até nossa volta. Assim seja! “

A tradicional oração do “Pai Nosso” foi cadenciadamente pronunciada, de forma a que todos os excursionistas pudessem, em

unísono, repetir as palavras. E que o motorista também repetiu. A segunda parte da prece, foi dita apenas pela guia turística.

Fácil entender porque o ambiente no ônibus tornou-se, de pronto, agradável: um sentimento de união e de participação envolveu a todos.

Sempre com o microfone na mão, a jovem guia propôs:

— Meus queridos amigos, minhas queridas amigas, meus amados amiguinhos (dirigindo-se às crianças): vamos cada um falar o nome, a profissão e o que esperamos dessa viagem?

Brincando, acrescentou:

— A idade, só fala quem quiser...

Poucas pessoas, timidamente, responderam:

— Vamos.

Demonstrando competência profissional, onde no trato com o público a Psicologia é poderosa ferramenta de trabalho, Maria Inês deu um pulinho com o microfone na mão e disse bem alto:

— Vocês topam ou não?

Aí, todos responderam:

— Topamos!

Se um ou dois ficaram calados, o que sempre acontece, ninguém percebeu.

— Muito bem: vamos começar pelos amigos das primeiras poltronas.

E entregou o microfone portátil para a senhora que ocupava o lugar número um.

Acanhada, a mulher relutou em falar.

Solícita, Maria Inês socorreu-a:

— Querida amiga, diga seu nome e o que você faz.

Enquanto falava, delicadamente tomou o braço da turista, induzindo-a a levantar-se e a ficar de frente para todos os demais passageiros.

Titubeante, disse a mulher:

— Chamo-me Andréia Maria Vasconcelos, sou dona de uma boutique e estou viajando para me distrair um pouco nas alegrias da praia.

“— Muito bem, palmas para ela”, adjuntou Maria Inês, iniciando calorosos aplausos, logo repetidos pelas demais pessoas.

Um a um, desfilaram todos os passageiros.

Uns tímidos, outros descontraídos, outros mais, até abusados...

As crianças, empolgadas com aquilo tudo, participaram alegremente daquela atividade coletiva inicial da excursão.

Em meia hora, todos já se conheciam.

Aí, Maria Inês passou o microfone para o motorista que sobriamente se apresentou.

Foi o mais ovacionado de todos.

Ricardo ocupava o lugar número dezenove.

À sua frente, no lugar número quinze, estava Carla.

Quando ela se apresentou, Ricardo ficou sabendo que ela era estudante secundária e pianista formada, atualmente em nível de aperfeiçoamento.

O olhar da moça, de início para todos, ao fim de sua apresentação cruzou com o de Ricardo, onde se demorou.

Por sua vez, ao apresentar-se, Ricardo na verdade não se apresentou para os companheiros de viagem, mas sim apenas para Carla, tanto e tão insistentemente a contemplava.

A vários passageiros isso não passou despercebido.

De fato, instantânea simpatia estabeleceu-se entre os dois.

No decorrer da excursão e no passar dos dias ensolarados junto ao mar, os dois jovens, irresistivelmente atraídos um pelo outro, formaram sólida base para, talvez, um futuro em comum... Apaixonaram-se.

De volta do passeio, nos dias e meses seguintes, alicerçou-se o namoro.

Embebedos pela luz de um amor aparentemente forte e sincero, tomaram-se, reciprocamente, quase que o ar que cada um necessitava.

Quando Ricardo ingressou no Exército Carla conseguiu lugar na Orquestra Sinfônica Estadual, em face do que, passou a ser requisitada para apresentações musicais de alto nível, em outras cidades.

E assim, envolvida com a tradicional aura dos artistas bem sucedidos, estando ela própria em ascensão, a jovem relegou a segundo plano seus sentimentos relativos ao namorado.

Gostava ainda de Ricardo porém não sentia sua falta — é que o amor por ele fora substituído, deixando à mostra que, na verdade, jamais existira... Pois, sem nenhuma dúvida, preferia dedicar-se, todo o tempo, à nova, verdadeira e insubstituível paixão: a Música!

Além do mais, a atividade militar, com plantões nos fins de semana, inúmeras vezes impediu Ricardo de ver Carla, espaçando os

encontros, pois quase sempre, nas folgas do soldado, a namorada concertista estava com a orquestra em outras cidades.

Quando o recruta inicia a atividade militar, em muitos quartéis permanece nos três primeiros meses dormindo no alojamento, só indo para o lar, nos fins de semana, e assim mesmo, se não fizer nada errado. Pois, ao menor descuido, ou, à menor transgressão, tipo desatenção na instrução, lá se vai o sábado e domingo em casa...

(— Por que isso acontece?

— Tudo indica que é para evitar atrasos ou faltas).

Acabrunhado, Ricardo recordava todos esses fatos.

Seu coração começava a dilacerar, pela saudade da mulher que amava e cuja presença cada vez mais era dificultada pelos fatos.

Durante o cumprimento da detenção, perdera o apetite e passou o fim de semana no interior do alojamento.

Rememorando as infrutíferas tentativas de encontrar-se com a namorada, deu-se conta que talvez tudo entre eles não tivesse passado de ilusão.

Com a alma machucada pela indiferença de Carla, Ricardo não assimilou o fato de ser preterido por outro eleito, abstrato embora — a Música.

Doia-lhe muito o sentir-se relegado.

Se ela não o amava mais, de sua parte não conseguia esquecer-la. Sofria por sentir que ela escapava de sua vida qual um punhado de areia por entre os dedos.

Estampados em seu coração ressoavam os indelévels acordes do sentimentalismo puro que nascera desde a primeira vez que a vira e ouvira, ao piano, dedos tibubeantes, executando a peça musical "Aragonaise".

Essa música, vibrante e apaixonada passou, então, a ser "a música dos dois".

Na segunda-feira em que poderia ir para casa, após a jornada, sua vida tomou rumos imprevistos: logo pela manhã, na primeira instrução do dia, uma nova crise atingiu-o em cheio.

Rodeado por dezenas de colegas, subitamente proferiu um terrível grito e caiu desacordado.

Estabeleceu-se um grande alvoroço entre os instruídos e o sargento instrutor, em altas vozes de comando, pela primeira vez, não conseguiu de pronto recompor a ordem.

Mesmo assim, alguns soldados conseguiram desatar os botões da gandola para afrouxar a farda de Ricardo, buscando alívio por arejamento.

Dessa vez André Luiz não conseguiu, no tumulto, qualquer ação espiritual.

Ricardo, imóvel, estava com os olhos esbugalhados, em síndrome de terror.

Seu corpo parecia um dormente, tamanha a rigidez.

Conduzido à Enfermaria e recebido pelo doutor Nader, dessa vez não escapou de ser transferido para o Hospital Militar. Se com má vontade foi recebido na Enfermaria, com boa vontade foi levado embora do quartel. Atendido apenas com uma injeção intravenosa, para aliviar sobrecarga cardíaca, foi colocado na ambulância, que nunca antes tinha sido aprontada com tanta rapidez.

Para o médico e para o seu auxiliar enfermeiro, Ricardo representava aborrecimento, além de rumores de incompetência por parte deles. Assim, diligenciaram ambos para que o mais depressa possível o "problema" fosse transferido de sua área de atuação.

Na papeleta médica de internação foi diagnosticado: "crise epiléptica aguda, com distúrbios neurológicos decorrentes".

* * *

CALVÁRIO EM INÍCIO

O Amor, de alguma forma, pode ser comparado ao céu:

— quando ele se realiza plenamente, isto é, quando um Espírito alcança o patamar no qual consegue sentir amor por tudo e por todos, é um céu de eterno meio-dia, com o Sol iluminando e aquecendo todos os átomos sobre os quais incidam seus raios fulgurantes.

Nesse patamar, vivem os Espíritos Puros!

— no plano das criaturas humanas, pode-se dizer que, por algum período, curto ou longo, a maioria iluminou (ou ilumina) suas almas, com um céu de alvorada. O Sol, em poucos minutos, ascende no horizonte e sua deslumbrante chegada, derrotando a escuridão, potencializa os que se voltaram (ou estão voltados) para sua direção — o alvorecer.

Nesse ponto situam-se as pessoas cujos corações subitamente foram invadidos por um grande amor, que sem qualquer aviso, adentrou em seus íntimos. A alvorada, para essas pessoas, não perpetua o instante mágico do primeiro raio solar, pois, infelizmente, elas não se dão conta de que a mais fabulosa de todas as lâmpadas está gratuitamente iluminando suas vidas.

A banalização tem eco em quase todos os homens e assim é que o Sol das dez horas não tem, para eles, a magia e o deslumbre da fronteira entre a noite que acaba e o dia que começa...

Nesse caso, como no Amor, quase tudo que começou bem, nem sempre continua assim. Milhões de eclipses cobrem o sol do amor nas almas e o que era alegria se transforma em drama.

Tais eclipses podem durar muito...

Sair desse mergulho nas trevas, opostas à luz do Amor, é tarefa nada fácil, posto que exige reconsideração de comportamento e principalmente humildade, para recomeçar.

— no crepúsculo, quando o Sol, de forma previsível e aceita se despede do dia, podemos situar aquela minoria humana que vai para outra vida, no encerramento de suas atividades neste mundo...

Tanto quanto o Sol retornará no dia seguinte, ressurgindo vitorioso sobre as trevas da noite, estamos certos de que as almas que se foram retornarão depois, recomeçando a vida.

Os mecanismos da manhã, tarde, dia e noite, solstício e equinócio, zênite e nadir, representam imutável fluxo da natureza para, cumprindo Lei Divina, proporcionar condições de vida aos Seus filhos — todos os seres vivos!

Quaisquer que sejam as variantes climáticas de tais fluxos, nenhuma é suficiente para alterar-lhes a periodicidade.

Igualmente, em nossas trajetórias rumo ao progresso espiritual, podem variar as condições de cada vida, mas não alteram o roteiro que nós próprios traçamos, vulgarmente denominado *destino*.

Nascendo, vivendo, morrendo e renascendo, sempre e sempre, vai o homem adquirindo experiências, aprendendo que o Amor é o caminho mais suave para aproximar-se de Deus.

Às vidas que se repetem, de um mesmo Espírito, conquanto em corpos, lugares e famílias diferentes, o Espiritismo denomina Reencarnação.

Dessa forma, há pessoas que, em razão de seus atos, acumulados e computados na balança da Justiça, com dois pratos — o Bem e o Mal —, determinam desencontros e problemas para si mesmas, transformando dias em noites, demorando décadas, no que poderia ser vivido apenas em horas...

Quanto aos que se engajam na Obra do Senhor, plantando Caridade na seara do Amor, colhendo bênçãos divinas — frutos esses que distribuem aos necessitados —, esses encurtam o número de vidas terrenas, sendo transferidos para mundos mais felizes.

Nessa configuração se enquadram os seres que fazem o melhor uso da inteligência no planeta: amar ao próximo como a si mesmos.

Podemos ser os venturosos inquilinos desses mundos, pois a Justiça Divina abrange a todos, indistintamente, ao ofertar-nos o livre arbítrio, as mesmas oportunidades e as mesmas condições.

Depende tão somente de nós essa transferência...

Ricardo, no momento do desmaio, viu um quadro atarrador: um enorme orangotango, enraivecido e violento, surgiu ameaçadoramente à sua frente e saltou sobre seu corpo.

Esse o motivo do grito de pavor.

Na fração centesimal de segundo que aguardou o formidável baque da fera, que certamente o liquidaria, sentiu tontura e perdeu a consciência.

Viu-se numa cidade diferente da que morava e ouviu alguém chamando por ele:

— Ernesto! Ernesto!

Como em delírio, tinha certeza de duas coisas: nunca estivera naquela cidade, porém conhecia-a bem e embora também jamais tivesse visto quem o chamava, tal pessoa era sua conhecida...

Toldado no raciocínio ante fatos tão anormais, julgou-se enlouquecer.

Ainda ouviu:

— Você roubou minha noiva e maltratou-a, deixando-a à morte. Tem que pagar, tem que pagar, miserável!

Os antigos hindus diziam que o Universo tem um registro espiritual de tudo aquilo que acontece, desde o início: todos os fatos ligados à criação divina, acham-se consignados numa memória global, denominada Logos (Divindade solar). Para eles, tudo o que fazemos e tudo o que nos acontece, está registrado para todo o sempre. A essa memória histórica os hindus denominam "registro akásico".

Não conflitante com tal conceito, o Espiritismo denomina de "tela mental", a biografia completa de cada ser humano, aí incluindo-se os fatos vividos, em todas as vidas pregressas.

Provavelmente, Ricardo vislumbrou parte de outra vida, processo mediúnico esse bem raro, ainda segundo os apontamentos espíritas.

Ao despertar e identificar-se num hospital, foi acometido de grave crise nervosa, obrigando os médicos a ministrarem potentes sedativos.

Analisando a ficha do paciente, uma junta médica elegeu o Pavilhão Neuro-Psiquiátrico do Hospital Militar para seu internamento. Ali seriam melhor observadas as desconhecidas e inexplicadas reações daquele soldado, cuja ficha, vinda do quartel de origem, acusava claramente distúrbios psíquicos. O incidente no rancho, em que o soldado Norberto se machucara, foi narrado na ficha, como sendo ação compulsiva de agressividade, por parte de Ricardo, chegando a suspeitar-se de psicopatia.

O Pavilhão Neuro-Psiquiátrico era chamado o "pavilhão dos loucos".

Foi terrível o estágio de Ricardo ali.

Cada vez que conseguia libertar-se do torpor dos sedativos, via em sua frente monstros terríveis, ameaçadores, sequiosos por atingí-lo.

Entre pavor e mecanismos instintivos de defesa, agitava-se, debatia-se, ferindo a si próprio.

Os enfermeiros, nunca menos de três, subjugavam-no, primeiro pela força dos músculos, depois por novas aplicações terapêuticas sedativas.

Mesmo sabendo que Ricardo estava no Hospital, seus pais não tiveram grandes preocupações por ele, filho único.

Há já quase três anos que Ricardo morava com os avós paternos, pois, em sua casa, o ambiente tornara-se insuportável, face as brigas constantes dos pais.

O pai, corretor de imóveis sempre em viagens, estava em outra cidade e ao ser informado do problema do filho, apenas fez um rápido telefonema para a esposa, nem se abalando.

A mãe, vendedora autônoma de produtos alimentícios, foi avisada do ocorrido pelo soldado André Luiz, mediante ordem do capitão Andes, no mesmo dia da internação hospitalar. Porém, envolvida com as vendas a realizar e as dívidas a pagar, sem ajuda do marido, não passou da superfície do problema e deixou para visitar

o filho "depois". Considerava que seu filho, que há meses não via, já tivera "ataques" iguais, e que agora estava em boas mãos... "Certamente, dessa vez seria curado", pensou.

O capitão Andes, após uma semana, visitou seu comandante. Foi a primeira visita que Ricardo recebeu.

Andes era um homem íntegro e um dos caracteres de sua personalidade, que emoldurava sua ação de chefia, era justamente a dedicação e o interesse pelo bem-estar dos subordinados.

No Hospital, foi informado que Ricardo estava no Pavilhão Neuro-Psiquiátrico e que não estava bem.

Pedi para ver o soldado de sua Companhia, o que os médicos autorizaram.

Foi informado que os pais ainda não haviam visitado o enfermo.

Conduzido ao infeliz pavilhão, surpreendeu-se com o que viu: Ricardo, em posição desconjuntada sobre um colchão sem cama, babava e grunhia.

Mantido mais ou menos quieto a poder de sedativos, o paciente era um farrapo humano.

Andes tinha impressão favorável de Ricardo, pois desde que o vira, no início do serviço militar, percebeu tratar-se de jovem educado e que nos dias seguintes demonstrou ser cheio de ideais e de sonhos. Alegre e comunicativo, aquele soldado integrara-se rapidamente ao grupo, grangeando vários amigos.

Atormentado, voltou ao seu quartel. Pensava:

"— Jesus, como em uma semana um ser humano se transforma assim? Deus do Céu! O que pode ser feito para ajudar aquele jovem, quase menino?"

Imerso nesses pensamentos, demorou para dar conta que o soldado André Luiz estava à entrada do seu gabinete, em continência.

Pela segunda vez o soldado pedia licença para entrar.

— Entre.

Após a apresentação regulamentar, André, com toda calma, fez uma pergunta que causou tremendo impacto no oficial, tamanho o susto que provocou:

— Meu comandante, com sua permissão, gostaria de falar com o senhor sobre Ricardo, pois tenho pensado, há já uma semana, no que poderia ser feito para ajudá-lo...

Mal disfarçando a surpresa, pela coincidência com seus pensamentos, Andes perguntou:

— Você o conhece bem? Diga-me como é sua família e como é sua vida?

— Conheci Ricardo aqui no quartel. Já visitou minha família algumas vezes e meus pais gostam muito dele; contou-me que seus pais estão sempre muito ocupados com negócios e infelizmente em processo de separação conjugal.

— Mais algum fato importante na vida de Ricardo?...

André pensou um pouco, depois falou:

— Bem... Ricardo tem uma namorada. Isto é, teve...

— Como assim?

— Antes de vir para o Exército, ele conheceu Carla, uma moça muito bonita, tornando-se namorados: ela é pianista, ultimamente viajando com a Orquestra Sinfônica. Coincidentemente, Carla é conhecida de minha família há tempos e de vez em quando nos visita. Depois que Ricardo passou a ser soldado e sua namorada foi contratada, como solista da Orquestra, o namoro deles esfriou. O problema é que Ricardo ainda ama... mas não é correspondido, segundo desabafou comigo, há uns dez dias.

— Você sabe como era a vida dele antes de vir para o quartel?

— Sim: contou-me que gostava de esportes, de música moderna e de bailes. Sempre foi um dançarino talentoso, muito disputado pelas meninas. Mas, depois que conheceu Carla, só tinha olhos para ela. E agora, ao que parece, não há mais possibilidade de que eles voltem a namorar.

— Você já conversou com Carla a respeito do que está acontecendo?

— Sim, senhor. Comentei por alto...

Andes, que elegera a música clássica como passatempo e lazer preferidos, meditou:

"Certamente a moça ouviu na alma a voz da Música, falando mais alto do que a voz do namoro e Ricardo, sentindo-se postergado por tão poderoso concorrente, entregou-se à apatia das últimas semanas. Pois, do contrário, como explicar que quando ele chegou aqui era tão vibrante e de repente ficou taciturno, passando a ter tantos e tantos desequilíbrios?"

E mais: perdendo o afeto dos pais, pelo visto ora em litígio familiar, esse menino vinha se escorando na namorada; ao perdê-la, não suportou o baque.

É isso!", concluiu seu pensamento.

— Você acha que a provável separação dos pais e esse namoro não correspondido podem ter afetado tanto assim a Ricardo?

— Sim, meu comandante, acho. Aliás, tenho certeza. Ricardo sempre foi emotivo. Sua apatia, das últimas semanas, só pode ser reflexo da tristeza que o corrói. Parece um vivo-morto. Esses desequilíbrios nada mais são do que resultante da infelicidade interior que ele carrega.

Pensando bem as palavras, aduziu:

— Senhor: é nessa fase que as pessoas mais precisam de calor humano. Aqui vim para solicitar permissão ao senhor para ir visitar Ricardo, pois sei que sem autorização não poderei aproximar-me dele.

Pensativo por alguns instantes, logo o comandante falou:

— Você está autorizado a formar alguns grupos para visitarem Ricardo. Já que ele não tem recebido apoio dos pais, pelo menos receberá o nosso, enquanto durar sua enfermidade.

O experiente militar e o soldado olharam-se fixamente, ambos plenos de admiração e respeito, reciprocamente.

O brilho que se via naqueles dois olhares tinha o incomparável fulgor da consciência cristã, ante o cumprimento do dever para com o próximo.

Esse mesmo brilho deve ter visto o dono da hospedaria, no samaritano que lhe confiou um andarilho ferido, para tratamento, responsabilizando-se pelos gastos...

E assim, nos dias seguintes, o soldado Ricardo, que até então não tivera visitas, exclusive a do seu comandante, passou a ser visitado por grupos de cinco ou seis colegas, diariamente.

No Hospital, onde tal situação escapava da rotina dos internados, o que mais chamava a atenção, era o fato do comandante estar autorizando tal movimentação...

Comentavam os médicos e enfermeiros:

— Se o próprio comandante autoriza e pelo jeito interessa-se tanto por esse soldado, nada temos contra.

André Luiz, sempre que possível, fazia parte de tais grupos de visita.

Ricardo, na primeira visita dos companheiros, não acusou conforto ou alegria por isso. Mas, na seqüência, as visitas começaram por proporcionar alguma melhora no seu estado depressivo.

No Hospital, tais visitas haviam repercutido, e muito: os médicos e os próprios enfermeiros, passaram a olhar o interno com atenção diferenciada.

Como reflexo do interesse despertado, os sedativos foram quase suprimidos...

Ricardo cessara de grunhir, de gritar, de agitar-se.

Apenas pequenos tremores assaltavam-no, a espaços cada vez maiores.

Decorrida mais uma semana, grande reação aconteceu, eis que o paciente, nos quinze dias de internação, pronunciou a primeira palavra inteligível, ao reconhecer André Luiz:

— Pelo amor de Deus, André, tire-me desse inferno!

Seus olhos, falando mais alto, estavam com lágrimas represadas.

Um enfermeiro, presente à visita, percebendo o astral positivo que ali se instalou, corajosamente abriu a cela, ensejando aos soldados nela adentrarem, para abraçar o amigo que retornava das trevas da loucura.

* * *

CIRENEUS MODERNOS...

Os soldados que durante a semana demonstram desinteresse e conseqüente falta de aproveitamento na instrução, são escalados para serviços nos fins de semana, a título de punição branda. Nos dias úteis, a escala é corrida, isto é, todos são convocados ao serviço de segurança.

Os militares igualmente serão punidos, porém com maior rigor, sempre que agirem desrespeitosamente. A punição, nesse caso, será maior, eis que os pilares básicos da vida militar se assentam na disciplina e na hierarquia.

Considerando que os quartéis necessitam de sentinelas e plantões, em regime de dedicação integral, nas vinte e quatro horas do dia, ano inteiro, o militar nunca pode assumir compromissos sociais, pois uma inesperada escalação poderá impedi-lo.

André Luiz, decorridos quase três meses de instrução, não tinha punição qualquer em seus assentamentos militares.

Seu comportamento era considerado exemplar, reflexo do ambiente doméstico, no qual era filho dedicado, atencioso e humilde.

No dia que Ricardo ficou detido no quartel, uma quinta-feira, André Luiz comentou o fato com seus pais.

Assim como Ricardo, também era filho único.

Jansen e Marina, seus pais, e ele próprio, eram espíritas convictos.

O pai, após ouvir a narração, refletindo por alguns instantes, interrompeu o jantar:

— Acredito tratar-se de um processo de sintonia com Espíritos desencarnados infelizes.

E arrematou:

— Na reunião mediúnica da outra terça-feira, de hoje a doze dias, iremos focalizar esse caso, se Deus permitir. Só não o faremos na próxima, pois já estão empenhados outros atendimentos solicitados.

O casal beirava os quarenta e cinco anos, haviam se conhecido em um seminário da Doutrina Espírita, há vinte e dois anos atrás. Vindos cada um de cidades distantes, formaram um grupo de estudos encarregado do tema: "Fatalismo, Acaso, Destino".

Foi grande a afinidade de todos os jovens em que estavam Jansen e Marina.

Ao término do seminário, ao expor seu mural, esse grupo foi unanimemente eleito como o que melhor trabalho tinha realizado, dentre seis outros apresentados.

Em sua exposição o grupo definiu *fatalidade* como sendo, a rigor, só o instante da morte. Sua existência é sempre em razão de escolha feita pelo Espírito, antes de reencarnar. Aí, tem-se também, a definição de *destino*: o próprio indivíduo é que o traça, quando ainda na espiritualidade, à vista dos débitos contraídos em sua existência, consideradas todas as suas vidas progressas. "*Acaso*, definitivamente, não existe", concluiu o grupo.

Ao terminar, os participantes despediram-se comovidos, retornando às suas cidades.

Jansen e Marina trocaram seus corações, ficando cada um com o do outro...

Corresponderam-se alguns meses.

Em um ano, casaram-se.

Dois anos após, nasceu André Luiz, nome escolhido de comum acordo, singela homenagem do casal ao Espírito homônimo, autor espiritual de inúmeras obras consagradas da literatura espírita, sendo o primeiro: "Nosso Lar".

Marina, que havia se mudado para a cidade do marido, embora freqüentasse com ele o Centro Espírita próximo de sua residência, de há muito sentia vontade de iniciar, ela própria, uma nova etapa de vida, em atividades assistenciais.

Isso porque no Centro que freqüentava isso não havia.

Conversando a respeito com o marido, verificou que ele também nutria tal propósito.

Falava-lhes na consciência uma voz que os induzia à concretização de um projeto assumido por ambos, pouco antes de reencarnarem...

Embora isso não fosse consciente, sem dúvida martelava-lhes no subconsciente.

Aliás, o Espiritismo ensinara-lhes que todas as pessoas têm um projeto de vida, para cada etapa terrena.

O projeto deles era justamente o de serem responsáveis por uma instituição assistencial, que atendesse mães solteiras, prioritariamente.

Com denodo e desprendimento conseguiram construir um Centro Espírita de modestas dependências.

O tempo e novos colaboradores encarregaram-se de fazer prosperar a obra — tanto na área espiritual (reuniões doutrinárias), quanto na área assistencial (atendimento a jovens carentes... e grávidas).

Além de abrigo, as jovens, muitas delas abandonadas pela família e pelos parceiros, ali tiveram seus filhinhos, recebidos em clima de fraternidade.

Os enxovais infantis, modestos mas acolhedores, traziam em sua textura algo mais do que a maciez: por serem confeccionados com carinho e amor, por dezenas de voluntárias, ali no Centro Espírita, retinham fluidos de paz, muito benéficos aos bebês. Bebês esses, que chegavam ao mundo em meio às tribulações causadas pela irresponsabilidade sexual de tantos jovens...

Na terça-feira citada por Jansen, logo após a leitura de um trecho do livro "O Evangelho Segundo o Espiritismo", de Allan Kardec, foi feita uma prece de abertura da reunião. Conforme prometera, Jansen evocou o caso do soldado Ricardo, considerando que aquela sessão espírita era destinada a atender casos específicos de desobsessão.

Essas reuniões, seríssimas, com médiuns especialmente treinados e dotados de grande capacidade de doação fraterna, destinam-se a assistir Espíritos desencarnados, sintonizados com encarnados, por infelizes laços do passado.

Os desencarnados, geralmente julgando-se vítimas, promovem perturbações graves nas vidas dos seus desafetos, gerando toda sorte de problemas, na maioria, insolúveis. Isso pode durar anos, décadas, séculos... Insolúveis até que, na humildade de algum Centro Espírita, diante da irrefutável prova da reencarnação, é-lhes comprovado que, longe de serem vítimas, geralmente foram eles próprios os primeiros a pecar. Tais soluções, face a Lei de Justiça Divina, ocorrem na razão direta do merecimento dos seus beneficiários.

A luz no salão de reunião mediúnica era difusa.

A música, suave e tranqüilizante.

Jansen, sensitivo atento, possuía a mediunidade da vidência, isto é, em determinadas condições espirituais conseguia ver os espíritos.

Um médium psicofônico — capacitado a emprestar seu aparelho vocal aos espíritos —, sinalizou por tênues movimentos físicos, a aproximação de uma entidade espiritual, que Jansen vislumbrou ser bastante necessitada.

Intuitivamente percebeu tratar-se de inimigo do soldado Ricardo.

Amigável, iniciou um diálogo:

— Seja bem-vindo, em nome de Jesus!

— Não sou bem-vindo nem queria estar aqui. Quem são vocês? Onde estou? Que querem de mim? Como vim parar aqui?

— Esta é uma casa de Deus, meu irmão. Somos cristãos reunidos para orar e para receber visitantes. De você queremos tão somente sua amizade.

— Por que?

— Porque quantos mais amigos tivermos, melhor.

— Para que?

— Para unirmos nossos esforços e juntos buscarmos ajudar aos necessitados.

O diálogo, naquele início, estava em relativo equilíbrio, com o visitante desferindo perguntas curtas, sempre em tom agressivo e as respostas sendo-lhe transmitidas com serenidade e objetividade.

Porém, maquiavélico, o espírito visitante dominou a agitação e desferiu, à meia voz:

— Desde quando um assassino merece ser ajudado?...

Seu tom vinha carregado de repreensão e auto-justiça.

Jansen, pensamento elevado a Jesus, respondeu:

— Meu irmão, meu irmão: todas as criaturas humanas têm sede, fome e frio, inclusive os assassinos...

— Mas, onde a justiça?

— Em Deus!

— Mas Deus disse: "não matarás".

— É verdade, esse é um dos Mandamentos Divinos que mais é desobedecido.

— Então?

— Se há quatro milênios os homens receberam essa recomendação, não podemos nos esquecer que há dois mil anos, Jesus

complementou-a, sugerindo que o perdão deveria ser de "setenta vezes sete vezes"...

— E quem já fez isso?

— Os Espíritos que evoluíram e incorporaram o perdão à sua bagagem moral.

— Onde estão eles?

— Sempre nos ajudando. Aliás, foram eles que o trouxeram aqui...

Nesse ponto do diálogo, Jansen julgou oportuno um aprofundamento na questão:

— Querido visitante, quem assassinou quem?

— Ele me assassinou: o amigo de vocês. Não estão vendo os ferimentos causados pelo tiro?

— Só mais um detalhe, para que possamos imediatamente cuidar dos seus ferimentos: quem você julga que o baleou?

— Ora, não se faça de desentendido. Todos aqui sabem muito bem que não será a farda que irá livrá-lo de mim.

Jansen confirmou seu pensamento, de que realmente se tratava de um inimigo de Ricardo. Ponderou:

— Caro companheiro: se você foi morto por aquele militar, como pode agora estar falando conosco?

A pergunta, direta, envolvia um universo de suposições por parte do desencarnado. Realmente, ele refletiu, refletiu e explodiu:

— Esse é o meu inferno. Sei que morri, pois fui fuzilado e até agora, passados tantos e tantos anos, ninguém me socorreu, eu não sarei, o sangue não para de escorrer...

— É o inferno, repetiu, iniciando a chorar convulsivamente.

Impondo as mãos sobre a cabeça do médium, Jansen falou, compassivo:

— Sim, meu querido irmão, em todos os casos em que a vingança está presente, realmente passamos a viver num inferno individual... Jesus, na Sua infinita caridade, permitiu sua presença hoje entre nós, justamente para que você fosse socorrido.

Ao terminar essas palavras, Jansen aplicou um passe longitudinal no médium, pois por refração o receptor era o Espírito visitante. Demorando-se com as mãos próximas da região torácica, por cerca de dois minutos, fluidos anestésicos e de recomposição proporcionaram alívio

às dores e à angústia do desencarnado. Este, vendo-se curar, como num milagre, emocionou-se e ficou bastante receptivo à sugestão que ouviu:

— Ore a Deus, agradeça a Jesus a graça que você recebeu. E deixe em paz o nosso amigo soldado, pois ele já tem aflições demais.

Recebendo intuição dos protetores espirituais presentes, Jansen aduziu:

— Talvez não se lembre, mas você também atirou em outras pessoas, na guerra em que foi atingido. Quem acertou você veio a falecer, dias após, ainda durante o mesmo combate armado. Se hoje ele está fardado, essa é uma condição passageira, pois logo deixará a vida militar. Ele já renasceu mais de uma vez, desde o infeliz encontro com você, pois libertou-se das lembranças que ainda escravizam você. Seu ferimento, na verdade, não passava de um quadro mental que você negativamente fixou e vem alimentando, com idéias de vingança, há tantos e tantos anos...

Percebendo que o visitante emudecera, talvez pelas informações recebidas, Jansen ainda lhe disse:

— A guerra, meu amigo, é sempre uma infelicidade, para vencidos e para vencedores. Lutando por uma bandeira, por um dever, o combatente, aquele que vai para as linhas de frente, nem sempre pode raciocinar, nem fugir ao compromisso que talvez não tenha assumido, sob pena de tornar-se desertor. A única atenuante a seu favor é o fato de que as leis terrenas a isso ainda o obrigam.

E concluiu:

— Dessa forma, você não foi assassinado. Perdeu a vida em combate, assim como milhares de outras pessoas, umas matando as outras, sem sequer se conhecerem...

A entidade, abrandada pelo remorso:

— Homem bom, Deus lhe pague. Vou deixar em paz o soldado, esperando que ele me perdoe.

Partiu.

Jansen viu quando dois bondosos enfermeiros aplicaram-lhe suave sedativo, fazendo-o adormecer, para ser conduzido a local de refazimento na espiritualidade.

A seguir, após alguns instantes em que só se ouvia música suave e em tom baixo, outro médium de psicofonia manifestou-se:

— Ora, ora: vocês estão querendo proteger aquele canalha?!

Como de praxe naquelas reuniões espíritas de desobsessão, daquele Centro Espírita, um outro doutrinador, postado na seqüência em que estava Jansen, dirigiu-se ao novo visitante:

— Que a paz de Nosso Senhor Jesus esteja com você.

— Sem lero-lero: vocês não deveriam se meter onde não foram chamados. A coisa é entre eu e o soldadinho...

— Meu amigo, realmente, só recentemente tomamos conhecimento do problema que ligou você ao companheiro militar, mas nem por isso podemos ser considerados intrometidos, pois a intenção é apenas de ajudar — a ele e a você.

— Ajudar a mim? Não me faça rir.

— Não, caro irmão. Não quero fazê-lo rir. Bem diferente disso, buscamos nesse contato evitar dores que poderão, a breve tempo, obrigá-lo a chorar de amargura...

— Ele é que vai chorar mais ainda...

— Sim, nós sabemos que ele está sofrendo. Mas, qual o motivo de tanto rancor?

— Então você não sabe que ele roubou minha noiva, a quem eu tanto amava? E que depois de conquistá-la fez dela sua esposa, deixando-a quase morrer, sem ajudá-la? Quer mais desgraça e mais maldade ainda?

Evandro, o doutrinador que o atendia, captou todo o drama que o passado escondia e que aquela bendita reunião trazia agora à tona. Em resumo, um ser magoado tentava vingar-se de quem o havia prejudicado. Conhecendo o Espiritismo sabia que, superior ao tempo e à matéria, as conseqüências danosas de crimes, cometidos às vezes em vidas passadas, permanecem vivas, graças ao poderoso combustível do ódio.

E sempre que há tal configuração, a vingança desponta para a vítima como única alternativa possível.

Esse o mérito das reuniões espíritas de desobsessão: buscar as causas, situadas em outras vidas, para corrigi-las e assim poder sanar e fazer cessar seus efeitos, sempre prejudiciais a ambas as partes.

Como terapêutica infalível, nada há que se compare a um lógico esclarecimento evangélico ao obsessivo, no qual lhe seja cabalmente demonstrado que “a plantação é livre, mas a colheita é obrigatória”... E mais deve ser inculcado naquele que fez da vingança o seu projeto maior: somente com a auto-reforma, com o perdão, com o trabalho em favor dos necessitados, o Espírito resgata seus débitos, retomando a evolução. A vida, sábia, colocará à sua frente as pessoas e as condições necessárias para que o demolidor de ontem, seja o construtor de hoje... Considerando que Deus é a Suprema Justiça,

nenhum mal que nos visita é indevido: se as causas não estão no presente, devem ser buscadas no passado, em outras vidas. Aquele que nos agride, que nos prejudica, é sempre um irmão doente. De sua parte, ao nos causar mal, ao tempo em que está nos auxiliando a ressarcirnos nossas culpas, está prejudicando a si próprio, contraindo débitos que terá que indenizar.

Tal é a Lei de Igualdade, a que pessoa alguma escapa.

Assim doutrinou Evandro.

Usando o poder da prece, rogou aos Mentores Espirituais presentes que fossem mostradas cenas do passado, de forma a convencer àquele que ali estava se julgando vítima, que na verdade, ele também era réu perante a Justiça Divina.

Impondo as mãos à altura do frontal do médium que caridosamente emprestava condições ao visitante espiritual, Evandro constatou que ele subitamente se mostrou apavorado, gemendo:

— Nossa Senhora! O que eu fiz? Como é possível? Será que estou sendo vítima de feitiçaria? Mas, oh! Não! Sou eu mesmo. Como pude roubar tanto? E as famílias que desencaminhei... Não, não...

O doutrinador, calmo, buscou tranquilizá-lo:

— Irmão que nos visita: o nosso passado é sempre fiel às nossas ações. Ninguém é perfeito e todos somos devedores. Aqui ninguém está com o dedo acusador dirigido para você, pois também somos falhos, somos fracos, somos criminosos. Somente a Bondade de Deus nos abriga e nos oferece infinitas oportunidades de reconstrução quando erramos. Você foi trazido aqui, por permissão do Pai e do puríssimo Espírito de Maria, nossa Mãe Celestial, a quem você há pouco orou, como sublime oportunidade de resolver seu caso com aquele que o prejudicou. Os fatos que acabou de ver e que tanto o angustiaram, por serem de sua autoria, estão a exigir que você perdoe, para que igualmente seja perdoado.

Soluçando amargamente o Espírito perguntou, já agora humilde:

— O que devo fazer?

— Afaste-se dele, não lhe tenha rancor, confie na Justiça de Deus, pois “a cada um será dado segundo suas obras”, isto é, ele igualmente terá que reconstruir o que destruiu, cedo ou tarde... Tantas são as aflições de cada dia, que prudente é ninguém acrescentar novas dores a quem já está sofrendo...

— Pois é, com um amigo hipnotizador, conseguimos várias vezes fazer ele pensar que um gorila raivoso pulava em cima dele. Teve uma vez que ele pensou que o gorila era um vampiro... Agora estou arrependido e vou acabar com isso.

— Que Deus abençoe tão santo propósito. Não se esqueça do perdão...

— Não me esquecerei! Deus há de me perdoar e minha Mãe Santíssima haverá de ajudar. O hipnotizador, que veio comigo aqui, também manda dizer-lhes que vai mudar de vida. Aliás, estamos os dois sendo convidados por um... preto... que brilha... para irmos com ele para uma cidade onde teremos abrigo, alimentação, trabalho e estudo. Vamos aceitar.

— Levem em seus corações as vibrações fraternas do nosso grupo. Jesus nos abençoe a todos, hoje e sempre!

A reunião prosseguiu e outros dois casos foram atendidos, embora não pudessem de pronto ser igualmente solucionados.

Processos obsessivos, geralmente, somente alcançam solução a médio ou longo prazo, já que o elo de ligação entre obsessor e obsedado se fortalece no tempo com sentimentos negativos, de ambos.

Ao ser recebido na reunião de desobsessão, o espírito negativamente ligado a um encarnado receberá um verdadeiro “banho fluídico” de energias balsamizantes e reconfortadoras, resultante da doação que fazem os médiuns daquele grupo.

Compreende-se, assim, a necessidade de desencarnados serem conduzidos pelos Espíritos Protetores ao grupo espírita, cujos médiuns vivenciem os preceitos evangélicos da fraternidade. A recepção em tal ambiente propicia aos visitantes, ali trazidos em estado de necessidade, captar as instruções que lhes serão dadas e também a proteção a eles dispensadas pelos Espíritos Protetores. Reequilibrados, mesmo que por pouco tempo, espíritos ainda jungidos a coisas terrenas ou a pessoas, de forma infeliz, têm condições de decidirem por uma mudança de comportamento. É que no clima terreno, em cuja sintonia ainda permanecem (muitos ainda se julgam encarnados), torna-se mais fácil induzi-los à recuperação, através do diálogo fraterno, conduzido por médium doutrinador.

Assim, outro dos méritos das reuniões mediúnicas espíritas é o de sensibilizar os espíritos desencarnados mergulhados na obsessão — geralmente como obsessores —, informando-os de que a melhor

maneira de recuperarem a perdida paz de espírito é o perdão. Alcançado esse objetivo, mesmo que parcialmente, os Espíritos bondosos, quase sempre, os conduzem a Instituições Socorristas do Plano Maior, para recolhimento e melhores instruções.

Os responsáveis pelo Centro Espírita ou pelos trabalhos de desobsessão têm como dever igualmente alertar evangelicamente aos encarnados para os quais tenha sido feito o pedido de ajuda — a outra parte do processo, e que também estão sofrendo —, para a necessária reforma íntima.

À hora aprazada, pontualmente, os trabalhos se encerraram.

No dia seguinte, no Hospital Militar, o soldado Ricardo demonstrava estar curado...

Os médicos que tratavam do caso, consideraram que o tratamento tinha produzido bons resultados.

Aliás, resultados excelentes...

Em verdade, a Medicina terrena é uma grande bênção de Deus para com seus filhos. Indispensável a ela recorrer em todos os casos que o organismo se mostre afetado. No entretanto, começam a surgir luzes no horizonte, anunciando uma nova alvorada para a cura das doenças: sua origem, no Espírito!

Ao receber a visita dos amigos e reconhecê-los, em dois dias Ricardo foi considerado totalmente “recuperado”, podendo continuar no serviço militar ativo.

Em consequência, teve alta hospitalar, retornando ao quartel, à instrução militar, ao convívio com o mundo...

* * *

HORIZONTE PERDIDO

No primeiro fim de semana que estava de folga, Ricardo marcou encontro com Carla.

Mais por piedade do que por outra coisa, a moça aquiesceu em receber o antigo namorado, para ela já quase que esquecido.

O rompimento do namoro era, para ela, um fato consumado mas nunca devidamente formalizado. Carla, por isso, viu naquela oportunidade a chance de esclarecer de vez tal rompimento. Concordeu com a visita de Ricardo, disposta a sacramentar seu desinteresse por qualquer compromisso que não com a Música.

Naturalmente, faria isso com tato e bondade, sabendo que Ricardo deveria estar debilitado e ela não queria magoá-lo, ou mesmo prejudicar sua recuperação, pois André Luiz havia comentado com ela a internação hospitalar do amigo.

À noite, Ricardo dirigiu-se à residência da mulher que amava. Sentia-se feliz por Carla ter aceito seu convite.

Esmerou-se nos trajes, intentando causar a melhor impressão possível a Carla, que há algumas semanas não via.

Estava pleno de esperanças: sonhava em ser recebido, talvez Carla pedindo-lhe perdão; já sentia as emoções dos ardentes e apaixonados beijos que então trocariam.

“Ultimamente”, pensava, “sua vida vinha só tendo problemas, desencontros; Carla seria sua âncora”.

Não conseguia entender o que tinha acontecido nos últimos tempos.

Lembrava-se de que há uns quatro meses atrás tinha perdido a hora e despertado no alojamento que estava vazio. Por que uma ambulância aquele dia estava preparada para ele? Recordava-se apenas que fora dormir e que durante a noite tivera um pesadelo, com um vampiro querendo agarrá-lo. Disseram que tinha tido uma crise... Lembrou ainda que brigou no refeitório, indo parar desmaiado na Enfermaria, quando novamente uma ambulância quase o levou para o Hospital Militar. Foi punido por isso e era inocente... Quando terminou a punição, numa segunda-feira, desmaiou durante a instrução, acordando no terrível “pavilhão dos loucos”...

Quantos dias ficou desacordado? Disseram que foram muitos...

E naquele pavilhão, por que às vezes sabia das coisas, da realidade, às vezes não se lembrava de nada, senão de delírios ou pesadelos? Lá sentia desejos intensos de sair, outras horas só apatia; mais grave de tudo: queria viver e ao mesmo tempo queria morrer...

No quartel, há muito tempo, sentia-se marginalizado por vários colegas, que cautelosamente o evitavam. Para aumentar seu sofrimento, a distância, o tempo e o espaço separavam-no de Carla, cada vez mais.

“Realmente”, completou seus pensamentos: “alguma coisa muito grave andou acontecendo comigo. Graças a Deus agora estou bom e acho que está na hora de definir a vida. Acho que vou propor a Carla para ficarmos noivos...”

Sabia, intimamente, não possuir condições materiais necessárias.

Verificaria primeiro o “clima” e se possível, oficializaria o noivado.

Esse, o seu panorama.

Carla, alma bondosa e sensível, pressentia que Ricardo, já de per si debilitado pelas recentes dificuldades, sofreria mais que ela com o fim do namoro.

Mas, não seria justo continuar aquela frágil ligação.

Até que um futuro distante chegasse, para modificar o presente, somente à Música ela se consagraria.

O piano seria seu companheiro no caminho desse amor, único e total.

De sua paixão com a Música, perpétua diante dos horizontes visados, somente haveriam de surgir frutos — as execuções artísticas —, em vários concertos.

Sim: não havia espaço em sua vida para namoro, casamento, paixão — só para a Música.

Triste, porém sincera e realista, decidira não mais prolongar o caso, para ela, problema, com Ricardo.

Dos seus projetos futuros e dos seus ideais, aquele que um dia fora seu amor, agora não mais fazia parte.

Na verdade, entre ele e ela, nada mais havia acontecido do que um desses namoros que inauguram a juventude e que não prosperam, passando a fazer parte apenas de lembranças, décadas e décadas após...

O encontro entre os dois jovens foi penoso.

Ricardo, ao aproximar-se da casa de Carla, ouviu os acordes do piano que ela tocava: "Sonata ao Luar", de Beethoven.

A música, saindo pela janela da sala de visitas, onde estava o piano, eletrizava o ar e Ricardo, do lado de fora da casa, sentiu sua alma iluminar-se.

Enlevado, aguardou os últimos acordes para só então tocar a campainha.

Carla estremeceu.

Levantou-se do banquinho, abriu a porta de entrada e convidou Ricardo para entrar.

O moço, automaticamente quis beijar a jovem.

Surpreso, notou que ela não correspondeu, não facilitou a recepção do beijo e com voz bem diferente da usual disse apenas "alô, Ricardo", quando antes sempre o chamava de "amor meu"...

Estendendo a mão, permitiu apenas um cumprimento formal.

Adentrando, Ricardo cumprimentou os pais de Carla.

Nem bem tinha entrado e Ricardo, sentindo "clima glacial", demorou-se um século, ou melhor, um minuto, a convidar Carla para saírem.

O convite, inesperado, aliviou a todos.

Carla concordou.

Os pais de Carla, antecipadamente informados por ela, recebiam a reação do jovem, diante do desenlace que se formalizaria naquele dia.

Estavam, por isso mesmo, apreensivos.

Mas, diante do pesado ar que instalou-se com a chegada de Ricardo, a saída dos dois jovens constituiu-se, para todos, um alívio.

Carla, no passeio a pé que empreendeu com Ricardo, foi direta ao assunto, não dando oportunidade para o ex-namorado reverter a situação.

Ricardo ficou pasmo.

Não esperava tão rude golpe.

Sentiu o chão faltar-lhe aos pés.

Temia, a cada palavra pronunciada por Carla, que seu coração explodisse de dor.

Quando a moça concluiu a exposição do seu pensamento, cuja base se evidenciou ser mais sólida do que um rochedo, condeu-se da lágrima que viu em Ricardo.

Olhos abertos, molhados, dirigidos para longe, como se nada vissem, Ricardo reuniu as últimas energias mentais que possuía naquele instante e disse:

— Não forçarei situação alguma e nem direi palavra qualquer para mudar sua idéia, para mim, verdadeira condenação. No momento em que eu mais preciso de apoio moral e calor para o coração, recebo essa cruel emboscada.

Andaram mais alguns passos em silêncio e Ricardo concluiu:

— Não pense que a condeno. Compreendo suas razões.

Estancando lentamente do pequeno passeio, já quase se acabando, proferiu as últimas palavras que seu peito ainda teimou em pronunciar:

— Carla: você conhecerá a glória e eu a sombra. Depois, muito depois, as coisas mudarão. Nesse dia, que aliás será noite para você, quando a dor chegar e você estiver infeliz, talvez somente eu possa iluminar seu caminho...

Virou-se sem despedir e foi vagando pela noite, em inconsciente busca do "horizonte perdido", qual sombra dos negros pensamentos que lhe iam na alma.

* * *

SURPRESAS DO DESTINO

Ao deixar Carla, Ricardo sentia-se arrasado.

Tinha a impressão de que o mundo estava todo contra ele.

Sua angústia o sufocava.

Lágrimas sentidas foram abafadas pelo seu orgulho de homem.

Parecia-lhe que nas veias o sangue havia sido trocado por ácido.

Uma coisa era certa, no seu incerto futuro: a vida nunca mais seria a mesma!

Deprimido e humilhado, sentiu que do seu interior uma tremenda força estava por eclodir: era a nascente da revolta, geradora incomparável do ódio...

Despreparado para o golpe que o atingira, blasfemava contra o destino, afirmando mentalmente que talvez nem o tempo curaria tão dolorida ferida que Carla lhe abrira na alma...

Não tendo para onde ir, foi para o quartel, onde chegou na hora do pemoite, isto é, vinte e uma horas.

Aos colegas que curiosos perguntaram por que tinha vindo dormir no quartel, respondeu apenas que estava cansado e que ali poderia melhor se refazer. Notou, e mais acabrunhado ficou, que os companheiros se entreolharam, preocupados certamente com alguma possível recidiva das suas já então "famosas" crises...

Mas a noite de sábado foi tranqüila no quartel, bem como o domingo todo.

Na segunda-feira, a vida do Batalhão retomava sua rotina, com todos os militares empenhados em suas diversas tarefas — maioria, na instrução.

Segundo rigoroso cronograma, em três dias todo o aquartelamento deveria se deslocar, para um exercício de adestramento.

Com efeito, tirante o pessoal de segurança que permaneceria, os demais integrantes do Batalhão deveriam acampar por uma semana.

O local escolhido, que apresentava topografia condizente com os exercícios previstos, distava cerca de cento e vinte quilômetros.

Havia uma natural empolgação em todos os militares, diante dessa missão.

Já na véspera, juntamente com seu estado-maior, o comandante do Batalhão inspecionou todas as viaturas, todo o material de acampamento, o armamento, a munição.

Na parte das refeições diárias que seriam servidas, analisou o cardápio, aprovando-o com pequenas modificações. A seguir, determinou testes em todos os fogões de campanha e após presenciar seu bom funcionamento, inspecionou os gêneros alimentícios, verificando que estavam bem acondicionados. Ficou acertado que, como de rotina, os gêneros perecíveis seriam adquiridos diariamente na cidade próxima ao local do acampamento.

À tarde, reuniu os comandantes das cinco Companhias, repassando com eles todo o plano de instrução.

Ao fim do expediente da quarta-feira, o Batalhão foi considerado em "ordem de marcha". A "alvorada" seria às cinco horas, o deslocamento às seis. Por isso, todos os integrantes deveriam pemoitar no quartel. E assim foi feito.

No dia seguinte, rigorosamente dentro das ordens, a primeira viatura do comboio cruzou o portão principal do quartel, rumo à "zona de manobras".

A hora, fronteira cronológica entre a noite e o dia: seis horas.

O comandante do Batalhão, de pé, respondeu à sentinela que estava em posição de "apresentar armas", com o fuzil à frente do peito, sustentado pelas mãos, em rígida posição de "sentido".

O olhar da sentinela, quase que para o alto, parecia querer ver o destino da tropa, tão distante dali...

A banda de música, postada ao lado do portão, no interior do quartel, elegantemente perfilada, executou o Hino da Infantaria, coincidindo a primeira nota musical com a saída da primeira viatura...

Civis, homens e mulheres, e muitas crianças, todos curiosos, do lado de fora do portão, observavam empolgados o desfile dos carros militares, deixando o quartel.

A viatura da frente, um veículo leve, com a bandeirola de comando tremulando sobre o paralama, impunha tom solene àquela cerimônia, pois o coronel — majestosa postura —, mais parecia uma estátua grega.

Seguiam os demais veículos, com pessoal e material, formando extensa fila, cujo começo e fim eram separados quase que por uma “breve eternidade”...

Dentro das viaturas, os militares levavam no peito, alguns curiosidade, por ser a primeira vez que isso acontecia; outros, pensando nas famílias, já saudades; outros mais, a dor da separação dos seus amores; a certeza plena de que cumpririam fielmente com suas obrigações, em todos os escalões de comando, era inerente a todos os militares profissionais — desde os soldados engajados até o coronel comandante.

Só um homem estava combalido: Ricardo. Não conseguia vibrar, como os demais.

Como que para harmonizar todo o pessoal, de forma a que nenhum dos homens destoasse do clima geral de entusiasmo, um incidente de menor importância aconteceu: uma pequena cadela que sempre perambulava pelo quartel, seguia valentemente o comboio, que deslocava-se à velocidade de 45 km/h. Depois de uns cinco quilômetros, a determinação do animalzinho fez com que um cabo a apanhasse, condoído do cansaço que apresentava: aproveitando um momento em que a velocidade diminuiu, numa curva acentuada, agilmente saltou da viatura e trouxe para dentro do veículo a cadelinha “Cereja”.

Essa cachorrinha tinha recebido o apelido de “Cereja” em razão de ter aparecido no quartel, meses atrás, pintada de vermelho. Certo vinha fugindo de algum malvado, buscando refúgio entre os soldados... E, realmente, foi tratada com carinho e respeito, pelo que elegeu o quartel seu novo lar. Adorava militares. Todos. Só se enfurecia quando via algum paisano. Tomara-se exageradamente “militarista”.

Ao se ver no meio de tantos soldados, “Cereja” festejou um por um, após o que pulou no colo... de Ricardo.

— Que forças estranhas e desconhecidas teriam levado a cachorrinha a aninhar-se justamente com Ricardo?

Como conseqüência, Ricardo sorriu e afagou a nova companhia de viagem, que por sinal, dele não desgrudou mais...

A viagem, em marcha regular e regulada, transcorreu sem novidades.

Chegando no acampamento, os militares foram recepcionados por um pelotão de precursores que desde a véspera ali tinha se instalado.

Assim, absolutamente conforme o planejado, em pouco tempo foram montadas todas as barracas, cujos locais já estavam sinalizados pelos precursores.

Esforçando-se em não demonstrar mágoa, Ricardo lembrava-se de Carla, cujas recordações o machucavam mais que os calos que arranhou no destreinado manuseio das enxadas e marretas, na preparação e instalação da barraca do seu pelotão.

Desincumbiu-se corretamente de suas obrigações, sempre “vigiado” de perto por “Cereja”, já agora sua companheira inseparável.

Pensando que estava ali e Carla a dezenas de quilômetros, o acampamento tinha para ele o sabor de um pic-nic na borda de um vulcão, prestes à erupção.

Embora estivesse rodeado de centenas de companheiros, somente o pequeno animal conseguia, de alguma forma, comunicar-se com ele.

Não estava prevista instrução para a primeira noite daquele exercício no campo.

Ricardo, por volta da meia-noite, não conseguira ainda dormir. Levantou-se e procurou a fossa séptica que havia ajudado a instalar, recuada cerca de cinquenta metros das demais barracas.

Atendida sua necessidade fisiológica, sentou-se no meio do caminho e pôs-se a contemplar as milhares de estrelas que lá em cima brilhavam, solenes, soberbas, silenciosas...

“Cereja”, solidária com ele...

Em pensamentos controversos, ora Carla era um anjo, ora um demônio...

Foi “Cereja” que deu o alarme de que havia gente por perto. Ricardo levantou-se, meio assustado e viu três colegas que, sorrateiramente aproximaram-se. Seu instinto avisou que alguma coisa estava errada. Um dos soldados, ao vê-lo, fez sinal de silêncio e

ofereceu-lhe uma garrafa, cujo forte cheiro contava que tinha pinga. A oferta foi aceita. Uma dose; outra; outra mais... Uma segunda garrafa foi aberta...

Em pouco tempo, os quatro soldados estavam semi-embriagados. Sem possibilidades de andar, deitaram na grama.

Ricardo, excitado pelos pensamentos da sua mágoa, começou a cantar em voz alta.

Sobressaltados, vários militares vieram verificar o que estava acontecendo.

Estava acontecendo uma grave transgressão: militares embriagados, num exercício de manobra! Inaceitável!

O flagrante desrespeito ao regulamento disciplinar era indiscutível.

Todos os militares haviam sido advertidos quanto à proibição de consumir bebidas alcoólicas em recinto militar ou em quaisquer outros locais de instrução.

Aquela transgressão era deliberada, consciente.

O sargento rondante determinou que os infratores fossem conduzidos à barraca de material, sendo ali deixados, com sentinela instruído para não deixá-los sair, sob nenhum pretexto.

Na manhã seguinte, bem cedinho, como estivessem em lastimáveis condições, pois haviam vomitado nas fardas, os quatro foram obrigados a tomar banho.

A temperatura estava muito fria e a água estava gelada.

Nem por isso, foram poupados: aliás, foi o que os despertou, completamente.

A barraca de material passou a se constituir em barraca-prisão, pois, nas demais noites, os quatro transgressores ali eram recolhidos, permanecendo, sob escolta, até a manhã seguinte.

Demonstrando solidariedade, "Cereja" também se recolhia naquela barraca, dormindo embaixo da cama de campanha de Ricardo.

Todos os exercícios foram realizados, o planejamento cumprido e assim, após uma semana, os militares retornaram à sede do aquartelamento.

À chegada da tropa no quartel, a mesma cerimônia da partida repetiu-se, com a banda executando o mesmo hino e igualmente com centenas de civis admirando toda aquela movimentação.

Os soldados transgressores, que haviam se embriagado, foram submetidos ao regulamento disciplinar. Foi-lhes imputada pena de prisão por quinze dias, sem fazer serviços, isto é, deveriam permanecer

confinados em tempo integral nas dependências da cadeia interna do quartel.

"Cereja", ali, não teve permissão para entrar...

O comportamento, dos quatro, foi rebaixado de "bom" para "insuficiente".

Todos os participantes do exercício, após a descarga, manutenção e recolhimento de todo o equipamento às reservas de material dos subtenentes, foram dispensados.

Enquanto iam ansiosos ao encontro de seus familiares, de suas namoradas, "o quarteto da madrugada", como passaram a ser chamados Ricardo e seus três colegas de bebedeira, ficou preso.

Os três soldados que haviam oferecido bebida a Ricardo, choravam quase que dia e noite, mais à noite, inconformados com "tão grande desgraça".

Ricardo, não: — o que tinha ele da vida? família? namorada? amigos? por que chorar? chorar o que?...

Em meio à punição, certa noite foi realizada revista na prisão, pela guarda. O sargento comandante da guarda, secundado pelo cabo da guarda e mais três soldados, todos armados, adentraram na cela. Determinaram aos presos que colocassem sobre o chão todos os seus pertences. Ricardo, expressão vaga, como se sua alma não estivesse ali, obedeceu mecanicamente. Colocou tudo que tinha no chão: objetos de uso pessoal, tais como pente, escova de dentes, pasta dental, sabonete, desodorante, toalha, aparelho de barbear, um pequeno rádio transistorizado, cuecas, meias e peças de fardamento.

Após a revista no armário de cada um dos presos, a equipe da guarda se retirou.

Ricardo recolocou seus pertences no armário.

Ligou o rádio, baixinho.

Exatamente naquele instante iniciava-se, na estação sintonizada, a "Sonata ao Luar", em solo de piano.

Ricardo sentiu um arrepio gelado percorrer-lhe o corpo todo.

O sargento, que já estava do lado de fora da cela, estacou.

Gostava muito daquela música e parou para ouvir um pedacinho dela.

Vendo Ricardo com o rádio à mão, disse-lhe:

— Soldado, por favor, aumente um pouquinho o volume.

— Pois não, respondeu-lhe Ricardo.

Dirigindo-se até às grades, como que querendo livrar-se de tão dolorosa lembrança que a música lhe trazia, ofereceu o rádio ao comandante da guarda.

Psicologicamente, talvez, pensasse que o rádio saindo da cela, com ele sairia também seu problema: as saudades de quem tanto amava...

A música, incutindo-lhe tristeza e nostalgia, parece que tinha sido feita só para espelhar seu sofrimento, por isso, só de ouvi-la, recrudesciam sentimentos controversos, ora de amor, ora de ódio...

O inusitado gesto de um soldado preso tratar com gentileza o sargento comandante da guarda impressionou o graduado.

Com efeito, o Sargento Balduino, recebeu o rádio.

Permaneceu no lugar, ouvindo a música até o fim.

Após, devolveu o aparelho e num gesto espontâneo, de agradecimento, estendeu a mão por entre as barras e cumprimentou Ricardo.

Os que viram a insólita cena espantaram-se, não captando sua origem no sentimento que supera quaisquer barreiras: a fraternidade.

Dali, de onde estavam, separados apenas pelas barras de aço da porta da cela, ambos instintivamente olharam para o céu: lá estava a Lua, alta no céu, toda iluminada; a luz que a envolvia, ela generosamente distribuía para toda a Terra. Embora pálida, se comparada com o Sol, era majestosa ao vencer as trevas da noite terrena, que ela amenizava com tudo o que tinha de melhor para ofertar: o luar!

* * *

O DESPERTAR DA MEDIUNIDADE

Ao ser cumprimentado pelo Sargento Balduino, ao contato das mãos, Ricardo sentiu uma corrente elétrica percorrer-lhe a espinha.

Aquela sensação, sentida pela primeira vez na vida, causou-lhe momentâneo mal-estar.

Sentiu uma onda de calor no corpo e sem que pudesse impedir, por compulsão, nem sabendo o que dizia, mecanicamente falou:

— Sua filha está muito doente...

Balduino, por sua vez, sentiu um forte abalo emocional: uma hora atrás sua esposa, Armanda, telefonara para informar que a filha, Claribel, apresentava febre altíssima, não conseguia mais falar. Não estava passando bem. Disse mais Armanda: iria procurar um pronto-socorro, pois àquela hora não mais encontraria médico em consultório. Depois voltaria a dar notícias.

O sargento estava aflito, aguardando novas informações, a qualquer momento.

Só ele, no quartel, sabia da doença da filha.

Trêmulo, balbuciou:

— Como... você... sabe?

Ricardo, agora com os olhos vidrados, sem piscar, respondeu:

— Ela está medicada. Já está em casa, dormindo. A crise já passou...

— Como você sabe? insistiu Balduino, elevando a voz.

Ricardo mantinha-se estático.

Num gesto brusco o graduado atravessou os braços por entre as grades, agarrou-o pelos ombros e gritou:

— Como você sabe?!

Como que despertando de um transe hipnótico, o soldado acordou e assustou-se.

Sem reação, olhou o sargento que o chacoalhava violentamente e respondeu:

— Não sei... não sei... Quando o senhor deu-me a mão eu ouvi dentro da minha cabeça que sua filha estava doente. Logo em seguida vi sua esposa saindo dum hospital, com ela.

Depois, vi que estavam em casa, com a menina dormindo.

Respirando fundo, completou:

— Não sei explicar nada, nunca vi sua família e nem como sei que eram sua mulher e sua filha...

Balduino estava sem fôlego.

Estava transtornado.

Soltou o soldado e dirigiu-se para o telefone, pensando em ligar para casa.

Nesse preciso momento o telefone tocou.

Com pensamentos atribulados Balduino atendeu: era sua esposa! Seu coração, momentaneamente, parou.

Com emoção ouviu a feliz notícia que sua filha já fora medicada no hospital: tivera forte crise de amigdalite, já superada, por antibióticos e antitérmicos, tanto que tinha sido dispensada para retornar para casa. Em uma semana os médicos iriam extirpar as amígdalas, segundo diagnosticaram. Estava fora de perigo, dormindo tranqüilamente, àquela hora.

“Graças a Deus”, disse Balduino, desligando o telefone.

Com os olhos molhados, de tanta alegria e emoção, voltou à cela, abriu-a e abraçou Ricardo demoradamente.

Sem que palavra fosse pronunciada, todos adivinharam a notícia recebida.

Ainda mais porque Balduino, num gesto impensado, beijou as mãos de Ricardo.

Chorava o Sargento.

Claribel, única filha, era seu maior tesouro.

Sem entender o que se passava, Ricardo, emocionado também, começou a chorar. Os outros militares igualmente não puderam conter a emoção e surpresos viam teimosas lágrimas descendo pelas faces, uns dos outros...

Num quartel, numa noite de serviço, todos os espíritos ficam predispostos a prestar maior atenção aos fatos; eis porque o pessoal

da guarda, junto com os presos (estes sensibilizados pela ausência de liberdade), irmanaram-se espiritualmente naquele momento, participando da alegria daquele pai.

As faces jovens dos soldados, molhadas de lágrimas, apresentavam singular quadro de união de almas díspares...

Na semana que antecedia às comemorações da Independência da Pátria, o aquartelamento vivia um clima festivo. Haveriam solenidades, entrosados atos militares a atos cívicos.

Da parte militar, haveria formatura geral, em uniforme de parada, com desfile de homens e viaturas pelas ruas da cidade, juntamente com outras Unidades Militares.

Algumas atividades esportivas estavam previstas, entre equipes de militares, de vários outros quartéis, entremeadas de equipes civis, de várias escolas, associações culturais, clubes esportivos etc.

Após o desfile, as competições. Após estas, o almoço.

Coroando as cerimônias comemorativas haveria uma noite de gala, no salão nobre do aquartelamento, presentes as autoridades militares, civis e eclesiásticas.

Para essa noite especial, estavam previstos números musicais, ao piano, palestra alusiva à data, seguida de baile, com traje a rigor.

As providências já estavam quase que completadas: todos os convites já haviam sido expedidos; o pessoal do quartel prepararia e serviria o coquetel; a orquestra para o baile já estava contratada; convidado o orador (culto estudioso da história castrense), este confirmara presença.

Só faltava o pianista...

O encarregado geral das providências era o oficial de relações públicas.

Estava ele comentando com um outro oficial a dificuldade para conseguir o pianista, quando André Luiz, que estava presente naquele momento, ouviu o comentário. Lembrou-se de Carla.

Prudente, procurou Ricardo e contou-lhe que o quartel estava procurando um pianista:

— Não poderíamos convidar Carla?

— Convide você. A mim não me importa e nem me agrada lembrar dela... Ademais, a festa é só para os oficiais e à noite pretendo estar bem longe daqui.

Diante da resposta, André procurou o oficial encarregado e ofereceu-se para ser portador do convite à sua conhecida, pianista clássica, ora em ascensão profissional.

Carla já tinha o nome sendo positivamente divulgado na cidade, como pianista. O oficial fez essas verificações e decidiu por convidá-la.

André, ao entregar o convite à amiga, teve dificuldade em convencê-la a aceitar tão honrosa incumbência. Só o conseguiu quando informou que Ricardo não estaria presente, já que ao baile, só compareceriam os oficiais, convidados especiais e seus familiares.

Algo suspeitosa, temerosa de ver Ricardo, Carla chegou ao quartel.

Foi recepcionada pelo capitão Andes, mestre-de-cerimônias.

O clima festivo, impregnado de civilidade, predispunha as pessoas a um agradável estado de espírito.

Por isso, nem Carla nem Andes, no primeiro momento que se viram, perceberam, de pronto, que algo os envolveu, numa aura de sentimentos, estranhos, mas de uma suave magia..

O calor que lhes assomou à face foi debitado ao astral reinante.

Após a orquestra executar o Hino Nacional, que foi acompanhado pelos presentes, chegou a vez da pianista executar seus números.

Foi brilhante.

Na seqüência, a palestra cívica.

Ao iniciar o baile, Andes procurou Carla para com ela dançar, o que foi do gosto de ambos, tanto que isso repetiu-se, até o término...

Por estranha coincidência, Ricardo foi escalado para sentinela, naquele dia.

Isso ocorreu inesperadamente, por alterações na escala, feitas na véspera. Estava num posto afastado do portão de entrada, por isso não viu a chegada dos convidados. Eram quatro horas da madrugada quando, deixando seu posto, após cumprir outro turno de plantão, dirigiu-se ao alojamento da guarda.

Ouvindo os últimos acordes da orquestra, encerrando o baile, num misto de curiosidade e atração, ficou estrategicamente posicionado, de forma a não ser visto, mas podendo ver os convidados que se retiravam.

Ouvira, horas atrás, do corpo da guarda, sem poder dali afastar-se, o maravilhoso som do piano que sua ex-namorada tocava. No íntimo, pensava que ela talvez tivesse ido embora, logo após a participação musical.

Então, para fulminar de vez seus sentimentos, testemunhou Andes e Carla saírem de mãos dadas do salão nobre e encaminharem-se para o estacionamento.

Seguiu-os, escondido.

Melhor teria sido não fazê-lo, pois presenciou o oficial atrair para si a formosa pianista, com ela trocando um apaixonadíssimo beijo...

O flagrante foi terrível para Ricardo.

Incapaz de sufocar no peito a dor de tão grande decepção, seu cérebro, por um momento fugaz, não comandou suas ações e deixou cair a arma, fazendo barulho no asfalto.

O casal, mesmo no enlevo da paixão que os dominava de forma tão inesperada quão fulminante, assustou-se.

Andes, tomando a iniciativa, acorreu para onde vinha o barulho, tenso e alerta, para certificar-se do que se tratava. Vendo Ricardo, ambos olharam-se estupefatos: não havia palavras, de parte a parte, que pudessem justificar as cenas dos últimos segundos.

Antes que palavra fosse pronunciada ou que gesto qualquer fosse feito, Carla aproximou-se também e, ao deparar com Ricardo, não conteve o espanto, soltando um grito de surpresa.

Andes amparou-a, temendo algum mal.

Tomando a iniciativa, determinou ao soldado que retornasse ao corpo da guarda, de onde não deveria ter se afastado, no que foi prontamente obedecido. A seguir conduziu Carla à sua residência.

Nenhum dos dois teve condições de comentar o acontecido.

No dia seguinte Andes providenciou para que o veículo da pianista fosse levado à sua dona.

Também nesse dia Ricardo foi punido; agora, por ter deixado a arma cair, danificando-a. O fato, considerado incúria com armamento sob sua responsabilidade, redundou-lhe numa punição média: oito dias detido, além de ter que indenizar a peça que quebrou com a queda.

Por tudo isso, mais revoltado e taciturno ficou.

Vários colegas afastaram-se dele.

Só André Luiz e a cadelinha "Cereja" não o abandonavam...

O capitão Andes, de sua parte, agindo com seriedade e com honradez, não questionou Carla sobre a surpresa manifestada quando viu Ricardo. Intuiu que ela era a namorada que seu comandado perdera, mas que não conseguia esquecer...

Carla, naquele momento de tanto romantismo, de incomparável sensibilidade, ao deparar com o antigo namorado, não pode evitar que suas emoções se entrecocassem, traindo-a.

Em casa, mesmo com a noite já se acabando, não conseguiu adormecer.

O amor, que inopinadamente a visitara, tinha rompido, de forma devastadora, as barreiras que ela construira no seu coração.

Não conseguia explicar como se apaixonara tão depressa por Andes.

E, menos ainda, como o destino tinha sido tão cruel, em trazer Ricardo para ser testemunha ocular dessa paixão.

Quando o sol já tinha assumido o comando da luz para o mundo, levantou-se.

Passou o dia meditando, meditando...

À noite, ligou para André Luiz. Sabia-o amigo sincero de Ricardo. Em poucas palavras, narrou o acontecido. Ficou constrangida ao saber que Ricardo fora punido, de uma forma ou de outra, por sua causa.

Na rotina militar, o incidente entre o capitão e o soldado foi superado, já que nenhum desdobramento ocorreu e ambos nada comentaram, entre si, a respeito.

Ricardo cumpria seus afazeres. Não ficou com mágoa do seu comandante. Nem pensou em interpelá-lo, até porque, além disso ser absolutamente contra a disciplina militar, os fatos tinham conotação particular, sentimental. Sua revolta toda era voltada contra Carla: "como ela pudera traí-lo, justamente com o capitão? — será que já se conheciam? — não, não: devem ter se conhecido no baile, e assim, como é que já poucas horas depois estavam se beijando daquele jeito? — será que ela merecia seu sofrimento?"

Sua angústia era crescente, dia-a-dia, na punição que teve que cumprir.

Sua alma doía muito: pensava que não mais amava Carla, no entanto, só de vê-la, recrudesceram no seu coração todos os sentimentos que julgava mortos...

Porém... o ciúme, gerador incomparável de ódio, dominou-o completamente.

Assim, de amor, transformou em ódio, o que sentia por Carla.

E esse ódio, vindo das nascentes tortuosas da paixão, alastrou-se qual fogueira em campo de mato seco, começando com uma fálsea e depois alcançando áreas distantes, causando sempre incalculáveis prejuízos.

Com efeito, Ricardo decidiu que dali para frente nunca mais se apaixonaria por mulher alguma...

Tal insensatez, a cada amor contrariado, já deve ter cansado os céus...

Andes decidiu que não questionaria Ricardo sobre Carla.

Ouvido como testemunha no inquérito instaurado para apurar o dano na arma de Ricardo, declarou apenas que surpreendera o sentinela longe do seu posto e do corpo da guarda. Quanto ao incidente com a arma, não presenciara dolo, apenas desatenção.

Naquela noite após o baile, início de manhã quase, também não conseguiu dormir.

Passou o dia pensando em Carla, rememorando os agradáveis diálogos que com ela mantivera, sua apurada técnica no piano, sua bela figura de mulher, seu calor, aquele beijo...

— E Ricardo? A reação de Carla demonstrara cabalmente que ela era a namorada pela qual ele tanto sofria.

Solteiro, correto, digno, alma sensível, nos seus vinte e sete anos nunca uma mulher o impressionara tanto. E ainda mais: nunca se apaixonara antes. Sim, porque agora, poucas horas após conhecê-la, sabia que a amava.

Nos dias seguintes ao baile, literalmente noite e dia, dia e noite, só via Carla em seu pensamento.

Passada uma semana, decidiu procurá-la.

Telefonou para a moça, denotando, mesmo à distância, o quanto ela ficara feliz com seu chamado e convite para um encontro.

Encontraram-se.

Contraídos a princípio, em menos de duas horas de passeio a pé pela iluminada avenida, deram-se as mãos.

Há muito suas auras já estavam entrelaçadas...

Mas, ao toque corporal, o amor acabou definitivamente com quaisquer dúvidas: estavam apaixonados, um pelo outro.

É notável como o corpo fala, nem sempre pelas cordas vocais... Chegaram a uma praça e sentaram-se.

A fonte luminosa, toda engalanada, coloria o centro da praça. Um alto-falante, fanhoso, mas romântico, oferecia belas músicas. As águas, em delicadas nuances, subindo e descendo, com matizes que se alternavam, fizeram pano de fundo para as primeiras notas musicais da "Sonata ao Luar"...

Andes e Carla apertaram-se fortemente as mãos.

O calor que emanava de seus corpos, reflexo das luzes íntimas que brilhavam mais que as da fonte à sua frente, significou uma declaração recíproca.

Trêmulo de paixão, vibrante de dulcíssimas emoções, Andes beijou demoradamente Carla.

— Eu te amo!, disse.

— Eu te amo!, ouviu.

A fonte luminosa, eterna aliada dos namorados, congelou o tempo para os dois.

Esses são aqueles segundos que se transformam em séculos de felicidade, pois representam o reencontro de duas almas afins, unidas em similar roteiro celestial, traçado desde remotas eras.

A expressão "almas-gêmeas" nasceu dessa bênção divina — a do complemento-metade de cada alma —, sendo certo porém, que atingida a evolução terrena, alcançada a angelical, o amor agora será por tudo e por todos, e não, majoritariamente ou de forma diferenciada por apenas um ser. Porque não é crível que um espírito puro possa amar alguém, particularmente, de forma diferente que aos demais irmãos, filhos de Deus que todos somos.

Justo é pensar-se que o amor universal, o amor de Jesus por exemplo, é o mesmo para todos, não havendo exceções.

Considerando que sejam talvez centenas as vidas sucessivas que nos conduzirão à emancipação dos nossos defeitos e das nossas más tendências, até se pode compreender que nesse longo caminhar a alma que nos acompanha possa, "provisoriamente", ser chamada de "metade-eterna".

Numa manhã, quando os militares se preparavam para entrar em forma, atendendo à ordem do sargenteante da Primeira Companhia, alguns soldados, vendo Ricardo macambúzio, galhofaram:

— Olha o louco, olha o louco... Você, louquinho: quando vai ter outro acesso? Vai urrar mais alto dessa vez...?

E mais alguns gracejos infelizes foram dirigidos.

Era a primeira vez que colegas o desrespeitavam, chegando quase à agressão.

Colhido de surpresa, Ricardo sentiu que cada frase cortava sua alma qual afiada faca corta carne. Olhou para o chão, olhou para o céu, para a esquerda, para a direita... Os pés, imóveis, grudados no chão. Não pensava evadir-se. Nem responder. O coração passou rapidamente à taquicardia. Nervos tensos, pupilas dilatadas, estava à beira de grave reação, talvez violenta, talvez síncope...

Nesse exato momento André Luiz aproximando-se e percebendo o que se passava — todo o constrangimento de Ricardo e toda a maldade dos colegas —, interferiu:

— Parem com isso!

A voz incisiva, sem brandura, sem significar pedido, era uma ordem.

Seja pela superioridade moral de André, seja por receio de complicações, o grupo de desrespeitadores se desfez.

Ricardo, lívido.

A voz e a razão lhe faltavam.

André, compreensivo e protetor, colocou a mão no ombro do amigo e, conselheiro, exortou-o ao equilíbrio:

— Não ligue para a maldade.

Saindo do torpor, Ricardo realinhou-se. Olhou André como se o visse pela primeira vez, agradecido mas raivoso:

— Eles vão me pagar.

— Nada disso, nada disso: o mal volta-se para quem o pratica, sem necessidade de ninguém se vingar.

De alguma forma confortado, Ricardo acalmou-se.

Como de costume, o sargenteante, agitado, determinou que em trinta segundos queria ver a Companhia formada.

Pois, em menos de vinte, a ordem estava cumprida...

Aliás, desrespeitar o sargenteante, logo pela manhã, era sinônimo inexorável de terrível castigo: ficar de guarda no quartel, no próximo fim de semana...

Tal regra, se de um lado beirava à arbitrariedade, de outro vinha mantendo (há muitos anos!), em excelentes níveis cronológicos, as formaturas da Primeira Companhia...

Três dias após, estando o infeliz incidente com os colegas quase que inteiramente esquecido, eis que novos fatos vieram reavivá-lo:

quando Ricardo foi jogar futebol, na instrução de educação física, alguém gritou, do meio dos soldados:

— ó louquinho, vai ou não vai urrar?

Ricardo mordeu os lábios. Sabia que eram para ele aquelas palavras.

“Decisivamente, querem briga”, pensou.

Não identificou quem pronunciara aquelas palavras, que não foram repetidas.

Sua revolta encontrou um só desaguadouro: projetos mentais de vingança.

André Luiz, percebendo o estado de exaltação que se encontrava o amigo, convidou-o, fraternalmente, para naquele dia jantar com sua família.

Não admitiu evasivas.

Um tanto quanto apático, Ricardo aceitou.

Após o jantar, conversando com os pais de André, foi informado sobre a reunião mediúnica levada a efeito quando ele estava no Hospital Militar.

Agradecido, compreendeu que forças espirituais o haviam liberado de pesada provação, devendo isso àquela família tão bondosa.

Refletindo sobre todos os acontecimentos relativos às suas crises, começou a entendê-los melhor, pois até aquela noite, vivia buscando uma explicação.

Foi aconselhado pelo casal a não se deixar dominar pela vingança.

“Sendo jovem”, disseram eles, “certamente sua vida lhe reserva muitas felicidades, junto a alguém que você ame”.

Retirou-se, sensibilizado pela acolhida fraterna.

Dias após, meditando ainda sobre os conselhos dos pais de André, decidiu que procuraria Carla, para ter com ela um último diálogo. Se necessário, pediria perdão pelo acontecido na noite do baile. Confessaria, inclusive, que embora amando-a, desejava que fosse feliz... talvez com o capitão Andes.

Seus propósitos, eram assim, elevados.

No sábado seguinte, sem avisar, dirigiu-se à casa de Carla: perdera seu amor, porém tencionava resgatar seu respeito.

Reconditamente, mantinha acesa pequenina chama de esperança de que talvez ela não estivesse namorando ninguém... especialmente, o capitão Andes.

Tocou a campainha.

Moacir, o pai de Carla, atendeu.

Sem sequer parar um segundo para pensar, foi logo dizendo, grosseiro:

— Ora, ora! Vejam só! O que você quer?

— Ver Carla...

— Carla está ocupada.

— Por favor, é só um minutinho...

— Mas eu já disse que ela está ocupada. Não insista. Vá embora.

— Por favor... pelo menos quero vê-la...

— Você está sendo atrevido e isso eu não vou tolerar. Retire-se!

— Sr Moacir: eu preciso ver Carla...

— O que você precisa, mesmo, é de um bom psiquiatra...

Nesse ponto, ânimos exaltados, interlocutores já falando exageradamente alto, quase aos berros, as últimas palavras do pai de Carla, demonstraram que ele sabia das recentes atribuições de Ricardo.

Percebendo de imediato, o jovem abaixou o tom e reunindo o que talvez fossem suas últimas forças para não explodir, perguntou:

— Por que psiquiatra...?

— Porque você desde que foi para o Exército anda fazendo umas coisas de louco...

— Por favor, Sr Moacir: não é verdade.

— Verdade ou mentira, pelo simples fato de você vir aqui procurar Carla, já mostra que está mesmo louco...

— Não diga isso, Sr Moacir. Eu não estou louco!

Profundamente magoado, Ricardo começou a soluçar.

— Moleque... moleque... louco: ou você cai fora ou chamo a polícia, arrematou Moacir, em altos brados.

A ameaça descontrolou Ricardo.

Ja voar no pescoço de Moacir para agredi-lo, quando, atônito, viu que de dentro da residência, vinham Andes, Carla e Jussara, sua mãe.

Num segundo, captou tudo: Carla e Andes estavam namorando. Definitivamente, ele, Ricardo, era carta fora daquele baralho...

Derrotado, fez meia volta e como que querendo banir da mente aquela cena e os personagens que ficaram para trás, retirou-se rapidamente, sem dizer palavra.

Jussara abraçou Moacir, implorando-lhe acalmar-se.

Os namorados, compreenderam toda a extensão do ocorrido.

Aliás, quando Ricardo tocou a campainha, estavam Moacir, Jussara, Carla e Andes na cozinha, nas lides de um pequeno lanche. O dono da casa prontificou-se a atender. Por isso demoraram os três a se dar conta da anormalidade à porta de entrada. Somente quando o homem elevara bastante a voz é que foi dado o alarme para eles, que imediatamente vieram verificar o que estava acontecendo.

Condoídos, Andes e Carla ainda chegaram à calçada, para de alguma forma harmonizar Ricardo. Anteriormente, já haviam decidido conversar com ele sobre seu namoro, esperando tão somente uma oportunidade adequada. Talvez aquela não fosse exatamente a hora certa, mas, em rápida troca de idéias, decidiram que o melhor seria esclarecer tudo, ali mesmo, logo de uma vez.

Vendo que Ricardo dobrava a esquina, correram para alcançá-lo, mas só viram um vulto que desaparecia na escuridão...

* * *

SÃO VÁRIOS OS CAMINHOS...

“São vários os caminhos que levam ao Senhor...”

Modernamente se pode dizer também que várias são as maneiras, veículos e velocidades pelas quais e com os quais os caminhos podem ser percorridos.

Embora no sentido figurado, tal assertiva se ajusta perfeitamente ao modo de viver de cada um de nós.

Normalmente, quando a criatura humana é contrariada, ou ofendida, ela reage com igual ou maior grau à ofensa recebida.

Quando se trata de violência física, o atingido tem sempre ímpetos de também agredir e se possível, não só pagar com a mesma moeda como ainda acrescentar alguns juros...

No campo das ofensas morais, ou do vazio existencial, onde o Espírito é o mais prejudicado, o homem, com grande infelicidade, vem reagindo, ao longo dos tempos, de várias formas:

— quando ofendidos por alguém, alguns há que se esmeram em vinganças maquiavélicas; não se importam em destruir mais pessoas, desde que o ofensor seja destruído; não se importam em gastar grandes somas; não se importam em se prejudicarem mais ainda, desde que a vingança se consume;

— outros, quando a Vida, no seu entender, se lhes torna madrastra, encerram-se dentro de si mesmos; essa reação a Psicologia busca explicar, chamando-a de “fuga psicológica”, na qual o ego

esconde-se na alma, assim como o avestruz que enterra a cabeça na areia para fugir de um problema, ou de uma perseguição qualquer; daí a surgirem neuroses ou psicoses, é um passo; danos físicos, quase sempre, logo se fazem presentes;

— há os que afogam as mágoas na bebida; o prejuízo, nesse caso, envolve ele próprio, seus familiares e por extensão a sociedade; buscando assim manterem-se afastados do problema, quedam-se embriagados, às vezes por vinte e quatro horas diárias; instalada a dependência, com ela, mais dia, menos dia, a ruína física e moral pode desembocar na morte;

— similares aos alcoólatras muitos há que, à falta de um ideal, frustrados, atiram-se no trevoso mundo dos tóxicos, para compensar a descompensação motivada pela inexistência de objetivos.

Há outros descaminhos.

Todos os que os percorrem, sem exceção, tornam-se sombrios, porque infelizes.

A vingança ou a não aceitação das provas da vida, necessariamente levam o homem à infelicidade.

Se já há mágoa, ações físicas ou atitudes morais realizadas sob revolta, quais as acima, não resolvem o problema. Pelo contrário: acrescentam novos ingredientes ao já desagradável caldo.

Não foi sem razão que há quase dois mil anos, dividindo a História da Humanidade, o Cristo aconselhou: *Perdoai aos que vos magoam. Vinde a mim, todos vós que estais aflitos, pois eu vos aliviarei. Meu jugo é suave e leve meu fardo. Todo aquele que quiser o Reino dos Céus, tome sua cruz e siga-me.*

O Mestre, ao assim lecionar, proferindo tão sábios conselhos, sabia que nós — seus irmãos menores —, somos endereço constante para a dor. Sabia também que a dor, embora seja ela própria uma mestra compulsória, que ensina muito bem, tem estado ao lado dos teimosos alunos, como convidada, jamais como anfitriã. Os convites que fazemos a ela — à dor —, são expedidos pelas nossas fraquezas, dentre elas a vingança, o egoísmo, orgulho e vaidade.

E é da Lei de Causa e Efeito que tais convites sejam irrecusáveis...

— Na origem do homem a dor já estava com ele?

— Mas, qual foi essa origem?

— Quem sabe?

Tais perguntas talvez não encontrem respostas adequadas no âmbito do conhecimento humano. Os mistérios do nosso planeta Terra, no tocante à origem da vida, estão muito além da capacidade humana em decifrá-los.

Contudo, na consciência, cada ser traz bem iluminada a certeza de que a Justiça Divina jamais puniria a quem quer que fosse, sem que existisse débito anterior.

Aliás, com Jesus esboroou-se a concepção de um Pai vingativo, sempre pronto a punir Seus filhos, quando em erro; ou a conceder prêmios, aos justos e caridosos. A questão fundamental da infelicidade ou da felicidade do homem sobre a Terra, foi equacionada magistralmente de forma judiciosa, quando Ele proclamou que “a cada um segundo suas obras...”. Assim, se há punição, essa não parte do Pai, mas tão somente do punido, que ao usar seu livre-arbítrio, optou por má ação. Inversamente, aquele que age corretamente, que é virtuoso, que “ama ao seu próximo como a si mesmo”, esse tem o maior dos prêmios, obtido igualmente por auto-outorga: a Paz de espírito!

Allan Kardec, dezoito séculos depois de Jesus, ao codificar a Doutrina dos Espíritos — o Espiritismo —, equacionou a Reencarnação, como sendo o mecanismo pelo qual o Espírito, em diversas vidas, sucessivas, adquire aprendizado, ao tempo que resgata dívidas. E esse mesmo Espírito, reencarnando várias vezes, tendo em cada vida um corpo diferente, traz consigo um balanço do que foi e do que fez.

Ricardo, extremamente humilhado e desgostoso, sentindo o chão lhe faltar nos pés, andou a esmo por muito tempo, vencendo quarteirões, ruas, bairros.

Não sabia que horas eram quando ouviu sons de atabaque e de tambores.

Como que saindo de uma floresta escura, onde estivera perdido, buscou identificar de onde vinham aqueles sons. Sabia que já era tarde da noite. Não era normal que alguém estivesse se distraíndo daquela forma àquela hora. Dirigiu-se para o rumo de onde vinham os sons — um grande salão —, e entre aborrecido e confuso, viu uma placa sobre a porta de entrada:

TENDA DE UMBANDA CABOCLO FLECHA AZUL

Numerosas pessoas deviam estar lá dentro, pois ouvia-se grande algaravia.

Na porta da Tenda, um homem idoso, de semblante amistoso, cumprimentou Ricardo, que retribuiu.

O jovem ia passar ao largo quando sentiu, bem dentro do peito, que um calor súbito o envolveu. Imediatamente recordou as perturbações que tinha sofrido: desmaio no alojamento, briga e desmaio no refeitório, outro desmaio na instrução, além de vários problemas no quartel.

“Sem dúvida”, pensou, “estou à beira de um novo desmaio...”

Reagiu mentalmente, dizendo a si mesmo que não desmaiaria dessa vez...

Contudo, cambaleou, invadido que foi por leve torpor.

Sem perder a consciência, mas sem poder andar, seu Espírito entrou em grande aflição. Sentindo as pernas bambarem, sufocou um grito que quase escapou. Foi amparado pelo porteiro da Tenda, que prestimoso o acudiu. O homem chamou ajuda e logo duas pessoas vieram do interior do salão, acorrendo ao chamado. Levaram o desconhecido para o interior da Tenda, onde as atividades religiosas não se interromperam. Era forte o cheiro de vela e de cachaça. Um senhor de meia idade, com vários adereços no pescoço, aproximou-se de Ricardo: era o chefe da reunião. Os homens que haviam ajudado a trazer Ricardo para dentro disseram alguma coisa ao ouvido do homem. Por ordem deste, puseram o visitante numa cadeira e afastaram-se.

O *babalorixá* (pai-de-santo) da Tenda, em gestos lentos, ergueu as mãos para o céu e começou a voltar a cadeira em que Ricardo estava. Após dar algumas voltas, tirou um colar do seu pescoço e colocou no visitante, por ele considerado “atacado” por forças espirituais negativas. O colar era formado de dentes de lobo, sementes de “olho-de-cabra” e algumas figas de osso, incrustadas em pequenas argolas de ouro. A um sinal seu, os toques de tambores e atabaques cessaram. Mulheres e homens pararam de cantar. O silêncio era total. O pai-de-santo postou-se em frente a Ricardo e colocou as mãos em seus ombros. Iniciou gestos largos e longitudinais, à semelhança de massagem da cabeça aos pés, estalando os dedos sobre a cabeça do visitante.

A seu comando, os instrumentos voltaram aos sons vivos e algumas pessoas a cantar.

Mulheres, com vestidos compridos, até os pés, entoavam “pontos” cabalísticos.

No salão, exceção de Ricardo, todos vestiam branco.

Na parede do fundo, um altar enfeitado de flores e fitas coloridas, além de algumas velas acesas, emolduravam a imagem de um “Guia”. A imagem era de tamanho médio e pintada na cor preta, reluzente.

Abaixo do altar, pintado na parede, a figura imponente de um índio, com arco e flecha armados. A flecha era da cor azul...O recinto era um salão rústico, de grandes proporções: no centro dele estava uma panela com brasas, algumas garrafas de cachaça, velas acesas e vários desenhos e sinais riscados no chão, a giz. Em volta daquele ponto central, alguns homens e mulheres rodopiavam velozmente. De vez em quando, um punhado de ervas específicas, lançadas na panela, exalavam aromas fortes, qual incensório.

Foi aí que Ricardo, proferindo um lamentoso grito, saltou qual um tigre para perto daquele grupo.

Ninguém se assustou.

Como os demais, rodopiou loucamente... Num certo instante apanhou uma garrafa de pinga e ingeriu grande dose.

Sob nova ordem do pai-de-santo, as demais pessoas fizeram uma grande roda em torno do grupo que rodopiava, Ricardo inclusive.

Após alguns minutos, todos os rodopiadores cessaram. Permaneceram de pé, sem sair do lugar, porém balançando o corpo, em movimentos ritmados.

O pai-de-santo aproximou-se de Ricardo.

O jovem, sem abrir os olhos, sentiu a mais estranha, a mais inexplicável das sensações de toda sua vida: sem saber como nem porquê, começou a dizer coisas que lhe vinham à mente de forma imperiosa.

Sua voz era firme e o que dizia jamais tinha passado pela sua cabeça...

Mas, as imagens eram por demais nítidas e tornou-se fácil para ele falar o que via.

Tinha uma estranha impressão: não era ele que estava falando!

“Mas, como?”... “Como podia ver, se estava de olhos fechados?”... “Como estava falando sobre coisas que desconhecia?”...

Começou a sentir pânico, pois julgou-se vítima de algo poderoso, que o estava dominando. Pensou em fazer prevalecer sua vontade.

Mal teve esse pensamento sentiu um formidável safanão desferido por invisível mão, jogando-o ao chão, indo estatelar-se a três metros de onde estava.

Teria se machucado, não fossem mãos prestimosas o amparar. Imediatamente cessou de falar.

Desapareceu a má impressão, de “ser dois ao mesmo tempo...”

Assustadíssimo, “despertou” nos braços do sargento Balduino, que o segurava firmemente, e o pai-de-santo, à sua frente, que olhando-o com bondade perguntou:

— Então, meu filho: está melhor?

— Sim... senhor...

Havia mil perguntas a serem feitas.

Mas não fez nem a primeira.

A um gesto do pai-de-santo os tambores, os atabaques e agora dois pandeiros, voltaram a percutir e homens e mulheres passaram a cantar, a uma só voz, um “ponto”, com o qual a reunião prosseguiu.

Uma hora após, tendo sido atendidas outras pessoas, de forma mais ou menos parecida com a de Ricardo, houve o encerramento.

Eram vinte e três horas.

Cada um tomou seu rumo.

À saída, completamente aturdido com tudo, Ricardo ia se afastando quando foi alcançado pelo sargento Balduino:

— Ricardo, o que você veio fazer aqui?

— Nada, sargento, nada... Estava perambulando por aí e não sei explicar como cheguei neste lugar. Quando passei aqui em frente senti uma tontura e fui carregado para dentro.

— Muito bem, muito bem. E agora?

— Agora, o que, sargento?

— Para onde você vai?

— Não sei, sargento. Estou demais nesse mundo...

Balduino, intuitivamente já percebera a angústia do soldado, a quem ele admirava pelos acontecimentos lá na prisão do quartel, quando sua filha estivera doente. As últimas palavras, mesmo a um ouvinte não muito atento, soam quase sempre como um perigoso aviso, podendo ser substituídas por: “estou pensando em morrer...”

Balduino era um homem bom. O que conhecia das “coisas entre a Terra e o Céu”, aprendidas na Tenda umbandista, que há alguns anos freqüentava, indicava que aquele soldado era um *cambono* (médium sem desenvolvimento, apto a contatos com espíritos desen-

camados). E mais: tal mediunidade, se não for desenvolvida, traz sempre risco de graves perturbações, às vezes até culminando no suicídio.

Foi pensando nisso que, fraterno, convidou:

— Vamos até minha casa, pois lá temos uma cervejinha gelada...

— Seria bom, sargento, mas vamos deixar para outro dia.

— Não senhor: vamos agora mesmo.

— É ordem? brincou, Ricardo.

— Claro...

Unindo voz e ação, Balduino passou o braço sobre o ombro de Ricardo e conduziu-o até seu carro.

No caminho, não muito longo, nenhum dos dois disse palavra.

Chegando à residência, Balduino procurou deixar Ricardo à vontade.

A esposa, Armanda, muito bonita, olhou curiosa para Ricardo. Balduino apresentou-o:

— Meu bem, esse é o soldado Ricardo, aquele que “viu” Claribel quando ela foi levada ao hospital e logo em seguida me contou que ela veio para casa, fora de perigo. Fez uma visita à Tenda e eu convidei-o para vir conhecer nossa casa.

Armanda abriu largo sorriso e estendeu a mão para Ricardo, que sentiu-se bem naquela casa.

Sem lar para morar, já que seus pais nunca o haviam tratado com atenção, menos ainda com carinho, naquela casa simples, em um minuto, quase vinte anos de desgosto familiar foram substituídos por amizade.

A cerveja foi servida, com alguns salgadinhos.

Balduino teve grandes dificuldades para explicar o significado de todos aqueles fatos e fenômenos lá na Tenda de Umbanda.

— Você é um “cavalo” e os Espíritos vão usá-lo.

Esclarecidas as coisas dessa forma, Ricardo entendeu que possuía “um dom”, o de “receber Espíritos”.

Outras explicações foram dadas, sem que Ricardo as entendesse completamente.

“Mediunidade é como ferramenta”, disse Balduino, completando: “se não for usada, acaba enferrujando, mas também o uso tem que ser para o Bem, pois se for para o Mal, acaba quebrando e machucando quem a manuseia...”

“Interessante”, pensou Ricardo, “os pais de André Luiz disseram a mesma coisa, porém com outras palavras, isto é, procuraram me advertir que a mediunidade é preciosa ferramenta que Deus dá aos homens. Creio que estavam me dizendo que sou médium.”

Ainda em pensamento, repreendia-se: “Como é que eu não prestei maior atenção ao que falavam?”

E então, desculpando-se intimamente: “Mas também, quando estive lá no jantar com eles, Carla tinha tomado conta da minha cabeça... Como poderia ouvir alguma coisa, e ainda mais, coisas tão misteriosas?”

O fato é que ali, naquele preciso momento, Ricardo entendeu, sendo isso certeza inarredável, que alguma coisa diferente tinha dentro de si.

Lembrando-se dos desmaios e das horríveis visões, viu finalmente explicados tais problemas, que tanto o tinham prejudicado: era médium e como tal, para livrar-se deles, deveria exercitar a mediunidade.

Vendo-o pensativo, Balduino acrescentou:

— O que você tem é um dom de Deus. Deve ser usado só para o Bem, insistiu..

Já dentro da madrugada, algumas cervejas ingeridas, Balduino convidou Ricardo para pernoitar, até porque àquela hora já não mais havia ônibus circulando.

— E ademais, amanhã, quando acordar, você vai conhecer Claribel... ou melhor, vai revê-la, brincou o sargento.

Não conseguindo dominar a curiosidade em confirmar se a visão tinha sido fiel, quando lá no quartel “vira” a filha do sargento, Ricardo aceitou o convite.

Naquela noite os sonhos foram estranhos: Ricardo viu-se num outro lugar, numa outra época...

Ele próprio tinha outro corpo e outro nome: Ernesto.

Algumas pessoas dirigiam-se a ele tratando-o por esse outro nome, mas tinha certeza de que era com ele mesmo que estavam falando.

O assunto que tratavam, absolutamente estranho à sua condição atual, também não lhe era de todo desconhecido: sócios reclamavam

sua parte, roubada por ele, Ricardo-Ernesto; marido, acusando-o de infelicitar o lar ao tirar-lhe a esposa para torná-la sua amante; alguém rogava-lhe pragas mil, pelas dores que sentia ao ser atropelado por um carro, quando foi empurrado por ele...

Todos acusavam-no.

Todos desejavam vingança.

Deu graças a Deus quando acordou.

Reconfortou-se ao verificar que tudo fora um sonho, ou melhor, um pesadelo...

“Ernesto... hum...”, pensou irônico.

Ao café matinal, conheceu Claribel.

Sim: era ela mesma que vira “mediunicamente”...

Só que pessoalmente era muito mais bonita!

Olhando Claribel, tão linda nos seus quatorze anos, juventude dasabrochando qual maravilhosa flor, teve a impressão que já a conhecia.

“Provavelmente deve ser da visão lá no quartel, quando eu estava preso...”, pensou.

“Ademais”, conjecturou, “em matéria de sensações estranhas, nas últimas vinte e quatro horas, a dose está sendo de elefante...: começou com o pai de Carla — pai tão grosseiro de filha tão educada, tão gentil, tão amada ainda por mim...; depois, na Tenda — Santo Deus!, que “acesso” eu tive...; encontrar o sargento e ele me trazer para sua casa, é muita coincidência... ou será que não foi coincidência? e agora, ver essa menina-moça na minha frente, acho que a criatura mais bonita que já vi... e ainda por cima essa impressão de que já a conheço...”

Se Ricardo tivesse exposto seus pensamentos, teria causado enorme choque em Claribel, pois ela justamente estava pensando o mesmo, isto é, que “já o conhecia, há muito tempo...”

À despedida, já do lado de fora da casa, pois não quis abusar e ficar para o almoço, Ricardo contou para Balduino o sonho-pesadelo que tivera naquela noite.

Ouvindo e ficando pensativo alguns instantes, Balduino olhou bem nos olhos de Ricardo e novamente num gesto fraternal, pousou suas mãos nos ombros do jovem e falou:

— Não posso esclarecer totalmente esse sonho. Estou certo, porém, que você fez uma viagem ao passado, onde sua consciência reviu cenas de uma outra vida, cenas essas vividas por você e por aquelas pessoas todas...

Concluiu, objetivo:

— Caso você queira saber as explicações certas de todas essas coisas, terá que freqüentar a Tenda. Lá você poderá conversar com seu Guia e tudo será esclarecido. Ademais, é bom ficar atento na vida, pois a mediunidade que tem precisa ser logo desenvolvida, senão...

Ricardo entendeu.

A calma e a sinceridade do amigo e superior hierárquico não deixavam dúvidas quanto à veracidade de suas palavras.

“— Outra vida?”, pensou perturbado.

Como que adivinhando seu pensamento, o sargento filosofou:

— Há um momento em que as pessoas sentem que a vida é uma linha sem começo e sem fim. Nesse momento, o conceito de eternidade, nunca dantes suspeitado, passa a ser cristalina certeza. Essa linha, porém, é tortuosa e cheia de armadilhas, todas elas colocadas por nós mesmos. Acontece que tais armadilhas, feitas para pegar os outros, acabam se deslocando para nossos caminhos futuros. E assim, passando de uma vida para outra, aquilo que nós fizemos para o próximo, volta compulsoriamente à origem, isto é, nos alcança.

Essa lei é de Deus e se chama “causa e efeito”.

Ricardo, de imediato, passou a incorporar em suas certezas, a de que cada pessoa vive muitas vidas.

Fulgurante no raciocínio, perguntou:

— E quando nós vemos uma pessoa pela primeira vez e temos a impressão de que já conhecemos: isso é também prova de que já convivemos no passado?...

Pensava em Claribel.

— Certamente, respondeu sem pestanejar Balduino.

Ensimesmado com a pergunta e com a resposta que instintivamente dera, Balduino ia por sua vez perguntar a quem se referia, mas preferiu esperar. O tempo, o grande decifrador de mistérios, se encarregaria de esclarecer a dúvida.

Contente com a resposta, mas igualmente ensimesmado, Ricardo despediu-se, enaltecendo a hospitalidade e agradecendo o afeto que recebera naquela acolhedora casa.

Todos os soldados sonham com o dia da “baixa” — o licenciamento.

Isso, a partir do primeiro dia que pisam no quartel.

Pois esse dia, tão ansiosamente esperado, estava próximo.

Num exercício noturno, protegidos pela escuridão, dois soldados faltaram com o respeito com o sargento Balduino, que fazia a chamada de um pequeno agrupamento. Ricardo, que participava do exercício ali, solidário com o graduado amigo, desafiou os engraçadinhos para brigar. A briga, de dois contra um, já tinha começado, quando Balduino interviu. Fazendo cessar a briga e ao inteirar-se dos seus motivos, passou uma descompostura nos briguentos, dirigindo-se mais aos dois provocadores. Os demais integrantes do grupo defenderam Ricardo e condenaram os outros dois. Estes, num gesto de arrependimento, pediram desculpas ao sargento e depois a Ricardo.

Ficou selada ali amizade sincera entre Ricardo e Balduino, amizade essa que já tinha sólidos alicerces.

Os demais soldados, num gesto de admiração e reconhecimento, enalteceram Ricardo, com o que serenou para ele o ambiente no quartel.

Tal incidente chegou ao conhecimento do comandante do Batalhão, que fez publicar expressivo elogio no boletim diário do quartel, fato que muito viria a significar para Ricardo, já que, estando no comportamento “insuficiente”, dificilmente poderia ser licenciado no primeiro contingente.

Chegou o dia da baixa.

O licenciamento seria feito em três turmas, de forma a que o quartel mantivesse efetivo mínimo operacional, para alguma emergência.

A última turma seria licenciada quando já estivessem incorporados os conscritos do ano seguinte.

Nessa primeira turma, para selecionar os contemplados, seria levado em conta, primeiramente, aqueles de bom comportamento, sem que isso se constituísse em regra fixa, pois seriam consideradas também as especialidades dos que permaneceriam.

Ricardo foi incluído, pois o capitão Andes ouviu do comandante do Batalhão que talvez fosse prudente licenciá-lo logo na primeira turma. Considerou o coronel que isso compensaria a digna atitude no exercício noturno, como também, evitaria um possível trauma capaz de provocar recidiva nas crises neuróticas.

Andes acatou a sugestão, até porque considerou-a válida e também porque nada tinha contra Ricardo. Desde o baile, apenas estava instalado entre ambos um clima de mal-estar, insuficiente porém para influir nas decisões do capitão.

Com o quartel em festa, todos os soldados devolveram aos encarregados do material — o subtenente de suas Companhias —, as peças de fardamento e os demais objetos de uso permanente que tinham recebido, quando da incorporação ao Exército. As roupas, na maioria, ou seriam incineradas ou reaproveitadas na faxina. Invariavelmente, muitos soldados haviam perdido algumas peças recebidas: o talher articulado (garfo, faca, colher), o cinto de guarnição, o cinto de passeio, a caneca, o cantil, a jugular do capacete e até o próprio...

Resultado: tiveram que indenizar tais extravios.

Na verdade, muitos soldados ficaram com tais objetos, como lembrança...

A importância que tinham que indenizar foi abatida dos vencimentos, rigorosamente pagos no dia do licenciamento.

Igualmente nesse dia receberam seus certificados de reservista.

Os cabos e soldados que tinham se destacado por ações valorosas ou por exemplar conduta, receberam ainda certificados de "honra ao mérito".

Como há onze meses atrás, quando no primeiro dia entraram no quartel em trajes civis, no dia da baixa — o último dia do serviço militar obrigatório —, voltaram a se trajar civilmente.

Feita a formatura, o contingente licenciado desfilou pela última vez em frente à Bandeira Nacional.

A seguir, sempre em marcha ordinária, os licenciandos foram marchando rumo ao portão principal... Quando o transpusessem, não mais teriam a obrigação de retornar...

Transposto o portão, deixariam de ser militares da ativa.

Passariam a ser reservistas de "primeira categoria", por terem servido ao Exército em corpo de tropa.

A banda de música, perfilada, inflamando corações, executava em ritmo de marcha a "Valsa da Despedida".

Dezenas e dezenas de jovens, com seus saudáveis corações de menos de duas décadas de funcionamento, choravam lágrimas abundantes, incoercíveis...

Aquilo que mais queriam, ao ganhar, paradoxalmente os fazia chorar.

É que, superior à alegria e à emoção do término do cumprimento da convocação para o serviço militar, no peito daqueles jovens a vida lhes dizia que tinham cumprido seu dever de cidadão.

E mais, como lição inesquecível: o convívio humano é uma das maiores bênçãos da Vida.

Em seus íntimos, inconscientemente sentindo que essa convivência dificilmente voltaria a se repetir, choravam...

Ricardo, nesse seu último dia no quartel, ao passar na frente da sua Companhia, leu ainda outra vez as frases gravadas na parede, que tanto o impressionaram desde o primeiro dia como soldado:

*" A disciplina militar prestante,
Não se aprende, senhor, na fantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando "*

CAMÕES

Nota: Canto décimo, 153ª estrofe, de "OS LUSÍADAS"

* * *

NO CAMINHO, MAS NA CONTRAMÃO...

Ao sair do Exército, por ter sido licenciado do serviço ativo, Ricardo desarvorou-se quanto onde morar: antes de ingressar nas fileiras das Forças Armadas, ele residia mais com seus avós do que na própria casa. Durante o tempo em que esteve fardado, utilizou algumas vezes do dormitório militar, gratuito. E também, ele e mais três soldados, alugaram um quarto numa residência próxima do quartel, onde, sem dificuldade, podiam trocar a farda pela roupa à paisana. Quando não pernoitava no quartel era ali que dormia. Naquele local, muitas vezes reunia outros colegas nos fins de semana para um churrasco, ou para ouvirem músicas. O churrasco era simples: só carne, sal grosso, braseiro e cerveja, tudo na proporção do dinheiro dos participantes.

O aluguel do quarto era barato, ainda mais dividido por quatro.

Agora que tinham sido licenciados, os quatro, Ricardo, após meditar bastante, resolveu morar ali. Assumi sozinho essa despesa, cujo valor, por bondade, não foi aumentado pelos donos da casa.

Tomou essa decisão para poupar seus avós, já bem idosos, não querendo também mais residir nem com o pai, nem com a mãe, já separados judicialmente.

Não teve dificuldades em convencer os donos do quarto a permitir que Cereja viesse morar com ele. O casal, sem filhos, tinha um quintal espaçoso e viu com bons olhos a presença da cachorrinha,

que lhes serviria de sentinela, mas cuja responsabilidade em cuidar definiram como sendo do inquilino...

Passou a procurar emprego.

Possuía o segundo grau completo, era datilógrafo, tinha relativa facilidade para lidar com estoques de material e conhecia um pouco de mecânica de autos.

Após uma semana de procura, com suas pequenas economias já acabando, nada tinha conseguido.

Conversando com o casal de senhorios, contou suas dificuldades em conseguir um trabalho. O senhor Rodrigues, cauteloso, perguntou-lhe:

— Que tipo de trabalho você está procurando?

— Oh! sr Rodrigues, qualquer trabalho, qualquer coisa para fazer e ganhar dinheiro.

— Bem... não sei se vai lhe agradar, mas ainda hoje fui consertar o pneu que furou e lá na borracharia ouvi que estão precisando de um auxiliar.

— Onde é a borracharia?

— Aqui pertinho de casa. Se quiser, vamos lá amanhã.

— Não poderia ser agora?

— Perfeitamente.

— Então vamos e eu fico muito agradecido ao senhor.

Embora sem entender nada de pneus, Ricardo conseguiu o emprego, primeiro pela indicação de Rodrigues, cliente antigo, segundo pela boa-vontade demonstrada em aprender.

Considerando que a necessidade é uma das melhores mestras existentes no mundo, não demorou muito e o ex-soldado, que sempre teve boa saúde, logo aprendeu a consertar pneus furados, tomando-se exímio borracheiro.

O salário era pequeno. As gorjetas, porém, compensavam.

Com o que ganhava, conseguia manter-se sem dívidas.

Simultaneamente com o licenciamento do Exército e com o emprego de borracheiro, Ricardo passou a freqüentar a Tenda de Umbanda "Caboclo Flecha Azul", onde sempre via o sargento Balduino.

Alguns meses se passaram e lá na Tenda aprendeu o significado dos rituais e desenvolveu seu "dom de receber Espíritos".

Atencioso e muito perspicaz, em pouco tempo tornou-se elemento de destaque naquele grupo religioso, até porque suas qualidades mediúnicas cada vez mais colocavam à mostra o poder do seu "Guia".

O sargento Balduino lhe instruíra, desde o começo, que sempre deveria agradecer ao Guia. O melhor agrado era dar o que ele gostava. Um dia, uma boa pinga; de outra vez, acender velas bonitas, em número de sete, durante sete dias, sempre às sete horas da noite; quando possível, oferecer o sangue de uma galinha preta para o Guia, bebendo-o.

Ricardo cumpria mais ou menos essas indicações: a pinga, misturada com terra, ele bebia facilmente, jamais ficando tonto. Fato curioso: tirante a ingestão da bebida durante as cerimônias e rituais, Ricardo não suportava pinga, apreciando apenas, cerveja. As velas, coloridas, também já tinha acendido várias. Mas, matar uma galinha e beber o sangue, não o conseguira e estava certo que jamais o faria, até porque, sempre gostou de animais. Se o Guia insistisse, faria oferta de outra coisa, em substituição.

Contudo, curiosamente, o Guia nunca pedira nenhuma oferenda, nem jamais fizera qualquer exigência de quaisquer presentes.

Ricardo, obedecendo porém às normas da Tenda, que preconizavam tais doações para as entidades protetoras, continuava a presentear seu Guia. A entidade espiritual que o usava como "cavalo" era um preto velho, semelhante à do quadro na parede da Tenda. Pelo menos assim consideravam os médiuns videntes da Tenda e o próprio Ricardo, que depois de alguns meses, passou a vê-la também.

E assim, não demorou a passar a auxiliar do pai-de-santo, o Sr Nazile, como aprendiz de consultor para a solução dos vários problemas que os frequentadores traziam, desesperados, em busca de soluções rápidas, se possível, milagrosas...

Nazile encarregou Ricardo de iniciar a atender as consultas dos casos mais simples, que ele selecionava. Nisso o jovem empenhou-se com grande interesse e responsabilidade.

Os consulentes que frequentavam a Tenda sempre procuravam o pai-de-santo, que através de seu Guia — "o Flecha Azul", os atendia com bondade e paternalismo.

"Flecha Azul" era entidade espiritual que falava como índio, fazia gestos de guerreiro, resolvia pendências de casais, desemprego, vendas ou compras, recebimento de dívidas junto a maus pagadores, mudanças, viagens, angústias, amores frustrados e outros problemas "materiais".

Agindo como assessor do Sr Nazile, Ricardo muitas vezes falava palavras que seu próprio Guia lhe ditava. Nessas ocasiões, os conselhos eram de singular clareza, simplicidade e invariavelmente exortando à oração, à humildade, à esmola para os pobres.

Paulatinamente, as consultas passaram a ser dirigidas ou pedidas ao Guia de Ricardo.

O índio e o preto velho se entendiam muito bem e igualmente seus "aparelhos".

Com algum tempo, as pessoas voltavam, agora ajustadas espiritualmente, abençoando a Tenda e a consulta do Guia... de Ricardo.

Fazia um ano que Ricardo tinha sido admitido na Tenda.

As consultas, cada vez em maior número, eram divididas entre ele e Nazile.

Como o pai-de-santo nem sempre comparecia nos dias de consulta, por motivos de saúde, o jovem arcava sozinho com toda a responsabilidade.

O desfile de necessitados, progressivamente crescendo, punha a descoberto toda a problemática do ser humano: orgulho, ódio, vingança, egoísmo, solidão...

Alguns casos referiam-se a problemas conjugais: esposas maltratadas, maridos desprezados, ciúmes, infidelidades etc., eram a tônica desses quadros.

Quando Nazile atendia, recomendava várias providências: orações, ofertas ao "santo", velas acesas, flores, incenso e se possível, doação de mantimentos ou dinheiro para a assistência social da Tenda.

Quando Ricardo era o "consultor", eram recomendadas igualmente orações e esmolas, mas principalmente o perdão.

As pessoas, gratas, sempre faziam generosas doações para a Tenda, sendo que quando era dinheiro, esse era empregado nas despesas administrativas do prédio: aluguel, eletricidade, mobiliário, limpeza, água, pintura etc. O que sobrava era usado na aquisição de gêneros alimentícios para doação aos carentes; quando as pessoas doavam mantimentos ou objetos de uso pessoal, esses eram imediatamente repassados para os pobres.

Era grande o número de famílias necessitadas que ali compareciam em busca de ajuda. Na medida do possível, eram socorridas.

Ricardo formava dupla com Nazile, "recebendo" os respectivos Guias simultaneamente, atendendo dezenas de consultas, à noite.

As consultas eram diárias, de segunda a quinta-feira; as sextas-feiras, e somente às sextas-feiras, as consultas eram dedicadas a casos de doenças.

Até então, um ano decorrido, Ricardo observou e concluiu que todos os problemas eram de alguma forma encaminhados, menos os de doença. Nesses casos, o único a atender era Nazile e seu Guia "Flecha Azul", que sempre sugeria a busca de socorro médico. O jovem, embora presente, não consultava, permanecendo apenas como "assistente". Passando o tempo, nasceu no seu íntimo uma grande piedade pelos doentes. Angustiado, remoia-se intimamente pela impotência da Tenda em aliviar tantos sofrimentos e tantos sofredores.

Pois, aumentando o número de pessoas que ali vinham consultar, aumentaram sensivelmente as consultas relativas a doenças, e esses que a isso vinham, geralmente já estavam desenganados pela Medicina. Ou, simplesmente, vinham em busca de remédios ou de dinheiro para os onerosos tratamentos ditados pelos médicos. Alguns freqüentadores faziam doações esparsas de remédios e a própria Tenda ajudava financeiramente com o possível. Mas nem sempre havia tais disponibilidades.

Nazile, "incorporado" ou não, balançava a cabeça de um lado para outro e quase que se desculpa, dispensava tais pessoas, sem poder atendê-las. Essas, mais desesperadas ficavam.

Mães angustiadas debulhavam lágrimas candentes de amargura quando a entidade espiritual encarregada de tais consultas informava-lhes que nada podia ser feito, além de preces.

Ricardo cada vez mais se condoía dessas pessoas.

Então aconteceu: certa noite, em meio às consultas, uma criança muito doentinha, cuja mãe a trouxera para ser benzida, teve um problema respiratório. Claramente o estado febril era percebido, além de pus que saía pelas narinas. A respiração estava bastante dificultada e a garganta demonstrava intumescência. O caso se deparava gravíssimo.

Ao irromper tal crise, a mãe agitou-se e alguns circunstantes entraram em transe, rodopiando muito, ao som de tambores que aumentaram a cadência.

A criança começou a arroxear e tudo indicava uma provável síncope, talvez fatal.

Nazile, que atendia ao caso, não estando naquele momento "incorporado", sugeriu à mulher que levasse o filho rápido a um pronto-socorro.

Prestativo, começou a diligenciar quem tinha carro disponível.

A mãe, porém, entrou em estado de choque e por sua vez começou a rodopiar com a criança ao colo.

Foi quando, agindo com presteza, Ricardo, que estava sob comando espiritual do seu Guia, tirou rapidamente a criança dos braços da mãe.

Todos estavam atordoados e sem saber o que fazer.

Nesse momento — nesse preciso momento —, de atroz indecisão, Ricardo ergueu a a criança nos braços e exclamou:

— Éta gente braba sem fê...

Nazile, compreendendo que Ricardo naquele momento era "cavalo" para um *Orixá* (divindade), respondeu humilde:

— A sua bênção, meu pai.

— Nosso Senhor abençoe todo mundo. Por que vocês não estão fazendo oração?

— Meu pai: essa criança está quase morrendo...

— Pois é justamente essa a hora de rezar!

— Estamos pedindo a *Omulu* (Orixá das doenças, também tratado por "Obaludiê" ou "Obaluaiê") que cure essa criança. O senhor podia nos ajudar?

— Quem cura é o Pai Grande. Omulu também reza para Nosso Senhor, o Pai Grande...

A criança, nos braços de Ricardo, estava quase desfalecida; passando-a para as mãos de Nazile, colocou as mãos carinhosamente sobre o tórax da doentinha e proferindo palavras ininteligíveis, começou a massagear-lhe o peito e a garganta.

Em segundos a criança acalmou-se, parando de se debater e voltando à cor normal.

Em dois minutos estava placidamente adormecida!

— Essa não fica mais doente, disse o Guia. Tinha bicho que eu matei. O moço aqui (referindo-se a Ricardo), poderá ajudar os doentes daqui para frente. *Oxalá* (Jesus) permite e isso é do gosto do Pai Grande *Olorum* (Deus).

— A sua bênção, meu pai. Perdoe esse pequeno trabalhador, mas podemos saber o nome do senhor?

— Jeroboão... *Axé* (saudação = "saúde!") para o moço e para todos vocês.

Ricardo estremeceu.

Atônito, surpreso, espantado mas absolutamente feliz, disse a Nazile:

— Um preto pediu licença ao meu Guia e quase entrou no meu corpo... Vi direitinho... O que ele pensava eu sabia tudo... O que ele via eu via também...

— E o que é que “vocês dois” viram?

— Essa criancinha tinha uma gosma preta grudada nos pulmões e muitos bichinhos pulando nessa gosma. Horrível, horrível...

Respirando fundo, completou:

— A mão do preto, dentro da minha mão, queimou todos esses bichinhos e a gosma preta virou uma fumaça mal cheirosa.

Os presentes entenderam que tinham acabado de presenciar um fantástico caso de cura espiritual.

A mãe, saindo do transe e vendo o filho adormecido nos braços de Ricardo, que o embalava, ajoelhou-se diante dele e beijou-lhe as mãos.

A cena foi feita no mais absoluto silêncio, pois todos os “cavalos” e os tocadores de atabaque tinham se aproximado, maravilhados com tudo o que viram.

Nazile, agora mediunizado, falou incisivo:

— De hoje em diante “Flecha Azul” vai para outro lugar, junto com o outro Guia que até ontem estava com o moço. Agora a Tenda será de Pai Jeroboão, que passará a dar consultas aqui só para casos de doença, pois o moço tem essa missão. Já estava na hora de mudar pois a saúde do “branco velho” (referindo-se a Nazile) já não anda boa... O novo *Babalorixá* (chefe terreno da Tenda) será o moço. Essa é uma ordem de Mãe Iansã (Orixá feminina, no Brasil identificada como Santa Bárbara). *Axé*.

E assim foi feito: dali para frente, apenas Ricardo atendia aos consulentes, que cada vez mais se multiplicavam.

As curas alcançadas fizeram com que Ricardo granjeasse fama.

Como pai-de-santo, manteve-se humilde e dedicado durante algum tempo...

Mas o dinheiro (sempre o dinheiro), provocou seu desencontro com a fraternidade. O desprendimento, até então demonstrado, foi substituído por interesse financeiro. Continuou a atender a todas as pessoas que o procuravam, mas, recebendo muitos presentes dos que

tinham melhores condições, achou-se no direito de ficar com alguns deles.

Seu “poder espiritual” estava no auge e as curas se sucediam.

A borracharia ainda o tinha, mas não como empregado.

Comprou-a à vista e agora apenas administrava os serviços, realizados por três competentes empregados.

Interessando-se por pneus, perguntou ao seu Guia se esse seria o caminho para melhorar sua condição material. O Guia, sabiamente, respondeu que “melhorar de condição é sempre bom, para qualquer pessoa, em qualquer época”. Aduziu, porém, que “se na Terra os melhores são os mais ricos, no Céu, os melhores são os que cumprem as Leis de Deus”. Concluiu: “sim, é bom aprender tudo sobre pneus, pois, trabalhar com pneus é uma profissão digna, como tantas outras”.

Sem atinar com toda a recomendação, Ricardo deduziu que era uma “ordem do seu Guia” estudar tudo sobre pneus.

Assim, procurou livros que tratassem do assunto, perguntou a vários especialistas quais as técnicas mais modernas. Leu e anotou com bastante atenção tudo o que a respeito lhe caiu nas mãos.

Chegou a formar uma pequena apostila, onde anotou dados relativos à origem da borracha, desde a seringueira, extração do látex, técnicas de recapagem de pneus e até as formas mais sofisticadas de vulcanização.

Ficou “doutor” no assunto.

Aprendeu que a vulcanização se processa com a mistura de enxofre, na forma de diferentes produtos químicos, com a borracha, para evitar danos provocados pelo calor, pelo frio ou por ácidos dissolventes; isso foi feito pela primeira vez no século passado por um norte-americano chamado Goodyear.

Pensava: “certamente, ficou ele muito rico, pois até hoje existem pneus cuja marca tem o seu nome...”

Sabia de cor todas as marcas de fabricantes, todas as dimensões, todas as características e em que carros ou em que situações deveriam ser utilizados tais ou quais pneus.

Em menos de seis meses, desenvolveu-se-lhe intenso desejo de ampliar sua borracharia. Confiante, iniciou a compra de máquinas

usadas de recauchutagem e começou a realizar pequenas atividades nessa área.

Muito popular no bairro, não tinha dificuldades em adquirir pneus usados, mas em bom estado, para recapá-los e revendê-los, posteriormente, com bom lucro.

Disposto a ampliar seus negócios, estagiou numa grande firma de vulcanização da Capital, onde recebeu e praticou todos os ensinamentos a respeito. O dono da vulcanizadora era um pai-de-santo, que correspondia-se com a ex-Tenda Caboclo Flecha Azul, agora denominada "Tenda Pai Jeroboão", motivo pelo qual, graciosamente, passou-lhe, além das técnicas, todos os "segredos" comerciais do ramo.

Havia pessoas que procuravam a Tenda única e exclusivamente para um consulta com o Guia Jeroboão, que falava pela boca do jovem.

O ex-militar só atendia casos de doença às sextas-feiras, porém quase sempre passava da meia-noite no atendimento aos consulentes.

Ganhava presentes e somente os de pequeno valor entregava à Tenda, para redistribuição aos pobres.

Dinheiro, apenas pequena parte repassava à tesouraria.

Sempre era convidado para jantares. Aceitava.

Tornou-se líder absoluto da Tenda.

Passou a trajar-se com esmero, pois ganhava roupas, calçados, cintas etc, de excelente qualidade... e alto custo.

Todas as noites, quando chegava na Tenda, seu apuro pessoal no trajar contrastava com a simplicidade dos demais pessoas presentes.

Durante as reuniões religiosas todos vestiam branco e somente nisso se igualavam, pois Ricardo usava roupas de tecidos caros, confeccionadas por bons alfaiates e mantidas impecavelmente passadas e engomadas por voluntárias da Tenda.

Um ano após, Ricardo tinha aprimorado as consultas: quem tivesse posses era atendido sem demora, passando à frente de dezenas de pessoas pobres que formavam as filas. Tinha uma secretária, para organizar o atendimento e elaborar fichas. Os atendidos que podiam, recebiam em suas residências pedidos de colaboração com a Tenda, o que, invariavelmente, atendiam.

Presentes pessoais eram muito bem-vindos. Se em dinheiro, melhor...

Mantimentos, bebidas, roupas usadas, móveis, etc, deixava na Tenda; objetos de valor e dinheiro, grande parte continuava a reter para si. Quando alguém, em gratidão, anunciava a doação de roupas, informava seu manequim e as cores preferidas.

Seu Guia, Jeroboão, desgostoso com tal comportamento, ameaçou deixá-lo, informando que só não o fizera ainda, tendo em vista que os atendidos tinham tal merecimento. Advertiu, porém, que a continuar tal estado de coisas, não mais compareceria à Tenda e nem mais se aproximaria de Ricardo.

Este, por uns tempos, manteve-se desprendido.

Certa noite a Tenda foi visitada por um casal de boa aparência.

À porta da Tenda, com o motorista, ficou estacionado o imponente veículo que trouxera o casal. O homem estava com crise gastro-intestinal e vomitando sangue. Transpirava abundantemente, pálido, ânsias de vômito ininterruptas, sinalizando síncope próxima. Em seu estômago já não havia mais nada, a não ser sangue, provavelmente oriundo da ruptura de algum tecido. Do canto de seus lábios escorria grossa saliva sanguinolenta. A dor devia ser colossal, pois gemidos e contrações faciais bem o demonstravam.

O caso reclamava urgente intervenção.

Ricardo, percebendo tratar-se de pessoa abastada desdobrou-se em cuidados, demonstrando exagerada atenção.

Isso enquanto comandava as ações...

Pois, quase instantaneamente, ficou mediunizado, com seu Guia emprestando-lhe a visão espiritual que permitiu vislumbrar o estômago e o duodeno do "cliente", onde uma ferida sangrava.

Então algo espantoso aconteceu: colocou as mãos sobre o abdomen do paciente e, esfregando, esfregando, comprimiu fortemente a região com os polegares. Sem entender o que se passava, o médium teve a nítida impressão de ter tocado os dedos na ferida, já do lado de dentro do corpo do doente. O homem urrou de dor, pois sentiu como se duas brasas estivessem em seu estômago...

Sempre pronunciando palavras cabalísticas, Ricardo igualmente "sentia" seus dedos estarem incandescentes ao "tocar" na ferida.

Tudo se passou rapidamente, mas o suficiente para o jovem perceber que as feridas cicatrizaram de imediato.

O homem desmaiou. Sua expressão, contudo, denotava alívio.

A esposa entendeu claramente que presenciara um milagre: a cura de uma úlcera de dezessete anos, rebelde até ali a duas cirurgias e a qualquer tratamento!

A mulher estava assombrada com o que acabara de presenciar. Feliz, sabia que seu marido não sentia mais dor. E mais: sabia, disso estando absolutamente segura, que de forma inexplicável, ele estava curado.

O mal — a doença de dezessete anos — não mais existia! Rejubilava-se em profunda e sincera alegria.

Amava seu marido e o sofrimento dele era também seu sofrimento.

Olhou enternecida a Ricardo e seus olhos transmitiam agradecimento. “De onde o conhecia?”, pensou.

De seus lábios nenhuma palavra conseguia escapar.

O paciente, adormecido e com as feições calmas, deixava à mostra que um verdadeiro milagre ocorrera ali.

— O irmão está curado pelo Pai Grande e pela Mãe Santa. *Nanã* (avó da Tenda, deusa das chuvas, identificada como Sant’ana) ouviu as preces e ajudou, disse o Guia Jeroboão.

A seguir, autorizou a mulher a levar o marido.

O motorista particular do casal foi chamado e ajudou a transportar o patrão, ainda dormindo.

Partiram.

As consultas prosseguiram e muitas horas mais tarde Ricardo encerrou os trabalhos, retornando à sua casa.

Pelo caminho e mesmo depois de chegar ao quarto que morava, não conseguia esquecer a cura que “realizara” e intimamente se condenava por não ter identificado o paciente, pois sendo rico, poderia ajudar à Tenda...

Custou a adormecer.

Suando abundantemente e com taquicardia, acordou abruptamente no meio da noite, ouvindo ainda Jeroboão:

— Ricardo, meu filho: seja humilde. Nunca se esqueça que o Amor não pode ser vendido. O dinheiro só é bom quando vem do trabalho honrado. Saia logo da contramão pois o desastre é certo...

* * *

REENCONTROS...

Ricardo, na manhã seguinte, estava folheando o jornal quando uma notícia causou-lhe nova perturbação: viu a foto de Andes e Carla, que haviam se casado há dois dias e tinham partido em lua-de-mel.

Foi demais: em um segundo, explodiu toda a saudade represada em seu peito, saudade essa a duras penas mantida anestesiada.

Sentiu uma pontada no coração, quase desfalecendo.

Estava nesse grau de frustração e de revolta que nem percebeu a chegada do mesmo veículo que vira na véspera, à noite, lá na Tenda.

Imaginou tratar-se de mais um freguês, dentre tantos.

Ao identificar o motorista particular e ver, sentados no banco traseiro, a mulher e o homem que atendera, dirigiu-se a eles.

O casal desceu do carro, após o motorista ter aberto cerimoniosamente a porta.

Sorridente, o homem estendeu a mão para Ricardo e abraçou-o.

— Bom dia, rapaz!

— Bom dia...

— Viemos aqui para conhecê-lo melhor e ver o que poderemos fazer para pagar o favor que você me fez.

Entre feliz e interessado, Ricardo lembrou-se das palavras de Jeroboão, no meio da noite anterior. Mas logo sufocou tal lembrança. Igualmente, substituiu os pensamentos em Carla, pondo ordem em sua cabeça.

Não disse nada.

Olhou demoradamente o homem, cumprimentou a mulher e o motorista. Teve a impressão que conhecia aquele casal, que vira ontem pela primeira vez... "De onde?"

Olhou o carro: era mesmo de muito luxo!

— Chamo-me Albuquerque. Moro em São Paulo. Que posso fazer por você, Ricardo?

Intrigado com o fato do seu nome já ser conhecido, Ricardo olhou-o curioso, ainda sem dizer nada.

Adivinhando os pensamentos do jovem, Albuquerque aduziu:

— Sei seu nome e o que você faz. Estamos nesta cidade de passagem para Brasília, a negócios. Hoje deveria seguir viagem. No hotel em que eu e minha mulher estamos hospedados trabalha um membro da sua religião, o Carlinhos, e foi ele quem recomendou sua Tenda. Tive o princípio da crise lá no hotel, ontem à tarde, e nem mesmo o médico que consultei aliviou a dor, que foi aumentando. Aliás, há dezessete anos que sofro desse mal, ou melhor, sofria, e nesse tempo a Medicina pouco me ajudou. À noite, vindo nos trazer o jantar no apartamento, vendo meu estado, esse rapaz sugeriu uma consulta com vocês.

Agora Ricardo voltou a intrigar-se: "vocês", tinha dito o homem. Quem seriam "vocês"?

Ainda calado, o jovem esperou que Albuquerque falasse mais.

E, de fato, ele disse:

— Bem, meu jovem, não sei explicar a coincidência, mas eu também lido com pneus.

Outro susto para Ricardo. Imaginou: "estou tendo um susto por hora... será que meu coração agüenta?"

Ainda pensando, Ricardo mentalmente considerou: "esse homem lida com pneus e é tão rico... Só esse carro dele dá para comprar cinco oficinas como a minha..."

Disse Albuquerque:

— Tenho uma grande representação de pneus, nacionais e importados e também algumas oficinas de vulcanização. Estou nesse ramo desde menino e adoro pneus e tudo que diz respeito a eles...

— Eu também gosto de pneus. Graças a eles eu vivo.

O homem gargalhou gostosamente. Novamente abraçou Ricardo.

Os minutos seguintes foram usados para ambos falarem sobre pneus. Apenas sobre pneus. Albuquerque percebeu estar na presença de um "expert". "Igual ou melhor do que ele próprio", pensou.

Ricardo foi "intimado" a almoçar com os Albuquerque no hotel, não sendo admitido recusar.

Durante o almoço, o jovem contou sua vida, a tristeza pela separação dos pais, seus planos futuros de ampliar a borracharia, sua participação na Tenda — enfim, suas dificuldades e seus ideais.

Ali, foi ele quem mais falou.

À noite, na Tenda, Ricardo recebeu um recado de Albuquerque: precisava falar com ele, de preferência no café da manhã seguinte, lá mesmo no hotel.

Ricardo atendeu.

Chegou no hotel por volta das sete horas e Carlinhos recebeu-o à entrada, informando que o casal já o aguardava há meia hora.

Após os cumprimentos, os três tomaram o café matinal.

Sem delongas e sem rodeios, Albuquerque e a esposa ofereceram a Ricardo o maior presente de sua vida: gratidão, amor e uma fantástica proposta comercial.

Disse Albuquerque:

— Ricardo: preste atenção no que vamos lhe dizer. Não temos filhos, embora muitas tentativas feitas. Deus é testemunha do quanto tentamos...

A esposa, Hermínia, enrubescceu. A intimidade, mesmo sem malícia, constrangeu-a ligeiramente.

Continuou Albuquerque:

— Sabemos que você é filho único, de pais separados e percebemos, pelo que você mesmo nos contou, que pouca convivência há entre vocês. Não nos interessam as razões dessa distância, que lamentamos. A nós nos interessa, neste momento de nossas vidas, demonstrar nossa gratidão pelo bem que vocês nos fizeram, ou melhor, que vocês fizeram a mim, particularmente. Não podia comer uma boa bisteca há mais de dez anos. Nem tomar um bom vinho. Ontem, milagrosamente, alguma coisa me garantiu poderia voltar a esses pequenos prazeres da vida. Enchendo o peito, continuou:

— Jantei bisteca com vinho. Dormi maravilhosamente e estou muito bem. Graças a vocês: você e seu Guia. E, mais importante de tudo, há anos sou freguês de dores e cólicas diárias, que desde antontem à noite desapareceram.

O jovem compreendeu quem eram "vocês".

— Eu nada fiz. Foram Omulu e o Guia Jeroboão que curaram o senhor. É a eles que o senhor deve ser grato.

Hermínia interrompeu:

— Quem autorizou a cura foi Omulu... atendendo minhas preces a Nanã.

— Eu sei, eu sei, respondeu Albuquerque, arrematando: para ela eu vou mandar muitas caixas de champanhe rosada, pois Carlinhos me informou que é a bebida predileta dessa Orixá — água doce com espuma de rosas; para Omulu e para a Tenda estou com um cheque pronto, para as obras de caridade, que peço a você orientar como usar o dinheiro nas compras; para o Guia, quero também que sejam acesas velas e colocadas flores no altar, por cem dias.

Respirou fundo, suspirou, depois disse tranqüilo:

— O que mais quero, aliás, queremos, é ajudar você.

Novo sobressalto no coração de Ricardo. Ficou mudo, aguardando.

— Foi por seu intermédio que fui curado. Sei que seu Guia não vai achar ruim o que vou fazer... quero nomeá-lo meu representante nesta cidade; vamos abrir uma grande loja de pneus aqui, maior do que todas as que já existem, juntas. Vou construir a loja e abarrotá-la de pneus para você negociar. Esta região está estrategicamente localizada como “peão” de três Estados e o sucesso comercial é garantido. Estávamos indo para a Capital para verificar as condições de instalar uma filial, porém, depois do que aconteceu aqui, não temos mais dúvidas: vai ser aqui mesmo nossa filial.

E concluiu, emocionado;

— Tudo ficará em seu nome: o aluguel do prédio, a firma, as máquinas de vulcanização, as ferramentas e um grande estoque de pneus, inclusive para veículos agrícolas. Você irá me pagando como puder, com os lucros. Esta cidade está muito mais perto da matriz e assim, inclusive, poderemos nos ver sempre.

A essa altura Albuquerque não conseguiu evitar as lágrimas. Hermínia, igualmente sensibilizada, começou a soluçar.

Ambos, comovidíssimos, levantaram-se e abraçaram forte a Ricardo.

Hermínia segurou a cabeça de Ricardo e beijou-o na testa.

Surpreendido por tão grande demonstração de afeto e de tanta gratidão, o jovem não conseguiu impedir que se rompessem todas as suas estruturas emocionais. Feliz, julgando-se num sonho dourado, em

trânsito pelo paraíso, cercado de amor e de gratidão, não conseguiu, ele também, impedir as lágrimas que abundantes rolaram pela face.

A cena, se não fosse de excelso significado espiritual, seria até cômica: cada um dos três chorava mais alto do que os outros dois.

E o tom do choro ia aumentando, aumentando...

A um observador menos atento a cena pareceria um patético torneio de choro.

Carlinhos (psicólogo não diplomado, como aliás quase todos os mordomos...), interferiu proposital e acertadamente, oferecendo champanhe rosada ao trio de chorões, que já espantavam aos demais hóspedes, próximos deles.

O senhor Albuquerque, hóspede muito rico, por isso mesmo muito bem tratado, houvera determinado que fosse servido “champagne rosé”, trinta minutos após a recepção ao seu convidado, Ricardo.

Com efeito, Carlinhos vinha com o carrinho de mão, sobre o qual o balde de gelo, três taças e o champanhe, demonstravam que a ordem estava sendo cumprida, só que algum tempo antes do combinado.

A antecipação, no caso, por proverbial, foi muito bem aceita por Albuquerque, pois ele não contava que antes dos trinta minutos, ele, sua esposa e Ricardo, estariam às voltas com um não declarado, mas efetivo campeonato de choro.

A presença do mordomo fez bem aos três, pois, como que saindo de transe, caíram em si e estancaram o pranto derretido...

O champanhe selou o contrato verbal da fantástica oferta dos Albuquerque a Ricardo.

Nos meses seguintes Albuquerque materializou suas promessas. Suas dores haviam desaparecido.

Grato a Ricardo e feliz com a vida, com a qual tinha andado às turras por quase duas décadas de sofrimentos, excedeu o prometido.

Alugou e reformou um grande prédio, em zona privilegiada da cidade e ali instalou um grande centro comercial de pneus.

Mandou decorar belissimamente a loja, transferindo da matriz grande estoque de pneus novos para o almoxarifado de vendas; em anexo à loja montou e equipou uma excelente oficina de reparos e de vulcanização de pneus usados.

Na loja introduziu também grande quantidade de acessórios para autos, desde som, tapeçaria, rodas extravagantes (tão ao gosto da juventude) e muitos outros itens de embelezamento supérfluo para veículos.

Todas as despesas correram por sua conta.

Durante a instalação da loja Ricardo viajou várias vezes para a Capital para tomar conhecimento de maiores detalhes sobre a comercialização de pneus.

Atualizou e aperfeiçoou seus conhecimentos de vulcanização.

Nessas oportunidades, sempre se hospedava na casa de Albuquerque.

O departamento jurídico da empresa de Albuquerque, cumprindo suas ordens, elaborou um minucioso contrato, o qual Ricardo e seu benfeitor assinaram, em emocionada cerimônia íntima, na residência do casal.

Ricardo passou a morar num amplo apartamento, próximo à sua nova firma.

Com muita tristeza separou-se da cachorrinha Cereja, que ficou com os Rodrigues.

Convidou o senhor Rodrigues, como forma de gratidão, para tomar conta da sua borracharia, ficando acertado que mensalmente receberia uma parte do faturamento. O antigo senhorio aceitou o convite, até porque, sendo aposentado, teria algo para se ocupar e ainda por cima, sem qualquer despesa ou investimento, ganharia algum dinheiro.

Na fase de instalação da firma de Ricardo a Tenda Pai Jeroboão recebeu, semanalmente, expressivas doações de mantimentos, por ordem de Albuquerque. Ingenuamente, o doador remetia iguarias finas, as quais, por vezes, os pobres que as recebiam nem sabiam como usar: "champignon", enxovas enlatadas, queijos caríssimos ("cheios de furos"), aspargos, cerejas em caldas, musses, chocolates granulados, patês etc. etc.

Ninguém tinha coragem de dizer ao bondoso doador que aquelas comidas estavam até "fazendo mal", pois muitos pobres que as ingeriam tinham reações alérgicas, já que eram consumidas sem obediência às especificações técnicas de preparo.

Cem dias após o champanhe no hotel, a loja de Ricardo foi inaugurada.

O estabelecimento chamava-se "RICAR PNEUS LTDA".

O nome encobria um segredo do proprietário: era formado pelas primeiras sílabas dos nomes Ricardo e Carla, demonstrando que a antiga namorada ainda inspirava algo no peito do jovem.

Todos, porém, pensaram que "RICAR" era abreviatura de "Ricardo".

Os Albuquerque, nesses pouco mais de três meses, foram presença constante na cidade e na Tenda.

À inauguração compareceram dezenas de convidados, dentre autoridades e amigos de Ricardo e de Albuquerque.

André Luiz, com seus pais e com sua noiva, Angélica, além de vários ex-colegas do Exército, formaram um grupo que emocionado Ricardo recebeu.

Ao ser apresentado a Angélica o jovem empresário teve um clarão mental em que viu a bela moça como sua filha...

A visão não demorou nem um segundo e o grande movimento de pessoas impediu que Ricardo se aprofundasse em conjecturas.

À moça não passou despercebida a surpresa de Ricardo em vê-la, porém, como ela própria também surpreendeu-se, julgando já conhecê-lo "há muito tempo", manteve-se discreta, porém intrigada.

Balduino, esposa e filha, igualmente compareceram.

Nem bem Ricardo se refizera da surpresa em conhecer Angélica, teve outra agradável surpresa: Claribel, que há dois anos não via, tinha se transformado em radioso sol, iluminando onde estivesse, mercê de sua formosura.

Estava belíssima! Era belíssima!

Cabelos negros, ondulados, caindo abundantemente sobre as costas, pareciam uma cascata, onde o ébano, em contraste com o bronzeado da pele, tornava-a escultura viva de uma deusa pagã.

Seu corpo, exuberantemente escultural, chamava atenção...

A menina-moça, espírito evoluído, e por isso mesmo sem vaidades, sorria como talvez os anjos sorrissem ao sentirem-se admirados.

Indene a qualquer afetação, isso a tornava ainda mais bela, mais atraente.

Nela, a sensualidade era espontânea e a sexualidade natural.

Sabia-se atraente, porém jamais se houvera como coquete.

O fato é que a beleza de Claribel iluminou o íntimo de Ricardo, que daquele momento em diante, cristalizou sua imagem no coração.

Entusiasmou-se por Claribel, contudo, considerou ser paixão o que na verdade era o lampejo do amor.

Após o ato solene de inauguração, houve um coquetel, seguido de visita às dependências comerciais da "RICAR".

Terminado o encontro social e comercial Albuquerque abraçou demoradamente Ricardo, sem pronunciar palavra.

Na festa todos riam, menos dois homens: Albuquerque e Ricardo, emocionados, sem poder falar, traziam os olhos envolvidos por lágrimas. Foi assim que sem nem dizer adeus Albuquerque se retirou, juntamente com a esposa.

Recompondo-se, o jovem procurou o Sargento Balduino e família. Fêz questão de atendê-los com especial deferência.

Já na despedida disse ao ex-superior militar:

— Sargento Balduino: aprecio muito sua amizade, agradeço sua presença e noto que o senhor pouco tem ido à Tenda. Hoje, ao rever sua esposa e sua filha, sinto como gosto de todos, desde aquela noite em que fui acolhido em sua casa. Creio que chegou a hora de retribuir: gostaria que o senhor deixasse sua filha trabalhar na minha empresa, já que há pouco, conversando com ela, soube que está procurando emprego. Disse-me da dificuldade em conseguir trabalho, pois que continua estudando de manhã e quer trabalhar só no período da tarde.

Balduino, surpreso e contente, concordou imediatamente.

Claribel, ouvindo a franca exposição de Ricardo, ficou feliz e em sua alma brotaram sentimentos indefinidos sobre o jovem empresário.

Claribel iniciou seu trabalho como secretária de Ricardo, que pessoalmente, ensinava-lhe o serviço. Como a empresa estava vivendo seus primeiros dias, o fato não despertou atenção, porém, como o desvelo do patrão para com a secretária fosse exagerado, os empregados, embora discretos, logo perceberam que havia algo entre ambos... Aliás, poucos, pouquíssimos, aceitavam o fato de Claribel trabalhar só meio expediente e ainda por cima ter o salário que tinha.

Ricardo permanecia por perto da jovem o maior tempo possível.

A relação trabalhista, como de caso pensado agira, facilitou essa convivência.

A moça, demonstrando inteligência aguçada, logo aprendeu todas as funções do seu cargo. Espírito franco e desarmado contra quaisquer maldades, particularmente contra as malhas da sedução, não recusava os inúmeros presentes que o patrão amiúde lhe dava.

Fora do serviço, fosse nas ruas, na escola, no clube ou onde quer que fosse, divertia-se, quase infantilmente, com as incontáveis investidas galantes feitas por colegas, rapazes e até homens que desconhecia.

Nessas ocasiões, sem demonstrar desprezo, contudo, jamais encorajava qualquer continuidade, desvencilhando-se com bastante educação.

Tal procedimento mais inflamava a cobiça de tantos pretendentes...

Decorridos dois meses de trabalho, Ricardo chamou Claribel à sala da presidência. Faltavam cinco minutos para encerrar o expediente.

— Tenho algo importante a dizer. Você está com pressa, hoje?

— Não. Apenas combinei de ir ao cinema com uma colega, aproveitando as férias escolares. Aliás, disse a mamãe que daqui do serviço iria me encontrar com essa amiga, indo ao cinema sem ir em casa para o jantar.

Nesse momento a sirene da empresa anunciou o término da jornada diária.

Ficaram na firma apenas Ricardo, Claribel e dois vigias.

Ricardo ofereceu um refresco, que a moça aceitou.

Pensando e pesando cada palavra, disse:

— Clari — assim a chamava —, gostaria de conversar com você, fora daqui, pois preciso confessar-lhe uma coisa.

Claribel, sem que soubesse explicá-lo, sentiu grande mal-estar.

Respondeu:

— Senhor Ricardo, por que o senhor não vai lá em casa e conversa com papai? Talvez o que o senhor precisa ele possa ajudar.

— Não, Clari. O que tenho para dizer, quero que só você ouça.

Dizendo isso, sem conseguir dominar as emoções e o ardor dos impulsos carnis, levantou-se.

A jovem, de pronto, não percebeu a atitude e as intenções.

Parando em frente à moça tomou suas mãos.

O choque foi enorme: Claribel sentiu que as mãos de Ricardo ardiam e que ele tremia.

Olhando o patrão, agora muito próximo à sua frente, viu também que seus olhos estavam injetados de sangue, com um estranho brilho.

Claribel ergueu-se, tentando libertar suas mãos das de Ricardo.

O homem, não podendo conter sua ânsia, onde o animal sobrepunha-se ao racional, enlaçou a jovem de encontro ao corpo.

Beijou-a na boca, com sofreguidão.

Surpreendida pelo inesperado do ato, Claribel não reagiu logo. Seu cérebro não assimilou de imediato o significado vil de tudo aquilo.

Até ali, admirava o patrão, vendo nele um amigo, quase um protetor, que lhe propiciara emprego, cujo ordenado atendia seus gostos com roupas, produtos de beleza, algumas jóias e tantas outras coisas que todas as moças apreciavam.

Ademais, a amizade de Ricardo com seu pai impediu que fossem alimentados quaisquer preconceitos ou suspeitas quanto ao seu procedimento naqueles dois meses.

E agora aquele homem, até então atencioso e gentil, brutalmente tentava invadir sua pureza. Em seus devaneios de moça sonhadora, até já tinham perpassado em seu coração sentimentos contraditórios, entre gratidão ou afeto mais profundo por Ricardo. Apenas por isso a moça não reagiu imediatamente, como teria feito em qualquer outra circunstância.

Ricardo, não sendo repellido, sentiu-se encorajado a prosseguir.

Na mínima fração de tempo que dispôs, sem recusa, tentou carícias mais intensas. Estava abrasado de desejos, transbordando sensualidade. Nele, o império exacerbado da carne liderava a razão, em detrimento da consciência.

A libido, desorganizada, conferia-lhe força muscular duplicada, no tentame de subjugar aquela cobiçada presa...

Ninguém tem o direito de torpezas e quem assim age nunca está só!

Mecanismos espirituais de sintonia e atração, em casos tais, agem à revelia dos encarnados. O agente maligno encarnado firma indelével contrato com Espíritos desencarnados, ansiosos ainda por sensações terrenas.

Tais Espíritos, agindo aos bandos, acorrem céleres aos palcos terrenos onde se desenrola a ignomínia, incentivando-a de maneira fantástica.

Pelos fios do pensamento entretecem poderosos laços com a criatura encarnada infeliz, passando a chefiar-lhe os pensamentos e, por decorrência, as ações.

Não desconheça ninguém que o mal, uma vez iniciado, dificilmente é obstado.

Essa quebra violenta do ritmo de vida de alguém, necessariamente carrega culpa ao agente e desarmonia à vítima; nesse caso,

porém, perante a Balança Divina, aquele assume débito e esta resgata culpa, ou, adquire aprendizado em tal provação.

Qual pedra que rola do alto da montanha em direção a um pacato vilarejo, somente uma formidável força poderá detê-la, impedindo suas funestas conseqüências; tanto quanto uma pedra que rola do alto provoca uma avalanche, por desalojar outras pedras até então inertes, assim também um Espírito maldoso, em queda, arrasta outros pares rumo ao abismo das infelicidades humanas.

Essa força, capaz de deter o mal, está em toda a Natureza: é o Bem!

E a Natureza faz prodígios, a que os homens denominam milagres!

Ela, a Natureza, tem a grandeza do macro e a pequenez do micro, ambas, proporções insondáveis e inalcançáveis pela mente humana: estrelas, milhares de vezes maiores que o nosso Sol, foram criadas pelo mesmo Arquiteto que forma os componentes de cada átomo; de gota em gota a nascente forma o grande rio ou o grande lago; grão por grão a areia forma o deserto; instante a instante, milênios somados a milênios, a erosão desfaz uma montanha ou a sedimentação ergue outra; a chuva — qualquer chuva —, por mais abundante, em qualquer época e em qualquer lugar, começa sempre com um primeiro pinga d'água...

Deus, o Arquiteto do Universo, Causa Primeira de todas as coisas, Inteligência Suprema, é a Bondade Integral e a Justiça Absoluta.

Criou Leis Naturais tão perfeitas quanto a própria Perfeição, por isso mesmo sem modificações, no tempo ou no espaço, para aplicação em todos os quadrantes do cosmo infinito.

Uma dessas Leis, que a Doutrina dos Espíritos, o Espiritismo, denomina de LEI DE JUSTIÇA, impede que o inocente sofra, tanto quanto impõe débito ao culpado; para juiz das questões humanas Deus concedeu a todos os Espíritos a consciência, que para os primeiros dá paz, e aos segundos, cedo ou tarde, desperta e reeduca.

Ricardo, no caso, assessorado por invisíveis comparsas, perdeu o controle, já não mais sabendo o que fazia.

Claribel esperava tudo menos isso, quando compareceu ao escritório do patrão, convocada por ele, ao encerramento do trabalho.

Se a lei de atração e sintonia atrai apoio para os maldosos, da mesma forma, à criatura boa não faltará proteção.

Se Ricardo teve as forças duplicadas o mesmo aconteceu a Claribel: desvencilhou-se bruscamente da agressão sexual, "metabolizando" e equacionando a maneira certa de interromper tal brutalidade. Invisível aos encarnados, vindo do espaço e atravessando o teto, um feixe luminoso envolveu-lhe, primeiro ao cérebro e depois todo o corpo.

Duas lágrimas rolaram em suas faces...

Não há no mundo mecanismo que possa dimensionar a vibração positiva em toda a atmosfera planetária, provocada por apenas uma única lágrima de um justo.

Duas lágrimas, então, enternecem "quase todo o Universo"...

A lágrima pura, assim como o orvalho sobre a pétala da rosa, tem tanta majestade, que diariamente o Sol, em primeiro lugar, a ela se dirige, qual sincero admirador, quase apaixonado.

Quem olhar, ao alvorecer, o entrelaçamento do primeiro raio solar com a gota do orvalho, perceberá que entre ambos há algo de transcendental...

Quando Ricardo, em louca e irrefreável sensualidade tentava dar vazão total aos seus inconfessáveis desejos, sentiu no rosto as duas lágrimas de Claribel.

A luxúria que se apossara de sua carne, sofreu formidável impacto, refreando-a.

Mais eficiente que qualquer extintor, num átimo as lágrimas apagaram aquele fogo passionai.

Os olhares se cruzaram: novas lágrimas estavam prestes a eclodir na moça, cujo rosto parecia estar iluminado por ocultos holofotes.

As mãos ainda estavam umas nas outras; os corpos, unidos.

Sem poder explicar o que sentia Ricardo sustou seu procedimento e ajoelhou-se, ainda segurando as mãos daquela inocente criatura:

— Clari, Clari... perdoe-me!

A moça, já agora experimentando o desconforto e a dor moral de algumas nuances da fronteira entre o Bem e o Mal, até então só conhecidas pela leitura de alguns romances, não disse palavra. Lágrimas jorravam de seus olhos, porém ela não soluçava, nem chorava...

Desprendendo as mãos das de Ricardo, deixou a empresa, em estado de choque.

* * *

PESADELOS AO DESPERTAR

A "RICAR" prosperou rapidamente. Ágil e empreendedor, Ricardo fez com que as vendas sempre aumentassem. Implantou vendas em consórcios de cinco ou de dez pessoas; organizou, treinou e introduziu no mercado numerosa equipe de vendedores praticistas e viajantes que percorriam as cidades próximas, até mais ou menos duzentos quilômetros; na loja, as promoções eram constantes, sempre atraindo numeroso público comprador; criou um departamento especializado em licitações públicas, que em pouco tempo, passou a concorrer em diversos Estados, vencendo várias vezes.

Foi assim que em dois anos conseguiu pagar ao senhor Albuquerque todas as dívidas contratuais, passando a ser dono de uma empresa sem dívidas e em franco progresso comercial.

Com invejável estoque de material e invulgar capacidade de comercialização Ricardo tornou-se rico, jovem ainda.

Contava, então, vinte e três anos.

Ricardo, desde os tristes acontecimentos com Claribel, passou a ter mau humor constante.

Esparadamente, mantinha algum contato com mulheres, em namoros fortuitos e absolutamente descompromissados.

As moças com as quais eventualmente saía, eram eleitas para poucas horas, ou, no máximo, para poucos dias.

Na Tenda, onde continuava realizando curas, sendo assediado por muitas das mulheres que ali compareciam para consultar, passou a unir o que para ele era "o útil ao agradável"...

De forma velada, a princípio, passou a envolver-se passionalmente com moças e mulheres, cujos dramas, anseios e angústias sabia, através das consultas que realizava.

Tudo porque o amor por Carla havia se transformado em ódio e o que considerava paixão, por Claribel, em frustração.

Não tendo como anular tais sentimentos negativos, tomou uma decisão que iria repercutir por inimagináveis anos em seu Espírito: não entregaria seu coração, seu amor, a nenhuma outra mulher! Até pelo contrário, como vingança do amor e da paixão irrealizados, auto-elegeu-se "solução" para as dezenas e dezenas de casos de amores infelizes que vinham ao seu conhecimento, através das confissões íntimas que várias mulheres lhe faziam.

Dessa forma, toda vez que uma mulher lhe dizia, em clima de consulta, estar magoada com o marido, noivo, namorado ou companheiro, Ricardo apontava a solução, em três providências, não excludentes:

— a primeira, era esquecer a mágoa, porque seu Guia iria "visitar" o amor não correspondido e trazê-lo para os braços da consulente;

— a segunda, seria o pagamento, em dinheiro, desse favorecimento, que incluía orações com hora marcada, equipes para cantar e riscar pontos, bebidas etc. etc.; nesse momento, era dito o quanto deveria ser pago, podendo ser feito em parcelas;

— a terceira, incluía ele próprio, Ricardo, como parceiro, caso a consulente quisesse vingar-se do amor ingrato, infiel ou indiferente...

Exigente, escolhia para suas atenções amorosas só moças ou mulheres jovens, mas que fossem bonitas e que tivessem posses.

Iniciou perante seu próprio Ego um infeliz desafio: toda vez que alguma mulher bonita adentrasse na Tenda, sua conquista passava a ser meta inadiável.

Seu Guia e protetor, Jeroboão, advertiu-o várias vezes, exortando-o a excluir o ódio do coração e a evitar tais envolvimento com mulheres.

O pai-de-santo, julgando-se acima das circunstâncias, não dava a mínima atenção a tais advertências: é que sua conta bancária já era considerável.

Estando toda a Tenda reunida, o Guia, por intermédio do próprio Ricardo, que não teve como evitar, admoestou: "em todo 'cavalo' a caridade deve estar em primeiro lugar e a moral em segundo, motivo pelo qual, se continuar essa situação, deixarei a Tenda".

Disse mais Jeroboão: "não haverá paz nem harmonia para o moço, pois tormentos terríveis estão para cair sobre ele, a menos que se arrependa e saia da contramão da estrada do Bem".

Foi então que os conselheiros da Tenda, em reunião, resolveram interpelar Ricardo, pois seu mau comportamento já era comentado por todos.

Interpelado, Ricardo ignorou quaisquer conselhos.

Nos dias seguintes teve até mais encontros espúrios com consulentes, como que em queda livre num abismo, aumentando cada vez mais a velocidade de mergulho infeliz: se antes relacionava-se apenas com mulheres solteiras ou separadas dos maridos, passou a conspurcar lares, encontrando-se também com casadas.

Para culminar suas imprudentes e infelizes ações, como mal aplicado e desobediente intermediário das Forças Espirituais do Bem, Ricardo protagonizou triste vingança: o pai de Carla, Moacir, foi levado à Tenda por Carla e Andes, seu marido, pois estava muito mal de saúde, com dores terríveis, inclusive já desenganado pelos médicos. A decisão de procurar Ricardo fora difficilima. Somente o amor filial e a esperança de cura conseguiram derrubar os altos muros que o passado erguera entre Carla e o ex-namorado, agora pai-de-santo famoso pelas curas que realizava.

Ricardo, analisando as fichas que sua secretária submetera à sua apreciação, para as consultas da noite, sentiu raiva ao ver o nome daquele que um dia o enxotara qual cão danado.

Espantando a todos os presentes, pelo ineditismo do procedimento, o pai-de-santo, em altos brados, passou uma descompostura no doente e seus acompanhantes pelo atrevimento em ali pisarem. Por conta própria, a título de vingança, expulsou e negou-se a atender aquele que um dia igualmente o expulsara de sua casa.

Dois dias após, soube que o doente tinha morrido, naquela mesma noite em que não foi atendido na Tenda.

O que Ricardo ignorava é que o homem morrera revoltado com a doença e jurando vingança contra aquele que por pouco quase viera a ser seu genro...

Alguns conselheiros testemunharam Ricardo destratar Carla, expulsando o pai doente e o marido que a acompanhava.

À saída, Andes declarou que deixava de tomar uma atitude contra a agressão de Ricardo, tão somente considerando que ali era um ambiente religioso, além de preocupar-se com a saúde do sogro, que piorava a olhos vistos. Mas deixou bem esclarecido que não admitiria repetição daquilo, advertindo aos que o ouviam que acionaria a Polícia, caso tomasse conhecimento de atos semelhantes por parte do pai-de-santo.

O conselho diretor, há dias procurando uma solução para obstar o péssimo procedimento do pai-de-santo, que punha em risco a sobrevivência da própria Tenda, não teve dúvidas sobre o que fazer e como agir.

Passadas cinco noites do incidente, os conselheiros pediram a Ricardo que fosse realizada sessão mediúnica para conversarem com o Guia Jeroboão.

O “poderoso” pai-de-santo não teve como impedir, pois os conselheiros informaram que se ele recusasse a ser o “cavalo” outros estavam prontos para essa importante missão.

À reunião só estariam presentes os demais “cavalos” e os conselheiros da Tenda.

Feitos os preparativos e iniciada a reunião, o Espírito Jeroboão dominou os pensamentos e a fala de Ricardo.

Sem reboços, informou:

— Oxalá nos proteja. Essa é a última vez que compareço aqui, já que meus conselhos foram desprezados pelo “moço” e agora já é tarde. Muitas foram as curas realizadas e todas foram feitas por Orixás que o Pai Grande deixou vir até aqui; todo trabalho precisa de um bom “cavalo” e o daqui afundou num pântano de pecados; vai custar para sair; agora ele é que precisa de tratamento...

— O que fazer? perguntou um conselheiro.

— Deixar ele viver a vida, na companhia de gente ruim que ele arrumou...

— Gente ruim?

— Sim, meus filhos, gente ruim... desse lado de cá...

— Até quando, meu pai?

— Até se arrepender, pedir desculpas para a consciência e trabalhar muito para consertar tudo que ele quebrou.

— E aqui na Tenda, como ficaremos?

— O Pai Grande cuida de todo mundo, desde sanhaço até gente homem. Todos são filhos d’Ele. Não carece de desconfiar. A ajuda vai continuar, só que com outro “companheiro” preto que nem eu, que vai trabalhar com o “cavalo” que vocês chamam de “Lelê”. É bom todo mundo estudar o Evangelho, pois nele estão todas as coisas certas do Céu e da Terra. *Axé.*

Naquela mesma noite Ricardo recebeu, incrédulo, a decisão do conselho diretor, proibindo-o de continuar a “trabalhar como cavalo” ali. As funções de pai-de-santo seriam exercidas por quem o novo Guia determinasse, em ocasião oportuna.

Foi aconselhado a refletir bastante, e cancelar todo e qualquer encontro com mulheres que eventualmente freqüentassem a Tenda. Explicaram que depois da decisão do Pai Jeroboão, certamente ninguém mais quereria consultar com ele.

Se quisesse continuar a pertencer à Tenda teria que submeter-se a um rigoroso tratamento espiritual para afastar os inúmeros “*exús*” (espíritos infelizes) que sua má conduta havia atraído.

Uma punhalada não teria feito maior estrago: aturdido e magoado Ricardo recolheu-se ao seu luxuoso apartamento.

Seu amor-próprio, rudemente agredido, exigiu que nunca mais pusesse os pés na Tenda. “Tamanha ingratidão nunca se viu neste mundo”, pensava.

Entidades invisíveis do plano espiritual mais e mais insuflavam melindres na sua mente; objetivavam afastá-lo daquele ambiente, onde talvez pudesse, em “recaída”, recuperar o bom procedimento.

Em poucos dias começou a sentir-se debilitado, desanimado, sem condições até de comparecer na sua empresa.

Adoeceu.

Uma semana após ser “demitido” da Tenda foi encontrado por Carlinhos, logo de manhã, febril e desmaiado; este, a convite, desde a inauguração da loja de pneus, deixara o hotel e passara a ser seu empregado doméstico.

Foi levado às pressas para o hospital, com tremores e convulsões. “Anemia e pequeno foco cerebral”, diagnosticaram os médicos. Pouco efeito fizeram os medicamentos ministrados.

Permaneceu internado por quatro dias, nos quais inumeráveis exames clínicos e laboratoriais foram realizados.

Ao final, o paciente teve alta sem saber qual sua enfermidade. Na verdade, sentia-se da mesma forma como quando fora hospitalizado.

Foi aconselhado a moderar o ritmo de trabalho, pois a causa mais provável dos seus problemas era esgotamento nervoso e fadiga.

Foi à Capital, em visita aos Albuquerque e também porque queria consultar um Guia na Tenda do pai-de-santo que o iniciara no aprendizado das coisas referentes a pneus. Lá encontrou o amparo procurado: um Guia informou-o que seria curado, em caráter excepcional, por um ano, durante o qual não poderia ser “cavalo” para nenhum Guia. Esse era o prazo que os Orixás davam para ele reconstruir o que havia derrubado... Mas, que não se iludisse: se depois de um ano ele voltasse ao reto proceder, a cura seria definitiva, senão...

Cheio de cismas e temores Ricardo voltou para sua cidade. “Caráter excepcional”, “cura por um ano”, “reconstruir o que havia derrubado”, eram situações injustas, pensava ele.

A maior cisma, porém, era justamente a ameaça velada, contida no “senão”...

“Senão, o quê? o que poderia acontecer-lhe?”.

Recebeu em seu apartamento uma grata visita: Balduino.

O militar vinha agradecer-lhe o emprego dado à filha, informando que após a “licença” de trinta dias ela não poderia mais trabalhar pois tinha alergia a cheiro de borracha.

Isso foi o que Claribel declarou aos pais, como justificativa para deixar o emprego...

Balduino sabia da “expulsão” de Ricardo da Tenda. Discreto e bondoso, nada comentou, porém.

Em tom fraternal, procurando consolar e ofertar compensação, informou que havia deixado de comparecer na Tenda, pois agora dedicava-se “de corpo e alma” a uma instituição assistencial para pobres. Nessa instituição, onde muitas famílias eram socorridas em alimentos, agasalhos e atendimento médico, funcionava também um Centro Espírita. Convivendo com as pessoas responsáveis pelo Centro, gostara da Filosofia Kardecista, lera muitos livros sobre o Espiritismo, estudara sobre a mediunidade e assim, optara por essa nova estrada que, como tantas outras, “leva a Deus”, — Umbanda inclusive, aduziu.

— Os pais de André Luiz são os responsáveis diretos pela instituição, completou.

E convidou:

— Por que você não experimenta ir até lá qualquer dia destes? Lá se faz o Bem e o que é principal: estuda-se muito o Evangelho de Jesus e os cinco livros de Allan Kardec, que codificou a Religião Espírita.

Ricardo pouco falou, limitando-se só a responder ou a comentar brevemente alguma coisa. Compreendeu que Claribel não dissera aos pais os motivos verdadeiros que levaram-na a não mais retornar ao emprego. Dizendo ter se licenciado por trinta dias, inteligentemente transferira para o tempo o cuidado de diluir o fato negativo, e com isso, nesse tempo, eliminara qualquer contato com ele. Admirou a sensatez e o equilíbrio da sua ex-secretária que, assim, evitara sérios dissabores para ele, caso dissesse a verdade...

Relativamente ao convite para visitar o Centro Espírita não disse sim nem não. Apenas ouviu.

Balduino despediu-se, intrigado com o quase mutismo do ex-soldado.

Comentando em casa, sua esposa sugeriu que talvez fosse por causa da recente doença que ele tinha tido e também porque ele tinha sido proibido de freqüentar a Tenda, por motivos não muitos claros.

Os pais notaram que Claribel, ao ouvir as notícias referentes a Ricardo, demonstrou ligeiro desconforto.

Um ano se passou.

Inúmeros convites feitos por Balduino para que Ricardo visitasse sua casa ou comparecesse no Centro Espírita, foram todos recusados.

O Sargento concluiu que o empresário já não trazia na lembrança os laços que de alguma forma, no passado, uniram-no a ele e à sua família.

Com o tempo, deixou de convidar quem sistematicamente recusava.

Nesse interim, contudo, muitas vezes Ricardo procurara Claribel. Esperava-a à saída da escola, mantendo-se à distância porém em lugar visível.

Invariavelmente, a moça evitava aproximar-se dele.

Não desprezava o ex-patrão; não o odiava, também; apenas mantinha-se alerta e vigilante, visando impedir a repetição de tão desagradável experiência, quando era sua secretária.

Para ela Ricardo simbolizava algo a ser repellido, por imoral.

À casa de Claribel Ricardo não se atrevera a comparecer, receoso que disso adviessem complicações, pois temia não ser bem recebido por ela, vindo a transpirar o acontecido.

Por isso é que declinara de tantos convites feitos por Balduino.

Decorrido um ano de sua infeliz tentativa junto a Claribel, a pouco e pouco sua imagem, sinalizando amor, foi invadindo a mente do jovem empresário. Inclusive, nesse tempo, evitara realmente encontros com mulheres, recolhendo-se celibatariamente, abstraindo-se do mundo, presa infeliz de um amor desde o começo desastrado.

Assim procedia por dupla razão: primeira, porque fora admoestado pelos Guias para ter procedimento correto quanto a mulheres e, segunda, porque verdadeiramente em seu coração Claribel houvera tomado todos os espaços.

Em um ano, de forma incipiente a princípio, aquele sentimento passionnal esfogueou-se num amor sincero — arrazador, face as circunstâncias...

A consciência culpada não dá tréguas àquele que erra e assim Ricardo vivia com ansiedade, com mágoa e, em decorrência, com depressão.

Agora, que o tempo anesthesiara em parte a gravidade do seu mau ato com Claribel, após muito pensar, decidiu resolver definitivamente o impasse do seu coração junto a ela: pediria perdão e caso o alcançasse iria à sua casa, sim, e exporia a seus pais a intenção de namorá-la.

Tomando coragem mandou um recado ao Sargento Balduino, perguntando-lhe se poderia ir no dia seguinte almoçar com sua família, aproveitando que seria feriado.

Propositalmente, o recado fora entregue a Claribel, segundo ordens expressas ao estafeta, que aguardou o momento adequado para cumprir a ordem.

O bilhete, apenas dobrado, foi lido pela moça, ainda na presença do entregador, a quem agradeceu e despediu sem nada comentar a respeito.

Balduino, ao receber o bilhete, notou que Claribel tremia, julgando que talvez aquilo “fossem coisas do coração, quem sabe?...”

Contente, o Sargento confirmou com Ricardo a visita, por telefone, dizendo que para eles seria uma honra.

O auto-convidado deduziu que não haviam “nuvens negras nos céu” e assim afastou quaisquer temores, passando a aguardar ansiosamente o dia seguinte.

Planejara observar as reações de Claribel, ouvir notícias da sua vida, assuntar se ela tinha compromisso com algum namoro, enfim, só exporia seu intento se percebesse clima favorável.

Só em pensar que talvez ela tivesse “outro” namorado, sentia-se infeliz.

Essa dúvida vinha asfixiando-o, há meses, fazendo-o sofrer.

O “destino”, porém — sempre o *destino* -, tem seus próprios rumos, seus próprios meios e seus insondáveis desígnios: nem bem desligara o telefônema de Balduino, recebeu outro, interurbano, do advogado do senhor Albuquerque, informando que ele tinha sido vítima de um acidente automobilístico, em companhia da esposa, morrendo ambos; o fêreto seria na manhã seguinte.

Ricardo ficou abaladíssimo.

Na mesma hora providenciou sua viagem para a Capital, a fim de cumprir o doloroso e jamais imaginado dever de despedir-se de seus protetores, dessa vez para sempre.

Tão atarantado deixou-o a notícia que esqueceu de desfazer a visita do dia seguinte ao lar de Claribel.

Após as cerimônias fúnebres o advogado convocou Ricardo para reunir-se com alguns parentes dos mortos, no seu escritório, naquele mesmo dia, às dezesseis horas. Mesmo sendo feriado, abria seu escritório para a reunião. O assunto era urgente e ele não deveria faltar, sob risco de ter grandes prejuízos...

Preocupado e sentindo grande mal-estar, o jovem foi até o escritório do advogado, onde já estavam várias pessoas, algumas já vistas poucas vezes na casa do senhor Albuquerque e as demais, no velório, naquela manhã.

Todos, com efeito, eram familiares dos Albuquerque.

O motivo da reunião, esclareceu o Dr. Silva, era para notificar ao jovem protegido do “já saudoso Albuquerque” que algumas

modificações comerciais seriam realizadas no contrato firmado entre ambos.

Ricardo desconhecia que desde que o senhor Albuquerque houvera lhe favorecido tão generosamente, seus parentes, ao saberem disso, se movimentaram: procuraram um advogado — o Dr. Silva —, para que ele os orientasse como proceder de forma a proteger sua futura herança. Isso porque os Albuquerque não tinham filhos, estavam “mais prá lá do que prá cá” e mais cedo ou mais tarde, os parentes herdariam sua imensa fortuna.

O advogado, acostumado a grandes litígios testamentais, só se espantou com uma coisa: a perfeita união dos familiares, tanto por parte de Albuquerque quanto por parte de Hermínia, sua esposa...

Agindo arditamente Silva conseguira uma cópia do contrato comercial, do qual resultou a criação da filial da empresa de Albuquerque. Verificou que realmente as condições comerciais com as quais Ricardo foi contemplado eram raras nos dias de hoje, até mesmo em se tratando “de pai para filho”.

Confirmou com os futuros herdeiros que eles tinham razões de sobra para se precaverem. Chegou até a levantar a suspeita quanto à provável existência de um testamento oculto, pelo qual o jovem desconhecido do interior viesse a herdar tudo, ou quase tudo da fortuna que de direito, deveria ser repassada apenas aos herdeiros legais — os consangüíneos do casal.

Isso mais inflamou a cobiça dos dois ramos genealógicos.

Decidiram afastar Ricardo dos seus protetores e um dos meios seria afastá-lo do ramo de pneus — talvez, provocando sua falência... Pois, falido, não seria difícil a própria Justiça deserdá-lo, por incúria, no caso de eventual demanda testamental.

Investiram grandes somas na busca desse provável testamento e com alívio deduziram pela sua inexistência. Mesmo assim, decidiram “dar uma mãozinha” para a falência da “RICAR”.

Albuquerque e Hermínia, por algumas vezes, comentavam que já estava na hora de fazerem um testamento...

Tal providência, sempre adiada, veio confirmar que a Morte “é a mais certa, porém a menos esperada de todos os convivas da Vida...”

Analisando o contrato comercial verificaram os herdeiros que pouco ou nada se poderia fazer para anular o que existia, até porque

temiam que Albuquerque e esposa percebessem qualquer manobra nesse sentido, vindo a desgostarem-se. E aí, sim, poderiam até deserdá-los.

Preocupados, os parentes uniram recursos, interesses e estratégias para resolver o problema. Com manobras desonestas, sob a proteção do anonimato, das quais se encarregou Silva, conseguiram comprar o imóvel em que estava instalada a empresa de Ricardo. O prédio passou a pertencer-lhes, embora na escritura constasse outro nome de proprietário, no caso, “testa-de-ferro”.

O novo proprietário do imóvel, sob orientação de Silva, exorbitou no preço do aluguel, fazia exigências descabidas à “RICAR”, ameaçando por várias vezes requisitar o prédio para uso próprio.

Além disso, constantemente a empresa passou a ser convocada a comparecer ao órgão responsável pela saúde pública, para justificar a poluição que sua empresa estava causando.

— Que poluição? questionava o departamento jurídico da “RICAR”.

— Poluição ambiental: danos ao ar e à saúde das pessoas, pelas fumaças venenosas da vulcanização, era a resposta.

Em conseqüência, vultosos investimentos foram feitos no sentido de instalar filtros adequados a eliminar os efeitos poluidores.

Os filtros, dos mais modernos, além de realmente evitar danos à atmosfera, tiveram ainda outro efeito: acalmaram as denúncias, quase sempre anônimas...

Tais denúncias provinham, ocultas, dos cobiçosos parentes dos Albuquerque, cuja idéia fixa era “varrer” o intruso do ramo de pneus.

O desenlace acidental dos protetores de Ricardo deu-lhes inesperado alento. Agindo com rapidez, decidiram pela eliminação da “RICAR”. Imaginaram que desarvorando Ricardo, imediatamente se possível, ele não teria condições de pleitear quaisquer direitos, particularmente comerciais, sobre os bens dos extintos.

Ricardo foi recebido friamente pelos participantes da reunião convocada pelo advogado. Este, sem a menor preocupação com os bons costumes e menos ainda com os sentimentos das pessoas — os de Ricardo, no caso —, informou aos presentes que cumpria o dever profissional de legalizar a situação da “RICAR” junto aos herdeiros legais do “já saudoso casal”...

Informou “a todos” que o prédio onde funcionava a “RICAR” tinha sido trocado com uma construtora, sob condições contratuais de derrubar a edificação existente e em seu lugar construir um prédio

de apartamentos, dos quais, alguns seriam dados em pagamento aos proprietários do terreno.

Ricardo mal acreditou no que ouviu.

Em estado de choque pela perda dos queridos amigos, há poucas horas enterrados, como era possível aquilo estar acontecendo? O que ouvira? A "RICAR" ter que sair daquele excelente ponto comercial? Ir para onde? Quando?

Quase adivinhando os pensamentos do jovem empresário o advogado continuou:

— O contrato comercial de locação da sua empresa no atual endereço prevê, em um dos seus quesitos, que em caso de utilização residencial do proprietário do imóvel, o mesmo poderá ser requisitado, devendo ser desocupado em sessenta dias.

— Mas eu posso alugar ou comprar uma casa para o proprietário do terreno, caso ele esteja precisando, respondeu Ricardo, aflito.

E acrescentou:

— Minha firma não pode de maneira nenhuma sair de onde está. Isso me causaria um prejuízo enorme. Existem equipamentos caríssimos instalados nela e além do mais, em minha cidade, eu não conseguiria mais licença para instalar a vulcanização em ponto comercial, pois tive sérios aborrecimentos com a saúde pública. Talvez até tenha que fechar minha empresa.

E concluiu, enfático:

— Seria minha ruína, ou quase...

Triunfalmente, disse Silva:

— Não é o caso de você arranjar casa para o proprietário do imóvel. São vários os proprietários...

— Quem são?

— Nós, os herdeiros legais dos falecidos, disseram, a uma só voz, três ou quatro dos presentes, até então calados.

— Desde quando?!

— O imóvel é nosso há bastante tempo e o contrato com a construtora foi assinado há uma hora atrás.

— Mas, por que vocês querem me prejudicar tanto?

— Não queremos prejudicá-lo; queremos, tão somente, o que de direito nos pertence.

— Mas... não podemos entrar num acordo?

— Não há acordo possível: somos os herdeiros, o contrato nos favorece pedir o imóvel para nele ser construído residências, com as

quais pretendemos nos manter, e pensamos que assim a Justiça também decidirá. Pode ser até que nos mudemos para lá, quem sabe?

— Mas, meu Deus do Céu: os mortos ainda não esfriaram e vocês já decidiram tudo isso?!

Silva adiantou-se na resposta:

— Não temos maiores satisfações a lhe prestar. Daqui para a frente, nós nos entenderemos no foro judicial de sua cidade. Passe bem.

Ricardo viu no olhar de Silva um brilho inesquecível, de gozo, de vitória...

Ricardo quase explodiu, dando vazão à raiva que sentia, misto de asco e desprezo, por todos os presentes. Principalmente por Silva, que de forma tão estúpida, desrespeitava a memória daqueles a quem ele, Ricardo, praticamente tudo devia.

Foi pensando em Albuquerque — e tão somente por respeito ao que ele representou em sua vida —, que conseguiu superar o impulso de reação violenta.

O regresso à cidade que morava não foi fácil: seu cérebro era um turbilhão, onde as idéias se entrecrocavam.

Chegou tarde da noite e no dia seguinte, após uma noite mal dormida, procurou Balduino para desculpar-se de haver faltado à visita.

Ao chegar à casa do militar teve desagradável notícia: não havia ninguém em casa. Os vizinhos informaram que a família toda tinha viajado, em férias.

A perturbação de Ricardo, cujo processo se iniciara com a morte dos Albuquerque e fora agravada pela maldade dos herdeiros, ali atingiu e ultrapassou a fronteira entre a calma e o desespero. Esperava ver Claribel, declarar seu amor, pedir perdão se necessário, mas não poderia mais continuar na angústia que o remorso lhe infligia.

Sentiu tontura.

Seus nervos não suportaram a sobrecarga emocional de mais essa frustração.

Antes de desfalecer colocou as duas mãos na cabeça, como se quisesse amassar as orelhas e conseguiu pronunciar bem baixinho: "Claribel!..."

Foi conduzido ainda desmaiado ao Pronto Socorro Municipal e de lá, ao ser reconhecido, transferido para o melhor Hospital da cidade.

O atendimento de urgência foi baseado novamente no diagnóstico de cansaço, descontrole nervoso...

Porém, no dia seguinte, sendo examinado por uma Junta Médica, o caso se mostrou mais grave do que aquilo que de início se pensou. Com efeito, o jovem estava no limiar de uma perigosa depressão. Importante estancar tal estado pois sabiam os médicos que alguns de tais pacientes estão a um passo da loucura ou do suicídio.

Sedativos foram ministrados de forma a manter o doente por alguns dias em sonoterapia. Teve alta uma semana após, com severas recomendações de moderar as atividades e principalmente as emoções.

As despesas hospitalares foram altíssimas, porém o paciente era abastado e sem dificuldades indenizou-as.

Tinha emagrecido visivelmente.

Apático, cansado e demonstrando absoluto desinteresse pelos negócios, aliás por tudo, deixou de comparecer na "RICAR".

Durante sua permanência no hospital foi feita uma compra fantástica de matéria-prima para vulcanização. Essa compra foi pessoalmente realizada pelo Gerente de Compras, o qual tinha procuração do proprietário, nunca antes utilizada. O Gerente teve duplo objetivo com essa transação: ganhar uma expressiva quantia do fabricante, a título de comissão e simultaneamente dotar a empresa de grande estoque daquele material. O que o Gerente desconhecia é que a firma estava com o espelho do futuro embaçado.

Decorridas duas semanas da morte de Albuquerque e esposa, a "RICAR", que eles tão jubilosamente criaram e passaram para Ricardo, recebeu notificação judicial para desocupar as atuais instalações, no máximo em sessenta dias.

Ricardo recebeu seu contador, em casa, com a notificação.

Ali mesmo foi passada procuração para que o contador supervisionasse o cumprimento da ordem judicial, alugando e transferindo a "RICAR" para outro endereço.

A notícia alvoroçou os empregados e colocou em perigo a estabilidade comercial da empresa, pois os mais desencontrados boatos passaram a circular.

O contador alugou um grande armazém, em local distante, o único encontrado e compatível com a instalação das máquinas de vulcanização.

Alheio ao perigo comercial que corria Ricardo a tudo assistiu, impassível.

A todos espantava seu desânimo.

Com o espírito bloqueado e demonstrando apatia por tudo e por todos, nem mesmo tentou rever Claribel.

Julgava-se vítima de forças malignas, cuja origem desconhecia.

Pensou procurar algum apoio espiritual, mas a lembrança de como fora "escorraçado" da Tenda em que era pai-de-santo o impedia.

Não tinha ânimo sequer para reagir às providências tomadas pelos herdeiros de Albuquerque e Hermínia, muito bem orientados juridicamente por Silva.

Na verdade, nem mesmo quis opor-se àquela declarada ignomínia.

E assim, antes do prazo concedido pela Justiça para a desocupação, o imóvel foi entregue aos proprietários.

Várias foram as sugestões dos empregados da "RICAR" para que o patrão apresentasse recurso na Justiça. Todas foram consideradas, no ato.

Temiam os empregados que o pior acontecesse: a firma entrar em falência, ou em concordata e eles perderem o emprego. Sim, porque indo para onde estavam indo, certamente as vendas estariam prejudicadas; ademais, a ausência do patrão, que poucas vezes ia à empresa, pouco lá se demorando, fizera com que a equipe de vendedores se dispersasse, muitos abandonando a função, pois ninguém na "RICAR" assumia a responsabilidade em baixar preços, conceder prazos para pagamento, oferecer algumas vantagens, etc .

E foi o que aconteceu: poucos meses após mudar de endereço, do excelente ponto comercial para local afastado, as vendas despencaram.

Embora Ricardo tivesse grande lastro bancário e excelente crédito até ali, as notícias de sua doença levaram os Bancos e os fornecedores em geral a não mais conceder-lhe as costumeiras facilidades financeiras.

Culminando o mau momento comercial, um grande furto de todo o estoque de pneus e da matéria-prima de vulcanização, veio agravar o já abalado equilíbrio financeiro da empresa. Todas as tentativas de indenização fracassaram, pois comprovadamente as atuais instalações não atendiam às cláusulas de segurança constantes do contrato, entre a companhia seguradora e a "RICAR".

E também, por mais que a Polícia tentasse, não foram identificados os ladrões.

Assim, de forma inexorável, em pouco mais de quatro meses no novo endereço, a "RICAR", uma das mais sólidas empresas da cidade, fechou suas portas.

Todas as economias do proprietário foram empregadas no pagamento a credores impacientes e na indenização dos direitos trabalhistas dos empregados.

Melancolicamente, ruiu um próspero negócio, sem que ninguém conseguisse atinar com a causa da impassividade do seu proprietário.

De ordem do Juízo de Direito da Vara Cível da cidade, o aviso de falência foi publicado, estabelecendo a data, hora e local para a entrega das propostas para a aquisição dos bens que compunham o acervo da massa falida da "RICAR". Rezava o aviso do processo falencial que aos licitantes seria permitido consultar e analisar os bens a serem adquiridos, os quais estavam relacionados nos vários editais afixados no átrio do Fórum local.

Seu luxuoso apartamento precisou ser vendido e ainda aí imperou a maldade humana, pois os corretores, sabendo as dificuldades monetárias do proprietário, transacionaram a venda a preço vil e comissão dobrada.

Após a liquidação de sua firma Ricardo definhava, dia a dia, semana a semana, mês a mês. Alheio a tudo, descuidando até mesmo da aparência e do asseio corporal, transformou-se num molambo.

Como último refúgio possível, retornou ao "velho" quarto dos Rodrigues.

Os antigos senhorios receberam-no de volta, muito mais por piedade do que por qualquer outro motivo. O ex-soldado, antigo inquilino e agora ex-próspero comerciante, não passava de um quase indigente, tanto na aparência, quanto na conduta. No tocante a trabalho, demonstrava permanente desânimo.

Por tudo isso, mais parecia um brinquedo defeituoso, cuja corda estertorava.

O quarto nunca mais tinha sido alugado, até porque o casal passou a dispor de razoável rendimento desde que arrendara a borracharia de Ricardo.

Aliás, não fosse a borracharia e aquela triste figura humana estaria sem quaisquer recursos.

Cereja, a cachorrinha, esta sim, recebeu o antigo dono com impressionantes manifestações de alegria, de carinho, de amor... O bom trato dispensado pelos Rodrigues e talvez pelo fato de suas diversas crias terem sido carinhosamente adotadas por vários civis, haviam "desmilitarizado" o pequeno animal.

Nos dias seguintes dava pena ver aquele moço caminhar a esmo, sempre cabisbaixo, sempre calado. Pouco se alimentava.

Andando distraído e sem rumo, próximo da hora da Ave-Maria, trazendo em descontrolado as emoções, os pensamentos e o próprio Espírito, quis atravessar a rua. Foi atingido em cheio por um veículo, que mesmo em velocidade moderada, ainda assim projetou-o a vários metros do ponto de impacto.

Antes de terminar a trajetória da queda brutal Ricardo viu o brilho intenso de uma estrela, a única que estava visível naquela hora.

A estrela — Sírius —, foi talvez, a única criação de Deus a lhe amparar, com dulcíssimos fluídos que penetraram seu Espírito, naquele difícil instante em que, embora de forma indireta, pedira demissão da vida...

* * *

CORTINAS ENTREABERTAS

Nenhuma dor...

Nenhum som, nenhum ruído, por menor que fosse...

Brumas, apenas.

Ninguém por perto... estava sozinho...

Sentia-se impulsionado, indo para a frente, como que deslizando, em vertiginosa velocidade.

“Que força o conduzia assim tão velozmente?”, indagava-se Ricardo.

Tinha a impressão que estava em um túnel, sem fim.

Luzes fracas, num ponto à frente, muito distante, que nunca chegava.

E sempre para a frente, sem sequer poder movimentar um único músculo.

Lembrou-se do atropelamento.

“Como pudera ser tão desatento?”

Lembrou-se também da estrela: fulgurante, sozinha lá no infinito do céu, da mesma forma que ele agora também estava sozinho, só que no infinito desse túnel.

“Era o entardecer a hora do acidente. Quando tinha acontecido? Há uma hora? Há uma semana?” Não sabia.

Seus pensamentos ferviam em lembrar não só as cenas do atropelamento como também os acontecimentos dos dias que o antecederam.

“Sim: estava depauperado, estava desgostoso com tudo, mas não pensava em morrer; então, como é que foi atravessar a rua sem olhar se vinha vindo algum carro? O carro o arremessara longe e antes de cair viu aquela estrela solitária... E agora? Onde estava?”

Conseguiu, com grande esforço, apalpar-se. Ficou perplexo: não tinha o menor ferimento, nenhuma gota de sangue, nenhum osso fraturado, nada, nada...

“Como era possível? Será que tudo não passara de pesadelo? Se fosse um mau sonho, queria acordar... Que o Pai Grande, como seus antigos consulentes costumavam se dirigir a Deus, o ajudasse naquela hora de aflição”.

Ato contínuo a esses últimos pensamentos, como que realmente num sonho, o jovem sentiu as mãos serem entrelaçadas por outras mãos, só que bem delicadas.

Assustou-se.

Porém, logo conseguiu identificar quem o amparava naquele vôo rasante que parecia nunca mais acabar: duas jovens, uma de cada lado, eram suas companheiras naquela tão incrível quanto pitoresca viagem, na qual os três viajavam, ou melhor, voavam, de pé, bem rente ao chão...

“Para onde estamos indo?”, pensou.

Como resposta obteve meigos sorrisos das jovens, que agora percebia, eram belíssimas.

As moças irradiavam respeito, seriedade, mas principalmente confiança.

Foi inescapável a Ricardo pensar como é que estava em contato com duas mulheres tão lindas e nada sentia relativamente a elas, isto é, nenhum desejo?

De forma fraternal as jovens olharam-no ao mesmo tempo e ele pode sentir claramente que estava sendo levemente advertido por ter tido tais pensamentos.

Ainda um outro pensamento foi inevitável: “Não sinto e penso que mesmo que quisesse sentir, nada sentiria por essas lindas criaturas, a não ser uma grande admiração...”

Encabulado, percebeu que as moças agora sorriam de forma diferente, mas sempre bondosas, ainda outra vez transparecendo estarem cientes dos seus pensamentos...

Tudo acontecia tão rapidamente que Ricardo não conseguia sequer concatenar as idéias. Estava confuso. Começou a sentir pavor por tudo aquilo. As luzes à frente agora tinham maior intensidade, demonstrando que estavam chegando em região bem iluminada.

Não soube explicar porque sentiu um mal-estar súbito. Delicadamente, uma das moças passou a mão em sua testa. Sentiu-se revigorar.

A velocidade diminuiu aos poucos, até parar, quando chegaram ao que realmente parecia o fim de um túnel: a estranha viagem terminou numa grande abertura circular, de aproximadamente trinta metros de altura, após o que via-se uma cidade.

Pelo menos essa foi a impressão de Ricardo.

O céu estrelado informava que era noite porém não viu de onde provinha a iluminação das ruas. Não sabia como explicar, porém lhe parecia que o ar tinha luz... Viu pessoas andando pelas ruas, como se estivessem passeando, quase todos vestidos de modo estranho: mantos brancos que envolviam seus corpos. Nenhum veículo. Nem animais.

Súbito, Ricardo estacou: veio-lhe a certeza plena de que estava morto!

Com o coração disparado, começou a tremer e a sentir medo. Era iminente uma síncope. Sentiu-se terrivelmente mal.

As moças ampararam-no, sustentando-o para não cair. Impondo as mãos na sua testa e na nuca, infundiram novas energias, com o que se refez.

Uma das jovens disse-lhe, falando pela primeira vez:

— Dentro de poucos instantes você terá respostas para todas as perguntas. No momento, pense apenas em Jesus, o Timoneiro do Mundo. Pense na Caridade do Mestre, no seu Amor por todos nós, seus irmãos ainda tão carentes de luz. Ele é o melhor socorro para os naufragos da Vida.

Ricardo acalmou-se. Mas novas perguntas vieram sobrepor-se às muitas outras, todas não respondidas...

Após um pequeno deslocamento, já agora andando normalmente, o trio parou defronte a um prédio, de grandes proporções, construção térrea, com a frente toda em arcos.

Havia uma placa afixada no pórtico da entrada principal:

"DEPARTAMENTO DE RECONSIDERAÇÕES"

Com um simples olhar as moças deram a entender que deveriam adentrar.

E ele obedeceu, deslumbrando-se com as dimensões da edificação, em cujo interior se viam várias repartições e grande movimento de pessoas.

Após percorrerem quase a totalidade de um corredor, Ricardo já identificara que em cada repartição havia grupos de pessoas em debates.

Aplacando parcialmente sua curiosidade, a jovem esclareceu que eram reuniões entre Guias Espirituais e tutelados encarnados; os de manto, são os Mentores e os com trajes como o seu, ainda têm corpo físico, estando agora dele momentaneamente afastados, em proveitoso balanço de conduta e de responsabilidade.

Quando chegaram a uma determinada porta, uma tabuleta nela afixada brilhou intensamente: "IRMÃO JEROBOÃO".

O coração de Ricardo quase parou.

De maneira fulminante retornou-lhe indelével certeza que tinha morrido e estava a instantes de ficar frente à frente com seu antigo Guia.

Titubeou. Quis dar meia volta e sair correndo. A outra jovem, que nada tinha dito ainda, tranquilizou-o:

— Ricardo, querido irmão, confie em Jesus!

Abrindo a porta, uma das jovens convidou-o a entrar.

O visitante já não dominava seus atos, presa de intensa emoção. Entrou. As moças também.

Sentado por detrás de uma mesa simples, rodeada de cadeiras rústicas, estava um homem de meia idade. Trajava um manto alvo, da mesma cor dos seus cabelos: brancos como algodão. Sorria, entremostrando dentes mais brancos ainda. O homem era preto, muito preto. Os olhos eram esverdeados, grandes, brilhantes, sinceros... Tudo naquele homem transpirava bondade.

Ricardo simpatizou instantaneamente com ele.

Pensou:

— Nunca vi um preto tão preto e como é que ele parece ser tão bom?

Dando a volta pela mesa o homem estendeu as mãos para o visitante. Ao tocar nas mãos de Ricardo, este sentiu agradável sensação. Da cabeça aos pés teve a impressão que uma corrente elétrica fazia pulsar com vigor, com paz e com alegria todo o seu corpo. E principalmente seu coração.

Exclamou, feliz:

— Pai Jeroboão!!! O senhor?

— Eu mesmo, meu filho. Eu mesmo. Como você pode ver cada dia mais nós comprovamos a Bondade Divina.

— Mas, é o senhor! Como é que pode?

— Eu, meu filho.

— Perdoe-me, meu pai, mas lá na Tenda a gente sempre via o senhor de outro jeito, velhinho, com roupas de escravo, descalço, alquebrado... E agora, o senhor está bem vestido, parece que está do dobro do tamanho, tão forte...

— Meu filho, meu filho: os homens, todos os homens, nascem e morrem muitas vezes; eu, por exemplo, já fui índio, guerreiro, sacerdote, escravo; tudo isso como homem porque também já fui mulher muitas vezes...

Ante o espanto do jovem, completou:

— Não se assuste: você também já teve tantas vidas... O mundo está sempre a louvar as aparências e resultados, e isso é errado: com o tempo, vida após vida, todos iremos compreender que rótulos e títulos nada mais são do que um atestado de superficialidade. Deus, Sabedoria Eterna, Inalcançável, criou Seus filhos e deu-lhes vida infinita. Vivendo nas pedras, nas árvores, nos animais, vamos melhorando até ganhar um grande presente: a inteligência! Aí, então, o Espírito reencarna algumas vezes como homem, outras vezes como mulher, e vice-versa; com isso, adquire todas as experiências que a Terra pode oferecer. Não devemos ignorar que o Espírito não tem sexo definido como os homens pensam, mas sim, que traz consigo, desde a criação, todos os componentes sexuais, ativos e passivos, para possibilitar sua evolução, que será adquirida nas muitas existências masculinas e femininas.

Ricardo "bebia" as palavras de Jeroboão, que prosseguiu:

— A Lei da Vida tem como filha a Lei da Evolução. Deus criou tudo que existe de forma a tudo sempre evoluir. Não existe nada no Universo que não tenha a sacrossanta propriedade de progredir. Nós, humanos, no processo evolutivo vamos ganhando sabedoria, até mesmo com nossos erros.

Intimamente, o jovem considerou que ele próprio tinha cometido tantos erros...

Prosseguiu Jeroboão:

— Quando o Senhor nos deu dois olhos sabia muito bem o que estava fazendo: um olho já seria suficiente, mas deu-nos dois. Por que? Para que?

Diante de uma pergunta tão simples, Ricardo sentiu de repente como se uma tonelada de concreto acabasse de ser colocada sobre sua cabeça, pois não fazia a menor idéia da resposta.

As duas moças, de forma muito simples e participativa, sorriam gentis, indicando saberem a resposta, com isso tomando o ambiente fraternalmente coloquial.

Ricardo olhou para um lado, olhou para outro lado, olhou para a mesa, olhou para o teto, para a porta, para duas janelas da repartição, olhou súplice para as moças e nem assim, ganhando algum tempo, conseguiu encontrar maneira de responder. Aliás, as jovens não demonstraram a menor intenção de ajudá-lo na resposta, embora, certamente, sabiam qual era.

Desconsolado, disse apenas: "não sei".

Mas pensou: "Será que elas, tão sorridentes, tão seguras, sabem a resposta?"

Jeroboão convidou todos a se sentarem, fora da mesa, formando um pequeno círculo. Olhou mansamente Ricardo e respondeu, ele próprio à sua pergunta:

— Nossos olhos, no plano terreno, visam abrangência, isto é, visam possibilitar-nos maior amplitude no raio de visão, além de, superpondo as imagens geradas em cada olho, conceder-nos o sentido de profundidade.

Prosseguiu:

— No plano espiritual, porém, não é assim. Embora tenhamos um corpo material em cada vida, em tudo semelhante a um outro corpo invisível, chamado perispírito, é esse último que tem sistema ótico de maior alcance. Com efeito, os olhos perispirituais remetem ao Espírito as impressões daquilo que é visto pelos olhos físicos, sempre com duas embalagens distintas: uma remessa alcança a memória, a outra a razão. A memória registra a imagem, retendo-a para a eternidade; a razão, codifica o que é visto, em bom ou mau. Aí, nosso Espírito, recebe essas duas informações e, de acordo com nossa evolução moral, determina o que devemos fazer. Se o fato já era conhecido e é bom, ordena reter e manter; se for fato novo, e bom, que se perpetue. Porém, se for ruim, haverá um combate instantâneo entre o Bem e o Mal que habitam em nosso interior. Vencerá o mais forte, que nesse caso, ordenará ao corpo agir. Esse é o mecanismo precursor de quase todas as nossas boas ou más ações, concluiu.

O silêncio dos três jovens falava alto quanto à profundidade daquelas lições, explanadas com tanta singeleza.

Foi aí então que o Mentor, consignou precioso complemento:

— A cegueira, seja de nascença ou posterior, é dessa forma preciosa interventora em casos de queda moral prolongada; tanto quanto, meus jovens irmãos, a mudez, a surdez, a paralisia, o mongolismo, e outros tantos aflitivos problemas físicos, insolúveis para a Medicina, têm idêntica finalidade: estancar, de forma abençoada, o mergulho no abismo do mau procedimento moral...

Meditando alguns instantes, disse ainda:

— Naturalmente, há casos que não se enquadram nessa situação, pois existem abnegados Espíritos que, não sendo devedores, solicitam tais deficiências físicas, para melhor se aproximarem de seus similares irmãos de dor, para apaziguá-los, para sustentá-los na reconstrução espiritual, enfim, para amá-los mais de perto.

Após pequena pausa, olhou um ponto qualquer no céu que se entrevia das janelas e filosofou:

— Sente-se prazeroso, o bom, com o Bem, tanto quanto sente-se propenso o mau, para o Mal; sente-se piedoso o bom, ante a desgraça alheia, tanto quanto sente-se realizado o mau, com a desgraça feita ao próximo; sente-se humilde e feliz o bom, ao ver Deus na natureza, tanto quanto ali o mau sente-se enfastiado; sente-se integrado o bom, junto aos pais, irmãos, filhos, cônjuges, amigos, quando sejam de difícil convivência, tanto quanto sente-se injustiçado o mau, ante essas mesmas pessoas que o Destino tenha colocado em sua rota evolutiva; sente-se contemplado o bom, ante as lições dadas pela Vida, através de tais seres da sua convivência, ao passo que ao mau, tais lições lhe parecem bisturis rasgando a carne; sente-se pago o bom, ao realizar boas ações, porém o mau, sente-se igualmente pago, apenas quando consegue vingar-se; sente-se manso o bom, quando as provas da existência o alcançam, mas isso mesmo provoca revolta ao mau...

Respirando longamente, concluiu:

— Ricardo, meu filho: nossos olhos nos mostram o que somos e não, enganosamente como se supõe, aquilo que julgamos ver...

Já nesse ponto Ricardo fazia enorme esforço para não chorar. Mas debalde.

Houve alguns instantes de silêncio geral.

Jeroboão, quebrando-o, disse:

— As lágrimas são, nos olhos, lubrificante natural; mas, no espírito, são expressões de felicidade ou de infelicidade.

Aí, foi demais: explodiu o pranto no jovem visitante.

As moças, passando as mãos sobre seus ombros e nas suas costas, transmitiram-lhe calma e reconforto.

Olhos marejados, o moço olhou para aquele bom homem, já agora nem mais notando o quanto ele era preto. Olhou também para as moças e sentiu-se envergonhado.

“Sempre chorando, sempre chorando estou”, pensava ele.

Uma das moças olhou para o Mentor, como que pedindo permissão para falar, com o que num pequeno gesto de cabeça ele concordou.

Disse ela:

— As lágrimas são o orvalho da alma, que tanto podem fazer florescer o amor no coração, como podem lavar nossos erros. As lágrimas representam um diálogo entre a Vida e o Espírito:

— quando filhas do remorso, são incomparável assepsia do erro que o motivou;

— quando nascem da saudade, encurtam a distância, eliminam o tempo e refrescam o fogo da paixão, transformando-a em amor:

— quando boiam nos olhos, pela mágoa, são fator de equilíbrio, evitando explosões de revolta ou vingança;

— quando emanam da alegria, são assim como a chuva que acaricia a terra, multiplicando frutos e alimentos:

— quando decorrentes da dor são excelente mecanismo de segurança, propiciando vazão ao tumulto que se instala, seja no organismo, seja na alma...

O visitante tinha muito para perguntar. Mas as palavras não saíam.

Captando-lhe os pensamentos, disse Jeroboão:

— A imagem com a qual me apresentava na Tenda era aquela porque assim os nossos irmãos de lá queriam me ver e me receber. O perispírito, que nada mais é do que uma outra roupa que reveste o Espírito, possibilita que em situações especiais, possamos nos apresentar como vivemos em tal ou qual existência. Muitas outras vezes estive lá, com minha atual figura e nem sequer fui reconhecido, menos ainda aceito. Alguns médiuns videntes, ao me verem como agora estou, em pensamento chamaram-me de “preto metido a branco, dando uma de doutor...”, com isso bloqueando qualquer possibilidade de trabalho fraternal; por isso, sempre que pude ajudar lá na Tenda apresentei-me como escravo, que realmente fui.

Humilde, aduziu:

— Aliás, não é de todo errado apresentar-me como escravo, pois assim todo mundo fica logo sabendo que não sou grande coisa, jamais por ser escravo, mas tão somente porque também preciso de

ajuda. E tem mais: lá, o pessoal não aceitaria trabalhar comigo se por acaso eu chegasse me comportando como doutor. Além do que já disse, já fui branco, amarelo, vermelho e preto; soldado e general, bobo e inteligente; muitas vezes, muitas vezes...

Objetivo, disse:

— Vamos ganhar o tempo que Deus nos deu, para falar sobre você e não sobre mim.

Ricardo remexeu-se na cadeira. Inquietou-se.

“Falar sobre mim?”, pensou.

— Você foi trazido até aqui, não para ser julgado, muito menos para ser punido; a graça de Jesus, nosso Irmão Maior, agindo bondosamente, permitiu que sua presença nesta Instituição, desperto, se desse num pequeno lapso de tempo, aproximadamente quinze horas, tempo esse mais que suficiente para que você se beneficie.

O jovem estava magnetizado pelo que ouvia e principalmente pela firmeza de quem o dizia. Prosseguiu Jeroboão:

— Você não morreu, até porque a morte, na verdade, não existe. O desligamento do Espírito, deixando o corpo físico, é fenômeno tão natural quanto tantos outros: o amanhecer, a chuva, o calor do Sol, as estrelas no céu... No seu caso, o corpo está muito machucado pelo acidente e os médicos estão trabalhando para refazê-lo; os trabalhos duram várias horas e ainda vão demorar mais algumas; para a Medicina você está em estado de coma, com o cérebro em funcionamento anormal, face os traumatismos sofridos; contudo, tal situação é uma grande bênção, pois assim, sem reação de forma consciente a quaisquer estímulos, os ortopedistas podem trabalhar com maior tranquilidade na redução de tantas fraturas e nas cirurgias decorrentes... você deve agradecer ao Pai Bondoso ainda estar vivo na Terra, pois Ele sempre permite que Espíritos ligados à Medicina Espiritual assistam e orientem os médicos terrenos nesses casos de urgência.

Grande alegria invadiu o coração de Ricardo: graças a Deus, estava vivo!

Nem bem tinha pensado isso, Jeroboão falou:

— Nós também estamos vivos (referindo-se a ele e às jovens).

— Mas, então vocês são almas do outro...

— Sim, não temos mais a roupagem carnal; o que você vê é o perispírito, no caso, de nossa última passagem pela Terra.

— E... minha “roupagem carnal”?

— Como já dissemos, está sendo recuperada por médicos; porém, seu perispírito mantém-se ligado ao seu corpo através de um sutil fio prateado, tal como os fetos se ligam à placenta pelo cordão

umbelical, ou com outro exemplo, da mesma forma que os escafandristas se mantêm ligados à superfície.

— Por que vim parar aqui? Que lugar é esse?

— O Espírito ora se veste de roupagem carnal, ora usa apenas o invólucro fluídico denominado perispírito, pelos espíritos, mas sempre armazena na memória o aprendizado resultante de todas as suas experiências — todas! Para caminhar nas estradas da Vida, dispõe de outras divinas graças: o livre-arbítrio e infinitas oportunidades de agir, mantendo a Lei de Justiça a contabilidade de suas ações, boas ou más, as quais constituem seu acervo evolutivo e moral.

Prosseguiu:

— Quanto a este local, estamos em uma Instituição Espiritual ligada à Terra, que funciona como uma primeira parada para muitos Espíritos que desencarnam; outras vezes, como no seu caso, é utilizado também como estágio temporário, de horas ou poucos dias, necessários a relembrar compromissos que estão sendo descumpridos...

Sempre fazendo pausas, Jeroboão continuou:

— Em nossa consciência estão registrados todos os fatos relativos às nossas vidas, desde a criação até o segundo atual. Geralmente, quando desencarnamos, tomamos conhecimento parcial de todas as vidas anteriores. Isso nos é mostrado como num filme, muito rapidamente. Nem sempre podemos ver todo nosso passado, tamanha a gravidade de algumas faltas...

Prosseguiu:

— A consciência é um infalível mecanismo de alerta quando nosso procedimento é contrário às Leis Naturais, Leis essas que Jesus tão bem detalhou e exemplificou. Somente com grande esforço e com grande repetência de maldades o homem consegue anestesiar sua consciência, e assim mesmo, isso não se perpetua, pois Deus, ainda e sempre com bondade, estabeleceu formas de contenção àquele Seu filho que se fixa no erro.

Pensou um pouco e prosseguiu:

— Aliás, o que é pior no mal é que a criatura que sempre erra acaba por julgar que só há esse caminho, desistindo quase sempre de reagir, de ouvir a voz da consciência...

Agora Ricardo começou a entender, inda que de forma nebulosa, onde Jeroboão queria chegar.

Jeroboão:

— Em nossas inúmeras vidas no corpo carnal formamos um rol de amigos e inimigos. Meta final para todos os seres da criação será a existência só de amigos.

Agora olhando fixamente para Ricardo completou:

— É uma obrigação moral dos que estão em melhor situação ajudar os que não estão. Essa regra é universal. Na Terra, como em todo o Universo, isso se chama Amor.

Suspirou:

— Na Terra, Aquele que mais amou não foi amado quando esteve como homem entre os homens. Sim, meu caro amigo, Jesus, o Pastor dos pastores, hoje já é amado por milhões de cristãos e certamente quantos mais evoluem passam a amá-Lo. Essa é uma eloqüente demonstração daquilo que acabamos de falar, sobre a Lei da Evolução. Na verdade, quando Jesus nos visitou, vestido de um organismo similar ao nosso, de carne e osso, já foi compreendido e amado por milhares, que hoje, vinte séculos decorridos, felizmente, contam-se aos milhões. Tempo virá em que todos os Espíritos que um dia moraram na Terra considerarão o Meigo Pastor o segundo sol do planeta.

Espantando Ricardo Jeroboão informou:

— Você tinha por missão ajudar muitas pessoas. É fato que foi proveitoso seu trabalho inicial na Tenda, porém, foi apenas parte do que você prometeu. Não se espante: antes de você nascer, vinte e tantos anos atrás, você pediu aos engenheiros siderais encarregados da Reencarnação a oportunidade de refazer alguns dos equívocos da sua última reencarnação. Veja bem: apenas da última... E foi atendido. Sua mediunidade nada mais representou do que ferramenta auxiliar para consecução do contrato que você selou com sua própria consciência, naquela oportunidade...

Deixando Ricardo pensar um pouco, Jeroboão considerou:

— Jesus, através de seus Mensageiros, permitiu que você fosse equipado de vidência, intuição e cura. E o que você fez desses três dons mediúnicos? A mediunidade não é brinde celestial, mas sim, auxiliar importante na senda da Evolução, pressupondo-se seu melhor emprego usá-la apenas em favor do próximo. É do Mestre a recomendação: “muito se pedirá àquele a quem muito foi dado”.

O jovem teve a sensação que as paredes onde estava começaram a se mover para esmagá-lo. Sua consciência repetiu alto a pergunta: “O que você fez desses três dons mediúnicos?”.

Jeroboão olhava firme para Ricardo, mas sem quaisquer tons de repreensão. Percebeu o Mentor que ele assimilara o questionamento. Aliás, essa era, basicamente, a finalidade da presença dele no “Departamento de Reconsiderações”: despertamento!

Disse, compassivo:

— Não estamos recriminando-o, mas apenas, posicionando os fatos; na verdade, você utilizou a mediunidade em proveito próprio, esquecendo as recomendações de Jesus: “dai de graça aquilo que de graça recebestes”; o seu foi o pior emprego que pode o médium fazer de tão magistral meio de resgate e recuperação que Deus dá ao devedor: comercializá-lo.

Ricardo tentou defesa:

— Mas, pai: eu ajudei muitos doentes, agradei os Guias, não roubei nem matei, então por que tanta coisa ruim me atingiu?

Franzindo a testa Jeroboão incentivou-o a prosseguir.

— Não tive família, meus pais praticamente me abandonaram, no Exército fui humilhado, perdi a mulher que queria por esposa, na Tenda me dei todo e de lá fui expulso, perdi fortuna, perdi amigos, dei emprego a uma menina-moça que passei a amar, e que quase desonrei, a qual hoje me odeia, fui atropelado...

Já agora chorava copiosamente e foi entre soluços que conseguiu concluir seu rosário de dor:

— E acho que morri...

A um breve sinal do Mentor cada jovem segurou com uma das mãos os pulsos de Ricardo, impondo a outra em sua frente. Voltaram-se todos para a parede lateral.

Jeroboão, erguendo as mãos, orou:

“Jesus, Salvador do Mundo: o Senhor, que é o amparo dos aflitos, permita que essa reunião seja feita em Seu nome. Aqui estamos suplicando a concessão de elucidações para nosso companheiro; pedimos que dos escaninhos mentais dele possam ser extraídas algumas passagens do seu passado, de forma a orientá-lo nos dias do porvir, evitando eventuais descaminhos; Oh! Caridade, oh! Amor, oh! Luz: suplicamos Sua bênção para nosso irmão Ricardo. Faze, Bom Pastor, com que seu cérebro registre entendimento e que seu Espírito decida firmemente a auto-reforma. Tanto temos para aprender, Senhor Jesus!”.

À medida que a prece ia sendo proferida uma nuvem gasosa foi circundando a cabeça de Ricardo, onde as duas atendentes mantinham as mãos. Essa nuvem tomou cor alaranjada, foi se depurando em amarelo-canário, extremamente brilhante, imperceptivelmente adentrando na região coronária do jovem.

Seu semblante denotava calma.

A parede começou devagar a transformar-se numa tela iluminada.

Jeroboão prosseguia orando:

“Filho de Maria: só se Deus permitir rogamos ser atendidos. Assim seja!”.

Um fato curioso se passou no Espírito atendido: de forma velada a princípio, mas definindo-se a cada instante, começou a ter visões. Visões do seu passado. Pensou: “Incrível! Como isso é possível!?”. Sentiu tonturas.

O moço, como se tivesse sido transportado para dentro da parede-tela, começou a ver a si mesmo, com outro corpo, outro nome, em outro lugar, em companhia de pessoas desta vida, mas igualmente em outros corpos e com outros nomes.

Socorreu-o Jeroboão:

— Não se espante com os quadros vivos que verá daqui para frente. Para que esses quadros sejam bem claros e não sofram interrupção não se esqueça que estão sendo realizados procedimentos restauradores em seu corpo, ao qual breve você retornará. Os médicos terrenos pensam estar diante de um milagre, por você ainda não ter morrido... E ainda: várias são as pessoas que estão pensando que você tentou o suicídio. Nada disso deve abalar seu equilíbrio, pois seu perispírito capta tais impressões e isso explica suas tonturas. Pense em Jesus. Ore a Deus. Mantenha a mente firme na Fé e o Espírito agradecido a tanta bondade.

Jeroboão e as jovens cerraram os olhos, mantendo-se em muda oração, parecendo a Ricardo que somente ele via o que se passava na estranha tela.

Decorridos alguns minutos, informou Jeroboão:

— As cenas que você começa a ver referem-se ao seu passado próximo. A finalidade principal é reflexão, no quanto Deus é bom, no quanto você recebeu e no pouco que retribuiu. Não se martirize nem se considere em julgamento, pois, na face da Terra, essa é a constante da maioria dos homens, entre os quais, eu me incluo... No que for possível vou ajudá-lo a entender as implicações do que você estiver vendo.

Era agora outra pessoa, outro homem.

O lugar era ao mesmo tempo desconhecido e familiar, a casa não era nem o quarto dos Rodrigues nem o apartamento luxuoso, mas era sua casa. Sua idade não era mais a de quase vinte e cinco anos, mas quarenta.

E a intrigante dualidade prosseguia: seu corpo era ao mesmo tempo de complexão magra, altura e peso medianos, e por outro lado, muito forte e alto. Seu cérebro, captando as cenas e codificando as origens e conseqüências, afirmava que ele agora se chamava Ernesto. Era casado, tinha três filhos — dois meninos e uma menina.

Agora já iam se definindo em sua memória as lembranças, clareando quadro a quadro aquela impressionante duplicidade.

Ele, Ricardo-Ernesto, estava à mesa, com a família, em refeição.

Sua esposa, Nair, era Carla, a ex-namorada... Nair tivera um noivo, Mário, com casamento marcado; Ernesto, porém, inflamando-se de desejos por essa noiva, infiltrou-se entre ambos, dissimulando amizade; com alguns artificios ganhou a confiança de Nair, indispondo-a logo a seguir com Mário; assim, não demorou a desfazer o noivado e logo após ele próprio esposou-a...

Tal casamento, porém, não foi feliz. Tiveram três filhos.

Um dos filhos era o Sargento Balduino e o outro seu amigo André Luiz...

A filha, oh! Deus, era, nada mais, nada menos, que Angélica, a noiva de André Luiz.

Isso explicava muitas coisas:

— seus sentimentos por Carla, que já tinha sido sua esposa uma vez;

— a admiração e amizade por Balduino e por André Luiz;

— o afeto que sentira por Angélica, destituído de qualquer outro sentimento menos digno.

Entendeu como é importante o esquecimento do passado, pois do contrário, na vida atual, algumas daquelas mesmas pessoas certamente sentiriam constrangimento nas suas uniões. Carla, por exemplo, se lembrasse disso certamente o odiaria; André e Angélica, igualmente, ficariam constrangidos e não se uniriam...; quanto a Balduino, agora entendia porque sempre fora seu amigo.

De forma alguma revelaria aqueles segredos!

— Mas por que tudo isso lhe era mostrado?

Mudaram a cena, o lugar e os personagens.

Viu uma grande empresa de material de construção, da qual era um dos três sócios-proprietários. Os outros dois: Albuquerque e Silva, em outros corpos e outros nomes — Indalécio e Antunes, respectivamente.

Indalécio era muito ganancioso. Passava a maior parte do tempo na firma, não saindo nem para almoçar, quase sempre lanchando ou ficando sem se alimentar. Sozinho, manobrava mais que os sócios todos os negócios...

Aliás, Ernesto sempre arrumava alguma preocupação para Indalécio, próximo à hora do almoço, com isso incentivando a permanência dele na firma; é que tomara-se amante de sua esposa — Nedialva, agora Hermínia -, valendo-se de ser atraente e de conhecer a vida íntima do casal, oferecendo-se, insinuante, como “vingança” pela pouca atenção recebida do marido...

Na seqüência, via-se pobre, espoliado que fora da sociedade por Indalécio.

Agindo em retaliação, ficou à espreita de uma oportunidade para vingar-se. Num desfile militar, a oportunidade esperada surgiu: entretido com a parada, Indalécio não percebeu sua aproximação; à passagem de um veículo blindado, em marcha lenta e por isso mesmo com grande ruído do motor, ele, Ernesto, empurrou Indalécio de encontro ao pesado carro de combate.

Tinha estudado bem a situação e seu corpo, robusto, fez com que o ex-sócio fosse arremessado para frente, sem que ninguém na multidão percebesse tratar-se de ato intencional, mas sim, de uma fatalidade...

Indalécio feriu-se gravemente, mas não morreu na hora.

Novo ambiente: num hospital, com a alma queimando de arrependimento e moído de remorsos, Ernesto contou tudo a Indalécio, já moribundo. Pedia-lhe perdão, maldizendo mil vezes seu gesto infeliz e sua ligação com Nedialva. Sua voz estava embargada pela emoção e por intermináveis lágrimas que rolavam pelo rosto.

Quando Indalécio, nos minutos finais do retorno à pátria espiritual, ouviu a confissão do duplo crime que tinha sido vítima — traição conjugal e homicídio -, chorou bastante também. De sua parte surpreendeu Ricardo ao confessar que tinha surrupiado seus direitos na sociedade, para se vingar da ligação espúria dele com Nedialva/Hermínia, o que sabia há muito tempo; agora reconhecia que jamais lhe dera amor, preocupado apenas com dinheiro, sendo por isso mesmo meio culpado por ela adular.

Choravam ambos. Reciprocamente, imploravam perdão.

Nedialva, que adentrara no quarto a tempo de ouvir as confissões, arrojou-se ao leito e abraçou o marido, misturando suas lágrimas às dele, igualmente pedindo que ele a perdoasse.

As lágrimas eram uma alvorada de redenção para os três.

Sim: Indalécio estava arrependido de ter surrupiado os direitos na sociedade de Ernesto/Ricardo; os amantes, maldiziam sua torpe vingança, ele com um homicídio e ela, vítima de desprezo e carente por atenção e carinhos, com a traição conjugal.

Ali, as lágrimas agiam quais válvulas de escape à enorme pressão que o remorso lhes incutia.

Deus do céu! Como suportar tamanha emoção, que fragmentava suas almas em mil pedaços? Foi assim pensando e assim sentindo que Ernesto e Nedialva romperam, naquele momento, para sempre, sua ligação infeliz. Unidas pelo remorso, suas almas se uniram sim, mas para reconstruir, quando fosse possível, o que tinham destruído.

Beijando as mãos da esposa e do ex-sócio, desencarnou Indalécio.

Mais uma vez Ricardo compreendeu muitas coisas:

— porque Albuquerque e Hermínia tinham “doado” a ele a filial de sua empresa: estavam, na verdade, ressarcindo uma dívida do passado;

— porque Albuquerque tinha aquela úlcera duodenal: preocupado tão somente com ganhar dinheiro, alimentava-se mal e sempre ingerindo fluidos negativos com os alimentos, pois seu pensamento vivia ligado aos negócios;

— porque ele, Ricardo, tinha sido instrumento da cura de Albuquerque, já que era parcial devedor de sua saúde;

— porque ele, ainda, sofrera aquele acidente de poucas horas atrás: era o retorno do que fizera com Indalécio, ou melhor, estava colhendo aquilo mesmo que plantara.

Entendeu, por fim, porque poucas horas após haver conhecido Albuquerque e Hermínia, já estavam chorando os três, copiosamente, só que de felicidade...

Ainda no passado voltou a se ver em casa, expulsando os sogros, que o tinham recriminado pela prevaricação conjugal, que havia caído no conhecimento público. Nair chorava, abraçada aos filhos, receosa da violência do marido; seus pais, humilhados foram embora rogando pragas.

“Oh! como pudera ser tão fútil e tão maldoso com sua família e com os pais de sua esposa? E agora, o que via!? Santo Deus: Nair, ao saber que ia ser abandonada, cortara os pulsos e ele não a socorrera; não fosse a interferência de vizinhos e ela teria morrido”.

Não foi difícil entender porque Moacir e Jussara igualmente o recebiam mal em sua casa, quando namorava a filha, Carla, culminando por enxotá-lo, no início do namoro com o Capitão Andes...

A seguir, viu-se reintegrado na parte que lhe pertencia na sociedade da firma, pois a viúva de Indalécio corrigira o mau ato pelo qual seu marido, quando vivo, furtara. Os herdeiros de Indalécio, revoltados com os ex-amantes, tentaram impedir essa reintegração mas não conseguiram, tamanha a firmeza de Nedialva.

Arranjará assim muitos inimigos...

Novamente agindo com desonestidade no seu empreendimento comercial conseguiu indispor a sociedade, comprando a parte de Antunes a preço vil. Na seqüência, processou Antunes por perdas e danos, injustamente.

Seu ex-sócio, com os poucos recursos que lhe foram dados teve dificuldades em conseguir emprego e com isso ficou em difíceis condições financeiras; com a saúde abalada, veio a falecer subitamente poucos meses depois, vítima de problema cardíaco, agravado desde que fora vilmente espoliado, além do processo judicial capcioso movido por Ernesto contra ele...

Parentes de Antunes tentaram também incriminá-lo pelos maus atos, mas nada conseguiram provar.

Mais inimigos...

Seus propósitos, prejudicando Antunes, sempre tinham sido o de aproximar-se de Helena, sua esposa. Alimentando irresistível paixão por ela, não fazia o menor esforço em afastar ou sequer dissimular tais sentimentos, quando dela se aproximava.

Por algum tempo conseguira manter o controle sobre o desejo. Logo, porém, foi dominado pelos quadros mentais que o erotismo desenhava em sua mente, sempre junto Helena, alvo de sua cobiça.

Abrasadamente jungido a esse proibido anseio sensual, passou a ser incentivado por Espíritos obsessores a satisfazê-lo, de modo torpe. Assim, planejou primeiramente afastar Antunes do caminho, reduzindo-o à miséria, o que de fato conseguiu, forjando provas de graves irregularidades comerciais, que teriam sido cometidas pelo

sócio. Num segundo passo, buscou Helena, oferecendo apoio material e “moral”, apoio esse sempre recusado.

A desencarnação do ex-sócio sinalizou à sua mente desimpedimento total para realizar seu sonho louco: poucos dias após o funeral, procurou a viúva, a título de levar-lhe amparo e garantir a manutenção daquela família — mãe e duas filhas pequenas.

Tinha certeza que dessa vez não seria recusado, até porque vinha oferecer dinheiro, que seria mensalmente pago, desde que em troca recebesse a “amizade e companhia dela”...

Recebido, pediu para ficar a sós com ela, afastando as duas graciosas meninas. Após alguns minutos de frases artificiais, confessou sua antiga paixão. Mais que isso: levantando-se de onde estava sentado, aproximou-se e envolveu-a num sufocante abraço, transpirando desenfreada sensualidade. A mulher, surpreendida pelo inesperado gesto, começou a chorar. Ouvindo a mãe, as filhas e a empregada acorreram para ver o que estava acontecendo. Sua presença desnorteou Ernesto, que contrariado, retirou-se.

Desfalecente, Ricardo precisou ser amparado por Jeroboão e pelas moças, com mais um passe.

Tinha visto, na continuidade, a viúva de Antunes e as duas filhas em grandes provações, mal vestidas, com fome, quase à miséria...

Helena era Claribel!

A mesma ignomínia tinha sido tentada outra vez!

Antunes era Silva, o advogado...

As filhas de Claribel eram... as jovens auxiliares de Jeroboão!

Disse uma única palavra:

— Entendi...

Seu raciocínio, de fato, demonstrava que aquilo era absolutamente verdadeiro. Verdadeiro e real demais, mostrando o que quer dizer vidas sucessivas, ou melhor, reencarnação.

A maneira pela qual as cenas tinham sido mostradas, e com tão espantosa rapidez, era de todo inexplicável. Tudo o que viu tinha acontecido, aliás, ali, naquela sala, tinha acontecido pela segunda vez... Não conseguia igualmente explicar como seu cérebro registrara tudo, com capacidade de memorização que certamente ele desconhecia possuir.

Pensou: “certamente são as preces de Pai Jeroboão e de suas auxiliares, que nesse tempo todo ficaram segurando meus pulsos...”

O Mentor, as moças e Ricardo estavam emocionadíssimos. As cenas do passado tinham terminado.

Jubiloso, Jeroboão abraçou Ricardo. As moças também abraçaram-no demoradamente. Nunca tinha recebido abraços tão carinhosos! Disse às jovens:

— Estou em grande débito com vocês e com sua mãe... Jesus há de me ajudar a um dia reparar o mal que lhes causei...

Demonstrando claramente inexistir qualquer rancor as jovens beijaram suas mãos ternamente.

E lá se foi outra vez a calma: começou a chorar.

Só que, dessa vez, não chorava sozinho: choravam os quatro!

Com a voz entrecortada de alegria e felicidade Jeroboão acrescentou:

— A partir de agora você terá a bênção de uma paralisia parcial por dois anos. Nesse intervalo da sua vida, longe de ficar estagnado, carente, improdutivo, você poderá ser auxiliar de Amigos da Espiritualidade Superior, para beneficiar outros tantos paralíticos da alma. Basta que você se mantenha pronto à tarefa.

Fazendo alguns instantes de silêncio, continuou:

— Por paralíticos da alma entendemos os homens que são dotados de mediunidade e que afogam-na, seja por recusa, seja por omissão; com resultantes nefastas para seus Espíritos e com reflexos orgânicos negativos virão até você; ajude-os a despertar, tanto quanto hoje está sendo despertado!

Tranqüilizando o visitante, informou:

— Após a paralisia parcial, de dois anos mais ou menos, você poderá se recuperar plenamente, desde que a consciência, ela própria, faça diagnóstico positivo dos seus atos nesse tempo. Assim, está em suas mãos retomar ao ritmo de vida normal, até quando Deus permitir.

E sorrindo:

— Não estamos dizendo que você viverá muito, nem pouco; estamos apenas afirmando que sua vida, como aliás a de todos os homens, pode progredir. Depende de você. Depende de cada um...

Ricardo repetiu:

— Entendi, entendi. Graças a Deus!

— Agora deverá repousar, em benéfica sonoterapia, por aproximadamente setenta e duas horas...

Três dias depois Jeroboão acordou-o, informando:

— Você chegou aqui numa madrugada e agora, já quase noite, deverá voltar. Não se esqueça de uma coisa importante: na Terra se passaram quase quatro dias do acidente, embora sua impressão seja de que tudo aconteceu há poucas horas. Seu corpo, ainda em coma profunda, já foi refeito dos traumatismos, quase todos de ordem ortopédica. Agora, só compete à Natureza repor as coisas no lugar, na sua convalescença, que não será pequena. Ao nos deixar você se reintegrará espiritualmente por total ao corpo físico, pois conquanto o acidente tenha sido grave ainda não estava na hora de seu retorno à vida espiritual. Outra coisa: seu Espírito, mesmo permanecendo ligado ao corpo, foi dele instantaneamente afastado por uma equipe de Espíritos socorristas, já que era previsível acontecer fato semelhante a você, face a Lei de Justiça, ou pelo seu carma, como se diz comumente. As dores serão constantes, mas cessarão em poucos meses.

Calou-se Jeroboão por alguns instantes para Ricardo absorver o que era dito. Chegaram as auxiliares. Sentaram-se todos.

Depois, prosseguiu Jeroboão:

— Você ainda passará por uma câmara de refazimento espiritual, semelhante a uma tenda de oxigênio, antes de reassumir seu corpo. Aproveite para meditar sobre tudo que viu e reviu, pois depois de trinta minutos terá que partir. Embora tudo permaneça gravado em seu Espírito, sua memória física só quando necessário poderá registrar alguns lances daquilo que aqui foi visto. Tal dádiva, rara, não a desmereça; confie em Jesus sempre suas ações, quando tal se apresentar. Olhando o céu pela janela, aduziu:

— Adormecerá neste ambiente e despertará, aos poucos, na roupagem terrena...

Transparecendo emoção concluiu:

— É hora de nos despedir. Antes, vamos até o jardim.

Levantaram-se os quatro e encaminharam-se aos fundos do prédio, onde um jardim, iluminado pelo crepúsculo, oferecia inesquecível visão de flores e árvores.

Jeroboão sugeriu que se dessem as mãos.

Formada a singular corrente, o Mentor olhou para o céu e dirigindo-se à única estrela nele presente, assim se expressou:

“Fascinante Sirius: nós, que remontamos aqui pedaços esparsos de tantas jornadas, de tantas pessoas que amamos, somos sinceros

em declarar a você, estrela de Deus, nosso maior amor! Com os corpos pesados ou com os mais leves, de uma ou outra dimensão, como gostamos de olhar para você! Admiramos todas as estrelas do firmamento que nossos olhos contemplam ou contemplaram, desde que nos fizemos filhos de Deus, seus irmãos pois. Mas você, querida Sirius, cujo brilho emoldura nossas almas, perfumando com luz incomparável nossa sensibilidade, você nos traz recordações de tantos tempos, de tantas épocas... Nos perdidos segredos do tempo, em que o passado era o nosso presente, você brilhava no deserto, no mar, na roça, na senzala, na cidade... E, quando mudávamos de roupa, saindo do mais denso para sombras espessas das nossas dívidas perante as Leis Naturais, como sofriamos por não podermos ver você! Muitas vezes quisemos chegar perto de você: sempre que se dirigia para a linha do horizonte, na trilha do Sol que se ausentava, como neste instante, ficávamos mirando esse seu mergulho, tristes, nas nossas noites de solidão, pela sua ausência que em poucas horas acontecia. Sim: se o Sol nos deixava tínhamos a sorte de sua companhia. Quando as montanhas ou as águas do mar ou as areias do deserto escondiam você, olhávamos para as milhares de suas outras irmãs. Todas belas, silenciosas, brilhantes, indo também embora... Procurávamos uma, apenas uma para apaziguar nossos olhos e nossos corações e dedicar-lhe todo nosso amor. Nunca encontramos! Nenhuma se lhe compara, estrela luz! Sirius, Sirius: somente a certeza da Eternidade e da interminável Bondade de Deus nos assegura que um dia vamos nos aproximar de você. Nesse dia, que os milênios multiplicados situam num vastíssimo futuro, esperamos que você nos abrigue em sua paz. Temos certeza que nós, aqui da Terra, já temos, desde há dois mil anos, parte do seu calor, que até hoje vem nos aquecendo. Claro: falamos da presença de Jesus na Humanidade! Permita que façamos uma pergunta: Jesus mora aí? Não, não precisa nos responder, Amiga de Luz. Tão grande é a Caridade de Deus que nossos olhos podem perfeitamente dar a resposta para nossos Espíritos!”.

Acompanhado das duas moças, em cujas faces rolavam lágrimas discretas, Ricardo, soluçando alto, após despedir-se de Jeroboão, sem conseguir dizer palavra, dirigiu-se ao que lhe pareceu um quarto

isolado no meio do jardim. O pequeno compartimento era muito iluminado. Por orientação das jovens acomodou-se numa mesa tipo hospitalar, quase não conseguindo manter abertos os olhos, tamanha era a claridade ambiente.

Naquilo que pensou ser a despedida, num gesto absolutamente inesperado, as duas moças acercaram-se dele, uma de cada lado, tomaram suas mãos e simultaneamente deram um suavíssimo beijo em seu rosto.

Misturaram-se as lágrimas dos três...

* * *

A DOR: BÊNÇÃO E MESTRA

Foi singular o retorno de Ricardo: adormeceu quando as moças o beijaram e despertou quase uma hora após, percebendo que viajava no mesmo túnel pelo qual chegara à cidade espiritual de Jeroboão.

Sem conseguir explicar como, sentia-se em deslocamento extremamente veloz e sem quaisquer obstáculos à frente.

Sabia porém que a viagem agora era de retorno...

Embora de olhos abertos, não via nada, a não ser atmosfera iluminada, parecendo-lhe que o ar tinha a cor de nuvens leitosas.

Não sentia medo.

Mais alguns instantes de viagem e pode identificar, surpreso, que duas mãos, que sintonizou protetoras, seguravam-no nos braços, lado a lado. Seu peito encheu-se de confiança, pois não estava só naquela peregrinação.

Não conseguia também ver de quem eram, aliás não conseguia ver nada, a não ser a claridade do ar.

Seu coração, contudo, informou de quem eram aquelas mãos: das jovens auxiliares de Jeroboão. Pensou, feliz: "então elas ainda estão comigo? Graças a Deus!"

Quis falar com elas, mas algo o impedia. Não se impacientou: nas últimas horas, o fantástico balanço de parte do seu passado, fizera com que seu Espírito aprendesse a dominar emoções.

Decorrido o que pareceu mais ou menos meia hora, pressentiu chegar.

A luminância foi se transformando em tonalidades diversas, perdendo a intensidade. A velocidade, igualmente, diminuía gradativamente.

Sabia que estava chegando. "Mas, onde?"

Como quem sai de um nevoeiro matinal divisou um grande prédio — um hospital.

Como se toda a construção fosse de fumaça penetrou no hospital atravessando o telhado até o teto de um quarto.

Ainda estava sereno, até porque as mãos guardiãs estavam em seus pulsos.

Aí, viu seu corpo deitado numa cama, quase todo engessado e ligado a vários equipamentos ortopédicos, além de remédios dependurados em suportes com ligação endovenosa num dos braços.

Sentiu medo.

Um torpor se apresentou e ia já dominando-o quando sentiu-se aconchegar ao próprio corpo e literalmente entrar nele.

Mais rápido do que um raio chegou ao seu cérebro a certeza de que estava voltando para a vida embora não tivesse morrido...

De forma plena conscientizou-se de que fora seu Espírito que passara por muitas experiências após o atropelamento. Lembrava-se parcialmente do encontro com Jeroboão.

Quis abrir os olhos e não conseguiu, de imediato. Sem se desesperar, elevou o pensamento até o bondoso Jeroboão fazendo ponte para pensar em Jesus, que tanto era citado por ele. Sabia que as duas moças que tinham vindo com ele não estavam mais ali.

Com indizível alegria viu que os olhos obedeciam seu pensamento, pois pode ver onde estava e com quem: duas jovens, uma de cada lado.

Só que eram suas conhecidas de longo tempo.

Tal presença, justo naquele instante, falou alto ao seu coração, que transbordou de contentamento.

Eram Carla e Angélica!

Vendo os olhos do paciente se abrirem, serenos, Angélica foi dominada de intensa emoção e as lágrimas rolaram face abaixo. Carinhosamente pegou a mão de Ricardo e apertou-a de encontro ao peito, não conseguindo falar.

Carla, também emocionada, foi traída por lágrimas que teimaram em se esconder no canto dos olhos, mas acabaram por despencar. Pegou a outra mão de Ricardo e cuidadosamente trouxe-a até seu rosto.

Ricardo pensou: "estranha coincidência: duas outras jovens segurando-me as mãos, tal e qual inda há pouco o faziam dois anjos tutelares".

Dominando a custo suas fervilhadas emoções Ricardo considerou necessário aliviar a tensão. Queria dizer "obrigado" mas a voz

não saiu. Forçou. Nenhum som saía de sua garganta. Concentrou toda sua energia e contraindo todos os músculos que pode tentou falar. Debalde. As cordas vocais nem sequer timidamente vibravam.

Estava mudo!

Tal constatação quase levou-o a choque fulminante.

Quis levantar-se e agora eram seus membros que se negavam a obedecer. Só então lembrou e se deu conta que estava preso por incontáveis fios de aço, ganchos, roldanas, etc.

Não tinha comando sobre o corpo!

O cérebro ia já mergulhando no estupor e no desespero total quando Carla falou:

— Graças a Deus, graças a Deus você está vivo, Ricardo!

Ao que Angélica complementou:

— É um milagre. Como Jesus é bom e ouviu nossas preces.

— Sim, Jesus ouviu nossas preces, reafirmou Carla.

Olhando fraternalmente para Ricardo, desconhecendo que havia descongestionado seus pensamentos com as últimas palavras, carregadas de gratidão a Deus, pediu a Angélica que chamasse o médico.

Angélica deixou a mão de Ricardo e saiu do quarto.

O olhar do paciente informou a Carla que sentia angústias e tinha muitas dúvidas.

Não se fazendo de rogada, a esposa do Capitão Andes informou com bastante calma:

— Você foi atropelado há quatro dias e estava em estado de coma até agora. Graças a Deus acordou e vai ficar bom.

Nisso a porta do quarto se abriu e três médicos, acompanhados de Angélica, adentraram eufóricos.

Dirigindo-se sofregamente ao paciente apalpam suas faces, ergueram suas pálpebras e tocaram sua jugular.

Denotando satisfação entreolharam-se vitoriosos.

Disse um deles:

— Somos da equipe de emergência que cuidou de você. Quando chegou, politraumatizado, suas chances de sobrevivência eram de uma, em cem.

Brincalhão, mas respeitoso, disse apontando para o teto:

— Agora estamos convictos que “lá em cima” também tem médicos e parece que foram eles que cuidaram deste caso.

“Cinco pessoas deslumbradas olhando-o e ele sem poder falar”, pensou Ricardo.

Súplice, olhava ora um, ora outro dos presentes.

Captando a angústia do paciente, outro médico pegou-lhe a mão:

— O chefe da nossa equipe, o doutor Elias, virá logo que possa para lhe dar maiores explicações. Até lá, repouse o mais possível, evitando agitar seus pensamentos. É necessário que você se mantenha calmo.

Após cumprimentar as duas moças retiraram-se, informando já à porta:

— Todas as suas perguntas, que sabemos são muitas, serão respondidas. Promessa!

Sairam.

Ao ficar novamente a sós com Carla e Angélica constrangeu-se Ricardo ante sua imobilidade e, pior que isso, sua mudez.

Ao ter esse pensamento lembrou-se que Jeroboão advertira que determinadas deficiências físicas, às vezes, são uma bênção.

“Então ficaria mudo para sempre?”

Interrompendo seus pensamentos as duas visitantes informaram que precisavam se retirar.

Antes de sair, disse Carla:

— Temos que ir mas voltaremos sempre que possível ou necessário.

Sozinho, Ricardo sentiu que o mundo desabara sobre ele.

Todo seu corpo doía e doía muito.

Pensava: “Só, todo arrebatado, mudo e com tantas dores, o que mais me reserva o destino?”

Intrigantes perguntas perpassaram-lhe pela mente: “Por que justamente Carla e Angélica estavam ali? Onde estava o marido de Carla? E André Luiz?”

Por mais que remoesse em sua razão respostas viáveis, não as encontrou.

Restou-lhe apenas recordar o encontro com Jeroboão. Não se lembrava de tudo, aliás de quase nada, a não ser de algumas recomendações.

Uma delas: “Ao retornar você poderá se considerar premiado com uma rara chance, qual a de reiniciar tarefas que prometeu realizar e que ainda estão inacabadas”.

Na ocasião, perguntara: “Pai Jeroboão, que tarefas são essas que o senhor diz que eu prometi fazer e não fiz?” E a resposta: “Meu

filho, meu filho: busque nos acontecimentos à sua volta e a resposta será encontrada. Analise suas tendências, defeitos e qualidades... compare os fatos de sua vida com os dos amigos; considere como você viveu em família até aqui; contabilize quanto dinheiro você ganhou e como ele foi gasto... lembre o que você fez de bem para os outros e também o mal que já causou; registre os dons que Deus emprestou e ajuize o que você fez deles..."

As últimas palavras de Jeroboão, após declarar amor àquela estrela, aliás em nome dos quatro, tinham sido: "Por algum tempo você não nos verá mais. Porém, estaremos perto, visitando seus pensamentos e conversando espiritualmente."

Perguntara: "Quanto tempo?", obtendo como resposta: "Dentro de aproximadamente dois anos você permanecerá com alguns impedimentos físicos, como já lhe dissemos..." E essa tinha sido a despedida.

Com essas lembranças sentiu-se estranhamente feliz, calmo e fortalecido.

Pelo exame da situação, nas dependências e em si mesmo, além das palavras dos médicos, confirmou que algo muito grave tinha acontecido ao seu corpo.

Pensou no acidente e o que mais fixava seu pensamento era a estrela, chamada Sirius, justamente aquela que Jeroboão tanto amava.

Aliás, nunca prestara muita atenção no céu, mas recordava-se que aquela estrela sempre era a primeira a aparecer, ainda dia, e à noite, era sempre a mais brilhante.

Então, passou a ter uma certeza: eternidade afora, ele também amaria Sirius!

Absorto nesses pensamentos teve um leve susto quando delicada mão segurou seu pulso. Era uma enfermeira, medindo sua pulsação. Já entardecia.

Olhou uma janela toda aberta e foi envolvido por dulcíssimo choque que eletrizou todos seus nervos: lá estava ela, Sirius!

Brincou a enfermeira:

— Ué, porque se emocionar?

Seguiu o rumo do olhar do paciente e ficou ela própria emocionada ao constatar que os batimentos cardíacos tinham acelerado por uma estrela...

Fazendo algumas anotações na ficha médica, retirou-se.

Poucas vezes Ricardo tinha experimentado tamanha paz como a que sentia.

Dirigiu o pensamento a Deus, com os olhos fixos na estrela, quase saindo da moldura da janela e orou a prece do "Pai Nosso".

Estava vivo!

Sabia-se machucado, mas as dores não o desesperavam. Sabia que sofria e sofria por ter feito outros sofrerem. Se pouco nesta vida, certamente muito em outras. Pacífica e irremovível certeza.

Bendito conhecimento esse que impedia-o de revoltar-se, conferindo resignação e confiança na Justiça Divina.

Após algum tempo entrou um médico. Com gestos calmos colocou as mãos sobre os gessos do joelho e do omoplata de Ricardo. Apresentou-se:

— Sou o doutor Elias. Sou ortopedista e juntamente com outros colegas atendemos seu caso. Vim aqui para conversarmos.

Outra vez Ricardo tentou falar, sem conseguí-lo. Seus olhos, porém, falavam mais expressivamente do que se pronunciassem palavras.

Disse Elias:

— Os ferimentos foram gravíssimos, mas graças a Deus você conseguiu superá-los. Ainda é grave seu estado, porém fora de risco de vida. O que você mais precisa é de tempo, pois tantas fraturas e tantos cortes levarão algum tempo para sarar.

A seguir o ortopedista expôs detalhadamente o quadro clínico ao paciente, informando que as multi-fraturas tinham todas sido reduzidas.

Com bastante senso profissional disse:

— Este é o caso mais grave de todos os que tratei em minha vida e só posso atribuir à Bondade de Deus você ter sobrevivido.

Elias incutiu proteção e bem-estar a Ricardo, como aliás, a maioria dos médicos incute apoio psico-dinâmico aos seus pacientes. Era muito conceituado junto aos colegas, pela competência, e muito admirado por seus atributos morais.

Ter sido atendido por Elias foi uma bênção que Ricardo logo compreenderia, pois o médico conhecia e praticava as modernas técnicas de ortopedia, assimiladas em centros médicos internacionais nos quais freqüentemente estagiava.

Perguntou a Ricardo:

— Como você se sente? Não consegue articular nenhum som? Ricardo balançou a cabeça confirmando o problema.

— Não há motivo aparente para tal mudez. Necessitaremos realizar maiores exames neurológicos, pois o acidente deve ter causado algum acidente vascular cerebral.

Elias saiu e num instante retornou, trazendo um bloco de papel e lápis. Entregando-os a Ricardo convidou:

— Por que você não escreve o que está pensando?

Em traços vacilantes, com o braço ligado ao soro e a mão tremendo descontroladamente, escreveu:

“Deus pague ao senhor e aos seus colegas. Devo-lhes a vida”.

Comovido Elias respondeu:

— De forma nenhuma! Você não nos deve nada. Agradeça a Deus, Nosso Pai, pois Ele é a Vida da Vida!

E completou:

— Vamos aguardar mais algum tempo para ver se de uma ou de outra forma você recupera a voz. Como já disse, é uma questão de tempo. A Medicina registra casos, raros na verdade, em que traumas desencadeiam inibição parcial ou total da voz — afonia; mas, felizmente, na maioria desses casos, há recuperação. Confie em Deus!

Ricardo fechou e abriu os olhos lentamente, em sinal de gratidão.

Desviando em parte o assunto, Elias perguntou:

— Há um inquérito policial em andamento, aguardando suas declarações; você se julga em condições de prestar esclarecimentos às autoridades encarregadas? O Delegado aguarda apenas meu parecer liberando-o para uma entrevista. Você lembra os detalhes que antecederam o acidente?

Surpreso e preocupado Ricardo escreveu que estava pronto para conversar com o policial, quando ele quisesse.

— Então amanhã, pela manhã, traremos o encarregado do inquérito.

Colocando as mãos nas de Ricardo, despediu-se:

— Fique com Deus!

— Bom dia, Ricardo. Sou o Delegado de Polícia desta jurisdição. Meu nome é Tadeu. Sei que você só pode se comunicar pela escrita. Eis aqui papel e caneta.

Ricardo pegou o papel e grafou: “Bom dia, doutor Tadeu. Tenho prazer em conhecê-lo. De minha parte conte com boa vontade para ajudá-lo no seu trabalho”.

— Por que você tentou o suicídio?

Ricardo foi pego de surpresa. Embora advertido por Jeroboão, absolutamente não esperava que esse fosse o entendimento do

acidente. De relance entendeu, ele próprio, porém, que aos olhos do mundo o acontecido realmente deve ter transparecido um suicídio.

Entendeu tudo: estando sem saúde e em más condições financeiras, tendo recentemente perdido a fortuna, desgostoso no amor, sem ambiente na Tenda em que fora o chefe, nada mais natural que todos imaginassem que ele tentara o suicídio.

Buscou energias para controlar-se. Instantaneamente recordou a serenidade com que Jeroboão falava, sempre expondo os fatos com muita lógica e propriedade. Pensou: “Vou falar como o Pai Jeroboão, isto é, vou pensar antes de falar e sempre com muita sinceridade e respeito”. Logo corrigiu-se: “Vou falar não, vou escrever...”.

Escreveu: “ Não tentei o suicídio. Tive uma síncope, decorrente do meu estado de extrema fraqueza”.

Tadeu, ponderadamente perguntou:

— O motorista foi culpado?

Novo choque. Ricardo não pensara, até ali, no drama do motorista que o atropelara, sem qualquer culpa. Percebeu, de pronto, que tal motorista deveria ter passado ou certamente ainda estar passando por terríveis momentos. Se uns pensaram que ele tentara o suicídio, outros devem estar pensando que tudo aconteceu por culpa de um motorista desatento. Sabia, no íntimo, que nem uma nem outra hipótese ocorrera e sim que do acontecido só a ele cabia culpa.

Respondeu:

— O motorista é completamente inocente, seja ele quem for. Nenhuma culpa lhe cabe. Fui desatento, fui imprudente e só a mim deve ser atribuída culpa pelo fato.

Ao ler a resposta Tadeu demonstrou satisfação, como se as palavras tirassem do seu cérebro uma grande dúvida.

Disse:

— Graças a Deus você declarou isso, pois na verdade o motorista e seus familiares e alguns amigos estão deveras sofrendo com tudo isso.

E aduziu:

— Suas palavras levarão grande auxílio para tais pessoas...

Ricardo, sentindo que agira corretamente ao declarar a verdade, perguntou:

— Quem era o motorista?

Tadeu, com muita calma, pesando palavra por palavra respondeu:

— Por incrível que possa parecer o motorista é conhecido seu: Capitão Andes.

Aí sim, essas últimas palavras do Delegado explodiram no cérebro de Ricardo, causando-lhe impressionante reação: começou a tremer, de forma descontrolada; seu corpo começou a retesar-se, demonstrando que uma convulsão se avizinhava. Tadeu, agindo com presteza e segurança acionou a campainha de chamada da enfermeira que em breve instantes chegou. Sem que palavra fosse dita, por desnecessário, a profissional vislumbrou o quadro grave que se delineava, pelos espasmos musculares do paciente. Saiu rápida, logo retornando com o doutor Elias. O médico aplicou um sedativo com o que diminuíram as contrações de Ricardo.

Tadeu expôs o diálogo travado com Ricardo informando que ao saber quem era o motorista que o atropelara tivera o mal súbito.

Elias colocou a mão direita sobre a fronte de Ricardo e disse:

— Meu filho: Deus te proteja e Jesus te proporcione bem-estar espiritual durante toda a recuperação.

Ricardo, já na sonolência do sedativo e reconfortado pelas palavras do médico acalmou-se completamente, cessando os tremores involuntários.

Antes de ser vencido pelo sono incoercível ainda conseguiu escrever:

— Desculpem...

Conquanto a notícia fosse fantasticamente atordoante, pelos seus desdobramentos, naquela noite Ricardo dormiu tranqüilo.

Na manhã seguinte acordou, mal os primeiros clarões do dia começaram a visitar sua janela, pois ouviu o cantar exclamativo de um sabiá.

Não sentia cansaço, nem dor.

Repassou mentalmente os últimos acontecimentos e compreendeu que, definitivamente, sua vida vinha sendo uma sucessão de surpresas.

Estava calmo.

Relembrando alguma coisa do seu passado, vista no indecifrável estágio espiritual, não se revoltava com seu presente.

Quanto ao futuro não conseguia, de nenhuma forma, entrever uma única fresta aberta, pela qual alguma perspectiva se deixasse entremostrar.

Seu Espírito raciocinava com imensa clareza e disciplina: pesava fato a fato, mentalizava momento a momento dentre os mais

significativos, projetava pessoa por pessoa neles envolvida ou deles participante.

Ao recordar-se da infeliz investida a Claribel, quando o fogo do desejo o queimava por inteiro, arrependeu-se amargamente.

Cumpria, urgente, desculpar-se, pedir perdão!

E pensava: “mas, oh! Santos e Anjos do Céu: como resistir a tão bela criatura? Será que sou tão culpado ou tanta beleza?”

Respondeu a si mesmo: “Foi delírio, foi delírio...”

Perguntou-se: “será que a amo?...”

E a resposta: “sim, sim! como a amo! nunca amei ninguém como Claribel. Deus, Pai e Criador: perdoe-me tê-la magoado...”

Seus olhos, tão frágeis ao choro, deixavam lágrimas fugir do interior, como que querendo lavar o erro que as lembranças traziam.

O sabiá continuava seu gorjeio matutino, como se fosse uma sirene, não de fábrica, mas da Natureza. Quase se poderia entender que sugeria a todos que o ouviam que se levantassem da cama; que o Sol já estava chegando; que Deus existe e que ele, sabiá, tinha aceito a missão de modular às alvoradas: enfim, como mensageiro d’Ele, com seus trinados, estava cumprimentando a todos — esse era o seu “bom-dia”...

Assim imaginava Ricardo quando então, e só então, lembrou-se que não poderia ele atender às sugestões do seu novo amiguinho lá nas grimpas de uma mangueira, que prosseguia incansável na sua sagrada missão.

Recordou dos tempos de soldado quando o cometeiro tocava a “alvorada”, justo na hora que a cama estava mais quentinha e mais aconchegante. Naqueles tempos, não tão distantes, mas também não muito recentes, ele pulava da cama xingando o cometeiro. Agora...

Como bendiria se pudesse, como antes, sair da cama e ir para a Vida, viver mais um dia! “Mas, Claribel, oh! Jesus: linda, gentil, meiga e eu fui maltratá-la... Como pude ser tão cruel? Justamente com quem mais amo!?”

Perfumadas de remorso rolavam lágrimas em seu rosto, em resultante positiva para que fatos iguais não voltassem a se repetir.

Quanto tempo chorou?

Quanto tempo o sabiá ficou gorjeando?

Não sabia.

Ouvia um outro sabiá respondendo, provavelmente companheiro ou companheira do primeiro...

Formavam, os dois sabiás, o “dueto da alvorada”.

Ao pensar nisso, lembrou-se de quando estava preso no quartel, integrante que era do "quarteto da madrugada". Lá, naquela revista na hora do pernoite, tinha visto pela primeira vez o Sargento Balduino; também lá tivera uma visão de Claribel, enferma, e logo em seguida medicada, fora de qualquer perigo...

"Como tivera aquela visão? Será que era isso que Jeroboão quis dizer com as responsabilidades mediúnicas que tinha trazido para esta vida?"

Ouviu um leve batido à porta. Era a enfermeira. Amável, cumprimentou Ricardo e mediu-lhe a temperatura e a pulsação, anotando numa ficha, após o que retirou-se.

Veio o café da manhã, em forma de suco de frutas, que sorveu com um canudinho, tendo o copo sido sustentado pela serviçal que estava servindo.

Ricardo agradeceu à moça com leve movimento da cabeça e ela retirou-se.

Novas batidas na porta: grande surpresa e indescritível alegria, a chegada de André Luiz. Olhos úmidos, extremamente emocionado, o visitante não disse palavra. Tomou com bastante cuidado as mãos do amigo, por causa do gesso e do soro, comprimindo-as junto ao peito.

Dessa vez, fato inédito, Ricardo não chorou; André, ao contrário, não conseguiu evitar candentes soluços ao beijar-lhe a fronte, presa fácil que foi dos fortes sentimentos ante a quase perda do amigo. Ele, André, estava no carro que atingiu Ricardo!

Ricardo sentiu o peito estufar de júbilo, de paz, de amizade pelo ex-companheiro de farda... e que, num relance relembrou, tinha sido seu filho em outra existência! Pois foi neste justo momento que algo de admirável significado aconteceu: pela primeira vez em toda sua vida, sentiu que dentro de sua cabeça uma tela se iluminou e viu, de forma absolutamente real, ele próprio, na vida anterior, beijando seu filhinho de um ano, Nivaldo...

A cena, com movimentos definidos, demorou menos de um segundo; contudo, suprema felicidade: para ele isso pareceu durar uma eternidade!

Entendeu, igualmente em um lapso de tempo, o incrível alcance da mediunidade que lhe era atribuída: a cena do passado tinha sido mostrada para que no presente fossem reunidos liames partidos.

Sim! Era isso! Era essa a sua tarefa, o seu compromisso assumido, mesmo antes de nascer, conforme registrara Jeroboão.

Ao pensar em Jeroboão, nesse estado de êxtase espiritual, novamente o fenômeno se repetiu: dessa vez viu-se na sala do Mentor, quando de sua estranha viagem além da vida. Na parede que Jeroboão lhe indicava lia-se claramente: "A CADA UM, SEGUNDO SUAS OBRAS".

A frase se apagou com incrível velocidade, mas ele conseguiu ler as outras que apareceram: "VINDE A MIM TODOS VÓS QUE ESTAIS AFLITOS POIS EU VOS ALIVIAREI — MEU JUGO É SUAVE E LEVE É MEU FARDO"; "DE QUE VALE AO HOMEM CONQUISTAR A TERRA E PERDER O CÉU?"; "AMAI-VOS UNS AOS OUTROS, COMO EU VOS AMEI".

Jesus! Eram de Jesus aqueles ensinamentos! E eram para ele, definitivamente para ele! Só Jesus poderia ter ofertado tão sublime presente, pois aquelas palavras eram um "Manual de Vida" e um verdadeiro "Código de Conduta para o Espírito", pensou Ricardo.

André nada viu. Mas seu espírito registrou que o amigo, inteiramente traumatizado pelo acidente, não sofria, não era infeliz. E, coincidindo sua sintonia mental com a de Ricardo, pensou também em Jesus: "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!"

Disse:

— Ricardo, Ricardo, Deus te abençoe. Como estou feliz em te ver. Quanto sofremos, Papai, Mamãe, Angélica e eu. Graças, mil graças a Deus!

Os olhos de Ricardo sorriam para André. Olhou de lado, como se lembrasse de algo importante e André viu o bloco de papel e a caneta. Apanhou-os e colocou-os ao alcance de Ricardo que ato contínuo escreveu:

— André, meu amigo de sempre, você nem imagina o quanto estou feliz com sua presença. Deus lhe abençoe também!

— Se Deus quiser você vai ficar bom e ainda voltaremos a jogar nosso futebol.

Fazendo calculada pausa informou:

— Vim aqui para te ver. Mas, também, para prepará-lo para o encontro de logo mais com o Capitão Andes.

"Andes, pensou Ricardo: tenho certeza que não há laços do passado entre nós, no entanto, sua presença está indelevelmente ligada a mim nesta vida. Segundo os conselhos de Jeroboão, o que puder fazer para ajudá-lo farei, como aliás, devo proceder com quem passar na minha frente..."

Percebendo que o amigo estava pensativo, André concluiu a informação:

— Eu estava no carro que te atropelou; aliás, estávamos eu, Angélica, Carla e Andes, este último, dirigindo.

Após André se retirar Ricardo ficou meditando nas teias que o destino tece: “como era possível ter sido atropelado justamente pelo carro do Capitão Andes?!” “e por que estavam no carro sua esposa com seus dois filhos, família da vida passada?!”

Ficou remoendo tais pensamentos até que anoiteceu.

Com crescente ansiedade aguardava a visita do Capitão Andes. Lembrar-se do ex-comandante era lembrar-se de Carla, com quem sua união não poderia mesmo ter prosperado nesta vida... Orou pelo bem e pela felicidade do casal.

Mesmo com dores constantes, demonstrava paz.

Ajudado por Jeroboão tinha aprendido valiosa lição, que o acompanharia para a Eternidade: a oração e o pensamento no Bem constituem poderoso anestésico para as dores e para todos os males, tanto do corpo quanto do Espírito. Quando ouviu esse conselho, ainda no “estágio espiritual”, perguntara: que anestésico é esse? Obteve como resposta uma única palavra: paz!

Embora desperto há menos de vinte e quatro horas já comentavam os enfermeiros como era possível um paciente tão traumatizado, certamente com dores fantásticas, manter-se tão calmo? Isso porque, num hospital, é fato sabido pelos profissionais da área médica, que à noite, a maioria dos pacientes, principalmente os acidentados ou os recentemente operados, imploram por remédios para dor ou para dormir. E Ricardo, com tantos problemas dessa ordem, nada pedira, nenhuma reclamação fizera...

Um segundo antes de entrarem Ricardo adivinhou quem estava do outro lado da porta. Entraram. Primeiro Carla, depois Andes; logo após, Balduino.

O semblante dos três era de apreensão. Não sabiam ao certo qual seria a recepção que lhes seria dispensada.

Andes era o mais apreensivo: estava à direção do carro que atropelara o ex-soldado e, principalmente, do ponto de vista policial, “do ex-namorado de sua esposa...”

Conquanto algumas testemunhas houvessem dito que o carro vinha em velocidade moderada e com o motorista atento ao trânsito,

a peça policial deixara entrever a possibilidade de outros fatores estarem presentes no acidente...

Tinha chegado ao conhecimento policial o fato de Ricardo ter namorado Carla e ter sido praticamente expulso de sua casa, pelo pai dela, além de ter negado atendimento a este, lá na Tenda; de posse de tais informações não restara ao Delegado outra alternativa senão considerá-las como uma fresta no depoimento das testemunhas. Assim, embora pessoalmente não acreditasse em dolo por parte de Andes, o Delegado viu-se obrigado a considerar, mesmo remotamente, a hipótese de ter havido vingança. De qualquer forma, a apuração teria que ser rigorosa e abrangente a todos os ângulos do fato.

Agindo com prudência e sempre dentro dos preceitos legais Tadeu sindicou o acidente, inquiriu várias testemunhas, ouviu os ocupantes do veículo e assim convenceu-se da inocência de Andes.

Mas era preciso ouvir o acidentado, ou quem sabe, aquele que talvez a Promotoria Pública viesse a considerar “vítima”?

Por tudo isso os visitantes mantinham-se apreensivos, olhando Ricardo quase todo engessado e com as pernas presas por fios de aço e pesos de contrabalanço.

Os traumas, visivelmente, tinham sido de gravidade.

Essa constatação mais desconforto provocou em Andes.

Mas todas as expectativas se desvaneceram de pronto, pois notaram, surpresos, que o paciente apresentava extrema serenidade, tanto no olhar quanto nos demais traços fisionômicos.

Andes, acostumado por força de sua profissão a tomar decisões, principalmente em situações difíceis ou embaraçosas, fossem quais fossem as circunstâncias, segurou a mão direita de Ricardo:

— Boa noite, Ricardo!

O ex-comandado respondeu apenas com o olhar. Nenhum sinal, mínimo que fosse, de mágoa, de ódio ou de rejeição. Estava e mantinha-se calmo.

Agora foi Carla que adiantou-se e igualmente tomou a mão esquerda de Ricardo, pois Andes não largara a outra:

— Boa noite, Ricardo. Como passou?

O olhar tranqüilo do paciente tacitamente respondeu: “bem...”.

Balduino, então, rodeou a cama e colocando a mão no gesso que encobria o joelho de Ricardo, repetiu o mesmo cumprimento:

— Boa noite, Ricardo.

Pela terceira vez seus olhos responderam, límpida e fraternalmente.

Pensamentos e mais pensamentos passavam velozes pelos quatro.

Ricardo olhou insistentemente para a prancheta e caneta sobre a mesinha e com o olhar pediu a Andes que passasse para ele.

Ao pegar a prancheta, com um bloco de papel, na primeira folha, em letras de forma, estava um aviso: "RICARDO NÃO PODE FALAR, MAS PODE ESCREVER".

Ricardo escreveu:

— Deus lhes pague a alegria que me proporcionam vindo me visitar. Peço perdão pelos transtornos que tenha causado. Vocês não tiveram culpa de nada. Eu estava muito perturbado e sem rumo, não tendo a devida atenção ao atravessar a rua. O acidente aconteceu por culpa única e exclusiva da minha falta de cuidado. Perdão.

Andes, ao ler, emocionou-se. Passou o bilhete para Carla, que igualmente ficou sensibilizada. Antes de terminar a leitura já desabou em prantos, sendo amparada pelo marido. Balduino, sem entender o que se passava, e na falta de outra coisa para fazer ou falar, leu o bilhete que Carla lhe passou.

O Sargento ficou embaraçado pelas lágrimas que boiaram em seus olhos.

Com aquelas palavras Ricardo conseguiu proporcionar, principalmente ao casal, a paz interior que tinham ido buscar. Porque, até então, para eles era insuportável a dúvida que tinha sido injustamente levantada no inquérito que apurava o atropelamento.

A atitude de Ricardo, assumindo por inteiro o acontecido, já iniciava a abertura do horizonte preconizado por Jeroboão, pois ganhou três admiradores sinceros, e mais que isso, ganhou três amigos!

Andes e Carla segurando as mãos de Ricardo, ela chorando convulsivamente; o Sargento sem poder pronunciar palavra, denotando grande emoção; o paciente absolutamente imóvel: essa a cena que o doutor Elias e o delegado Tadeu viram ao entrar no quarto e com a qual, por sua vez, espantaram-se.

Chegaram a pensar, simultaneamente, que Ricardo tinha morrido!

Avançaram alguns passos e depararam com mais insólita cena que a anterior: o paciente, sorrindo ligeiramente, demonstrando grande serenidade, com os olhos "amparava" os três chorosos visitantes, transmitindo-lhes equilíbrio.

O delegado viu que na prancheta algo estava escrito.

Leu.

Entendeu que o caso, do ponto de vista policial e jurídico, praticamente se encerrava ali, segundo o que tinha declarado a "vítima".

Ficou feliz. Passou a prancheta para Elias, que igualmente a leu.

Preocupado com a pressão emocional a que estava submetido o paciente, o médico pediu aos visitantes que encerrassem a visita, no que foi prontamente atendido.

Procedeu bem.

Médico e policial parabenizaram Ricardo pela sua atitude nobre, inocentando totalmente os amigos que tinham acabado de sair.

Quando Ricardo ficou sozinho, passou novamente a recordar os fatos de sua vida.

O silêncio do hospital mostrava que as visitas todas já tinham se retirado, que os pacientes, muitos deles já estavam adormecidos e que a faina diária chegava ao ponto de relativas atividades, apenas as específicas da noite...

Pensando, pensando, não conseguiu evitar que surgisse em sua tela mental a lembrança de algumas mulheres com as quais se relacionara.

Foi pois pensando em sexo que adormeceu...

No meio da noite, porém, acordou abruptamente: o silêncio agora era total. No hospital, naquele momento da alta madrugada, nada se ouvia.

Mais alguns instantes desperto, aguardando ouvir qualquer coisa, invadiu-lhe forte impressão de não estar num hospital e sim numa tranqüila e pacífica região rural, onde a noite tem sons próprios, de grilos cricilando e de sapos coaxando.

Tudo contrastava com a noite anterior, na qual fora acordado quase que de hora em hora, por diligentes enfermeiras que cumprindo prescrições médicas mediam sua temperatura e tomavam sua pulsação.

Agora, naquela segunda noite, sentia-se como o único ser vivo no mundo.

Ruídos, só os dos grilos e dos sapos. Certamente, pensou, o hospital ficava em região próxima a vegetação e lago.

A temperatura ambiente era amena porém suave em bicas: é que estava fixado em sua mente o sonho, ou melhor, o pesadelo, do qual acabara de sair, ao acordar. O sonho tinha sido erótico: via-se em colóquio íntimo e sensual junto a uma jovem muito atraente; no enlevo de tal relação, do nada surgiram sombras que avançaram para ele, agarran-

do-o ferozmente. Eram mais de cinco agressores. Quantos? Seis? Oito? Os malvados tinham um chefe: Moacir, o pai de Carla!

Naquele momento, ainda sonhando, lembrou-se do pesadelo acontecido no alojamento militar, quando não tivera reação qualquer ante o perigo. Seguindo essa reminiscência, recordou-se de Jeroboão. Então, ato contínuo, mudou sua atitude mental. Mesmo ainda envolvido por sensações eróticas, de que seu corpo jovem não tinha facilidade para libertar-se, conseguiu reverter o rumo do energético sexual em que ora transitava. Substituiu, na mente, a paradoxal situação de agradável sensualidade que a jovem lhe provocava e o perigo que representavam Moacir e seus comandados — substituiu tudo isso —, pela lembrança do jardim iluminado da espiritualidade.

Imediatamente despertou.

Talvez ajudado pelo silêncio da noite foi que recordou do que Jeroboão dissera: “Jesus ouve todas as preces. Não deixa nenhuma sem resposta. A responsabilidade é de quem pede...”

“Sim”, dissera Jeroboão, “muitas vezes não pedimos e sim apresentamos uma proposta comercial em forma de oração. Quando a prece é de coração, objetivando o Bem, nosso ou do próximo, invariavelmente há deferimento. Mesmo que parcial, considerado o merecimento do atendido, sempre há deferimento”, repetira...

Disse mais Jeroboão: “certo, nem sempre quem é atendido o percebe; Deus, na Sua infinita Sabedoria e com Sua incomensurável Justiça organizou o mecanismo de atendimento das preces com normas às quais ainda não temos completo acesso. Uma coisa é inquestionável: não há problema que uma ‘boa prece’ não resolva”, brincara o homem mais preto que já vira, mas também a melhor criatura que conhecera...

Lembrando-se de todas essas instruções, já agora com a libido sob controle, orou: enlevado ante a Bondade de Deus, que promovera seu despertar rapidíssimo em meio à tormenta em que se encontrava, instantes atrás, agradeceu a graça recebida; pediu aos Protetores Espirituais que o ajudassem a dominar seus instintos sexuais, de forma que se algum dia voltasse a viver o Sexo, que isso representasse a maravilhosa força criadora que Deus concede a todas as criaturas humanas, e jamais, motivo de perdição, de luxúria, de infelicidades... pediu ainda forças para evitar que seu Espírito pervagasse nas regiões umbralinas do sexo infeliz, quando no desdobramento do sono; agradeceu ao Pai a manutenção de sua sexualidade, que acabara de comprovar, mas que fosse amparado a mantê-la sob controle.

Paz e conforto subseqüentes visitaram Ricardo que se manteve desperto até o dia raiar, quando o “dueto da alvorada” iniciou seu incomparável recital...

Após o café matinal ouviu baterem à porta.

Era seu pai, Adauto.

Sem conseguir ocultar ligeiro aborrecimento, chegou-se ao filho e disse que não viera antes porque os afazeres não tinham permitido. Mas, que estava feliz em vê-lo “já quase bom”.

Ricardo olhou o pai afetuosamente; este, porém, permaneceu estático, sem conseguir dizer mais nada, absolutamente constrangido. Dois ou três minutos assim, sem falar e sem nada ouvir, retirou-se, sem tocar no filho, e também sem saber sequer que ele não podia falar...

Sem mágoa, porém penalizado com tanto desamor no coração daquele que Deus designara para ser seu pai carnal, Ricardo usou a sublime técnica ensinada por Jeroboão: substituir pensamentos negativos por enlevo espiritual.

Dirigiu um pensamento ao Criador, rogando paz e saúde para seu pai. Esse mesmo pedido repetiu para sua mãe, Denise, que nem ao menos tinha vindo visitá-lo.

Estava assim com os olhos fechados, orando, quando novamente iluminou-se a tela cerebral e ele pode ver e praticamente reviver, cenas longínguas, perdidas nas dobras do tempo, em que fizera seus pais de então amargarem a pior de todas as dores: a ingratidão filial.

Eram outros seus pais de agora, mas era idêntico o sofrimento que visitava sua alma, pelo que entendeu que uma vez mais Jesus tinha razão quando recomendava o máximo de cautela na plantação, pois que se ela é opcional, a colheita é sempre obrigatória...

* * *

RECONCILIAÇÕES

Dois meses após o acidente Ricardo conseguiu livrar-se do último engessamento no braço, antebraço e parte da mão esquerda, onde o escafóide carpiano havia se partido em dois e agora estava soldado.

Com a venda de um terreno e de um carro usado, únicos bens que lhe restavam, Ricardo indenizou parte das despesas hospitalares. Por intercessão do doutor Elias, o restante da dívida foi considerado quitado, pela diretoria do hospital.

Os pais de André Luiz, Jansen e Marina, tinham um apartamento na praia, em cidade próxima. Iam passar um mês junto ao mar e convidaram Ricardo para acompanhá-los. Insistentes e sinceros, conseguiram fazer com que o jovem aceitasse, pois desde o primeiro convite havia recusado.

O argumento que venceu a resistência de Ricardo foi o de que André Luiz iria nos fins de semana e estariam juntos.

Assim, ainda sob observação médica, foi para a praia. Aliás, o próprio doutor Elias havia aconselhado o ar marinho como sendo uma das melhores terapias de recuperação, já que a fisioterapia teria que ser realizada ainda por bastante tempo.

Nesses dois meses passados no hospital Ricardo pensou diariamente em Claribel, anelando sua visita. Mas ela não fora visitá-lo. Compreendia a ausência e até dava razão à filha do Sargento Balduino; este, certamente, teria comentado em casa sobre o acidente, sobre a visita logo no terceiro dia e as demais notícias nas freqüentes visitas que realizou.

Surpreendia a si mesmo pensando com tanta insistência na jovem tão linda.

Recriminava-se acerbamente pelo seu errado comportamento com ela.

Pensava: “será que sinto admiração por tanta beleza? ou será que sinto amor?”.

Após todo esse tempo, em que as reflexões se multiplicaram, todos os indicadores demonstravam ao seu coração que era amor. Mulheres bonitas, tinha conhecido às dezenas. Em nenhuma fixava seus pensamentos como em Claribel.

Junto ao mar, locomovendo-se com auxílio de duas muletas, contemplava as ondas e ali passava horas e horas. Recostava-se numa frondosa seringueira e ficava com os olhos fechados longo tempo, refletindo em sua vida, recordando a visita a Jeroboão e às duas moças...

De súbito, uma pergunta estalou em sua cabeça: “Meu Deus, meu Deus, como é que eu nem sei os nomes daquelas duas moças que tanto me ajudaram?! como foi possível que até aqui eu não procurasse saber como elas se chamam?!”

Uma certeza igualmente invadiu-lhe a memória: eram gêmeas! Sem que pudesse evitar, comparou a beleza das duas auxiliares de Jeroboão, cujas fisionomias, similares, tão gravadas estavam em sua memória, com a de Claribel.

Era forçoso reconhecer: Claribel era mais bonita, não muito, mas trazia em sua figura algo que os olhos dele, Ricardo, jamais vira igual.

“O que seria ou o que é que provocava em sua alma aquela sensação de que Claribel era a criatura mais linda do mundo?”, pensava.

E a misteriosa energia do mar, com a colossal massa de água terminando aos seus pés, em delicadíssimos toques de algumas gotas de espuma, levaram-no a obter respostas a todas as suas perguntas relativas a Claribel: amava-a, desesperadamente! amava-a, como nunca alguém jamais amou a outro alguém! amava-a, doloridamente, pois ela talvez jamais perdoaria o passado!

Então, remontava esse passado, em duas fases: desta e de outra vida, em ambas tendo com ela agido de maneira torpe e equivocada. Após uma semana na praia, com tais reminiscências martirizando-o, o pai de André sugeriu-lhe que lesse um livro muito interessante chamado “Sexo e Destino”, ditado pelo Espírito André Luiz, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier.

Ricardo lembrava-se vagamente desses nomes: algumas pessoas na Tenda os citavam — o primeiro desencarnado e o segundo, ainda encarnado. Lembrou-se que à época rira daquilo que considerava “bobagens desse povo de Kardec...”, pois para fazer o que fazia não precisava ficar lendo livros e mais livros.

Jansen passou o livro para as mãos de Ricardo.

Tomando a prancheta e a caneta Ricardo escreveu:

— Quem foi Kardec?

— Foi um eminente pedagogo francês, que codificou o Espiritismo, no século passado, através de cinco livros básicos.

Em dois dias Ricardo “devorou” o livro. Tão impressionado ficou, já nas primeiras páginas, que mal se alimentou e pouco dormiu, preso à leitura da obra.

Tudo o que Jeroboão tinha falado, principalmente sobre a Reencarnação, ali estava sobejamente exemplificado, de modo a não admitir quaisquer dúvidas na Lei de Justiça, tendo o Sexo como cenário de tantas e tantas vidas sucessivas. Vidas essas que unem e agrupam pessoas, voltando repetidamente a reunir e a reagrupar essas mesmas criaturas, no mais das vezes no sagrado instituto da família.

“Causa e efeito”, “plantação e colheita”, “choque de retorno”, “ação e reação” — antecedentes e conseqüentes —, passaram a ser poderosos faróis em seu Espírito, iluminando sombras submersas no passado, mas principalmente, mostrando que caminhos agora seguir!

De fato, seus problemãs, quase todos, tinham origem no passado...

Antes de vencer o mês programado para a estadia na praia, conseguiu ler mais cinco obras da coleção do Espírito André Luiz, tomando-se “fã número um” do Mentor desencarnado.

Por sugestão de Jansen, após a leitura de “Sexo e Destino” leu “Nosso Lar”, primeira obra do mesmo autor espiritual, livro esse que vem descortinando para milhares (talvez milhões) de leitores, não só do Brasil, um detalhado panorama das coisas do mundo dos Espíritos. Jansen despertou a curiosidade de Ricardo ao dizer que “Nosso Lar” tinha sido escrito em 1944 e após dezenas de edições pela Federação Espírita Brasileira, tal obra tinha sido traduzida para vários outros idiomas.

Impressionado com os ensinamentos da série, Ricardo não conseguiu impedir que um sentimento de inveja o invadisse: por que

seus pais não tinham lhe dado o nome de “André Luiz”, assim como Jansen e Marina fizeram com seu filho? Seria essa uma humilde homenagem a tão bondoso Instrutor Espiritual, que lhe daria muito orgulho...

Recriminou-se mentalmente: “estou pensando bobagens, pois como é que pode uma coisa humilde dar orgulho, sentimentos tão opostos? e, ainda por cima, por inveja...”

Admirou muito a beleza e simplicidade das palavras com as quais o médium Chico Xavier exprimia o pensamento do autor espiritual.

Terminada a leitura dos seis livros da série “André Luiz”, atendendo sugestão dos pais de André, passou a ler a série “Allan Kardec”, iniciando pelo “O Livro dos Espíritos”. À medida que lia tais obras comentava, sempre com o auxílio da prancheta, suas impressões sobre algumas anotações em particular. Jansen e Marina, espíritas há bastante tempo, teciam sempre oportunos complementos explicativos. Sempre sugeriam a prece, em especial antes de dormir, para que no desdobramento do sono seu Espírito recebesse dos Mentores Espirituais maiores detalhes sobre tal ou qual dúvida.

Já na metade do livro “O Livro dos Espíritos” Ricardo dividia a questão do seu nome, pensando: “bem que eu poderia me chamar ‘Allan Kardec’...”

Na última noite passada na praia Ricardo orou:

“Pai de Misericórdia: como pude errar tanto? perdoe-me; como pude jogar fora tão preciosas ferramentas que me foram confiadas? só agora percebo quão maravilhosa é a mediunidade, mesmo como no meu caso, concedida como empréstimo para redução de minhas dívidas; Meu Pai: vou pedir ao Senhor um segundo empréstimo, devolvendo-me as possibilidades perdidas...”

Adormeceu.

Sonhou com Jeroboão que lhe dizia:

— Graças a Deus e graças a Jesus você acordou para suas responsabilidades; poucas pessoas no mundo obtêm a bênção de serem advertidas no meio da viagem pelo mar da Vida para mudar a rota, face iminente naufrágio. Agora, meu filho, mãos à obra! Recupere o tempo perdido. A seara cristã o aguarda. Recomponha seus passos e pacifique o grupo que o rodeia. Seja alicerce robusto para os edifícios familiares que o vendaval de passadas culpas teima em derrubar. Entenda que sua mediunidade, principalmente a relativa a visões parciais do passado, não lhe constituem prêmio, mas sim, expediente misericordioso para ajudar muitos a alavancar reconciliações...

Ao acordar Ricardo apreendeu o recado, traduzindo-o num único e sublime objetivo para sua vida, dali em diante: ajudar aos outros!

Após o retorno, o antigo inquilino apresentou-se na casa do senhor Rodrigues, tendo sido conduzido de carro pelos pais de André. Tocou a campainha e logo foi recepcionado por Cereja, já agora uma verdadeira "matrona", pois suas proles eram seguidas...

Impossível descrever a alegria do pequeno animal, bem como a recíproca, por parte do seu antigo dono.

Os Rodrigues também ficaram felizes em rever o ex-soldado, a quem tinham visitado algumas vezes quando hospitalizado.

Receberam-no jubilosos. Sempre gostaram de Ricardo. Para eles, muitas vezes o jovem tinha representado o filho que não tiveram, conquanto tanto almejassem.

Pela terceira vez Ricardo vinha morar com eles...

O mês passado na praia tinha produzido excelente efeito recuperador e por isso Ricardo pode abandonar as muletas e servir-se apenas de uma bengala.

Pediu ao senhor Rodrigues que o conduzisse, quando necessário, dirigindo o carro dele, senhorio, propondo ressarcimento de combustível. Desprendido, Rodrigues aquiesceu prontamente.

Retornando ao médico, para prosseguir no tratamento da convalescença, foi aconselhado a submeter-se a algumas sessões de fisioterapia.

O doutor Elias deu-lhe um cartão de visitas, com o endereço de uma clínica que recomendava. No mesmo dia Ricardo foi até lá. Matriculou-se no horário mais adequado ao senhor Rodrigues, tendo a primeira sessão sido marcada já para o dia seguinte.

Ao ser convocado para início das massagens e do ultra-som nas articulações junto aos joelhos e aos ombros, seu coração quase parou: a fisioterapeuta era Claribel!

Estava linda, delirantemente linda, em seu uniforme branco!

Manuseava o aparelho eletrônico e um tubo de pomada para as aplicações quando viu quem era seu paciente. O sangue fugiu-lhe do cérebro e ficou extremamente constrangida.

Porém, ao fixar o olhar nos olhos de Ricardo um estranho sentimento salvou-a do embaraço: tinha ele o brilho da paz e da serenidade.

"Nenhuma cupidez", pensou Claribel em primeiro lugar.

Pensou ainda: "que estranho brilho no olhar, não é de maldade, é de bondade e de energia; o acidente transformou-o bastante".

Tomando o bloco que trazia e a caneta, Ricardo escreveu: "Claribel! Não sabia que era você..."

Reassumindo o controle de suas emoções, recordando que seu pai informara que Ricardo tinha perdido a voz e que os ferimentos tinham sido muito graves, falou o dever ao Espírito da moça, impondo-lhe conduta profissional.

E foi absolutamente profissional o modo como tratou Ricardo.

Contudo, no inevitável contato epidérmico da fisioterapeuta com o paciente, o calor do ombro deste, somado ao calor das mãos daquela, quase desencadeou uma combustão espontânea em ambos, tamanha a troca fluidica ocorrida, aura entrelaçada a aura...

Os dois eram naquele momento verdadeiras pilhas elétricas ultra-carregadas; da simples aproximação dos campos magnéticos opostos — ativo e passivo, masculino e feminino —, altamente energizados pela emoção, de que o passado era avalista, tiveram a sensação de um choque elétrico.

Só que agradabilíssimo...

O tempo que Ricardo ficou na praia com os pais de André Luiz fez com que os três se unissem. Estabeleceu-se entre eles forte vínculo de amizade, respeito e admiração. Até porque Ricardo sempre fora amigo sincero de seu filho o casal viu no jovem acidentado um segundo filho. Se André era de personalidade pacífica e acomodada, Ricardo era o oposto: agitado, sempre inquieto, nunca se podia afirmar que ele estava presente em Espírito, onde seu corpo estivesse.

Sempre meditando, irrequieto e desconfiado, com o casal que o acolheu abriu seu coração e neles se apoiou psiquicamente.

Há muitos anos combatido pela total ausência de atenção dos pais, experimentou junto ao simpático casal a agradável impressão de acolhimento sem restrições. Experimentou mais: sentiu-se num círculo de carinho e boa vontade, de respeito e de atenção.

Foi inescapável ao seu Espírito a análise de que, se seus pais consangüíneos não se importavam com ele, negando-lhe carinho e amor, Deus tinha recompensado duplamente essa carência: tantos os Rodrigues quanto os pais de André tratavam-no como a um filho!

Jansen e Marina, em várias visitas a Ricardo, aos poucos foram penetrando no âmago dos problemas do rapaz. Intentaram auxiliá-lo

espiritualmente desde o acidente, agora de forma direta, pois já o vinham fazendo em suas orações e mesmo já haviam auxiliado bastante, aos tempos da farda, em reuniões mediúnicas de desobsessão.

Freqüentadores assíduos do Centro Espírita que eles próprios tinham fundado, não lhes foi difícil convencer Ricardo a também freqüentá-lo. Sendo médiuns, com larga vivência nas lides espíritas, perceberam de pronto que o caso de Ricardo tinha origem em matrizes psíquicas. E também que essas matrizes tinham sido forjadas, modeladas, esculpidas e gravadas no passado. Intuíram que em reencarnações superpostas a reencarnações o jovem acumulara apreciáveis qualidades, mas também pesados débitos. Possuindo forte carga de magnetismo em sua personalidade, muito provavelmente não soubera disso fazer bom emprego. Aliás, a experiência doutrinária espírita demonstra que todas as dificuldades, todas sem exceção, são colheita de quem semeou desamor.

Constrangido, Ricardo tomou assento na assistência.

A reunião era franqueada ao público, que naquela noite somava cerca de noventa pessoas. Como abertura, pontualmente às vinte horas, a mãe de André foi convidada pelo dirigente a proferir uma prece. Após, outra pessoa leu um trecho do livro "O Evangelho Segundo o Espiritismo", de Allan Kardec.

Dizia o texto "Amai os Vossos Inimigos" que devemos amar os que nos perseguem, prejudicam ou odeiam... No prosseguimento dessa leitura era explicado que tal amor não se constitui em convivência forçada nem em demonstrações de carinho; na verdade não se pode ter transportes de amizade com os inimigos pois não pode haver laços de simpatia entre pessoas que desconfiam umas das outras; tal sentimento resulta de uma lei física: a da assimilação e da repulsão dos fluidos — os bons pensamentos envolvem as pessoas em eflúvios agradáveis, ao passo que, os maus, dirigem uma corrente fluidica cuja impressão é penosa. Amar aos inimigos é orar por eles; é desejar-lhes o bem e o progresso espiritual; é não ter contra eles nem ódio, nem rancor, nem desejo de vingança; é perdoar-lhes incondicionalmente o mal que nos fazem; é ajudá-los no que for possível, sempre que isso também for possível.

Ricardo gravou em sua mente a insólita interpretação do conselho de Jesus: "Amai os Vossos Inimigos": "então era isso? a maioria das pessoas pensa que amar aos inimigos é ter para com eles a mesma ternura que se tem por um amigo ou por um irmão; a afeição

que sentimos por quem amamos e que faz bater nosso coração com felicidade está na Natureza, ao passo que com os inimigos são diferentes os nossos sentimentos; devemos estender-lhes a mão sempre que necessário e mais importante de tudo: sentir felicidade com o bem deles e estarmos sempre prontos para a reconciliação...

A lógica se unia à razão e ao bom senso, com tão simples interpretações das palavras de Jesus.

Várias outras reuniões Ricardo assistiu, ao longo de três meses.

Desde o início estranhou a simplicidade do recinto e das reuniões: paredes sem quaisquer quadros ou dizeres; todos os participantes vestidos simplesmente, sem uniformes, aventais ou vestes especiais; nenhuma imagem; nenhum instrumento musical, a não ser música gravada e assim mesmo em tom o mais baixo possível à audição; nenhuma dança e nenhuma oferta material aos "Guias"; sem bebidas — a não ser simplesmente água para ser fluidificada através dos médiuns.

Desde que viera da praia era visitado constantemente pelos pais de André, que sempre lhe ofereciam novos livros espíritas, que eram lidos, cada vez mais atentamente.

Comparando os postulados da chamada "Terceira Revelação", como tudo demonstra na verdade ser o Espiritismo, com os trabalhos na Tenda, Ricardo concluiu que o Bem está em toda a Natureza; os homens têm diferentes patamares evolutivos e em todos eles, quais infinitos degraus de uma escada que os possibilita cada vez mais progredir, ancoram seu entendimento de como subir; por isso é que os Espíritos se atraem ou se repelem, na razão direta da identidade de ideais; assim, nas religiões em particular, não poderia ser diferente.

De sua parte concluiu que embora a Umbanda seja em essência um bom caminho espiritual, onde muito Bem é praticado, ao Espírito melhor é libertar-se de tudo aquilo que o prenda à matéria: se a verdadeira vida, aquela que jamais terá fim é a vida espiritual, então quanto menos ligações materiais existirem nas práticas religiosas, melhor e mais depressa o Espírito, encarnado ou mesmo desencarnado, se locomoverá. Pensou na sublime peregrinação terrena de Jesus, na qual quaisquer fundamentos materiais foram preconizados e considerou que são humanos os dogmas, bem como todo o acervo material empregado pelas religiões.

É dever cristão respeitar e respeitar muito tais dogmas, rituais e preceitos hierárquicos encontrados ou utilizados nas práticas religiosas, de qualquer credo.

Porém, indiscutivelmente, constituem atavismos (herança de caracteres físicos ou psíquicos de ascendentes remotos), que cedo ou tarde, com a Evolução espiritual, serão despojados do cenário terrestre.

No tratamento de fisioterapia que Claribel iniciara, teve a desagradável surpresa de ver, já na segunda aplicação, de uma série de dez, que ela foi substituída. Perguntando para a substituta, ficou sabendo que a moça, extremamente nervosa, pedira um afastamento de dez dias...

É que Claribel utilizara dessa forma para se livrar do contato com aquele paciente que tanto a constrangia. Ricardo representava para seu coração e para seu corpo uma estranha dicotomia: se lhe desagradava a lembrança do ocorrido na fábrica, inflamava-se seu corpo ante a recordação daquele beijo, e mais que isso, a presença física dele, na véspera, tinha como que despertado anseios físicos adormecidos...

Seu Espírito recusava Ricardo.

O corpo ansiava por ele.

Entre um e outro, nesse conflito que tantas vezes é sentido pela criatura humana, a luta quase sempre é desigual: a Razão cede espaço à libido.

No caso de Claribel, as emoções de jovem sonhadora e a natural atração física que sentia por Ricardo, submetidas ao seu equilíbrio espiritual e à sua pureza moral, desvaneciam-se em dúvidas irrespondidas. Libertando-se de tal insegurança decidira afastar-se do objeto de seus sonhos, ora de enlevo espiritual, ora passionais...

Afastou-se materialmente de Ricardo mas sua alma teimava em manter acesa a chama do romance, ideal feminino, da busca de um encantamento.

Foi assim que mais três meses se passaram.

Se Claribel revolia a lembrança de Ricardo, sempre implodindo todos os anseios de realização como mulher, por sua vez, Ricardo, também sofria.

Mudo, debilitado, traumatizado e sem família, apoiara-se nos Rodrigues e nos pais de André, de corpo e alma.

Desde seu acidente encontrara neles fantástico arrimo e compensações de vida ante sua dependência e suas angústias.

Porém, o maior amparo foi aquele proporcionado pela Doutrina dos Espíritos — o Espiritismo —, considerada por muitos como sendo o Consolador prometido por Jesus.

Adotou plenamente seus fundamentos e com isso formou um novo projeto de vida: iria lutar com todas as suas forças, para reerguer-se, sabedor pleno de que seus problemas ele próprio os causara.

A inquestionável lógica da Reencarnação e da Lei de Causa e Efeito — Ação e Reação —, resultou na iluminação interior que o advertiu quanto à liberdade da plantação, mas para a intransferível compulsoriedade da colheita...

Passou a escrever pequenos artigos doutrinários.

Nessas oportunidades percebeu que sua mão se eletrizava, parecendo dobrar de tamanho e a escrita ficava cada vez mais fácil, quanto veloz.

Foi convidado a freqüentar o Centro Espírita em reuniões para educação mediúnic. Logo restou comprovada sua capacidade para receber, por escrito, comunicações espirituais — mediunidade de psicografia. As idéias vinham-lhe aos borbotões à mente e sua mão as transferia para o papel, em altíssima velocidade. Havia perfeita simbiose entre o que os Espíritos Amigos intuam e o que era escrito.

Não demorou muito tempo e Ricardo, o antigo pai-de-santo que atendia pessoas aflitas na Tenda, passou a exercer essas mesmas atividades no Centro Espírita. A diferença, entre o antes e o agora, era que Ricardo atendia exclusivamente a rogativas de orientação para desajustes de origem espiritual, comprovada ou apenas suspeitada. Nenhum problema material, quais os relativos a ligações passionais, colocação profissional, assuntos financeiros e comerciais etc., era ali tratado.

Através das orientações escritas, as quais invariavelmente procediam dos Mentores Espirituais ligados ao Centro Espírita, eram sugeridas três providências iniciais a serem tomadas:

— auto-reforma espiritual (domínio das más tendências)

— dedicação aos pobres, em atividades assistenciais (não apenas esmolas, mas, principalmente, participação pessoal na execução de tais tarefas)

— implantação do “Culto do Evangelho no Lar” (leitura evangélica, em dia e hora fixos da semana, com toda a família reunida, com observação rigorosa de pontualidade e assiduidade).

Assim, Ricardo iniciou a mais difícil de todas as reconciliações: consigo mesmo!

Decorrido um ano do acidente, Ricardo se refizera bem, mas ainda não integralmente, porém conseguindo andar melhor. Estava sempre apetrechado da bengala, que raramente era necessária. A voz, contudo, não lhe voltava, sem que os médicos conseguissem explicar nos vários exames a que periodicamente o submetiam. Neurologistas e até psiquiatras não encontraram causa aparente para tal síndrome.

Os pais de André não eram abastados. Socialmente, enquadravam-se na classe média.

Todos os exames, consultas, medicamentos e tratamento fisioterápico a que Ricardo foi submetido até ali, tinham sido complementados financeiramente pelo bondoso casal, pois a renda na borracharia era insuficiente para tais despesas.

Ricardo incidentalmente veio a saber que suas despesas médicas estavam abalando o orçamento doméstico daquela família: numa visita que fez a Jansen e Marina chegou à porta da casa simultaneamente com um cobrador, que se mostrava nervoso pela terceira vez que ali comparecia sem conseguir receber uma dívida.

Mesmo ainda fraco e sem todos os movimentos decidiu, ali mesmo, procurar um emprego. Nem chegou a entrar, retirando-se da rua mesmo, de modo a não ser visto por Jansen ou pela esposa. Com essa atitude, sua intenção era evitar o constrangimento que a presença do cobrador certamente causaria.

Procurou em várias empresas um emprego adequado à sua situação física. Tentativas sem conta não prosperaram: que empresa aceitaria um mudo, de bengala? Obviamente, nenhuma. Essa foi sua própria conclusão.

Procurando emprego foi bastante humilhado em várias firmas mas nem por isso se deixou abater: não raras vezes pareceu ouvir, no interior dos ouvidos, uma voz que lhe recomendava perseverança.

Depois de quinze dias de infrutíferas buscas de trabalho remunerado intuiu que talvez fosse hora de mudar de estratégia: ao

invés de procurar firmas e mais firmas, iria expor francamente aos Rodrigues e aos pais de André seu desejo de trabalhar, pois talvez eles pudessem ajudá-lo; aliás, recordava-se que Rodrigues, há tempos, lhe arranjara emprego de borracheiro...

Teve um estalo: era isso! Voltaria a trabalhar como borracheiro! De pneus entendia e entendia muito bem.

Combinaria com o senhor Rodrigues uma forma dele continuar gerenciando os negócios lá na borracharia que lhe pertencia, até porque ele não podia falar. Rodrigues, passando de arrendatário para gerente não teria nenhuma perda financeira, pois proporia um acordo nesse sentido.

Quase saltitante de felicidade, ante essa inspiração, estava à tarde no quintal da casa de Rodrigues, esperando que ele chegasse para conversarem. Sentou-se na raiz de uma generosa mangueira e ali mesmo, olhando para o céu, agradeceu a Deus ter tido aquela idéia, ou melhor, aquela intuição, cuja origem quase apostava que provinha de Jeroboão.

Por entre os galhos da mangueira viu o Sol se por.

Não teve a menor dificuldade em divisar Sírius, a estrela que em primeiro lugar se apresenta na Terra, ao fim dos dias, qual gentil mestra-de-cerimônias, anunciando o grande espetáculo a se iniciar, do céu estrelado.

Antes do dia terminar completamente a estrela já brilhava.

Por uma fração de segundo teve uma visão curiosa: talvez por reflexão da claridade vespertina que salpicava as folhas verdes, talvez por uma vidência espiritual, fosse como fosse, o fato é que viu um pneu aureolando a estrela. Julgou aquilo ser uma fantástica coincidência do que pensava com algum efeito de ótica. Interessante era a cor verde fosforescente do “imaginário” pneu em volta de Sírius. De qualquer forma, isso parecia ser homologação dos céus para seus propósitos.

Olhou bem: só viu a estrela. Então pensou: “sim, recebi uma mensagem”.

Rodrigues, muito sensibilizado com a exposição de Ricardo, imediatamente concordou com a mudança do contrato comercial que havia entre ambos, relativo à borracharia.

Assim, Ricardo voltou às origens: com mais dois borracheiros, passou a consertar pneus, superando algumas limitações físicas que o acidente ainda lhe impunha.

Estava já há dois meses nessa atividade, com o que conseguia pagar totalmente as despesas médicas, quando foi procurado por um Oficial de Justiça, notificando-lhe que deveria comparecer em Juízo em data próxima, para tratar de assunto de seu interesse.

No dia marcado para a audiência com o Juiz, Ricardo ali compareceu levando consigo o senhor Rodrigues, que de alguma forma o ajudaria nos depoimentos eventualmente necessários.

Não sabia do que se tratava e por isso estava bastante curioso.

Assustou-se com a presença do doutor Silva (advogado dos familiares dos sempre lembrados Albuquerque e Hermínia), na sala de espera, antes de iniciar a sessão.

Não entendeu porque o advogado olhou-o temeroso e com ódio, a um só tempo.

Mas tão logo iniciou a sessão compreendeu o porquê do medo: investigações policiais, só agora concluídas, tinham comprovado que o furto dos pneus e da matéria-prima de vulcanização, do qual Ricardo fora vítima, tinha Silva como responsável!

Ricardo assustou-se: “Meu Deus, meu Deus, como é possível? e por que ele fez isso comigo, justamente no período em que a ‘RICAR’ estava em maiores dificuldades?”

Foi o próprio Silva que respondeu àquelas perguntas: interrogado pelo Juiz, declarou que reconhecia sua culpa, mas justificou-se dizendo que isso foi feito temendo que Ricardo não se conformasse com o processo judicial que o desalojara do excelente ponto comercial e talvez intentasse recurso; a fim de impedir que isso acontecesse, tinha planejado sequestrar seu estoque de pneus, impossibilitando-o financeiramente de impetrar qualquer demanda, e talvez, fechasse a firma, o que veio realmente a ocorrer. Esclareceu que os encarregados do referido sequestro, confundindo-se, tinham também sequestrado o material de recauchutagem, denominado ‘camel-back’, que estava em caixas com rótulos em inglês: ao lerem “camel-back” julgaram que essa palavra significava “câmara de ar” e por isso sequestraram também o estoque desse material, que estava embalado em caixas lacradas. Concluiu:

— Os pneus eram em grande quantidade e pensando que aquelas caixas continham câmaras de ar, resolveram apanhá-las. Quando chegaram com todo o material percebi o engano mas não poderia devolvê-lo...

O Juiz perguntou:

— O que o senhor fez com os pneus e com o ‘camel-back’? Respirando fundamente, Silva respondeu:

— Está inteiramente à disposição da Justiça, em um depósito que aluguei com “nome-fantasma” de um comerciante de pneus.

Acrescentou, como que redimindo-se:

— O aluguel, meritíssimo, está pesando em minha conta e é até bom que passe à responsabilidade da Justiça...

Ali mesmo o Juiz inquiriu Ricardo onde desejaria que fosse entregue o material, pois iria determinar aos agentes policiais e aos fiscais da Receita Federal que recuperassem o objeto do furto e após conferi-lo, se estivesse completo, o entregasse a ele — o verdadeiro dono.

Decidiu e informou que quanto ao processo penal, teria andamento subsequente, ficando o réu em liberdade, por não ter sido preso em flagrante delito e ainda por ser primário.

Ricardo, que não podia falar, não teve mesmo nada para dizer.

Seu espanto era enorme: pensava no material que retornaria às suas mãos, de incontável valor, pois no mercado nacional atualmente estava havendo grande carência do “bendito” ‘camel-back’, cuja procura excedia à oferta, provocando crise no setor de recauchutagem.

Seus pensamentos estavam assim concentrados nos aspectos materiais da questão quando seu cérebro se iluminou e espiritualmente viu uma espécie de tela mental acesa: nada tinha na tela, apenas estava iluminada. Então, sem que pudesse explicar o fenômeno, começaram a surgir nessa tela as imagens do Centro Espírita que freqüentava; o que viu foi exatamente o acontecido logo nos primeiros minutos do primeiro dia que lá compareceu: a mãe de André Luiz lendo um trecho do “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cujo título agora brilhava ali dentro de sua cabeça: “AMAI AOS VOSSOS INIMIGOS...”

Súbito, recordou-se do que é “amar aos inimigos”.

Por sua vez espantou ao Juiz, que incrédulo leu o bilhete que escreveu e passou às mãos daquela autoridade:

“ Senhor Juiz: peço ao senhor que considere como sendo um mal-entendido o que houve, no qual o doutor Silva agiu apenas tentando salvaguardar os interesses de clientes seus; rogo considerar que não houve intenção criminal, cuja maior prova disso é que o material não foi comercializado”.

O Juiz, experiente em processos jurídicos e em complicadas demandas, viu na atitude de Ricardo, a vítima, uma brecha muito

louvável e a não ser desperdiçada, para que a Justiça fosse mantida, mas que mostrasse sua face benevolente, ante o entendimento humano entre as partes eventualmente em litígio.

O bilhete de Ricardo foi passado a Silva pelo Juiz, igualmente causando-lhe incredulidade ante o que leu.

O advogado recebeu uma severa admoestação do Juiz, o qual enalteceu o gesto daquele homem que tudo perdera, talvez até mesmo parte de sua saúde. Com visível simpatia pelo jovem mudo à sua frente, informou que prolataria sentença absolviória do réu, tendo em vista acordo entre as partes, que ele naquele ato homologava; complementou sua sentença dizendo que não poderia haver julgamento de furto ante a retirada da queixa por parte da vítima.

Silva olhou Ricardo, com os olhos arregalados, desacreditando que aquilo pudesse acontecer. Não conseguiu evitar um impulso que brotou em sua alma e abraçou comovido aquele que considerava "inimigo".

Seu gesto, de gratidão pura, recebido por Ricardo com serenidade mas sem qualquer ranço de superioridade ou de mágoa, fez com que o advogado, acostumado às emoções dos tribunais, chorasse copiosamente. Nunca, em toda sua vida, particular ou profissional, testemunhara tanta nobreza. E o mais elogioável daquela reação de Ricardo era o fato de que sua atitude não precisou de longas reflexões, mas sim tinha ocorrido imediatamente após saber que ele, Silva, era o responsável por sua derrocada comercial!

Se o Perdão abriu as portas da Fraternidade, a Gratidão aceitou o convite!

Ricardo, perdoando Silva, recebia ele próprio o perdão de Antunes para Ernesto... A amizade iniciada entre ambos teve ali as bases para se prolongar "ad infinitum". Talvez Francisco — o Iluminado de Assis -, soubesse de casos parecidos quando afirmou que "é perdoando que se é perdoado...".

Ricardo convidou o senhor Rodrigues para ser seu sócio. Seu plano era o de transformar a atual borracharia em uma empresa similar à "RICAR". Para tanto, deveriam comprar o imóvel, o que não seria difícil, pois o proprietário por diversas vezes já o tinha oferecido. Possuíam excelente estoque de pneus e formidável quantidade de "camel-back" que seu ex-gerente comprara. Poderiam vender muito

dessa escassa-matéria prima no mercado atual que ainda sobraria para eles próprios usarem. Com o dinheiro dessa venda comprariam o imóvel.

A única dificuldade seria a liberação do "alvará" por parte das autoridades municipais

Rodrigues aceitou o convite e com algumas economias que possuía auxiliaria na compra de equipamento necessário.

Silva também foi convidado para ser sócio, como encarregado do departamento jurídico. Não tinha capital suficiente, por isso declinou do convite. Ricardo, agindo por intuição e pela lembrança da vida anterior, facilitou ao advogado o ingresso na sociedade. Com seu gesto resgatava parte dos seus débitos morais, pois restituía a condição de sócio àquele que outrora surrupiara dessa mesma condição.

Silva encaminhou e acompanhou petição aos órgãos competentes da cidade para obter autorização de instalação da empresa de recauchutagem no endereço onde já funcionava a borracharia.

Obtido o "alvará" não demorou para que os demais planos se materializassem.

Foi registrado no Cartório de Registro e de Títulos da cidade o contrato comercial da sociedade, o qual foi redigido por Silva e assinado por Ricardo, Rodrigues e pelo próprio redator.

O início de operações comerciais foi feito com muita simplicidade, sem festa de inauguração, a pedido de Ricardo e com plena anuência dos sócios.

Ricardo pediu aos sócios que o nome da empresa fosse "SÍRIUS — Pneus e Acessórios Ltda"; o logotipo seria um pneu verde tendo ao centro uma estrela brilhante...; solicitou também que o luminoso à entrada da empresa fosse mantido aceso dia e noite; embora sem entender os motivos os dois sócios acataram as sugestões.

Singular visão oferecia aos fregueses e aos que por ali passavam, a daquele pneu circundando uma estrela de cristal, com a luminosa combinação verde-cristal.

Dessa maneira, praticamente de uma hora para outra, Ricardo voltou à situação anterior: era um empresário que gostava do que fazia e por isso mesmo, sentia-se profissionalmente realizado.

Tinha sócios que eram muito mais amigos do que sócios, desmentindo crendices populares que desaconselham "misturar negócios com amizade".

Em poucos meses a empresa começou a gerar lucros, pois eram sólidas suas bases e equilibrado todo o processo comercial de vendas empregado, fruto da vivência que tinham seus proprietários.

Ricardo continuou morando nos fundos da casa dos Rodrigues.

Todos notavam com bastante admiração que Cereja não latia festejando o dono, desde que ele ficara impedido de falar, com afonia total; com efeito, o pequeno animalzinho, sabe Deus por quais razões, desde então deixara os latidos, limitando-se apenas a emitir pequenos gemidos, quase inaudíveis...

O ainda jovem empresário foi autorizado pelos médicos a dirigir e assim que pode comprou um carro. Quase que diariamente comparecia à casa dos pais de André, com os quais desenvolvera apreciável simbiose de idéias. Seus pensamentos, geralmente ligados ao Espiritismo, eram na maioria coincidentes. O jovem tinha também aprendido a ser conciso ao expor suas idéias, tendo adquirido hábitos simples, caseiros, dosando e administrando o tempo. Procurava sempre que possível estar a céu aberto, no instante próximo em que o Sol, ainda presente, "passava o comando" do espetáculo à sua infalível e pontual substituta: Sírius! Acostumara-se a orar em várias horas do dia:

- antes de sair da cama, de manhã;
- antes do almoço, sempre ao meio dia, quando uma sirene anunciava o fim da manhã e o início da tarde;
- no crepúsculo, quando o céu mostrava apenas uma estrela...
- finalmente, à noite, antes de dormir.

Dormia cedo, sempre após a leitura de uma página doutrinária. Se o livro "Sexo e Destino" abria-lhe o entendimento para a reencarnação, com seus antecedentes e conseqüentes, o livro "Os Mensageiros", também do Espírito André Luiz, deixara a descoberto o mal emprego que ele, Ricardo, fizera da mediunidade: no capítulo número dez — "A experiência de Joel" —, é narrada a desventura do médium (Joel), que equipado com clarividência de vidas anteriores, para emprego a benefício dos outros, usara tão preciosa condição em proveito próprio...

Alta madrugada.

Silêncio na metade do mundo.

A noite caminhava quietamente para um novo dia.

Luzes, só as da iluminação pública nas ruas e as das estrelas, lá em cima...

Quietude.

Paz.

Harmonia.

Ricardo, em sono plácido, despertou bruscamente.

Em menos de um segundo lembrou-se do sonho: Jeroboão alertava-o de que Nair estava em perigo.

Fixou o pensamento na informação "Nair em perigo!".

"Nair???", pensou. "Mas, Nair... agora era Carla! Será que Carla estava em perigo?"

Orou: "Meu Deus, por piedade esclareça-me esse mistério".

Acendeu a luz do quarto e abriu seu Evangelho. O texto: "Parentesco corporal e parentesco espiritual". Não tinha lido cinco linhas quando viu com os olhos do espírito, isto é, na tela mental, que Jeroboão estava amparando Moacir, o pai de Carla que, doente, esbravejava. Em sua deblateração expunha ódio por Ricardo, que o deixara morrer, e agora, também, não estava querendo socorrer sua filha Carla, repetindo o que já fizera com Nair...

A visão dissipou-se. Ricardo estava atônito: não tinha dúvidas de que recebera a visita do amigo espiritual, trazendo Moacir.

Decidiu: iria agora mesmo à casa de Carla.

Arrumou-se rapidamente e sem mesmo avisar aos Rodrigues tirou o carro da garagem e dirigiu-se à casa de Jansen, pois, além de não saber o endereço do casal Andes-Carla, não seria prudente chegar sozinho àquela hora da madrugada.

Jansen, tomando conhecimento da clarividência, prontificou-se a acompanhar Ricardo.

Em pouco minutos chegaram à residência do Capitão Andes e preocupados viram que as luzes do interior estavam acesas. Tocaram a campainha e foram atendidos pela empregada, visivelmente desorientada. Jansen:

— Onde está seu patrão?

— Está num acampamento...

— E dona Carla?

— Está passando muito mal... ela está grávida e deveria dar a luz daqui a alguns dias mas começou a sangrar há meia hora.

— Vamos levá-la ao Hospital Militar.

Dito isso Jansen adiantou-se e já se dirigia para os aposentos superiores do sobrado, quando ouviu-se, vindo de lá, um grito agudo de dor.

Correram os dois homens, subindo as escadas em poucas passadas, encontrando Carla se debatendo na cama, perdendo sangue...

Quando entraram a mulher jogou-se no chão, de barriga, completamente fora de controle. Qual felino Ricardo foi mais ágil que a surpresa do perigoso gesto: atirou-se de quase dois metros de distância e com seu corpo aparou o de Carla, impedindo o choque e evitando desastre certo.

Carla, ante a dor e o sangue que perdia, estava totalmente desequilibrada. Se caísse de barriga para baixo certamente o nenê não resistiria à pressão do peso da mãe. Com desconhecidas energias e força muscular Ricardo foi providencial na ação, embora ainda portasse seqüelas físicas do acidente.

Ajudado por Jansen e pela empregada recolocaram Carla na cama.

Colocando as mãos na frente da antiga namorada, cujo olhar súplice demonstrava pungente dor e desespero, Ricardo pediu a Jesus que aquela sofrida irmã encontrasse alívio.

Em breves instantes Carla adormeceu e a hemorragia cedeu.

A ambulância, chamada com urgência, conduziu a esposa do Capitão Andes ao Hospital Militar, onde, pela manhã, nasceu um belo garoto.

Tendo a parturiente perdido muito sangue, Ricardo ofereceu-se para a reposição, pois foi informado do tipo sanguíneo e do "fator rh" da paciente, raríssimos, porém, felizmente, similares ao seu.

Após a transfusão e o café reforçado que tomou, dirigiu-se ao berçário para olhar o bebê; Ricardo deslumbrou-se com o quadro espiritual que viu: ao lado do recém-nascido estavam Jeroboão e Moacir.

Jeroboão quase cegava Ricardo ante tanta luz que emoldurava seu perfil.

Moacir, ainda amparado pelo Mentor mas agora demonstrando calma e felicidade no semblante, viu Ricardo; aproximou-se do antigo desafeto e como se não existisse parede entre ambos, olhos em lágrimas, ajoelhou-se e beijou suas mãos. Telepaticamente disse: "Ricardo, Ricardo, Deus lhe pague! não sei se fui eu ou foi você quem fêz mais mal um ao outro no passado, porém, a partir de hoje

conte comigo, como seu amigo fiel; você não me deve mais nada, eu é que devo a felicidade de ver, salvos por você, minha filha e meu neto tão lindo...".

Também mentalmente Ricardo conseguiu responder, tendo Moacir captado: "Nenhum de nós é devedor um do outro, mas apenas de Deus, nosso Pai, que mandou o bom Jeroboão para consertar tantos estragos que fizemos em nossas vidas... quanto à amizade, eu também sou seu amigo, e mais que isso, sou seu humilde irmão".

Desapareceram Jeroboão e Moacir.

A enfermeira do berçário vendo-o tão carinhoso ante o bebê, trouxe-o para que ele segurasse alguns minutinhos, segundo advertiu.

Ricardo alegrou-se em tomar nos braços aquela criaturinha tão delicada!

Olhando embevecido a criança só agora identificou-a: era Mário, o ex-noivo de Nair! Aquele mesmo que um dia teve a infelicidade de ter Ernesto pela frente, roubando-lhe o amor, agora recuperado, pelos indevassáveis caminhos do Senhor dos Mundos!

Sim, se o amor tem sua face passional, nem por isso ele deixa de ser amor, até pelo contrário, se enaltece, quando pelos sábios desígnios divinos da reencarnação, sublima os sentimentos de dois Espíritos ao transformar-se em amor maternal e amor filial...

Nair e Mário, com seu amor frustrado em vida anterior, tinham agora se reencontrado, reunindo seus destinos na santidade de um lar, como mãe e filho. Ali mesmo Ricardo elevou o pensamento a Jesus, agradecendo tantas graças recebidas, umas após as outras: reconciliara-se com Silva (o ex-sócio Antunes), com Moacir (o ex-sogro) e com Mário (agora recém-nascido, com sua pequena ajuda); mais importante, ainda, socorrera Carla quando ela mais necessitava, além de doar-lhe sangue, anteriormente negado.

"Claribel... algum dia poderia também pagar sua dívida com ela?"

Estava assim enlevado, com o nenê tranqüilamente aninhado de encontro ao peito, quando alguém tocou-o de leve no ombro: era Andes. Viera tão logo possível, mesmo antes do término do exercício militar. Soubera de todos os acontecimentos e por isso era eterna sua gratidão por Ricardo, segundo declarou, com os olhos marejados.

Ricardo passou-lhe o nenê, que foi embalado carinhosamente junto à farda.

Transitou pela mente da enfermeira, que tinha vindo buscar a criança, uma pequena dúvida: qual dos dois homens seria o pai daquele nenê que tinha nascido apenas há algumas horas? Ali no Hospital Militar só nasciam filhos de militares, mas por que fora o outro que trouxera a gestante e ainda por cima lhe doara sangue?

Tal dúvida se deveu por ser rara no dia-a-dia a deslebrada virtude da fraternidade entre as criaturas, tão exemplificada por Jesus...

* * *

RENASCIMENTOS

A vida de Ricardo estava estabilizada.

Sua situação financeira, em ascendência, não o preocupava: os lucros obtidos, em pouco tempo, possibilitaram tanto solidez quanto expansão comercial da firma em que era sócio majoritário.

Fisicamente, os traumas do acidente já não o incomodavam. Andava com alguma dificuldade, em passos lentos, porém sem ajuda da bengala. Isso, de alguma forma, funcionava como barômetro de suas emoções: não podendo executar gestos bruscos, sua mente também passou a funcionar comedidamente, sem os ardores da exaltação, tão próprios dos jovens. Pensava duas vezes sobre tudo o que via e depois submetia à moral cristã todos os fatos. Invariavelmente, emergiam sugestões mentais de paciência, tolerância e perdão, quando de alguma forma sentia-se agredido. Seu comportamento pacífico granjeava cada vez mais clientes e amigos.

Suas leituras constantes continuavam a ser as obras de Allan Kardec, consideradas a base da Doutrina Espírita. Releu várias vezes os cinco livros de Kardec. De forma inexplicável, compenetrava-se de que a cada leitura, ensinamentos e conceitos novos eram vislumbrados. À força da repetência, retinha solidamente assertivas formuladas pelos Espíritos bondosos, nos quais Kardec se louvou para colocar em código a chamada "Terceira Revelação": o Espiritismo.

Com essas leituras e outras tantas, consagradas pela literatura espírita, equipou seu coração e sua mente de incomensurável vontade de melhorar. Entendeu, de forma cristalina, que o Espiritismo não exige nada de ninguém: só o desejo sincero em auto-reformar-se.

Auto-reforma: substituição do homem-velho por um homem-novo.

Ao invés de “jogar fora” o homem-velho, usar todo o seu acervo de experiências e qual Fênix racional, emergir das cinzas dos erros praticados, robustecer virtudes, extirpar más tendências e alçar vôo para o mais alto.

Para tanto nenhum método é tão eficiente quanto a Caridade!
Caridade: moeda universal nos planos todos da Vida!

Compreendendo tais verdades Ricardo passou a enquadrar todos os acontecimentos sob três ângulos:

- passado, como causa
- presente, como consequência
- futuro, como o saldo entre ambos.

Seu próprio destino, entrecortado de altos e baixos, assíncronos, era tela viva desse bendito entendimento:

— seus pais: se não o amavam, nem mesmo lhe devotavam afeto ou atenção, isso era porque ele, na vida passada, talvez até em outras mais, não tinha sido bom pai: sua situação, no presente, estava lhe ensinando que os pais devem amar os filhos, já que dói muito passar pelo que estava passando...

— amor: até o presente, nunca tinha sido verdadeiramente amado por uma mulher; pensava: “naturalmente, lá nas dobras do tempo, quantas mulheres terei iludido? e como as tratei? melhor não me demorar nessas análises...”

— dinheiro: “quantas dificuldades financeiras e quantas reviravoltas”, sempre meditava: “ora pobre, ora rico, ora pobre e novamente rico...; o dinheiro é patrimônio que Deus empresta para Espíritos muito devedores e é uma das mais difíceis provas pelos arrastamentos a que conduz...; quanta gente querendo dinheiro, sonhando com ouro, almejando fortunas e ninguém parando para pensar quantas infelicidades visitam quase todos os ricos; bem que Jesus já advertia: ‘é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus’”.

— sua saúde: o acidente significava “duplicata rasgada”, graças a Deus; mas, por que não conseguia falar? ainda faltava essa “outra duplicata”... até quando? até quando?

Não se revoltava ante tais pensamentos, apenas sentia enorme tristeza interior, pensando sempre em Claribel.

“Talvez nunca mais... o único beijo... tudo perdido...”

Mesmo que o perdoasse, que esperanças tinha que ela viesse a amá-lo, nem que fosse ao menos um amor irrealizável nesta vida? Certamente tinha muitos pretendentes e seu coração já teria sido prometido a algum deles...

A voz! Quantas pessoas sabem o valor exato da fala e quantas conseguiriam ficar um único dia sem falar?

Não encontrava razão para ter sido atingido por tão grande prova. Contudo, aceitava-a como sendo para seu bem.

Ah! se pudesse falar novamente... correria para Claribel e fosse qual fosse o resultado declararia seu amor, talvez gritando:

“ Claribel, minha Clari: eu a amo!

Meu amor tem mais calor que o sol e mais luz que aquela estrela que é a primeira a chegar... Não mereço ser feliz mas o que fazer se minha alma me diz que a felicidade é você? Se errei, e sei que errei mesmo, conto com a benevolência do seu Espírito para me perdoar; tão forte e sincero é meu amor por você que a vida me proporcionará condições de reconstrução; viver ao seu lado será glória que meu corpo aspira mas minha consciência informa que talvez não alcance; mas, querida Clari: agora que você ouviu minha confissão, dita mais com a voz da alma, diga-me apenas que um dia, no futuro, quem sabe quando, você pronunciará meu nome com doçura, envolvida também por sentimentos sublimes?

Nossa união, que o destino me diz negada, jamais deixará de ser meu projeto maior: Deus me perdoe, mas chamo Seu Sagrado Nome como testemunha da minha sinceridade.

Amo você, Claribel!

Amo, como nenhum poeta terá sonhado amor igual...”

Quando despertou desse longo devaneio Ricardo tinha as faces banhadas de lágrimas. Disciplinado, procurou mudar o cenário mental. Claribel, predominantemente dona de seus anseios e ideais sentimentais, somente a grande custo foi substituída.

Tinha aprendido no Evangelho que não se deve chamar ninguém de louco; mas como não considerar-se, ele próprio, um louco, quando brutalizou carinhos àquela doce criatura? Naquela época era quase loucura o que sentia pela moça tão linda e tão meiga que tinha por secretária; sim, tinha sido por esse sentimento que verdadeiramente agira como louco, enchendo de sombras os caminhos do futuro; e hoje, sendo o futuro daquele infeliz ontem, o que sentia por Claribel era amor verdadeiro, intenso, total, único!

Com a alma suspirando ainda teve mais um devaneio: “quando chegará o amanhã de vidas futuras para que nova oportunidade me seja concedida por Deus para tê-la em meus braços?”.

Passou a meditar sobre sua mediunidade: desde os tempos de soldado, quando inclusive estava internado no hospital, junto de loucos, mesmo por pouco tempo, ficaram sem respostas tantas perguntas...

Hoje as tinha encontrado: todas as perturbações que o visitaram eram, na verdade, chamamentos mediúnicos, buscando despertá-lo para os deveres com a própria evolução espiritual.

No Terreiro de Umbanda tivera excelente oportunidade de praticar seus dons mediúnicos. Desperdiçou tão grande chance, pois tudo o que fez não foi válido, por contrariar os preceitos do Evangelho de Jesus — “dai de graça o que de graça recebestes”. Ímpio e ignorante julgara que a melhor maneira de ajudar aos outros era começando por ajudar-se a si mesmo. Manteve-se surdo em não ouvir conselhos de tantos companheiros do Terreiro, encarnados e desencarnados, recomendando-lhe apenas aceitar ofertas voluntárias, encaminhando-as aos pobres; diziam-lhe eles quando viam-no exigir pagamento dos atendimentos espirituais que realizava: “Deus dá e Deus tira”; pois percebiam que tais pagamentos não revertiam em benefício dos pobres mas iam direto para seu bolso... hoje compreendia que jamais se pode cobrar, nem mesmo receber nenhum presente em troca de qualquer ajuda espiritual, pois na verdade quem ajuda são os Espíritos Bondosos e sempre na razão direta do merecimento de quem é socorrido.

Sabia, na plenitude da razão e da lógica, que as Leis Naturais, código pelo qual Deus regula e controla a vida dos homens, equiparas com a mediunidade para sua evolução, jamais para sua perdição! Assim, aquele que ajuda ao próximo, é o primeiro a ser beneficiado.

O livre-arbítrio, que todos os homens recebem, como um dos maiores presentes divinos, não é nem pode ser culpado pelo mau procedimento daqueles que se deixam seduzir pelo dinheiro, poder e paixões rasteiras.

E tudo isso tinha ele feito!

Concluiu, entre melancólico e resignado, que o desamor dos pais, os tempos de pobreza, o acidente, a cruel afonia e, mais grave de tudo, a perda do amor de Claribel, eram apenas conseqüências

de seus atos, desde muito tempo até a atualidade... E que certamente tais dívidas eram parciais, pois Deus não coloca em nossos ombros mais peso do que aquele que podemos suportar, isto é, talvez seja impossível resgatar numa única vida todo um passado de erros.

Abençoado, mil vezes abençoado o esquecimento desse passado!

Ele, que entrevira pouca coisa dessa contabilidade negativa, somente com o amparo permanente de Jeroboão não tinha sido dominado pelo desânimo, ante a responsabilidade em reconstruir o que tinha destruído.

Mais alguns meses se passaram.

A cultura espírita assimilada por Ricardo passou a produzir interessantes frutos: atendendo muitas pessoas e mesmo famílias aflitas com angústias e com perturbações espirituais, a todos ouvia pacientemente. Os desabafos eram muito facilitados, no seu caso, por não poder falar. Apenas ouvia. Quando a pessoa concluía sua queixa e pedia uma orientação, Ricardo escrevia em poucas palavras um roteiro firme para a solução, incluindo sempre apontamentos evangélicos.

Nessas oportunidades sentia sempre a presença espiritual de Jeroboão, inspirando-o.

No Centro Espírita, uma vez por semana, havia um horário próprio para uma palestra doutrinária. Sempre eram convidados expositores experientes, os quais, com amor e proficiência, semanalmente traziam luzes para vários assuntos do dia-a-dia de todos.

Eram muito agradáveis tais palestras pois os temas sempre eram diferentes, conquanto todos trilhassem a mesma estrada: o Evangelho.

Assíduo, Ricardo tinha prazer em ouvir os oradores.

Numa noite em que a platéia era numerosíssima o orador designado faltou, tendo avisado em cima da hora. O responsável pelas reuniões buscou quem pudesse improvisar uma palestra. Coincidência ou não, entre os presentes nenhum se dispôs a substituir o orador. Considerando que os temas evangélicos eram sempre bem elaborados e bem expostos, demonstrando preparo, cuidado e zelo dos oradores, ninguém “ousou” assumir.

Foi quando Ricardo viu Jeroboão na frente do recinto, dirigindo-se para ele. Achegando-se convidou-o, telepaticamente, para realizar a palestra:

“E então? Faça a palestra e nós o ajudaremos...”

“Mas, não tenho voz, não consigo falar...”

“Ora, ora, Ricardo: claro que você fala. Você não está agora falando comigo?”

Lembrando-se da “difícil” pergunta sobre a necessidade de dois olhos, feita lá no “Departamento de Reconsiderações”, Ricardo pensou:

“Jeroboão é o homem que faz as perguntas mais simples e mais difíceis de responder...”

Sempre telepaticamente, respondeu:

“Mas é diferente, nós estamos conversando pelo pensamento e eu não posso conversar com o pensamento com as pessoas”.

“Como você tem se comunicado com os outros?”

“Escrevendo”.

“Então, é isso mesmo: nós passaremos as idéias para você e escrevendo você poderá realizar a palestra. Peça a alguém para ler”.

Jeroboão foi para a frente do salão e chamou Ricardo para segui-lo.

Ricardo levantou-se e escreveu para o senhor Jansen:

“Gostaria de fazer a palestra desta noite. Um Espírito amigo nos ajudará, ou melhor, ele próprio fará a palestra, ditando-me pelo pensamento”.

Contente, agora sintonizando a presença espiritual amiga, Jansen providenciou folhas em branco e caneta e pediu a Angélica, sua futura nora, para ler o que Ricardo iria escrever.

A expectativa no salão era enorme após ser anunciado como seria a exposição daquela noite: haveria auxílio espiritual, através de telepatia.

E assim, absolutamente “de improviso”, de forma inédita, naquele Centro Espírita, pela primeira vez, foi feita uma conferência por um expositor mudo.

O tema enfocado foi “Os animais são nossos irmãos”.

Amando aos animais desde criança, Ricardo foi receptivo às informações que Jeroboão lhe passou, pois este igualmente sempre dedicara amor a eles, por considerar que foram colocados por Deus em nosso caminho para que os auxiliemos a evoluir.

As leituras feitas por Ricardo e os ensinamentos que já apreendera situavam-no num patamar apropriado a opinar sobre a evolução dos seres vivos.

Angélica lia as páginas que iam sendo escritas.

Ricardo estava de olhos abertos e as luzes acesas, pois não se tratava propriamente de uma reunião mediúnica, mas sim, de uma variante da integração dos dois planos — o espiritual e o material.

Eis o que Jeroboão mentalizou e Ricardo captou, passando para o papel:

“O planeta Terra, tal como hoje o conhecemos, é indiscutivelmente diferente daquele que nos seus primórdios era apenas uma massa de gases em alta temperatura, provavelmente ejetada do Sol.

Então, a vida ainda não existia aqui.

Deus, na Sua onisciência, estava criando mais uma escola.

Milhões de anos somando-se a outros milhões, chegando aos bilhões, eis que os Espíritos responsáveis pela evolução do novo mundo, magnetizando o protoplasma, fizeram surgir células e bactérias, dando-lhes vida própria, iniciando o ciclo da Vida, nos primeiros seres vivos planetários — os unicelulares.

Já eram individualizados, mas não se reproduziam sem custosos movimentos, uns buscando os outros. Dotados do instinto da preservação das espécies, eis que, da junção dos semelhantes, surgiram algas e cogumelos.

E com as algas, surgiu o sexo na face do planeta!

Num espaço colossal do Tempo, das algas aos grãos, dos grãos às flores, chegamos ao reino vegetal, como hoje ainda o conhecemos.

Não de um salto, mas em cadeia sucessiva, harmônica e permanente de transformações.

Assim também aconteceu com os animais irracionais: partindo do protoplasma originou-se o reino animal. Do longínquo e humilde protozoário aos mamíferos, toda uma extensa escala foi percorrida e incontáveis degraus da escada evolutiva foram galgados.

Quando falamos dos mamíferos, que são a ordem mais elevada do reino animal, não podemos negar ao nosso coração o direito de amá-los.

São nossos irmãos! Inferiores, é verdade, mas colocados no mundo com duplo objetivo: ajudar o progresso do homem e evoluir.

Se não existissem elefantes, camelos e principalmente cavalos, provavelmente a Humanidade ainda estaria no paleolítico, que se perpetuaria.

A força animal, muito maior que a humana, largamente utilizada na agricultura e nas construções de toda espécie, em todos os lugares

e desde todos os tempos, removendo obstáculos, conduzindo pedras enormes, árvores, arados e fardos, possibilitou ao homem sair da caverna e hoje utilizar seu computador; ou, ver sua televisão, receber amigos e saborear deliciosas e finas iguarias, tudo isso a muitos e muitos metros do chão, em luxuosos apartamentos de cobertura...

Da canoa aos transatlânticos, do carro de boi ao avião supersônico, das peles curtidas aos confortáveis tecidos, tudo, tudo, se deve ao esforço humilde, subserviente, desinteressado e inigualável dos animais!

Se na agricultura, transportes e construções foram substituídos por possantes tratores e por fantásticos veículos pesados, não se poderá jamais olvidar a colaboração dos animais: ademais, indeclinável citar que, para viver, não necessitam dos homens, pois que a Mãe Natureza lhes é gentil e pródiga.

Gentil, ao fornecer-lhes alimento suficiente, jamais faltando.

Pródiga, ao equipá-los com o instinto, avalista de sua sobrevivência e da continuidade das espécies.

Meus Irmãos:

O homem, convivendo com os animais, tem uma colossal influência sobre seu comportamento. Ao prodigalizar-lhes respeito, amparo e amor, desanuvia nos seus cérebros selvagens as tendências inatas de sobrevivência, regidas pela "lei das selvas", segundo a qual vence sempre o mais forte.

Geração após geração os animais que convivem com o homem vêm se transformando, em lenta porém inexorável evolução, já não sendo raro vermos feras receber afagos humanos e retribuí-los.

Todos os animais, por natureza, são selvagens.

Talvez, o maior auxiliar do homem, dentre todos, tenha sido o primeiro a ser domesticado: o cavalo. Com ele, desbravaram-se regiões desconhecidas, vencendo distâncias.

Após o cavalo, na escala de ajuda aos homens, temos o generoso casal boi/vaca, com funções distintas, que na vida e na morte só faz atender ao homem. Se o cavalo vai perdendo espaço, os bovinos aumentam sua utilidade, sendo hoje indispensáveis à sobrevivência alimentar humana. Até quando? Só Deus sabe...

A seguir, temos os elefantes: tão grandes quanto sensíveis, prestaram-se em demorados séculos a transportar pesadas cargas (toras e pedras). Ainda hoje há regiões no planeta que sem eles sucumbiriam.

Os caprinos: mansos e acomodados, forneceram abrigo contra o frio, além de alimento com seu leite e sua carne.

Trazidos para o lar e tratados como elementos da família, estão os cães e os gatos. A moderna Psicologia recomenda tê-los em casa,

pois são fonte inesgotável de carinho e aplainadores de tensões da vida moderna.

Falemos, antes, dos pássaros engaiolados: é crueldade privar seres que poderiam transitar pela vastidão dos céus, reduzindo sua locomoção a poucos centímetros de espaço cercado de arames...

Irmãos: libertai os pássaros!

Quanto aos cães, passaram a trocar amizade com seus donos quando também encontraram reciprocidade: recebendo proteção, alimento e carinho nos lares, retribuem com amizade desinteressada e constituem-se em sentinelas permanentemente atentas; garantem a segurança da família e do patrimônio. Não são poucos os registros de atos de incomparável heroísmo e desprendimento de cães a homens.

Quanto aos gatos, ah! os gatos! Observados pelos egípcios, milênios atrás, foram trazidos para dentro dos ambientes domésticos, por serem inimigos naturais dos ratos. Mas, seria só isso que os mantém até hoje nos lares? Certamente que não. Sua natural independência irrita algumas pessoas, porém assim foram criados por Deus que os dotou de predicados invejáveis: agilidade, provável percepção astral e delicadíssimos contornos, que os tornam tão graciosos. Dentro de casa, são sentinela muito mais competente que os cães, pois que pressentem movimentos externos, absolutamente inaudíveis ou perceptíveis àqueles. Descendendo da linhagem dos felinos, trazem, na verdade, traços de agressividade e selvageria. Mas, quem lhes trata e dedica carinho, recebe deles demonstrações inequívocas de gratidão e amizade.

Companheiros em Jesus:

Outros animais, entre monos, felinos e ursos, aceitam o convívio com o homem, na pessoa de domadores e tratadores, sem agredí-los, no triste cativeiro dos circos ou nos não menos tristes zoológicos.

Nos animais predomina o instinto e existem lampejos de inteligência; por esses lampejos é que absorvem a influência dos seus donos ou dos seus tratadores, passando a carrear, na própria estrutura psíquica, além de condicionamentos, possibilidades de atos mais ou menos inteligentes.

Vemos assim que o homem tem plenas condições de atenuar o instinto selvagem do animal, apaziguando-o com proteção, respeito e carinho. Assim procedendo, colabora com a evolução das espécies, o que faz parte primordial da Vida e dos planos de Deus.

No mundo espiritual, após a morte física, as almas dos animais se juntam, por simbiose — por similaridade física e psíquica.

Espíritos da Natureza, especialmente designados pelos Planos Superiores, cuidam dessas almas, providenciando seu retorno à vida terrena, ou então, separando os que mais se destacam, por nobreza de ações. Esses últimos, quais criancinhas matriculadas em escolas maternais, recebem de destacados especialistas celestes, os primeiros raios de raciocínio.

Daí, não será demais afirmarmos que à frente, nas esquinas do tempo, esses rudimentares alunos, ao reencarnar, estarão com as primitivas formas orgânicas humanas...

Porque, embora seja superior à nossa capacidade em palmilhar os desígnios divinos, não nos padece dúvida, conquanto intuitivamente, que os homens de hoje, fomos exatamente os animais de ontem...

Indo além em nossas humildes êlocuções, pedindo perdão ao Criador pela nossa talvez descabida porém sincera ousadia em tentar decifrar tão elevados mistérios, podemos imaginar que considerando a multiplicidade de mundos no Universo, nessa primeira etapa hominal serão alocados em um deles, consetâneo com seu nível evolutivo.

E mais perdão ainda precisamos, pois não podemos ocultar que pensamos ter o nosso planeta superado essa fase — a idade da pedra —, tendo já evoluído, ele próprio, como aliás, tudo o mais no Universo, que é obra de Deus!

Que a humildade de Jesus seja para nós supremo ideal a ser conquistado e que as luzes do Mestre desde já iluminem um pouco mais nossos Espíritos “, concluiu.

A instituição espírita que a família de André fundara chamava-se “Centro Espírita Fé e Amor”. Ali era realizado um modesto programa assistencial: curso de gestantes a mães solteiras (cuidados ginecológicos, noções puerperais, Filosofia Espírita e distribuição de enxovais para bebês) e também amparo a famílias pobres. A diretriz que norteava o atendimento às famílias era a de que os pobres têm fome todos os dias, pelo que eram atendidas poucas, porém integralmente e durante um determinado período.

Havia diretores que opinavam pelo atendimento de muitas, mas apenas em datas especiais, tais como Natal, Dia das Mães, Dia da

Criança etc., bem como no início do inverno. Prevaleceu o pensamento de atender a poucas, mas em tudo que necessitassem, desde alimentos, remédios e agasalhos.

De campanha em campanha e com alguns sócios contribuintes, eram angariados recursos para sessenta famílias fixas receberem auxílio substancial por um ano. Depois, outras sessenta famílias eram selecionadas, dentre as mais pobres, em substituição às já ajudadas.

O “Fé e Amor” funcionava em sede própria, humilde mas adequada à sua destinação. No atendimento espiritual, muitas eram as realizações, todas com horário e dia da semana pré-determinados. Pontualidade e assiduidade eram exigência irremovível dos responsáveis pelos trabalhos espirituais.

Na parte das orientações, conquanto muitos continuassem buscando solução para amores frustrados, empregos, negócios etc., tais pessoas eram encaminhadas para a prece e para o Evangelho, não se admitindo consultar Espíritos para tais problemas, como aliás, para quaisquer outros assuntos materiais.

Ali era norma que instruções espirituais deveriam sempre ser da iniciativa dos Espíritos amigos, jamais oriundas de invocações. Por outro lado, tais instruções — do Plano Espiritual —, quando eram passadas, abordavam o bem coletivo, nunca o individual e sempre o eram na forma de sugestões, jamais como ordem.

Muitos consulentes saíam aborrecidos, indo procurar “médiuns mais fortes”; infelizmente, faziam ouvidos moucos às recomendações de que não basta corrigir os efeitos, mas sim, eliminar as causas, quase sempre localizadas nas vidas passadas. Os que ouviam tais conselhos, refletindo na lógica dos argumentos reencarnacionistas, encontravam a paz, por encontrarem entendimento do “por quê” dos sofrimentos. Sendo-lhes sugerida uma efetiva reforma nos costumes, nas tendências, nas palavras, nos pensamentos e nas ações, passavam a ter mais paciência; compreendiam que todo agressor traz o Espírito doente e que os agredidos de hoje já foram agressores ontem...

As reuniões mediúnicas eram realizadas a portas fechadas, em clima de grande respeito e amor. O grupo de médiuns era formado pelos frequentadores do Curso de Médiuns, que tinham demonstrado assiduidade, interesse e vontade em educar sua mediunidade.

Composta de quase trinta jovens, moças e rapazes até a faixa etária de vinte e cinco anos, a Mocidade Espírita do “Fé e Amor” tinha intensa atividade: reunia-se no fim de semana, para estudar obras doutrinárias, principalmente as básicas — de Kardec. Cantavam, declamavam, confraternizavam.

Jaevés, dezenove anos, concluindo curso superior em Informática, era o Presidente atual da Mocidade. Tinha sido eleito em substituição a André Luiz, que vinha já de dois mandatos bienais.

André e Angélica, que por cinco anos freqüentaram a Mocidade, já não mais iam às reuniões, tendo se transferido para as lides mediúnicas do Centro.

Ademais, estavam prestes a se casar e o tempo era pouco para tanta coisa a ser decidida e realizada.

Jaevés estava entre os que assistiram Ricardo "proferir" a palestra doutrinária sobre os animais. Ficara impressionado com aquilo e desde aquele dia passara a admirar Ricardo, dele aproximando-se, tomando-se amigos.

Um mês após aquela palestra Jaevés convidou-o para visitar a Mocidade e, se possível, ali também realizar uma palestra. De início Ricardo declinou, alegando incompetência. Jaevés insistiu e disse que iria orar pedindo ao Mentor daquela noite para igualmente visitar a Mocidade e dar-lhes um recado evangélico.

Ricardo não tencionava aceitar. Contudo, viu Jeroboão ao seu lado, como sempre irradiando paz. O Espírito não disse uma palavra. Nem precisava. Seu olhar, que não condenava e nem repreendia dizia tudo.

Ricardo entendeu. Aceitou o convite, perguntando, através da prancheta, que tema Jaevés gostaria que fosse exposto. Pensando um pouco, informou que há já algum tempo tinha surgido uma discussão na Mocidade, não de todo ainda esclarecida e com várias opiniões divergentes, ficando sem resposta várias perguntas: qual o grau de evolução espiritual das pessoas que marcaram sua passagem pelo mundo em várias áreas da atividade humana? Pode-se comparar Santos com Mentores Espirituais, e estes com Guias de Umbanda, e ainda com os grandes vultos da Humanidade? O que tem a Umbanda de Catolicismo e de Espiritismo?

Ali mesmo Ricardo escreveu: "Se Deus quiser, sob responsabilidade dos Espíritos amigos, abordaremos o tema: 'As Religiões e os Missionários, as Nações e seus Heróis'".

O que Ricardo absolutamente não contava era encontrar Claribel entre os membros assistentes da Mocidade. A surpresa, agradabilíssima, deixou-o em "estado de graça", bendizendo aos Céus aquele seu

primeiro comparecimento junto aos jovens espíritas. A idade (passando já dos vinte e cinco anos), não permitiria a ele incorporar-se como freqüentador, mas a presença daquela que tanto amava, sinalizava a Bondade de Jesus. Certamente que ela sabia quem iria expor o tema, já que isso era divulgado previamente. Assim, a conclusão era que Claribel tinha vindo espontaneamente e de caso pensado, para "ouví-lo". Pois, se quisesse evitar um encontro entre eles, não compareceria. Isso era óbvio!

Com efeito, Claribel vinha pensando muito em Ricardo, ultimamente.

Sabia tudo sobre ele, pois mantinha contato permanente com Angélica e com André. Tão grande era a insistência do seu Espírito em mentalizar Ricardo que a jovem tinha concluído que entre eles "não estava tudo acabado", como supusera, aproximadamente há dois anos atrás.

Aquela oportunidade se mostrava excelente para ela tirar as dúvidas, sobre o que exatamente sentia por Ricardo: um pouco de mágoa, repulsa, atração, piedade, amor...? Ou, tudo ao mesmo tempo!?

Angélica, presente, mais uma vez prontificou-se a ler o que Ricardo escrevesse.

E assim foi feito. Eis o que foi escrito pelo jovem médium, sob inspiração e assessoria direta de Jeroboão:

"Focalizando nosso olhar na história das religiões, iremos sempre encontrar uma hierarquia social, induzindo os fiéis — o povo, a rigor —, à disciplina e submissão às classes dominantes. Isso, desde os imemoriais tempos do Egito, Babilônia (país da Ásia antiga), Assíria e Roma.

Supõem os historiadores, sem condições de confirmá-lo, que a crença no poder celestial teria surgido por volta do ano 8.000 a.C..

A cada fenômeno da Natureza criava-se um deus; igualmente, a cada atividade humana; depois, até mesmo os animais passaram a ser endeusados, sempre em linguagem simbólica.

Com o tempo, acoplado a data e a hora do nascimento à posição das estrelas, estabeleceu-se o horóscopo, dividindo-se a trajetória aparente do Sol em doze partes, cada uma com 30°. No horóscopo, o interesse pelo futuro era (como ainda é), estritamente individual.

Ao politeísmo original (um deus para cada atividade humana) sobrepôs-se a ação dos profetas, prevendo acontecimentos, mercê de comunicação direta com Deus, segundo acreditavam.

Nas profecias, ao contrário do horóscopo, as previsões abrangiam e reportavam a toda uma coletividade (cidade ou nação).

Atualmente, sopesando todos esses antecedentes, compreendemos que os profetas e os fundadores das religiões eram Espíritos missionários que, em suas épocas, trouxeram luzes do futuro para seus povos.

Jesus, o Cristo (ungido) de Deus, inegavelmente o maior de todos os missionários, legou à Humanidade o tesouro da Fé, por ter sido o maior dispensador de Amor, de todos os tempos. Falou ao mundo do Reino de Deus, intangível e intocável na crença dos povos de então, arrastando milhões e milhões de Espíritos ao patamar em que reside a Esperança. Suas palavras, de duração eterna, tiveram, têm e terão o inigualável efeito de iluminar trevas externas e internas da mente. Necessário, apenas, ter “olhos para ver” e “ouvidos para ouvir”.

Jesus, podemos dizer, é a maior benesse, dentre as muitas distribuídas aos homens pelo Criador.

Mas, unindo equivocadamente o Céu à Terra, muitos homens, desde há muito tempo, crêem poder atender suas necessidades individuais, em troca de sacrifícios, oferendas ou promessas outras.

Como variam os interesses, variam igualmente essas forças celestiais eleitas por tais requerentes...

Encontramos, assim, nas religiões e seitas cristãs, para não nos alongarmos nas demais, o endereço para onde são remetidos os mais diversos pedidos de proteção.

No Catolicismo:

- São Judas Tadeu: casos desesperados;
- Santa Luzia: casos de cegueira (mais material do que espiritual...);
- Santa Clara: negócios e pedidos impossíveis;
- Santa Terezinha do Menino Jesus: indicação dos caminhos do Céu;
- Nossa Senhora Aparecida: realização de milagres;
- São Benedito: proteção para casos perigosos;
- Santo Expedito: negócios urgentes, de última hora;
- São Cristóvão: padroeiro dos viajantes e dos automobilistas;

- Nossa Senhora dos Navegantes: protetora dos pescadores;
- Agnus-Dei (Cordeiro de Deus): volta para Deus, escudo contra maus espíritos, preservação de desastres, pestes, epilepsia, naufrágios, inundações, partos felizes etc.

(O Agnus-Dei é uma relíquia ou uma placa de cera em forma de medalha, trazendo impressa a imagem do cordeiro de Deus num estandarte da Cruz; é solenemente benta pelo Papa na semana da Páscoa, no primeiro ano de seu pontificado, e, depois de sete anos).

Fazendo pequena pausa, em que estabeleceu-se ligeiro “suspense” entre os jovens espíritos, Ricardo (Jeroboão) brincou:

— O Santo mais solicitado, até alguns anos atrás, principalmente pelas moças, qual era?

Os jovens descontraíram-se e responderam, tão logo Angélica leu a pergunta:

— Santo Antônio!

Prosseguiu Jeroboão ditando mentalmente para Ricardo:

“Há outros Santos e Padroeiros. O fato é que sempre que os pedidos ‘são atendidos’ surge a contra-parte, em cumprimento a promessas tais como esmolas, ladainhas, novenas, visitas a templos e a imagens, suplícios físicos etc.

No Candomblé:

A escravidão, presente desde os primeiros tempos da civilização, dividiu socialmente a Humanidade em dominados e dominadores.

Ao ser descoberta a América exigiu para a sua exploração econômica (ouro, pedras preciosas e agricultura), incremento considerável da escravidão.

O imenso potencial do Brasil fez com que em três séculos mais de três milhões de escravos africanos fossem para aqui trazidos.

Nesse ponto Jeroboão surpeendeu a todos, principalmente a Ricardo, com outras daquelas perguntas simples, mas de transcendental profundidade, exigindo bastante reflexão para as respostas:

“Éramos um desses três milhões? Só uma vez?...”

Prosseguiu:

Com a escravidão vieram as tradições, a cultura e as crenças, cujas raízes na alma africana já residiam desde um passado impossível

de ser determinado. Tal herança jamais poderia ser anulada e assim os escravos, que não podiam desobedecer seus senhores católicos, mesclaram cultos e divindades africanas com o Catolicismo.

Desse sincretismo inicial (combinação de sistemas filosóficos) o Candomblé, com suas expressivas Entidades, passou a invocar as seguintes Legiões e suas respectivas Falanges:

— Dos Orixás (santos): o chefe é “Oxalá” (Jesus);

É toda uma corte de reis da Terra, sob comando de Jesus, todos subordinados a “Olorum” (Deus), divindade suprema;

— Do Mar: chefiada por “Iemanjá” (Virgem Maria, mãe de Jesus);

— Do Oriente (magia): chefiada por “Xangô Agodô” (João Batista), o qual preside a astrologia;

— De Oxossi (São Sebastião): preside as matas, caçadores, é o Senhor das Florestas, com legiões de caboclos (em fusão com aborígenes brasileiros);

— De Xangô (São Jerônimo): é o santo advogado, presidindo causas de justiça; é ainda deus do raio e do trovão, com a legião de “Inhançã” (Santa Bárbara);

— De Ogum (São Jorge): santo guerreiro que resolve qualquer demanda;

— Africana: chefiada por São Cipriano, com suas legiões de pretos velhos.

Do Candomblé (mais intensamente praticado na Bahia), derivaram-se rituais diversos, ligados às fontes africanas; desses, o mais importante refere-se à iniciação, que dura de um a sete anos.

Verifica-se no Candomblé o sacrifício de animais (galinhas, cabritos), para oferenda a alguns Orixás, o que, necessariamente, não ocorre na Umbanda.

A Umbanda:

Por sua vez a Umbanda, também sincreticamente, surgiu no Brasil, há menos de um século.

Do Candomblé apropriou considerável acervo de expressão cultural e religiosa (divindades e rituais), sendo atualmente difícil definir, em muitos “terreiros” (local sagrado das cerimônias), os níveis percentuais de pureza do Candomblé ou da Umbanda.

Do Catolicismo adaptou, em suas práticas:

- hierarquia
- rituais
- sacramentos;
- objetos protetores (*patuás* = bentinhos);
- vestes especiais;
- defumadores;
- altares e imagens;
- despachos (promessas);
- etc.

Do Espiritismo foi buscar e incluiu como prática a comunicabilidade mediúnica com os Espíritos, destinada à solução de problemas materiais.

Disso gerou “aparente” igualdade com o Espiritismo; porém, tal aparência se desmente, na menor análise, já que este é uma doutrina científica e religiosa, sem quaisquer dogmas, liturgias, símbolos, rituais etc.

O equívoco de tal comparação também se evidencia ao ser verificado que nas reuniões mediúnicas espíritas os médiuns são absolutamente disciplinados e controlados; nelas, o objetivo é sempre a elevação moral dos médiuns, dos freqüentadores e dos Espíritos desencarnados infelizes, através de esclarecimentos evangélicos. Cumpre destacar que tais Espíritos são trazidos sob decisão dos Protetores Espirituais, jamais por invocações.

Além do mais, o Espiritismo não trata de problemas materiais.

Nova pausa.

Embora Ricardo quisesse olhar Claribel, o dever falava mais alto e mantinha-se concentrado, de forma a não dispersar as imagens mentais que Jeroboão lhe passava.

Prosseguiu a exposição:

“Meus bondosos irmãos.

A nenhum de nós será lícito julgar essas práticas, já que de alguma forma têm sido úteis aos irmãos que com elas se identificam.

Além do que, não deixam de ser manifestações espiritualistas.

O que não pode ser acolhido pelo nosso sentimento cristão é a infeliz opção humana de qualquer ato que gere maldade, particularmente em cultos e rituais.

A palavra Espiritismo foi criada por Allan Kardec, aparecendo pela primeira vez em 1857 em “O Livro dos Espíritos”; a partir dessa data esse neologismo foi integrado em praticamente todos os idiomas.

Por isso, há que ser judicioso o emprego dessa palavra: não é *Espírita* a sociedade, culto ou pessoa que em suas reuniões, práticas ou crenças, adote imagens, rituais, uniformes, objetos de som, bebidas, velas, amuletos, etc — tudo isso acatando hierarquia, dogmas, divindades, guias etc.

O Espiritismo está na face da Terra, pois, há pouco mais de cento e trinta anos e nós, todos nós, necessariamente temos idade espiritual maior que essa.

Certo teremos andado na escuridão das cavernas, nas brumas das catacumbas e nas claridades dos templos — antes e após Jesus.

Se hoje nós, os espíritos, nos contentamos com a simplicidade dos Centros Espíritas, com seus móveis rústicos e ausência de rituais, divindades e santos, paramentos, hierarquia, utensílios diversos e imagens, não podemos anatematizar aqueles que ainda se deslumbram ante altares, luxuosos ou modestos, com pompa ou com humildade.

— Qual de nós, considerando as vidas sucessivas, pode seguramente afirmar não ter jamais assim procedido?...

“Outra das perguntas do Jeroboão”, pensou Ricardo quando a escreveu.

Foram concedidos alguns minutos para que os jovens tomassem um refresco.

A carga de informações era elevada e Jeroboão, sugerindo a pequena interrupção, agiu psicologicamente, de forma a não sobrecarregar os Espíritos dos assistentes.

— Teria sido somente essa a intenção do Mentor?

Pois, gerando o instante de maior felicidade de toda a sua vida, Ricardo recebeu das mãos de Claribel um copo de refresco.

Ele, que tão controlado vinha sendo nos últimos tempos, ao pegar o copo, tremia qual criança apavorada antes de receber uma injeção.

Mas não era ele somente que estava emocionado: Claribel também quase entornava o líquido. Decidira a moça aproximar-se do antigo patrão para ver, de perto, o que sentiria. “Pagou para ver” e “viu”: como se sua aura se entrelaçasse à de Ricardo, sua alma assumiu que o amava!

Sim, amava o homem que estava à sua frente!

A transformação acontecida entre o ex-patrão e o jovem que trazia tanta sinceridade no olhar, confirmou-lhe que na verdade, tinha conhecido, numa única vida, duas vidas de um mesmo Espírito.

Somente a bênção de Deus poderia ter permitido tal mudança e era para Ele que agora pedia a união de seus destinos...

Fez esse pedido silencioso, ali mesmo diante de Ricardo, ao ver nos olhos dele, fixos nos dela, o brilho que só o Amor confere.

Decorridos alguns minutos, teve seqüência a insólita exposição:

“Para entender o homem é necessário um olhar em todo o horizonte da História, onde iremos encontrar, em cada povo, uma gama de heróis, cultuados ardorosamente.

Tais cultos, relembrando com admiração os bravos feitos por esses personagens, põem a descoberto o seu acendrado amor pela pátria.

Suas indômitas ações em defesa do seu país resultaram, as mais das vezes, na própria morte.

Seu sangue, generosamente derramado nos campos de batalha, em território pátrio ou em rincões alienígenas, escreveu páginas épicas da vida de suas nações.

Neles, realça o cumprimento do dever.

Relembrados, são apontados aos escolares e à juventude como paradigmas a serem seguidos.

— Como se posicionam seus Espíritos, após assim desencarnar?

Via de regra tais criaturas são tidas à conta de possuidores de três deslembreadas virtudes:

- desprendimento
- sentimento nato para cumprimento do dever
- coragem indômita.

Nessa conta os incluem os Protetores Espirituais, igualmente ligados aos destinos do país considerado, que por isso os acolhem paternalmente, já que a morte, quase sempre inesperada — violenta por decorrente de combate —, lança esses heróis em desordenada perturbação psíquica.

Se uma ou outra ação de algum desses heróis vem a ser contestada ou condenada pela posteridade, não podemos nos esquecer de Paulo de Tarso, eliminando cristãos, quando doutor da lei; assim agindo, o “Apóstolo dos Gentios” era todo sinceridade, devotamento e respeito aos costumes e às leis do seu tempo e do seu país. Em Damasco, cegado materialmente pela visão de Jesus, seus olhos

espirituais no entretanto se abriram para uma nova paisagem mental, o que, seguramente, garantiu que o Cristianismo pudesse chegar até nossos dias.

Da mesma forma os Espíritos de muitos dos grandes heróis que dedicaram suas vidas, seu vigor, sua inteligência à causa pátria, ficam a um passo de se tornarem missionários da fraternidade.

Sim: possuindo a argamassa do desprendimento e da integral doação de si mesmos, com facilidade serão orientados nos planos celestiais para ligeira correção de rota; de combatentes intrépidos nos campos de batalha passarão a denodados defensores do próximo. Daí a se revestirem do amor universal, um passo!

Relembremos rapidamente expressivos nomes, cada um a seu tempo, marcando presença nos destinos do Brasil:

Tiradentes — Patrono Cívico da Nação.

Publicamente imolado, após ter assumido integral responsabilidade pelos planos de liberdade do Brasil.

Caxias — Patrono do Exército Brasileiro.

Militar inteiramente dedicado ao Exército, titulado "Pacificador", em face do seu procedimento em incontáveis campanhas internas e externas, ao longo de cinquenta anos de vida castrense.

Santos Dumont — Patrono da Aeronáutica.

Nascido "nas Minas Gerais", quando jovem residiu na região de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, onde, entre locomotivas e máquinas de beneficiar café, iniciou a engendrar a materialização do devaneio maior do homem: voar!

Cognominado "Pai da Aviação", sucumbiu de desgosto. Ao ver seu invento ser empregado como arma de guerra cometeu suicídio (talvez o mais terrível engano na face da Terra).

Tamandaré — Patrono da Marinha.

Filho de um Tenente da Marinha, passou sua infância entre gente do mar.

Para ele o mar era seu grande amor.

Nadador incomparável e coração abnegado, realizou inúmeros salvamentos de naufragos, patrícios e estrangeiros. Salvou um marujo do seu navio que ia morrendo nos tentáculos de um polvo enorme; passando à noite pela praia do Flamengo, no Rio de Janeiro, ouviu gritos de socorro vindos do mar. Eram dois pretos naufragos de um barco sinistrado pela ventania e furor das ondas. Lançou-se ao mar

e salvou-os. A seguir, tomou um bote e retornou ao mar bravio, que ele tanto amava, indo socorrer as equipagens de uma barca inglesa e de um barco nacional que tinham virado.

A atenção dos jovens era crescente, contudo, houve nova pausa. Na continuidade, instantes após, Ricardo escreveu e Angélica leu: "O que é a Evolução e como alcançá-la?"

A Evolução é Lei Natural a tudo criado por Deus, isto é, tudo que existe. Inumeráveis formas conduzem à Evolução, sendo a Reencarnação a principal roupagem delas, no tocante à evolução espiritual. Isso porque o Espírito evolui incessantemente, desde sua criação, até mesmo quando equivocado ou em sofrimentos: dos equivocados resultam aprendizados e dos sofrimentos, resgate de débitos e aquisição de virtudes.

No caso do tema aqui considerado, não é necessário ser trucidado numa arena, por feras ou por gladiadores, para ser considerado cristão puro; igualmente desnecessário pelear em guerras e pelas armas morrer, como atalho para a santificação espiritual. Se existe a Lei de Causa e Efeito para explicar nossas dolorosas expiações, nem por isso todas as nossas dores são cármicas: muitas são consequência da nossa livre escolha quanto ao modo de viver, pensar e agir — e nesse caso, na maioria das vezes, enquadrar-se os heróis.

Através de um simples exemplo talvez possamos compreender o fato de que, por vezes, nem sempre os caminhos percorridos para a Evolução são aqueles que julgamos os mais apropriados.

Existe no Brasil, no Estado de São Paulo, um interessantíssimo fenômeno geográfico: o Rio Tietê. Com extensão de mais de mil quilômetros, desde a nascente, bem próxima ao mar, tem sua foz no Rio Paraná. Na nascente, o benemérito rio (como todos seus irmãos), quase sente a maresia, tão perto está das águas marinhas.

Aqui, as perguntas: por que esse rio já não foi em direção ao mar, que é o destino inexorável de todas as águas correntes do mundo? Por que percorrer centenas e centenas de quilômetros, beneficiando dezenas e dezenas de cidades, quase falecendo na região da Capital? Não seria muito mais lógico e mais fácil seu leito andar pouco mais de vinte quilômetros para integrar-se ao Oceano Atlântico?

Respondendo, diríamos que a Natureza, sábia e dadivosa, colocou a nascente do Tietê entre a colossal barreira da Serra Geral

e o mar, obrigando-o assim a seguir curso da gravidade em direção ao interior do continente, para fertilizá-lo, mesmo com “heróicos sacrifícios” (proximidades da Capital).

Pois é: de maneira similar, não sob o comando sábio da mãe Natureza, mas no pleno exercício do livre-arbítrio, as religiões e as seitas, bem como seus seguidores, somados aos heróis titulados das várias pátrias do mundo, percorrem vias indiretas rumo à Evolução.

Se o destino dos rios é o mar, o destino dos Espíritos é a aproximação de Deus, mesmo que às vezes, como no caso do rio paulista e dos heróis, alguns transitem por vias dificultosas.

Sobre esse trânsito o Espiritismo se exprime com bastante lógica ao afirmar que as vidas sucessivas, enquadradas nos parâmetros da Reencarnação, refletem a Justiça e Sabedoria divinas, situando cada Espírito no caminho mais adequado às suas necessidades evolutivas.

Allan Kardec, fazendo coro ao Mestre Jesus, magistralmente aponta qual o caminho mais indicado para a evolução espiritual, de todos nós: a reforma íntima! Essa reforma com a qual, apenas pela vontade, sem sacrifícios corporais, pode o homem se promover: basta evitar as tortuosas trilhas do egoísmo, os enganosos atalhos do orgulho e da vaidade e, qual bandeirante espiritual, desbravar a amplidão da luz e ajudar o próximo por onde passar, ao empuxo da Caridade e do Amor!

“Jesus permaneça em nossos corações”, finalizou.

* * *

ESTRELAS NA TERRA

A cada dia que passava Ricardo sentia que mais e mais Claribel era inquietada em seu pensamento.

Seus sentimentos para com ela iam do constrangimento (ante a lembrança de sua impensada atitude), à afeição, ao desejo, ao amor...

Quanto ao desejo sabia que era impulso sincero de compartilhar sua vida com a dela, unindo seus corpos na santificação de um lar, já que pela afeição e pelo amor seus Espíritos se completariam.

À simples lembrança de Claribel, tão bela, tão suave, tão feminina, transportava-se em sonhos, devaneios e, por vezes, cismas. Contraditoriamente, ora pensava em sair correndo ao seu encontro, para logo a seguir imaginar que melhor talvez seria nunca mais vê-la.

“Algum dia ela o perdoaria?”

Essa pergunta remoía e bailava em seus pensamentos.

Toldado em suas esperanças, pois nem sequer podia falar, voltava-se para Deus, em preces. Pedia perdão a Deus. Sua alma gritava alto aos Céus que jamais voltaria a proceder com luxúria, porém seu corpo, reverberando tais gritos íntimos, exigia o calor daquela que tanto amava.

Então considerava: “a estonteante beleza de Claribel não é necessariamente o que mais me atrai: é sua meiguice, sua simplicidade, sua presença gentil”.

Nessas oportunidades compenetrava-se que em sua memória iam se apagando os fatos vistos junto a Jeroboão e suas duas auxiliares, quando se acidentara.

Naquela oportunidade, vendo dívidas do passado com pessoas do presente, o Mentor advertira que a memória daquilo tudo seria

fragmentada e se apagaria, à medida que ocorressem reconciliações. E com efeito, já não conseguia concatenar exatamente todos os acontecimentos desde então, sendo certo que ainda haviam pessoas com as quais deveria reconciliar-se.

Convidado para ser padrinho de casamento de André e Angélica, doou ao casal, como presente, um confortável apartamento, em bairro bem localizado.

Sua Consciência lhe recomendara ajudar os dois amigos, pois com tal gesto resgataria tê-los deixado "órfãos de pai vivo" no passado, pelo seu comportamento dissoluto de então.

Recebeu, depois do casamento de André, mais de dez convites para ser padrinho de casamento...

Declinou de todos, justificadando-se ante a impossibilidade de falar, o que certamente constrangeria o ambiente.

Certa noite foi ao cinema, acompanhado dos pais de André.

Estava na fila de ingressos quando a viu: Claribel também vinha ao cinema!

Porém, estava acompanhada de um rapaz, em animada conversa.

Uma nuvem de ciúme passou-lhe pelo cérebro: certamente aquele rapaz era namorado ou noivo da mulher que ele, Ricardo, tanto amava.

Ante eventual perda, nunca seu amor pela moça ficou tão evidenciado ao seu Espírito.

Num esforço descomunal para não se retirar, manteve-se sob controle emocional, ajudado que foi ao ver Jeroboão ao seu lado; o bondoso Mentor passou a mão no seu ombro e com olhar calmo, por isso mesmo transmitindo calma, disse pela linguagem do pensamento: "Ricardo, Ricardo, onde estão a fé e a confiança em Deus, seu entendimento das vidas passadas? Não fomos feitos para sofrer. Fomos criados para evoluir".

Com um sorriso meio maroto aduziu: "então você se esqueceu que no amor é muito melhor dar do que receber? e que quando doamos amor, tomamo-nos extremamente aptos e receptivos para também sermos amados?"

Tal mensagem Jeroboão deu-a em menos de um segundo e desapareceu, mas esse tempo foi suficiente para Ricardo apagar o tormento do ciúme.

Pensou: "sim, os destinos de todos nós não são barcos à deriva, que podem se entrecocar ou navegar juntos; somos o piloto de nossas

vidas e os choques ocorrem tão somente pela desobediência à Lei do Amor; eu próprio produzi uma colisão da minha felicidade e por isso venho amargando as conseqüências...".

Assim pensava quando Claribel veio cumprimentá-los.

O rapaz ficou na fila, mais atrás.

— Boa noite. Estou com meu primo Wilson, informou, dirigindo-se aos três.

O coração de Ricardo deu um salto e quase "estourou" de felicidade.

Olhou a moça e fez um gesto de cumprimento.

Ricardo estendeu-lhe a mão. Ao apertarem as mãos, ambos sentiram um arrepio em seus corpos. Tirando um pequeno bloquinho do bolso, escreveu: "você já me perdoou?", passando o pequeno bilhete para Claribel.

Nisso o rapaz achegou-se ao grupo, com as duas entradas à mão.

Foi apresentado, cumprimentou um a um e jamais, em toda sua vida, saberia porque Ricardo foi tão efusivo — ele era o rival que não existia...

Guardando o bilhete após ter lido, Claribel respondeu apenas, dirigindo-se a todos:

— Vamos entrar?

Até ali, em seu íntimo, considerava Ricardo um sonho impossível: sentia irresistível atração por ele mas ao mesmo tempo, navegando oculta em sua sensibilidade, quase arranhando a superfície, alguma coisa alertava-a.

A desconhecida reação que nos visita, positiva ou negativa, quando conhecemos alguém, tem suas origens quase sempre em vidas passadas, nas quais privamos com esse alguém. Embora o esquecimento do passado seja bênção, nem por isso o Espírito consegue apagar por inteiro tais reminiscências. Aí, quando a reação for de antipatia, a melhor atitude a tomar é orar pelo eventual desafeto, com o que formaremos campo de defesa para novos conflitos, que do contrário, serão inevitáveis.

Embora ficasse sem a resposta tão almejada Ricardo captou que Claribel não demonstrava animosidade, até pelo contrário...

Confirmou tão agradáveis suspeitas durante o filme, pois diversas vezes seus olhares não estavam na tela, mas sim um no outro.

Ao se despedir de Jansen e de Marina, ouviu desta:

— Ricardo, meu filho: acho que Claribel gosta de você e parece que você também gosta dela. Por que vocês não namoram? Ou será que seu coração pertence a outra?

Fechando os olhos num instante de reflexão Ricardo logo pegou seu caderninho e escreveu: “a senhora é muito bondosa; na verdade, gosto de Claribel, mas temo que um infeliz procedimento meu do passado impeça um romance entre nós”.

Conhecendo que Ricardo era médium e que algumas vezes tinha acesso a fatos de vidas anteriores, Marina julgou que ele se referia ao passado.

E, coincidentemente, estava certa, pois ele tinha prejudicado Helena, e suas duas filhinhas, quando espoliou Antunes, seu sócio, que veio a falecer de desgosto; vendo-a viuva, forçou um relacionamento sensual entre ambos — fato que, nesta vida, voltara a repetir...

Em casa, Ricardo leu o “O Evangelho Segundo o Espiritismo” (sempre à cabeceira), no capítulo em que Jesus ampara: “Bem-aventurados os aflitos porque serão consolados”.

Refletiu: “Jesus, como gostaria de conhecê-Lo! Ele afirmou que sempre estaria onde dois ou três se reunissem em Seu nome. Pois bem: sou apenas um mas suplico a Jeroboão que me acompanhe nesta prece, para que Jesus venha até nós”.

Reclinou-se no leito e apagou a luz.

Nem bem pensara isso e viu Jeroboão, acompanhado das duas moças, como sempre com aquele sorriso inesquecível...

Então, orou: “Jesus, Jesus. Há tanto tempo venho sofrendo por não poder falar. Reconheço que devo ter abusado muito da palavra, em vidas passadas e mesmo nesta. Mas, Amigo Sublime: como é que eu posso continuar nesse atroz sofrimento? Vou falar uma coisa para o Senhor: amo Claribel. Sei que o Senhor já a conhece, pois ela é uma boa criatura, um Espírito pacífico. Errei com ela, mas penso que já me corrigi, pois nunca mais fiz ou pretendo fazer isso com ninguém. Quero falar duas coisas para ela, mas tem que ser com minha voz: confessar meu amor e pedir que ela se case comigo. E, Senhor Jesus: não é só isso; se eu voltar a falar quero ajudar quem sofre, com conselhos do Seu Evangelho. Oh! Amigo meu! Alivia-me desse tormento, em nome de Deus!”.

Lágrimas escaldantes impediram a continuação da prece. Queria dizer mais alguma coisa porém seu pensamento rendera-se à emoção

e os olhos, repletos de sentidas lágrimas, quase cegaram ante intensa luz que invadiu seu humilde quarto. Irresistível sonolência apossou-se dele e momentos antes de adormecer ainda ouviu Jeroboão, com olhos também marejados, informar: “Jesus ouviu ‘nossas’ preces; dentro de duas semanas, no domingo, às dezesseis horas, esteja na ‘Câmara de Passes’; peça ao senhor Jansen para lá estar, duas horas antes, em companhia de três médiuns de cura; você esteja em pequeno jejum de comida e em grande jejum purificador, moral e espiritual; lá estaremos também”.

No dia seguinte, ao acordar, lembrando-se pormenorizadamente do sonho, Ricardo orou, ainda na cama: “Jesus, Filho de Deus! Estou com meu coração aberto para que se cumpra a vontade do Pai; o Jeroboão falou que o Senhor ouviu as preces que não eram só minhas, eram nossas; Sublime Mensageiro do Criador: louvado seja Seu Santo nome! Obrigado, Amigo Jesus!”.

Sem dizer palavra a ninguém sobre o sonho, Ricardo escreveu um pequeno recado ao senhor Jansen solicitando-lhe a presença, com três médiuns de cura, no local e data sugeridos por Jeroboão. Não disse que o paciente seria ele próprio. Jansen, ao receber o pedido, compreendeu que seria realizada uma reunião espiritual de cura, porém não atinou que seria para Ricardo.

Duas semanas após o sonho, por volta das quinze horas, Ricardo adentrou na “Câmara de Passes” do “Fé e Amor”, lá encontrando o senhor Jansen e três médiuns, todos em oração.

Jansen intuía, três dias antes, que Ricardo seria o atendido.

De sua parte mantivera-se discreto, nada comentando com quem quer que fosse.

Durante uma hora os cinco homens mantiveram-se em elevação espiritual, sendo que a cada dez minutos era lido um pequeno trecho do Evangelho.

Pontualmente às dezesseis horas, Jansen solicitou a um dos médiuns que proferisse a prece para abertura da reunião.

A seguir, Ricardo foi acomodado em uma maca, forrada de alvo lençol, no meio da sala. Os médiuns acercaram-se e impuseram as mãos sobre a cabeça do jovem e após, na direção da sua garganta. Um forte cheiro de éter feriu as narinas dos presentes. Ricardo, pensamento fixo em Jesus, adormeceu.

Um dos médiuns passou a massagear a garganta de Ricardo, permanecendo os demais com os braços estendidos, mãos impostas

sobre sua cabeça e tórax. Após mais ou menos cinco minutos de massagem o médium aproximou sua boca à distância de cerca de dez centímetros da região tireoidal de Ricardo e começou a fazer sopra com ar quente, vindo de seu aparelho digestivo. Assim procedeu por três minutos. Depois, erguendo a cabeça de Ricardo, repetiu a operação, agora na região do bulbo raquidiano. Um dos médiuns, que era vidente, extasiou-se ante a visão de poderosíssima luz, ora azul, ora verde, que atravessando o teto incidia seu feixe luminoso diretamente na garganta do jovem adormecido.

Ao todo, a operação espiritual não demorou mais que dez minutos.

Nova prece foi proferida, agora por Jansen, e para encerramento.

Os médiuns sentaram-se, permanecendo silentes.

Somente uma hora após Ricardo acordou.

Abriu os olhos e olhou vagarosamente a todos, esforçando-se para não chorar.

Disse:

— Deus... lhes... pague!

Gutural e fanhosa, aquela voz soou no humilde recinto como a mais bela voz humana já ouvida pelos quatro homens.

Na espiritualidade, Jeroboão, com as duas auxiliares e mais dez Espíritos amigos, deram-se as mãos, também chorando lágrimas que faziam eco à gratidão de Ricardo.

Jansen, que admirava óperas, não conseguiu evitar que passasse pelo seu pensamento uma comparação: “os grandes cantores clássicos apresentam-se em requintados ambientes, porém aqui, na singeleza deste ambiente, acabamos de ouvir uma das mais maravilhosas manifestações da voz humana”.

Ouvindo Ricardo, os homens não puderam mesmo impedir os soluços de alegria que logo se transformaram em choro altissonante.

Em suas vidas, aquele era um dos momentos mais felizes.

Em seus corações, serenos e equilibrados pela têmpera da Caridade, havia uma certeza: Jesus, o mais puro habitante de mundos sublimes de quantos um dia vieram à Terra, de alguma forma retornara e pelo menos em um segundo estivera entre eles!

Então, como um vibrante e alegre quinteto de basquetebol, os cinco homens se abraçaram e estreitaram seus corpos, uns aos outros, com elevadíssima fraternidade.

Quando se retiraram, algum tempo depois, mas ainda dia, Ricardo apontou para o céu e disse:

— Lá está Sírius, a Casa de Jesus!

Ninguém entendeu, mas também ninguém contestou: “afinal de contas”, pensaram, “aquele rapaz vinha de um longo inverno emocional e provavelmente isso tinha afetado um pouco suas idéias...”.

Jansen “exigiu” que Ricardo fosse com ele até sua casa, onde encontrariam Marina, André Luiz e Angélica, para juntos fazerem um lanche.

Convidou os três médiuns para acompanhá-los, igualmente insistindo com eles, sendo aceito o fraternal convite.

Ricardo tocou a campainha.

Marina atendeu.

Alegrou-se ao ver o marido, acompanhado de Ricardo e de três companheiros de doutrina.

Há muito tempo que a mãe de André apreciava Ricardo, cuja presença era rotineira em seu lar e a quem considerava como um filho adotivo. Embora de forma diferente, amava-o tanto quanto a André.

Por sua vez, Ricardo tinha encontrado naquela casa, tudo o que a vida lhe negara até o acidente: amizade, atenção, amor. Sentia-se amado por aquela família, à qual também amava, e por isso era feliz.

Ao abrir a porta e convidar o grupo para entrar alguma coisa nos olhos de Ricardo causou um grande impacto na senhora: brilhavam quais dois faróis acesos. A sensação, conquanto inexplicável, era de alegria.

— Graças a Deus, voltei a falar...

Não pode continuar, eis que a emoção fizera-o sua presa.

Marina abraçou-o, comovidíssima também. Agora era ela que não conseguiu falar nada.

André Luiz e Angélica vieram à porta e vendo a cena, de Marina chorando e os homens com sorrisos de felicidade, não entenderam o que estava acontecendo.

Pegando o filho e a nora pelos braços trouxe-os para abraçar Ricardo, falando entrecortadamente:

— Ricardo... está... falando!
Com um meneio de cabeça Ricardo confirmou.
O jovem casal parecia incrédulo.
— É verdade, disse Ricardo.

Já no interior da residência, à mesa, decidiram orar, pela graça alcançada por Ricardo, sendo que ao abrir o Evangelho, ao acaso, a lição dizia: "A cada um, segundo suas obras"...

Alegres, ao lanche, ouviram Ricardo dizer que aquele era o dia mais feliz de toda a sua vida.

Enigmático, disse:

— Só falta uma coisa para eu ser o homem mais feliz do mundo...

Intuitivamente, quase todos captaram que o jovem se referia a Claribel.

Levantando-se, Ricardo pediu licença para se retirar, pois que iria, naquela noite mesmo, na casa do Sargento Balduino, decidir todo o futuro de sua vida...

A alegria de Rodrigues e esposa ao ouvirem Ricardo não foi menor do que a da família de Jansen.

Após um banho demorado e vestir-se com esmero, dirigiu-se ao endereço da sua felicidade neste mundo: a casa de Claribel.

Claribel atendeu à campainha.

Assim como a senhora Marina, horas antes, também ela percebeu, com espanto, o fulgor nos olhos de Ricardo.

Ricardo não se mexia. Ocorreu-lhe, então, convidá-lo para entrar.

Respeitoso, entrou o moço naquela casa, com o coração quase saltando do peito.

— Você veio visitar meu pai?

Como Ricardo não respondesse, a jovem disse:

— Desculpe-me, vou buscar papel e lápis.

Com desconhecidas forças íntimas Ricardo falou, finalmente:

— Não precisa, Claribel. Deus permitiu que eu voltasse a falar.

A carga emocional dos dois jovens era então muito superior à sua capacidade em suportá-la.

Claribel, teve duas reações simultâneas: uma, a surpresa, ao ouvir a voz de Ricardo, que supunha jamais voltaria e a outra, a certeza de que amava e era amada. A vibração da voz de Ricardo fizera todo

seu sistema nervoso se eletrizar, destruindo as últimas barreiras e acenando felicidade.

Os dois jovens estavam frente a frente, mal podendo se controlar, ante tão fortes emoções.

Claribel pensava: "Minha Mãe, minha Virgem Maria, Mãe do Céu: ajuda-me".

E Ricardo: "Jesus, Jesus: ajuda-me a declarar meu amor e não deixe ela recusar".

Estáticos, seus corpos estavam separados, mas seus Espíritos, de há muito já se encontravam unidos, indelevelmente, pelo milagre do Amor.

Magnetizados por alta polarização, a um só tempo, fracionário de segundo, atiraram-se um aos braços do outro.

Seus corpos então, exemplo de suas auras, extravasaram sensações sublimes.

O amor que ali selava-se era qual sinfonia que podia ser ouvida na Terra, reverberando no Céu...

O beijo apaixonadíssimo que trocaram, foi conseqüência lógica do que lhes ia na pureza dos sentimentos, desejo e paixão, afeto e amor. E talvez se prolongasse não fosse a chegada dos pais de Claribel que, boquiabertos, mal acreditavam no que viam.

Palavras, aliás, eram de todo desnecessárias, tal a cristalina evidência da cena: amavam-se aqueles dois, e amavam-se muito, e talvez, de longa data...

O casamento deles aconteceu meses depois.

A convite de Ricardo, Silva e esposa foram seus padrinhos.

Aliás, conseqüência da vida passada, quando fora casado com Claribel (então Helena), desde que a vira o advogado sentira grande admiração e simpatia por ela, sendo fraternalmente correspondido.

Ricardo havia procurado seus pais e insistido com eles para comparecerem ao casamento. Distantes do filho, material e espiritualmente, não assistiram às núpcias e nem mesmo procuraram justificar a ausência.

Aliás, antes mesmo de terminar a cerimônia, o noivo ponderou que o procedimento de seus pais refletia, de alguma forma, a pouca sintonia espiritual que havia entre eles, extensiva a ele. Propôs-se, naquele mesmo dia, a tentar firmemente reverter aquele quadro pois sabia que a família é instituto divino, geralmente reunindo almas em reajuste.

Assim, envidaria seus melhores esforços, dali em diante, para reaproximar-se deles e também reaproximá-los, entre si.

Cereja passou a morar com Ricardo e Claribel.

O animalzinho, já marcado pela idade e pelas incontáveis vezes que dera cria, de forma absolutamente inexplicável, voltara a latir quando ouviu Ricardo falar.

Isso intrigara a todos que conviviam com Ricardo.

Impressionados com tal fato, pensavam:

“Se o mal de Ricardo era psicossomático, como explicar que a cachorrinha não latia quando estava junto dele?”

E mais: “se uma operação espiritual tinha curado Ricardo, livrando-o daquele mal, o que tinha liberado Cereja?”

“Estaria Ricardo sob influência de obsessores?”

“Então, obsessores agem sobre animais, ou animais é que são solidários aos seus donos?”

Sabendo os espíritas que os animais absolutamente não têm mediunidade, bem como não têm dúvidas a resgatar, por não terem livre-arbítrio nem Consciência, possuindo apenas diminuta dose de inteligência e alguma percepção espiritual, tais perguntas ficaram sem respostas convincentes.

Um ano após o casamento o lar de Ricardo e Claribel foi abençoado com a chegada de graciosíssimas gêmeas. Para espanto dos médicos que realizaram a cesariana e dos atendentes que assistiram ao parto, nasceram abraçadas.

Quando o pai viu as filhas sua alma envolveu-se em intensas vibrações: amava aquelas duas criaturinhas desde a notícia da gravidez, porém agora que as via diretamente, parece que já as conhecia de longa data...

Estava pensando nisso quando, por mais incrível que pudesse parecer, as recém-nascidas estavam sorrindo para ele.

Aquele sorriso era inconfundível!

Foi inevitável pensar:

“Jeroboão ficou sem suas auxiliares...”.

Inclinou-se sobre as filhas e beijou-as, ternamente.

Era o seu modo de dar-lhes as boas-vindas ao plano terreno, retribuindo com gratidão, embora diferentes as situações, a recepção que elas haviam lhe proporcionado no plano espiritual quando, acidentado pelo atropelamento, foi conduzido à presença de Jeroboão.

Extravasando felicidade tomou cada filha num braço e aconchegando-as ao peito, saiu do berçário, para curto e breve passeio, indo até o apartamento onde estava Claribel.

Achegou-se ao leito de repouso e com júbilo incontido mostrou as filhas à mãe.

As duas recém-nascidas traziam sorrisos no olhar e os dois adultos, lágrimas — todos, felizes.

Claribel afagou as filhas e beijou-as.

Tomando a mão da esposa e com a outra acarinhando aquelas duas criaturinhas que a Bondade de Deus, pela segunda vez contemplava-lhe como filhas, Ricardo fechou os olhos e orou em voz alta:

“— Pai: que a Sua bênção envolva a todos nós, aqui presentes, reunidos pelo Seu Infinito Amor por segunda vez. Dê-nos, Senhor, orientação e forças para a boa criação de nossas filhas.

Rogamos ainda que Jeroboão tenha novas auxiliares, se for da Sua vontade e também se assim suas tarefas indicarem.

Somos eternamente gratos por tanta Bondade!”.

Claribel intuiu que as gêmeas eram Espíritos já conhecidos do marido.

Quando Ricardo abriu os olhos notou que as filhas olhavam para a janela, para determinado ponto.

Seu coração extasiou-se.

Lá estava ela, Sirius!

Claribel também acompanhou o olhar das filhas.

Embora quase noite, mas ainda com alguma claridade solar presente no dia, a estrela refulgia no infinito, como que a enlaçar aqueles corações, dando-lhes mais vibrações de paz.

* * *
* *
*

O Autor

Eurípedes Kühl nasceu em Igarapava, SP, em 21-08-1934. Filho de Miguel Augusto Kühl e Anna Garcia Kühl, é casado com D^a Lucy Câmara Kühl, tendo 2 filhos.

Profissionalmente, é oficial do Exército (Capitão), pára-quedista, estando na Reserva Remunerada desde 1983, após 31 anos de efetivo exercício, prestado em várias guarnições militares. É também bacharel em Administração de Empresas.

Seu nome é uma merecida homenagem a Eurípedes Barsanulfo, prestada por sua mãe, que foi curada pelo bondoso médium, em desdobramento espiritual, em 1917.

Reside em Ribeirão Preto - SP, onde atua no movimento espírita com muito entusiasmo.

OBRAS DA EDITORA ESPÍRITA CRISTÁ FONTE VIVA

I. PSICOGRAFADAS E/OU ESCRITAS POR EURÍPEDES KÜHL

O Prisma de Mil Faces
O Quartel e o Templo
Sexo, Sublime Tesouro
Tráfico - Doloroso Resgate
Tóxicos - Duas Viagens

II. PSICOGRAFADAS PELO MÉDIUM JOÃO NUNES MAIA

Miramez

Alguns Ângulos dos Ensinos do Mestre
Apelo Aos Espíritos (no prelo)
Conceitos de Paz
Cristo em Nós, O
Cristos
Cura-te a Ti Mesmo
Favos de Luz
Filosofia Espírita (I a XX)
Filosofia da Mediunidade (I a VIII)
Força Soberana
Francisco de Assis
Horizontes da Fala
Horizontes da Mente
Horizontes da Vida
Maria de Nazareth (no prelo)
Máximas de Luz
Médiuns
Mestre dos Mestres, O
Páginas Esparsas (I e V)
Plenitude Mediúnica
Reino de Deus, O

Rosa Cristo
Saúde
Segurança Mediúnica
Vamos Orar

Carlos

Gotas de Alegria
Gotas de Amor
Gotas do Bem
Gotas de Fé
Gotas de Ouro
Gotas de Paz
Gotas de Verdade
Tuas Mãos

S. Cardoso

Além do Ódio

Bezerra de Menezes

Páginas Esparsas II

Shaolin

Ave Luz
Jesus Voltando

Kahena

Canção da Natureza

Scheilla

Chão de Rosas
Convites Aos Corações
Flor de Vida
Páginas Esparsas III

Maria Nunes

Cinquenta Epístolas
Cinquenta Missivas (esgotado)

Ele e Ela
Sabedoria (A Lei de Deus no pensamento
dos honens) no prelo
Unidade do Lar

Lancellin

Cirurgia Moral
Iniciação, Viagem Astral
Páginas Esparsas IV

Loester

Mantras de Vida
Sinônimos Para a Paz

Irmão Horta

Páginas e Contos

Ayrtes

Tua Casa

Espíritos Diversos

Assimilação Evangélica

III — OUTROS AUTORES

Cuidado, Marimbondo Zangado! - **Sônia Xavier Pimentel**
Eles São Especiais - **Sônia Xavier Pimentel**
A Casa de Sabão - **Sônia Xavier Pimentel**
Crianças e Jovens - **Izabel Bueno** (no prelo)
Uma Vida de Amor e Caridade - **Isabel Bueno e Chico Xavier**
O Homem Sadio - **Roberto Lúcio e Alcione A. Andrade**
Mediunidade Com Jesus - **Roberto Lúcio** (no prelo)
O Espiritismo é Religião - **Noraldino de Mello Castro**

O QUARTEL

ISBN 85-86424-73-0



9 788586 142473 1

A

mediunidade, natural no ser humano, eclode obedecendo antes à necessidade evolutiva que à conveniência. A urgência do trabalho conduz à sua prática, e o seu direcionamento estabelece o teor dos frutos.

Apanhado de roldão pela manifestação de sua sensibilidade mediúnica descontrolada, a personagem central deste romance, o jovem Ricardo, vê-se envolvido com a ignorância, a própria e a dos que o tentam combater ou ajudar, sobre os mecanismos da mediunidade.

Inicia-se pela dor seu aprendizado.

Quartel e hospício, rua e Centro Umbandista, Casa Espírita e trabalho. Erros e acertos na busca da felicidade para si e os seus.

O progresso é tarefa árdua da qual ninguém pode fugir; também seus benefícios são universais.



Editora Espírita Cristã Fonte Viva